

STAR WARS™



KEVIN HEARNE

HERDEIRO DO JEDI



STAR WARS™



KEVIN HEARNE

HERDEIRO DO JEDI



DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#)

;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [convertEPub](#)

KEVIN HEARNE

STAR WARS™

HERDEIRO DO JEDI

TRADUÇÃO
ALEXANDRE MANDARINO


ALEPH

NOTA DOS EDITORES

O universo de STAR WARS é infinitamente rico e criativo. Desde 1977, inúmeros planetas, raças alienígenas e personagens vêm despertando a imaginação de fãs do mundo inteiro. A ideia de expandir um universo ficcional, embora não seja nova, ganha novas proporções com STAR WARS. O livro *STAR WARS: from the adventures of Luke Skywalker*, novelização do Episódio IV da saga, foi lançado em 1976, antes mesmo da estreia do filme no cinema. E, antes do final da trilogia clássica, já existiam diversos quadrinhos e romances, que muitas vezes davam sinais dos caminhos a ser seguidos depois nas telas, ou mesmo, como no caso do livro *Splinter of the mind's eye*, de Alan Dean Foster, diferiam completamente da trajetória seguida nas continuações. Esse era apenas um prelúdio da força que o Universo Expandido de STAR WARS acumularia nas décadas seguintes.

Embora outras rarefeitas obras tenham sido lançadas no início dos anos 1980, dois marcos importantes deram impulso à saga, projetando-a ao atual ousado projeto transmídia: em 1987, veio o lançamento do RPG *STAR WARS: The Roleplaying Game*; em 1991, a publicação de *STAR WARS: Herdeiro do Império*, de Timothy Zahn. Enquanto a importância do RPG foi estabelecer novos cenários e trazer detalhes do universo de STAR WARS, o livro de Zahn fez história ao ser o primeiro com autorização oficial da Lucasfilm para abordar os acontecimentos posteriores ao Episódio VI. Os personagens e as histórias do livro foram aproveitados por toda uma

nova geração de autores, que escreveram centenas de obras a fim de complementar cada vez mais esse universo e saciar a sede dos fãs, especialmente durante o intervalo de quinze anos entre os lançamentos das duas trilologias no cinema – e também depois.

Em 2014, a Lucasfilm lançou o novo conceito de STAR WARS, aplicável a filmes, HQs, livros, videogames e séries televisivas relacionados à franquia, formando um só cânone. Juntos, todos esses registros contam uma única história no universo de STAR WARS, complementando e continuando os filmes lançados no cinema entre 1977 e 2005, além de servirem como preparação para os tão esperados novos filmes, a começar com a estreia de *STAR WARS: O despertar da Força* em 2015. Todas as obras publicadas antes de 2014 passam a ser classificadas como Legends: histórias que não serviram como base para o cânone estabelecido pela Lucasfilm para STAR WARS, mas cuja importância e cuja qualidade continuam sendo apreciadas.

Participando dessa nova e empolgante fase de STAR WARS, a Editora Aleph pretende lançar todos os romances adultos do novo cânone, bem como uma seleção dos títulos Legends mais relevantes. Convidamos os leitores a embarcar conosco nessa jornada rumo a uma galáxia muito, muito distante.

E trata-se de uma viagem que não tem ponto de partida nem direção definidos. Não importa por qual obra você decida começar, seja por uma das novas ou uma das Legends. Temos a certeza de que viverá uma grande aventura.

Que a Força esteja com você.

EDITORA ALEPH

Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Nota dos editores](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Agradecimientos](#)

[Créditos](#)



HÁ MUITO TEMPO,
NUMA GALÁXIA MUITO,
MUITO DISTANTE...

A destruição da Estrela da Morte trouxe novas esperanças para a combalida Aliança Rebelde. Mas a caçada incessante realizada por Darth Vader e a Frota Imperial desgasta os recursos da Aliança. Agora os rebeldes se escondem em uma órbita da Orla Exterior, de onde podem procurar uma base mais permanente e novos aliados para fornecer as armas e materiais de que tanto necessitam.

Luke Skywalker, herói da Batalha de Yavin, juntou-se de vez aos rebeldes, empregando suas formidáveis habilidades como piloto em quaisquer missões atribuídas pelos seus líderes. Mas ele é assombrado por suas tão breves lições com Obi-Wan Kenobi e pela certeza crescente de que o domínio da Força será o seu caminho para a vitória sobre o Império.

Sem a orientação do velho Ben e determinado a servir à Rebelião de qualquer maneira que puder, Luke procura formas de melhorar sua habilidade com a Força...



CAPÍTULO

$$\Delta = 5\pi + \mathbf{1} + 4\Omega$$

Não há ninguém para responder a todas as minhas perguntas agora que Ben se foi. É um fato gritante que se reafirma cada vez que me pergunto o que fazer agora. O manto marrom que ele vestia poderia muito bem ter sido feito de puro mistério; a vestimenta que o envolvia foi a única coisa que ele deixou na Estrela da Morte. Sei que Han gosta de zombar da ideia da Força, mas, quando o corpo de um homem simplesmente desaparece com o toque de um sabre de luz, há algo mais que “truques baratos e bobagem”.

E eu sei que a Força é real. Pude senti-la.

Ainda a sinto, na verdade, mas acho que é como saber que há algo escondido na areia enquanto você desliza as mãos sobre ela. Você vê ondulações na superfície, sugestões de que algo está se movendo ali embaixo (talvez algo pequeno, talvez algo enorme), levando uma vida completamente diferente que você não vê. E sair atrás desse algo para ver o que está sob a superfície pode ser seguro e gratificante, ou pode ser a última coisa que fará na vida. Preciso de alguém para me dizer quando mergulhar nessas ondulações e quando recuar.

Pensei ter ouvido a voz de Ben uma ou duas vezes durante a Batalha de Yavin, mas agora me pergunto se isso realmente aconteceu. Talvez eu tenha apenas imaginado; talvez fosse meu subconsciente falando comigo, uma espécie de pensamento esperançoso. Ele está em silêncio desde então e não me sinto confortável para falar com mais ninguém sobre a Força. Meu confidente nesse momento é nada mais que um droide astromec azul e branco.

Han e Chewie estão em algum lugar tentando ganhar créditos suficientes para pagar Jabba, o Hutt. Eles perderam todo o dinheiro da recompensa da Batalha de Yavin e estão mais uma vez falidos e desesperados; a galáxia que se cuide.

Leia está enclausurada com os líderes da Aliança na frota, no momento escondida no setor Sujimis, ao redor de um planeta gelado no qual ninguém presta atenção desde as Guerras Clônicas. Não que ela fosse gostar de ouvir minhas preocupações mais do que eu gostaria de falar sobre elas. Leia tem coisas muito mais importantes para fazer do que perder tempo colocando uma tipoia nas minhas inseguranças. C-3PO está com ela, sem dúvida sentindo-se pouco apreciado por suas previsões de desgraça iminente em mais de 6 milhões de formas de comunicação. Isso deixa R2 e a mim livres para executar uma missão para o almirante Ackbar.

Fui despachado para Rodia na tentativa de abrir uma linha de abastecimento secreta para a Aliança. Não é para chamar de contrabando – Ackbar tem problemas sérios com essa palavra –, mas a verdade é que a Aliança não funcionaria sem isso. Como o Império vem tentando desmanchar nossas linhas de abastecimento na Orla Exterior, atacando bases de contrabandistas, e os mercados negros estabelecidos no Núcleo são meio arriscados demais para nós, temos que procurar outras fontes. Rodia está sob controle imperial, mas Leia sugeriu que o clã Chekkoo, do continente Betu, talvez estivesse aberto a trabalhar conosco. Ela disse que desprezam o clã dominante, Chattza, e são altamente qualificados na fabricação de armas, armaduras e outros equipamentos que poderíamos usar na luta contra o Império. Leia apostava que eles estariam dispostos a desafiar o Império para provocar o clã Chattza, e que poderíamos nos beneficiar disso. Mon Mothma não estava muito certa quanto ao plano, mas Ackbar surpreendeu a todos ficando ao lado de Leia, e isso decidiu a questão.

Não sei por que Ackbar tem esse efeito de dissipar discussões. Ele tem um tipo de carisma contagioso, creio eu, que ninguém gosta de desafiar. Eu, pelo menos, sei que não quero desafiá-lo.

Depois que chegaram a um acordo, me ofereci para a missão e eles me emprestaram um belo iate pessoal para pilotar. Meu X-wing faria soar todo tipo de alarme se me atrevesse a entrar com ele no espaço Rodiano, mas um pequeno transporte com armamento mínimo não chama a atenção. R2 e eu assobiamos quando o vimos pela primeira vez no hangar da *Promessa*, uma das fragatas da Aliança. Era mais uma peça de mostruário do que um iate.

Pintada de vermelho metálico com detalhes em prata, a cabine e as acomodações da nave projetavam-se para a frente e as asas caíam para trás em um arco ininterrupto, como uma meia-lua pensando em ficar crescente. A traseira lembrava um biscoito mordido e estava repleta de enormes motores subgluz, jammers, sensores e geradores de escudo. Sua potência era completamente invisível pela frente ou pelos lados; dava a impressão de luxo e ostentação. Mas a traseira dizia a qualquer um que a estivesse perseguindo que não conseguiria acompanhá-la por muito tempo. Foi construída tendo como objetivo a velocidade e possivelmente a espionagem, mas com o visual de uma embarcação de lazer de uma pessoa rica.

– Bonita, não é? – disse uma voz, me fazendo desviar os olhos. – Essa é a *Jóia do Deserto*. Pilote-a com cuidado. – Quem falava era uma mulher alta, com pele escura e uma cascata de cachos finos emoldurando um rosto estreito. Ela me deu um sorriso amigável e eu sorri de volta.

– Ela é sua? – perguntei.

– Sim! Bem, acho que deveria dizer que ela é do meu pai. Mas tanto a nave quanto a filha estão a serviço da Aliança agora. Cheguei aqui na semana passada. – Ela estendeu a mão. – Nakari Kelen. Prazer em conhecê-lo.

– Kelen? – disse eu, pegando sua mão e cumprimentando-a. Ela apertava forte e inclinei minha cabeça para o lado enquanto tentava ligar seu nome e

o da nave a alguma lembrança. – Tem relação com os Biolaboratórios Kelen, de Pasher?

Seus olhos se arregalaram.

– Sim! Fayet Kelen é o meu pai. Você é de Pasher?

– Não, sou de Tatooine.

– Ah, outro planeta desértico. Então você entende bem o fascínio por naves e como elas podem me levar para longe de casa.

– Sim, entendo isso muito bem. Meu nome é Luke Skywalker.

– Ah, sei quem você é – disse ela, finalmente deixando sua mão escorregar da minha. – Me disseram que você levaria a minha nave em algum tipo de missão assustadora, mas ninguém mencionou que você era de Tatooine.

– Rá. Não é realmente assustadora. Uma espécie de viagem chata de negócios, na verdade, mas parece que a nave vai impedir que qualquer imperial pense que eu sou da Aliança.

– Espero que sim. Esta belezinha é clássica, elegante e pouco afeita a rebeliões.

– Ei, por falar em pouco afeita, se importa se eu perguntar uma coisa?

Nakari assentiu, convidando-me a continuar.

– Sempre me perguntei por que seu pai escolheu Pasher para instalar os biolaboratórios. Qualquer um pensaria que um planeta com florestas seria mais adequado, por conter muito mais biologia.

Ela deu de ombros.

– Ele começou como um negócio pequeno e local. O veneno e as glândulas dos escorpiões de arenito e das aranhas-vertebrais acabaram tendo aplicações médicas. – Apontou com o queixo para a *Joia do Deserto*.

– Aplicações muito rentáveis.

– Dá pra ver.

– O que você fazia em Tatooine?

– Fazenda de umidade. Espetacular de tão entediante. Algumas semanas eram tão chatas que eu chegava a ficar ansioso para ir até a estação Tosche para pegar alguns... conversores de energia. Nossa!

– O quê?

– Acabei de lembrar que nunca fui pegar minha última encomenda. Imagino se ainda está lá.

– Todos temos negócios inacabados, não é? – Esse foi um rumo inesperado para a conversa, e me perguntei o que ela queria dizer com isso. Francamente, também me perguntei por que ela estava lá. Os confortavelmente ricos raramente se envolviam com rebeliões. Mas eu tinha que admitir que ela não estava vestida como a filha privilegiada de um magnata da biotecnologia. Ela usava calças com camuflagem de deserto enfiadas num par de botas marrons de sola grossa, uma pistola do lado esquerdo do quadril e o que parecia ser um rifle de fogo compacto pendurado nas costas, preso no lugar por uma faixa de couro que cruzava seu torso na diagonal.

Apontei um dedo para o rifle.

– Caça escorpiões de arenito com isso?

– Sim. Não dá pra usar raios contra eles. O casco deflete muito bem o calor.

– Ouvi falar.

– E, como tem muita gente usando armadura contra raios hoje em dia, uma arma ultrapassada que a perfure surpreende de tão eficaz, se você souber atirar.

– Caça mais alguma coisa?

– Claro. Já estive em Tatoonine, na verdade, e cacei um dragão krayt por lá. Suas pérolas pagaram as atualizações da *Joia*. Ela ainda é a nave do meu pai, mas já a modifiquei um pouco e espero ter em breve créditos para comprá-la dele de uma vez. Venha, vou te mostrar.

Nós dois estávamos rindo e eu estava animado, feliz por ter encontrado alguém com um histórico parecido naquela parte gelada da galáxia. Não sabia quanto a Nakari, mas encontrar alguém com experiências semelhantes preenchia parte do meu vazio, até porque ela entendia claramente a razão pela qual as naves eram importantes: elas levam a gente para longe dos desertos, mesmo que por pouco tempo, permitindo que você pense que talvez não murche e definhe ali, emocional e fisicamente. Não que o resto da galáxia seja mais amigável do que as dunas. Meu velho amigo Biggs, por exemplo, gostava de voar tanto quanto eu e escapou de Tatooine apenas para morrer na Batalha de Yavin. Sinto a falta dele e às vezes me pergunto se ele teria feito algo diferente se soubesse que nunca mais poria os pés em um planeta depois de subir naquele X-wing. Tento me consolar com a suposição de que ele teria ido de qualquer maneira, que valia a pena morrer pela causa e que o risco era aceitável, mas acho que nunca vou saber com certeza. O Império não caiu, a rebelião continua e tudo o que posso fazer é esperar que a próxima missão de alguma forma derrube o imperador e valide o sacrifício do meu amigo.

A rampa de carga da *Joia do Deserto* nos levou a um corredor estreito atrás da cabine. Infelizmente, a rampa também era o piso e, com ela abaixada, não podíamos seguir adiante (uma clara falha de projeto), por isso tivemos que fechá-la e deixar o pobre R2 no hangar para que pudéssemos entrar na cabine.

Nakari apontou para as escotilhas dos dois lados do corredor.

– Cozinha e banheiro à esquerda, beliches e acessos de manutenção à direita – disse ela. – Seu droide pode se plugar lá. Há também um monte de suprimentos de emergência, equipamento de sobrevivência que vem a calhar quando exploro planetas para o meu pai. Máscaras de respiração, um bote inflável e coisas assim. Os beliches são meio básicos, lamento dizer.

Gastei todos os meus créditos para aumentar a velocidade e em outros truques.

– Um investimento inteligente – assegurei-lhe. – Não é possível desfrutar de beliche algum, mesmo um de luxo, se você não puder sobreviver a uma fuga em pânico de um destróier estelar.

Ela fez um gesto com o dedo indo e voltando entre as nossas cabeças:

– Sim! Sim. Estamos pensando da mesma forma aqui. Isso é bom, porque gostaria de ver minha nave de novo.

– Eu... – Parei de repente, porque quase disse *Eu gostaria de ver você de novo* como uma resposta inconsciente, mas felizmente percebi a tempo que ela poderia interpretar isso como um flerte incrivelmente inepto. Terminei a frase com: – ... acho que isso seria bom para nós dois. – E esperei que ela não tivesse notado a pausa constrangedora.

– De fato – indicou-me o caminho. – Você primeiro.

– Obrigado.

Cinco degraus me levaram para dentro da cabine, onde escorreguei para o assento esquerdo. Nakari pousou a mão sobre o encosto da minha cadeira e usou a outra para apontar para os painéis de instrumentos.

– Ela tem jammers e sensores topo de linha feitos em Sullust, uma holointerface aqui, que é um modelo mais barato, porque preferi investir nestes escudos defletores mais caros, e motores subgluz gêmeos dos dois lados, que vão fazer você disparar pelo espaço mais rápido do que um X-wing. Ah, e ela tem um hiperpropulsor para viagens longas.

– Uau. Tem armas?

– Um canhão laser escondido bem embaixo de onde estou agora. Você pode ativá-lo ali e um monitor de mira aparece.

Estremeci.

– Apenas um canhão?

– Ela foi construída para ser rápida e mantê-lo vivo até que você consiga escapar dos problemas. Melhor não se meter em encrenca.

– Entendi.

– Bom. – Ela me deu um tapinha no ombro. – Se cuide, Luke.

Virei sobre a cadeira, surpreso que a visita tivesse acabado tão rápido.

– Ei, obrigado. O que você vai fazer nesse meio-tempo?

Ela abriu a rampa de embarque e apontou com um polegar para o rifle pendurado em seu ombro.

– Estou treinando alguns dos soldados em tiro a distância. Vamos para a superfície atirar em alvos congelados em Orto Plutonia. Estarei muito ocupada. – Seu olhar desviou para o hangar, onde algo a fez sorrir. – Acho que seu droide está pronto para subir a bordo.

– Ele está no seu caminho?

– Um pouco.

Ela começou a descer e falei, depois que ela sumiu de vista:

– Desculpe! Ele vai abrir espaço.

R2 veio deslizando poucos instantes depois e eu encontrei o botão que faria a rampa subir após sua passagem. Ele assobiou e parecia impaciente, mas, como de costume, não consegui entendê-lo.

– Você pode se plugar à direita – disse-lhe, e ele seguiu seu caminho enquanto continuava sua bronca eletrônica.

Tínhamos de navegar por várias rotas de hiperespaço diferentes para chegar a Rodia partindo do setor de Sujimis, e eu ainda estava me acostumando com a forma como a *Joia* se portava, então nossa viagem levou mais tempo do que o necessário. Mas não estávamos com pressa e apreciei cada minuto. Era prazeroso pilotar a *Joia*; a cabine era silenciosa, ao contrário do agudo lamento eletrônico do meu X-wing.

R2 instalou com sucesso um programa no computador da nave que traduzia seus bipes sonoros digitais em linguagem legível. Suas palavras

seriam transmitidas para a holointerface que Nakari tinha me mostrado e eu mantive o intercom da nave ligada para que ele pudesse ouvir as minhas palavras.

– R2, pode nos levar a Llanic? Precisamos dar uma parada lá e ver se encontramos alguém que contrabandeie para nós, caso o negócio em Rodia dê certo.

Situado no cruzamento da Rota das Especiarias de Llanic com a Rota Comercial de Triellus, Llanic fervilhava de contrabandistas e outros maus elementos de uma forma que inspiraria Ben Kenobi a chamar o planeta de “lugar cheio de escória e vilania”, ainda que não fosse tão miserável quanto Mos Eisley. Vários créditos ilícitos voavam por lá e por isso o Império o mantinha sob vigilância. Leia tinha me dado um relatório, avisando que o moff Abran Balfour patrulhava constantemente a rota de especiarias e que ele era a presença imperial mais próxima da atual localização da frota da Aliança. Eu não deveria causar a impressão de que talvez a frota estivesse em algum lugar do seu setor.

Esperava uma tela animada e cheia de contatos assim que entrasse no sistema, mas não tão animada quanto se mostrou. Um dos destróieres estelares de Balfour apareceu de imediato, embora estivesse muito longe para me puxar com um raio trator ou atacar de qualquer forma significativa. Voando muito mais perto de mim, havia caças TIE, perseguindo uma nave que não parecia capaz de oferecer muita resistência. Estavam atirando nela e os escudos aguentavam até aquele momento, mas eu duvidava que isso fosse durar muito mais tempo, já que era mais lenta do que os TIE. Imaginei que a nave deveria estar fazendo ruídos não identificados, não indicando nada de terrível, mas apenas uma declaração geral de decrepitude e destruição iminente. Não me parecia uma luta justa, porém não ia me envolver, até que percebi que a nave era de fabricação

kupohana. Os Kupohanos tinham ajudado a Aliança no passado e poderiam fazê-lo novamente.

Não que necessariamente houvesse Kupohanos lá dentro, ou mesmo Kupohanos simpáticos à Aliança. Havia inúmeras razões para não me meter e deixar a nave à sua própria sorte, mas decidi entrar na história por dois princípios básicos: se eles irritaram o Império tanto assim, estavam pelo menos tangencialmente do meu lado; e, já que eu poderia ajudá-los, deveria fazê-lo; além disso ninguém estava por perto para discutir comigo quanto a esse último princípio.

– R2, trace uma rota para fora do sistema imediatamente – eu disse, e acelerei para velocidade de interceptação. – Vamos ter que sair daqui depressa depois disso. E segure-se. – O gerador de gravidade artificial o manteria preso ao chão, mas não impediria o impacto das manobras bruscas que viriam. Normalmente, ele fica encravado confortavelmente no meu X-wing e não precisa se preocupar com essas coisas.

Preparei o pequeno canhão laser da nave e esperei até obter a permissão do sistema para prosseguir. Em seguida, mergulhei ao longo do eixo lateral em direção aos caças TIE. Ativei os escudos defletores e travei o sistema de mira do computador. Bastou uma olhada nas naves para perceber que os pilotos dos TIE estavam se baseando na orientação do destróier estelar de onde haviam partido; tinham uma sensação de qual lado era o “de cima”, o que é uma percepção limitada e até mesmo perigosa para quem está no espaço. Para cima e para baixo só têm mesmo um uso significativo quando se está na atmosfera. Rolei deliberadamente ao mergulhar, ajustei o nariz da nave para que o caça TIE líder ficasse na minha mira e desapareci.

Os raios da *Jóia do Deserto* eram azuis e se disparavam em grupos de três. O primeiro ataque errou completamente o alvo, mas o segundo encontrou o caça TIE e o destruiu. O outro TIE rolou para a esquerda em uma manobra evasiva e eu puxei para cima, planejando fazer um loop e

mergulhar de novo; a nave kupohana ainda estava em movimento, livre da perseguição imperial por alguns momentos.

Esperava que o TIE se mantivesse firme e buscasse uma forma de disparar contra mim, e por um ou dois segundos pareceu que faria isso, mas então se afastou para restabelecer o ataque à nave kupohana. Pareceu-me um comportamento muito estranho; ignorar uma ameaça mortal e dar a alguém a chance de um tiro livre contra sua nave não protegida enquanto perseguia um alvo em fuga. Quase não acreditei, e chequei para ter certeza de que não havia outra nave em meus sensores que eu não tivesse percebido, algo à espreita em uma emboscada; mas nas imediações havia apenas eu, o TIE restante e a kupohana. Parecia que o destróier estelar tinha acabado de lançar um esquadrão inteiro de TIEs adicionais, mas eles levariam algum tempo para me alcançar.

– Eles devem querer apagar essa nave da pior maneira – disse eu, pensando em voz alta. O piloto do TIE provavelmente recebera ordens vindas do destróier que se resumiam a “Matem os Kupohanos ou não voltem”. Do meu ponto de vista, essa era mais uma razão para ajudar.

Sem risco de ser atingido, mirei de novo e puxei o gatilho em cima do caça TIE, que fazia o seu melhor para explodir em pedaços a nave kupohana. Os escudos da kupohana mantinham-se firmes sob o ataque, mas o TIE se desfez ao primeiro toque dos meus lasers.

– Pronto – disse, verificando a posição do destróier estelar de novo. Não estava nas proximidades ainda, mas movia-se a toda velocidade para nos alcançar, e o esquadrão de TIEs ainda levaria um ou dois minutos-padrão para chegar. – Talvez eu possa conseguir algumas respostas. R2, prepare o próximo salto e veja se você pode ultrapassar a nave kupohana.

A resposta do droide apareceu em minha holointerface: SALTO PREPARADO. INICIANDO CONTATO.

– Bom. Espero que eles ainda possam... – Fui interrompido pela nave kupohana saltando para o hiperespaço sem um agradecimento sequer. – Bem, acho que eles ainda *podem* saltar. Devemos fazer o mesmo. Leve-nos ao hiperespaço assim que estiver pronto, R2.

A tensão era drenada dos meus ombros enquanto eu desarmava o canhão de laser, mas minha boca se contorceu em arrependimento quando as estrelas viraram um borrão e passaram pela janela da cabine durante o salto. Não pude deixar de me sentir um pouco decepcionado. Perguntei-me quem estaria naquela nave e por que era tão importante para o Império; e também se teria valido a pena comprometer minha missão e colocar esta nave nas listas imperiais de procurados. Valeu a pena para a tripulação da nave kupohana, sem dúvida. Ainda tinham suas vidas. Mas eu não estava certo sobre se esse episódio particular havia sido uma boa coisa para a Aliança, e agora, com a oportunidade de avaliá-lo com frieza, eu via como a decisão fora precipitada. Agora eu teria que deixar Llanic de lado e seguir direto para Rodia, torcendo para que nenhum alerta imperial chegasse antes de mim.

Talvez, se eu fizesse um trabalho bom o suficiente por lá, Leia e o almirante Ackbar me perdoassem por cutucar o nariz do Império logo quando deveríamos estar nos escondendo.



CAPÍTULO

5.3607 > 2 · ¼ ∂ + 8Y

A *Joia do Deserto* entrou na atmosfera de Rodia sem transformar a visita em um tumulto com algum esquadrão de caças TIE. Seguindo uma rota planejada por R2, desci na costa de Betu, que ficava a um continente de distância do clã Chattza, o grão-protetor, e da maior parte da atividade imperial. O clã Chekkoo morava ali e, ainda que não estivessem em uma rebelião assumida – pois careciam dos recursos necessários para seguir seus corações –, a mera geografia dava-lhes a oportunidade de exercer um pouco de resistência passiva e manter alguns segredos.

Situado sobre um alto penhasco rochoso com ondas do mar batendo na base, o enclave Chekkoo ostentava uma única torre cinza que se projetava de uma série de muros de pedra que pendiam ao seu redor como saias, repletos de plataformas de armas. Uma cidade próspera situava-se entre os muros, mas o espaçoporto ficava do lado de fora e foi ali que pousamos. Mais ao longe, ficava a selva úmida, tomada pelo zumbido dos insetos e pelo grito ocasional de algo querendo comer ou se desesperando por estar sendo comido.

Eu não estava preparado para o cheiro; uma pessoa diplomática diria que era “pungente”. Eu não pude achar palavras, diplomáticas ou não; pude apenas prender minha ânsia de vômito quando a rampa se abriu e o odor de queijo estragado e pés cheios de fungos flutuou para dentro, quente, enjoativo e pesado em minhas narinas, grande demais para aquele ambiente, como um Hutt espremido em uma poltrona.

Uma única Rodiana esperava por mim na parte de baixo da rampa e fingiu não perceber minha expressão de desgosto. Ela vestia uma longa túnica azul com bordas douradas e calças combinando, enfiadas em botas marrons fiveladas. Ostentava uma série de espinhos dourados que subiam por entre as antenas e caíam em linha reta pela nuca.

– Bem-vindo, Luke Skywalker – disse ela. – Eu sou Laneet Chekkoo. Serei sua guia nesta visita a Rodia.

– Prazer em conhecê-la – consegui dizer. – Você será apenas a guia ou tratarei de negócios com você também?

– Apenas a guia. Minha principal preocupação é manter sua presença aqui despercebida por outros clãs. Se puder me seguir, partiremos para Toopil.

– Toopil? Não vamos para o enclave?

Laneet inclinou a cabeça uma vez para a esquerda, o que, imagino, sinalizava uma negativa entre os Rodianos.

– Muitos espões imperiais por lá e ainda mais espões dos outros clãs. No enclave, somos mansos e subservientes ao grão-protetor e demonstramos muito pouco de nosso verdadeiro poder e riqueza. Toopil é um lugar completamente diferente. Você verá. Por aqui, por favor.

Segui Laneet para fora do espaçoporto relativamente calmo até um fervilhante mercado ao ar livre, com passagens labirínticas e uma multidão de fregueses que se deslocavam sem senso de espaço pessoal. Todo um novo espectro de odores martelou meu nariz. Alguns deles supostamente eram apetitosos, acho, já que avistei vendedores de alimentos, mas nada daquilo me deixava com fome. A cúpula de R2 girava enquanto ele deslizava atrás de mim, absorvendo tudo, mas em silêncio.

Demos várias voltas por ali até nos abaixarmos para entrar em uma loja de eletrônicos cheia de sistemas de rastreamento do mercado negro e outros belos acessórios para um caçador de recompensas exigente. A loja revelou não ser um quiosque, mas outro labirinto, com uma estrutura de vários níveis e mercadorias agrupadas em pequenas salas, cada uma com seu próprio comerciante, e múltiplas saídas para outras salas. Quando dobramos uma esquina e entramos em uma sala cheia de prateleiras de disruptores neurais, ocupada apenas por um Ithoriano gigante, Laneet fez um sinal com a mão direita. O Ithoriano deu um pesado passo à frente para bloquear a estreita passagem às nossas costas com o seu corpanzil. Ninguém poderia se

espremer para passar por ali enquanto ele não se mexesse e aproveitamos a oportunidade para escapular por um corredor escondido atrás de um painel de parede cheio de armas que pareciam ter sido projetadas para derreter órgãos internos. Assim que o painel se fechou atrás de R2, Laneet fez uma pausa na passagem mal iluminada e olhou para nós.

– Só queremos garantir que não sejamos seguidos. Nosso transporte nos espera mais à frente, mas, por favor, movam-se em silêncio. Ainda estamos caminhando pelo mercado e as paredes são finas. Não quero que ninguém saiba dessa passagem.

Assenti e segui nossa guia por uma escuridão quase completa. A única iluminação vinha de painéis reluzentes posicionados a intervalos mais espaçados do que seria confortável para a visão humana. Sons do bazar penetravam pelas paredes dos dois lados, comerciantes barganhando com fregueses ou gritando ofertas para os transeuntes na esperança de atrair um bolso cheio. Em dado momento, alcançamos o fim da passagem, onde dois guardas armados e um corredor de armas automáticas na parede miravam em nós. Laneet identificou-se e nos apresentou. Após algum processamento invisível por trás de todo aquele armamento, fomos autorizados a passar e descemos por uma rampa até uma pequena plataforma de acoplagem onde uma speeder pessoal estava à espera na entrada de um túnel subterrâneo. Subimos nela e Laneet ativou os repulsores. Descemos pelo túnel voando por cerca de dez minutos.

– Podemos falar agora – ela disse. – Por favor, perdoe as desagradáveis medidas de segurança. Estamos abertos a todo tipo de negócios, sabe, especialmente os que podem se revelar inconvenientes para o clã Chattza ou o Império. Mas precisamos ter cuidado. Fazemos isso para a nossa proteção e também para a sua.

– Bem, é impressionante. Eu nem mesmo tinha ouvido falar de Toopil – falei.

– Não existe oficialmente – respondeu Laneet. – É apenas uma cantina, algumas salas de reunião e alguns aposentos para dormir debaixo da Utheel Equipamentos. A Utheel fabrica de tudo, de armaduras furtivas a potentes lançadores de granadas, e testam seus produtos na selva ao redor. Eles convidam potenciais clientes para as suas caçadas, e, portanto, mantêm dormitórios no local para esse propósito. Mas, debaixo desses, há outros dormitórios secretos acessíveis apenas por meio de algumas entradas bem guardadas, como a que usamos. O uso de energia, portanto, fica ocultado. Temos também um porto de acoplamento particular e uma base de contrabando com entrada camuflada em vista aérea. A maioria dos cargueiros leves caberia lá dentro. Fazemos muitos negócios nesse porto, tudo escondido do Império e dos outros clãs, e o dinheiro é lavado pela Utheel Equipamentos.

Imaginei que Han fosse ficar impressionado com aquelas instalações; eu certamente fiquei.

– E o Império realmente não tem nenhuma ideia de que vocês estão fazendo isso?

Laneet bufou de escárnio, o que soava como um espirro pelo focinho Rodiano.

– Tenho certeza de que eles têm algumas suspeitas. Desconfiamos de que os outros clãs tenham práticas semelhantes.

Chegamos a uma doca que à primeira vista parecia estar desprotegida, mas de alguma forma pressenti que não era bem assim. Após toda a segurança que vira até ali, imaginei que não deixariam aquilo aberto. Laneet percebeu minha expressão e interpretou-a corretamente.

– Há guardas. Eles estão com armaduras furtivas.

– Sério? Eu nunca vi uma armadura furtiva.

Laneet fez um barulho semelhante a uma gargalhada, mas mais parecido com um problema digestivo.

– Daí o nome.

Aquilo me lembrou da afirmação de Ben de que os olhos podem enganar. A Força me ajudaria a transpassar essas ilusões se eu aprendesse.

– Vocês mesmos fabricam as armaduras furtivas?

– Sim, a Utheel é bastante diversificada. Ela não tem estaleiros nem produz artilharia pesada, mas praticamente qualquer coisa menor pode ser encontrada aqui, com exceção talvez de pistolas de raios. Outros fabricantes são mais eficientes na produção desse tipo de arma básica. Nós produzimos uma ampla gama de itens de maior qualidade em lotes menores. Você verá mais lá dentro. Venha.

Descemos da speeder e entramos em uma doca de concreto vazia com uma única porta no fundo de uma concavidade alinhada com torres de tiro automáticas e, presumivelmente, os guardas já mencionados em suas armaduras furtivas. Com tanto poder de fogo concentrado aqui, me perguntava se mesmo um Jedi conseguiria chegar àquela porta ileso. Ninguém se infiltraria sem depender totalmente de um ataque pesado. Laneet parou diante da porta, falou algumas palavras em um console, teve as mãos e os olhos escaneados e, então, a porta tilintou ao se abrir. Eu a segui. Depois de passarmos, nos vimos em uma pequena sala lacrada magneticamente. Laneet apontou primeiro para o chão, onde havia um pouco de descoloração, e em seguida para o teto, com manchas correspondentes.

– Se alguém chega até aqui sem receber um sinal verde da porta do lado de fora, esse teto lastreado cai bem rápido. Já esmagou pelo menos um espião Chattza.

A porta interna emitiu um som melódico antes de se abrir e um corredor estreito, que proporcionava mais oportunidades de defesa, enfim nos levou a uma sala de reuniões bastante luxuosa, ostentando mesas rodeadas por grossas cadeiras estofadas. A sala possuía carpete e candelabros e era

atendida por funcionários de uniforme em vez de droides; até as toalhas de mesa pareciam elegantes. Tive a impressão de que tinham se esforçado para deixar o cheiro agradável para os humanos, mas os aromas conflitantes de Rodianos e florais tornavam o ar difícil de respirar.

Vários Rodianos esperavam para ser apresentados, todos funcionários de diferentes divisões da Utheel Equipamentos, prontos para discutir quaisquer negócios possíveis com o representante da Aliança Rebelde, e admito que achei isso agradável. Deixando de lado o odor, esse tipo de trabalho era muito mais divertido do que agricultura de umidade.

Longas mesas contornavam a sala, expondo armas em vez de um bufê. Após um drinque e uma breve conversa, durante a qual elogiei as medidas de segurança dos Chekkoo que tinha visto até o momento, eles me mostraram as armas, algumas delas protótipos, e várias me foram dadas como presentes. Ganhei uma mina atordoante de proximidade, um detonador PEM de mão e um fuzil de agulha, que eu não tinha a intenção de usar jamais. Contudo, pensando na arma de fogo de Nakari e em sua afirmação de que aquilo resolvia situações em que pistolas de raios não adiantavam, perguntei se eles tinham alguma coisa com aquele tipo de impacto, algo com balas de alta velocidade capazes de perfurar armaduras. Um dos engenheiros de armas disse que poderia separar alguma coisa para que eu desse uma olhada no dia seguinte.

– Se não for muito incômodo, gostaria de ver o porto de contrabando que Laneet mencionou mais cedo antes de fazermos qualquer acordo. Seu equipamento é bom, mas será inútil se não pudermos mandá-lo para fora do planeta com segurança.

Eles concordaram que isso seria melhor e, como chegavam o anoitecer planetário e o final de seus expedientes, disseram que Laneet me levaria até o porto e continuaríamos no dia seguinte.

R2 e eu seguimos Laneet até um movimentado porto de cargas localizado sob a Utheel Equipamentos, mas do lado oposto do cais por onde havíamos entrado. Lá, tomamos outra speeder e seguimos por alguns quilômetros em um túnel bem mais largo, até que chegamos a um elevador gigantesco, adequado para o carregamento de grandes paletes ou mesmo veículos. Laneet levou a speeder diretamente para dentro do elevador e subimos por uma grande caverna esculpida em rocha. Laneet pressionou um botão para ativar uma porta deslizante, que se abriu para uma passagem sobre um estreito cânion. A outra extremidade pairava um pouco mais acima, já sob a sombra projetada pelas nuvens rosadas pelo sol poente. Laneet nos levou até a beirada e apontou para cima.

– Estamos baixos o suficiente para que a outra ponta nos mantenha escondidos dos satélites de vigilância. Você entraria e sairia do cânion por aquela direção – disse ela, apontando para a esquerda. – Seguindo ali até o fim, você vai sair em uma cachoeira que é uma espécie de ponto turístico a apenas dez quilômetros do espaçoporto perto do enclave. Sua beleza é motivo suficiente para justificar a visita das naves e ninguém desconfia do ocasional tráfego entrando e saindo.

– Hm. Não há muita coisa aqui – disse eu, dando uma olhada na caverna vazia.

– É apenas para carga e descarga. Nós mantemos tudo desligado durante os períodos de inatividade para impedir que seja detectada – disse Laneet – e patrulhamos o perímetro durante as operações para garantir que ninguém possa dar um rasante e vê-la. Se precisar descansar, relaxar ou reabastecer, pode fazer tudo isso no espaçoporto. Isto aqui foi projetado para ser discreto.

Assenti em aprovação.

– Sim. Acho que vai funcionar para nós. Ok, podemos voltar e começar a pensar em fazer negócios.

– Excelente. Vou informar Soonta. Posso dizer que você fará companhia a ela no desjejum?

– Claro.

Laneet referia-se a Taneetch Soonta, uma das Rodianas que encontrei antes. Acho que ela se apresentou como uma executiva de vendas da Utheel Equipamentos.

Enquanto caminhávamos de volta para o elevador e Laneet fechava a parede da caverna apertando o mesmo botão de antes, ela disse:

– Agora vou levá-lo para o seu quarto em Toopil. Tem tudo de que precisa?

– Quase. Só falta uma energicomida para meu droide e talvez algo para jantar.

– É claro. Seu droide pode baixar o nosso inventário e os preços para que você dê uma olhada em seu tempo livre.

Meu quarto no complexo secreto de Toopil provou ser meu lugar favorito em Rodia até o momento, pois tinha sido limpo para que ficasse com o mínimo de cheiros possível, em vez de ser encharcado com uma dose exagerada de perfumes. R2 exibiu o inventário de armas e armaduras depois de baixá-lo e fez uma careta para os preços. Não sabia ao certo o estado financeiro da Aliança, mas não tinha certeza se poderíamos bancar pedidos muito grandes. A guerra custava caro; e não apenas em vidas perdidas. Faria questão de testar as armas no dia seguinte para me certificar de que valiam um preço tão alto.

Deixei R2 no quarto quando chegou a hora de encontrar Soonta para o desjejum. Laneet bateu de leve em minha porta e me levou escada acima até uma câmara especial do complexo da Utheel Equipamentos. Era um solário que também funcionava como um tapcaf, embora não houvesse famílias lanchando por lá. Parecia reservado para uma clientela exclusiva. Rodianos ricamente vestidos e uma variedade de outras espécies

mantinham conversas tranquilas e quase inaudíveis sob as notas de uma sinfonia bith que pairava sobre eles por meio de alto-falantes escondidos. A luz solar atravessava um grande vitral que ia do chão até o teto, banhando todos os presentes em uma luz colorida. Xícaras e pires de porcelana branca estavam postos diante de nós em uma pequena mesa redonda de bistrô, cada copo matizado por uma cor diferente, graças às janelas. Eu estava vestindo branco, mas Soonta usava um conjunto verde escuro relanceado por fios prateados. Os hóspedes nas outras mesas mantinham a voz baixa e suas conversas eram apenas um zumbido suave sob a música bith. Perguntei-me se aquela incrível janela seria a responsável por criar a estranha atmosfera de reverência. Os outros visitantes que estavam sentados com os Rodianos estavam, sem dúvida, tão interessados nas armas Chekkoo quanto a Aliança, e me pareceu estranho que todos pudessem estar negociando a compra de armas mortais em um ambiente tão sereno. Esse tipo de comércio normalmente envolvia uma certa sordidez que os Rodianos pareciam deliberadamente se recusar a fornecer.

Depois que nosso atendente partiu com nossos pedidos e Soonta perguntou educadamente sobre o meu sono, imaginei que ela perguntaria se eu tinha tido a oportunidade de examinar seu catálogo e sugeriria uma seleção preliminar ou algo dessa natureza. Ela me surpreendeu.

– Perdoe-me se me intrometo, amigo Skywalker – disse ela –, mas notei algo estranho quando você se sentou; um relance apenas, algo que obviamente não era para ser visto, mas tão interessante que não posso deixar de perguntar, sob o risco de ofendê-lo: você está, me parece, carregando um sabre de luz?

Paralisei. Meu sabre de luz estava de fato escondido sob a minha túnica externa, mas ficou claro que eu não tomara cuidado o bastante ao me vestir de manhã para que ele ficasse escondido. Não gostava de deixá-lo para trás quando estava longe, para não correr o risco de que fosse encontrado, e

assim o mantinha comigo em todos os momentos. Embora não fosse uma arma estritamente proibida, sua associação com os Jedi tendia a fazer alguém parecer automaticamente culpado aos olhos do Império. A disposição dos Chekkoo em efetuar alguns negócios paralelos com a Rebelião poderia não incluir associações com um simpatizante dos Jedi. Estávamos pisando de leve sobre areia movediça.

– Essa é uma pergunta interessante – respondi com cuidado. – Vamos supor, apenas hipoteticamente, que esteja. Você se sentiria ofendida ou escandalizada, ou talvez se sinta obrigada a me denunciar às autoridades imperiais?

– Longe disso, longe disso – assegurou-me ela. – Devo confessar que minha opinião sobre os Jedi não se alinha com a visão oficial imperial.

– É mesmo? Qual é a sua opinião, então?

– Mal posso encontrar as palavras certas. Acho que nutro algumas dúvidas sobre a versão do Império dos acontecimentos recentes. O ponto de vista que os vencedores têm da história raramente corresponde ao dos vencidos, afinal.

– Então você não acredita que os Jedi traíram o imperador?

– Acredito que eles tiveram um sério desentendimento com ele, sem dúvida, e acho fácil acreditar que ele tenha pessoalmente se sentido traído. Seu comportamento público e sua retórica pintam-no como o tipo de homem que enxerga qualquer discordância como uma traição. Mas não acho que os Jedi tivessem o hábito de trair os outros. Acredito que fossem mais propensos a manter juramentos do que a quebrá-los. Claro, não tenho prova alguma de nada disso. É uma impressão, nada mais.

– É uma impressão extraordinária, se não se importa que eu o diga. Como você veio a tê-la? – perguntei.

– Um membro do nosso clã era Cavaleiro Jedi. Ele era meu tio, na verdade, e, ainda que sua devoção à Ordem geralmente o mantivesse longe

de Rodia, eu o vi algumas vezes quando era jovem. Claro, ele vinha aqui cuidar de assuntos dos Jedi; e, claro, os Jedi não mantêm laços familiares. Mas me contaram quem ele era e cheguei a ter a oportunidade de encontrá-lo uma ou duas vezes. Ele me parecia a própria personificação da honra.

Eu conseguia entender esse sentimento, pois Ben Kenobi havia me afetado da mesma maneira. Ele esteve na minha vida por um curto período de tempo, mas ganhou minha confiança e meu respeito de imediato, ainda que, sob um ponto de vista lógico, eu tivesse poucos motivos para confiar em um estranho. Agora, encontrando mais alguém que havia conhecido pessoalmente um Cavaleiro Jedi, achei difícil esconder minha emoção; mas, em vez de gritar “Que incrível! Conte-me tudo!”, cuidadosamente contive minha expressão em um sorriso educado e disse:

– Isso é fascinante, Soonta. Se não se importa que eu pergunte, como era ele, além de honrado?

– Seu nome era Huulik. Ele era um bom piloto, ou pelo menos bastante orgulhoso de suas habilidades. Mas falava de outro Jedi que podia voar como ninguém, e seu nome por acaso também era Skywalker. É por isso que o vislumbre rápido de um sabre de luz despertou meu interesse. Será que você tem algum parente entre os Jedi?

Meu coração bateu mais rápido.

– Sim. Meu pai era um Jedi que lutou nas Guerras Clônicas.

Soonta piscou e inclinou a cabeça.

– Um *filho* de um Cavaleiro Jedi? Pensei que os Jedi não tivessem autorização para ter tais relações.

Aquilo fez surgir um meio sorriso irônico em meu rosto.

– Acho que não fui autorizado, então.

– Isso certamente explica a coincidência. Deve ter sido do seu pai que meu tio falou. Ao que parece, esse Skywalker salvou a vida dele na batalha de Sedratis. Eles estavam cercados por droides de combate e os escudos do

meu tio estavam esgotados quando Skywalker voou entre ele e um disparo que o teria matado. Skywalker destruiu a ameaça imediata e deu a Huulik a chance de recarregar seus escudos. Eles foram vitoriosos naquele dia e, pelo que entendi, lutaram juntos em várias ocasiões.

Essa era a primeira vez que ouvia sobre uma proeza específica da carreira de meu pai como Jedi. Foi gratificante ouvir que ele salvou a vida de um amigo.

– Obrigado por compartilhar isso.

– Seu pai sobreviveu às Guerras Clônicas? – perguntou Soonta.

– Não – respondi, balançando a cabeça. – Ele foi traído por Darth Vader.

– Lamento ouvir isso. Mas como sabe disso, especificamente?

– Quem me contou foi outro Jedi, Obi-Wan Kenobi.

– Kenobi! Conheço esse nome! Ele veio a Rodia durante as Guerras Clônicas para ajudar a devolver uma criança raptada de outro clã. Então ele ainda está vivo?

Por um momento senti minha garganta se fechar, mas consegui dizer:

– Não mais. Ele morreu na batalha de Yavin.

– Ah! Então um Jedi esteve envolvido na destruição da Estrela da Morte. A vitória da Aliança faz muito mais sentido agora. Os Jedi conseguem transformar tarefas assustadoras em coisas de rotina.

Decidi não falar que fui eu quem disparou o tiro fatal contra a escotilha do exaustor. Além disso, Obi-Wan *tinha* me ajudado.

– E o que aconteceu com o seu tio? – perguntei.

– Como seu pai, ele foi traído. Foi alvejado por troopers clones que deveriam estar do lado dele. Consegui chegar à sua nave, gravou uma breve mensagem sobre o que aconteceu com ele em seu astromec e deu-lhe ordens para que o trouxesse de volta para cá. Não pôde pensar em outro lugar mais seguro em toda a galáxia, o que achei triste. Este nunca foi um

planeta seguro. Mas ele já estava morto quando sua nave pousou; suas feridas eram graves demais para que sobrevivesse à viagem.

– Isso é terrível. Sinto muito – disse eu. – O astromec sobreviveu à viagem?

– Apenas fisicamente. O clã apagou a memória dele para evitar que caísse em mãos erradas e nos colocasse em risco. Afundamos a nave e construímos para o meu tio um pequeno túmulo na selva, sem saber o que mais poderíamos fazer.

– Oh. Eu não imagino que seja... bem, veja só, Soonta, *foi* um sabre de luz que você viu no meu cinto, um que foi deixado para mim por meu pai, e gostaria de ser um Jedi algum dia, se eu for capaz. Se não for rude de minha parte perguntar, acha que eu poderia ir prestar meus respeitos ao seu tio?

As antenas no topo da cabeça de Soonta, que pareciam ventosas com caules curtos, recuaram no que presumi que fosse uma expressão de surpresa. Ou talvez tenha sido choque e certo sentimento de indignação. Não conheço bem a linguagem corporal Rodiana e meus ombros enrijeceram, preparando-se para uma resposta irritada. Em vez disso, Soonta pareceu contente.

– Isso seria bastante atencioso de sua parte. Eu deveria prestar meus respeitos também, aliás. – Soonta tomou um gole de sua xícara de café e disse: – Você é um cliente em potencial. Podemos pegar emprestadas duas speeders sob a desculpa de um teste de direção e visitá-lo agora, se você quiser. O túmulo não é muito longe daqui.

– Parece ótimo – disse eu. – Na verdade, não estou com fome. Podemos ir agora, se estiver disposta.

– Então vamos.

Deixar o pacato solário e atravessar toda a extensão da Utheel Equipamentos foi ao mesmo tempo revigorante e desconfortável. Era bom

andar em ambientes abertos, em vez de túneis subterrâneos ou dos limites estreitos de uma nave, mas instalações industriais não são famosas por paz e tranquilidade. O barulho de solda e o zumbido das máquinas agrediam nossos ouvidos e as vibrações do metal sendo cortado sacudiam tanto nossos ossos que comecei a sentir falta do silêncio do espaço.

Taneetch Soonta falou com o supervisor do armazém e obteve duas speeder bikes de teste, bem coloridas, para uma excursão de um dia. Disparamos para o norte, para o emaranhado da selva, cortando o ar úmido como se estivéssemos fazendo esqui aquático. Segui logo atrás de Soonta, desviando pelas árvores, logo abaixo das copas e acima da vegetação rasteira. A umidade chegava a ser ridícula e eu sentia sua pressão mesmo com o vento da viagem. O suor escorria pelo pescoço e pelas costas, minha roupa ficou colada à pele e me resignei a ficar ensopado. O calor seco de Tatooine parecia um forno às vezes, mas isso era como tomar banho em uma panela de cozido. Depois que voamos sobre o cânion que reconheci como aquele que levava até o porto de contrabando, descemos por um quilômetro até um ponto em que as árvores se distanciavam mais umas das outras e a drenagem deficiente provocava o surgimento de um pântano de água escuro tomado por algas verdes. Não era uma enorme extensão de água, contudo. Ilhotas de barro esponjoso espiavam para fora do pântano, proporcionando lugares para árvores e arbustos se enraizarem, e Soonta me levou até uma que ostentava um pouco de rocha sólida em sua superfície. Apenas uma pequena parte era acessível da beirada; a ilha era tão sufocada por árvores e vegetação densa que não havia realmente nenhum outro lugar para pousar. Só vi o mausoléu depois que pousamos em uma plataforma de pedra coberta de musgo a apenas meio metro acima do pântano. Era uma pequena estrutura de pedra escondida sob a copa de uma árvore thinekk e ainda mais camuflada por trepadeiras. Antes que o zumbido dos repulsores das nossas speeders sumisse, Soonta pediu-me para

desmontar com rapidez. A tensão em sua voz contrastou com o coaxar lânguido das rãs e a conversa entediada das aves alienígenas.

– Devemos nos afastar da beirada da água – disse Soonta. – Para o caso de haver ghests por perto.

– Ghests?

– Sim – disse ela, colocando a mão na parte inferior das minhas costas e gentilmente me dirigindo para longe das speeders e para dentro de um grupo de arbustos que me desafiaram a atravessá-los sem ser espetado e arranhado por espinhos. – São grandes criaturas que gostam de se mover em silêncio pela água até emergir de súbito para colher alimento das margens, principalmente herbívoros e aves, e nós acabamos de chegar voando e de pousar na margem...

A frase de Soonta foi cortada quando uma enorme figura escamada espirrou para fora do pântano e se lançou sobre minha speeder bike, envolvendo-a com as mãos em garras e mordendo as ventoinhas dianteiras de direção com uma boca cheia de dentes afiados. Nós recuamos quando o ghest rugiu, frustrado ao ver que tinha emboscado algo que não era de carne, e bateu com a speeder na plataforma de pedra com seus poderosos braços, destruindo as ventoinhas e inutilizando totalmente o veículo. O ghest voltou seus pálidos olhos redondos para nós e sibilou enquanto deslizava de volta para a água, desaparecendo completamente e deixando-nos com o coração acelerado e só uma speeder funcionando.

– Você tinha razão – comentei. – Será que vai tentar de novo?

– Quando tentarmos ir embora, sim. Sem dúvida – disse Soonta. – Ele prefere emboscar. Agora, sabe que as speeders não são comida, mas que nós somos. Ficará observando.

Notei que não havia como enxergar o ghest. A água do pântano nada revelava do que se movia sob a superfície.

– Podemos atirar nele? – perguntei.

– Sim. Mas é notoriamente difícil conseguir dar um tiro fatal antes que um ghest o morda e arranque metade de seu corpo. Eles não são caçados com tanta frequência como costumavam ser, mas, quando isso acontece, são caçados em grupo, e os grupos muitas vezes voltam com um ghest morto e pelo menos um Rodiano morto.

– Hmm. Não virão atrás de nós na ilha?

– É tecnicamente possível, mas bastante duvidoso. Ghests são muito mais lentos na terra e enxergam isso como uma fraqueza. Preferem o ataque rápido.

Ficamos em silêncio por um ou dois minutos, à procura de qualquer sinal de movimento nas águas escuras. A superfície permaneceu imóvel e não deu nenhuma sugestão de que algo nos observava lá de baixo. Durante esse tempo, ocorreu-me que aquilo tinha sido um péssimo planejamento da parte de Soonta.

– Por que pousamos tão perto da margem?

– Não havia outro lugar para pousar. Você mesmo viu quando chegamos.

– Então você corre o risco de um ataque como esse sempre que visita o lugar de descanso final de seu tio?

– Quase nunca. Alguém da família abre uma trilha e uma clareira para pouso toda vez que visitamos. Mas a selva é robusta, novas árvores crescem, e faz muito tempo desde que alguém veio aqui. Eu posso ter sido a última a visitar, e isso foi há quase um ano-padrão.

– E como vamos voltar?

– Teremos que voltar os dois na minha speeder.

Fiz um gesto para as águas paradas onde o ghest espreitava.

– Mas essa coisa nunca vai nos deixar sair do chão. Você não pode chamar alguém para vir nos pegar?

– Sei por experiência própria que o meu comunicador não vai alcançar ninguém daqui.

– Que tal um sinal de emergência?

A Rodiana deu aquela única inclinada de cabeça para a esquerda que queria dizer não.

– Esses modelos de demonstração são simplificados, construídos para velocidade, em vez de segurança. Nossos clientes sempre querem uma demonstração de velocidade, mas nunca pedem uma demonstração de sistemas de emergência.

Suspirei de frustração.

– Bem, vamos fazer o que viemos fazer e nos preocupar com como sair daqui depois – disse eu.

– De acordo – disse Soonta, e nos dirigimos para o mausoléu. Soonta tinha um cortador sônico portátil para limpar o caminho pela vegetação rasteira, o que nos permitiu chegar lá em poucos minutos, poupando nossas roupas e peles de arranhões e possíveis cortes.

O mausoléu não tinha qualquer marca ou entalhe explicando quem estava enterrado ali. Soonta ajoelhou-se na terra macia diante da porta de pedra cinza e juntei-me a ela, abaixando a cabeça. Ela disse algumas coisas em sua língua nativa que eu não entendi, mas que soaram solenes e respeitosas, e esperei que meu silêncio fosse interpretado da mesma forma. Mas não pude deixar de imaginar o que estaria dentro do túmulo. Sei que Soonta disse que o corpo de seu tio foi encontrado dentro da nave ao pousar, mas ainda estaria lá agora? Acho que nunca vou esquecer a visão do manto vazio de Obi-Wan. Esse método de morrer ainda não me parecia plausível, e eu o tinha visto com os meus próprios olhos. Perguntava-me se este tal Huulik não teria em algum momento desaparecido em meio ao nada da mesma forma.

Quando Soonta terminou suas oblações, perguntei:

– Perdoe-me se for rude perguntar, mas... poderíamos vê-lo?

A Rodiana inclinou a cabeça levemente em minha direção e me olhou com seus olhos negros gigantes.

– Você falou a verdade mais cedo? Deseja se tornar um Jedi algum dia ou era apenas uma fantasia ociosa?

– Sim, realmente desejo isso. Mais do que qualquer coisa.

– Então devemos entrar.

Eu a ajudei a abrir a porta e o cheiro lá dentro era tão úmido e bolorento como o do lado de fora. Várias lesmas e uma cobra se contorceram para longe do brilho repentino da luz solar. Um sarcófago baixo estava disposto no meio do cômodo, quase coberto por um tapete de líquen.

– Há algo aí dentro para você – disse Soonta, apontando com um dedo verde.

– Eu... há? O quê?

– Ajude-me a mover a tampa.

Não discuti, pois era o que eu queria, mas sua ânsia me intrigou. Como eu não sabia muito sobre os tabus culturais rodianos a respeito dos mortos, decidi seguir em frente. Erguemos juntos um canto da laje e o empurramos de lado até que a metade superior dos restos mortais de Huulik foram revelados. Não restava muito, mas ele claramente não havia passado para algum outro estado de existência como Obi-Wan. Além dos ossos, ainda havia fragmentos do manto: alguns montes ondulados de fios resistentes que tinham sobrevivido todo esse tempo contra os elementos e habitantes do pântano. Soonta inclinou-se e enfiou a mão no sarcófago, obstruindo minha visão. Ela emergiu segurando um cilindro preto grosso.

– Este é o sabre de luz de Huulik, acredito. Nós o enterramos com ele, já que não sabíamos o que fazer com isso.

– Ainda funciona?

– Não sei. – Ela entregou-o para mim. – Experimente e veja. É seu.

Pisquei.

– Você está me dando isso? Será que alguém de sua família não fará objeções?

Soonta encolheu as antenas.

– A essa altura, suspeito que eu seja o único membro da minha família que ainda vem visitá-lo. E o sabre não serve de nada selado aí dentro. Acho que é uma herança mais adequada para você do que para mim. Talvez você possa aprender algo com isso e um dia se tornar um Jedi como seu pai e meu tio. Seria bom se os Jedi retornassem, acho.

Era um presente euforizante e tive dificuldades em articular uma resposta.

– Obrigado. Estou honrado – consegui dizer após algum tempo, embora as palavras fossem inadequadas.

O sabre de luz de Huulik foi projetado para uma mão rodiana e não era muito confortável em meu punho. Tinha um acabamento preto fosco e uma estranha sensação lustrosa – não sabia se esse era seu estado original ou se estava revestido por algum tipo de lodo biológico. Apontando-o cuidadosamente para longe de nós dois, eu o ativei, imaginando que a célula de energia estivesse esgotada a essa altura. Mas ele saltou para a vida e vibrou com energia, uma lâmina ametista brilhante.

– Agora, algo assim – disse Soonta – pode permitir que você sobreviva ao ataque direto de um ghest.

Levou um instante para que eu processasse o que ela queria dizer, mas, quando o fiz, encarei-a.

– Você está dizendo para eu caminhar lá fora como isca, segurando um sabre de luz na minha frente?

– Você tem dois agora, certo? Suas chances de garantir que um ghest precise comer um sabre de luz antes de comer você são muito boas.

Sorri. Soonta tinha um estranho senso de humor, mas também tinha razão. Eu estaria mais bem protegido de um ataque rápido com dois sabres de luz do que com uma só pistola de raios, com a qual teria que mirar e disparar em uma fração de segundo antes de ser mastigado. Desliguei o sabre de luz rodiano e perguntei:

– Imagino que Huulik não tenha trazido mais nada para casa com ele, como um manual prático passo a passo de como treinar para se tornar um Jedi.

– Não, nada desse tipo, infelizmente. Eu mesma teria tentado se fosse o caso, embora não possa sentir a Força.

– Bem, sou muito grato por isso tudo. – Virei o cabo do sabre de luz em minhas mãos, pensando. – Você disse que ele foi acertado por seus próprios troopers clones?

– Era o que dizia sua gravação. Nós, é claro, não tínhamos como confirmar. Perguntar para o grupo local de stormtroopers se alguém havia atirado em um Cavaleiro Jedi Rodiano fora do planeta atrairia o tipo errado de atenção. Mas são impressionantes as implicações, não? Visto sob essa luz, podem ter sido os Jedi os traídos, e não o imperador.

Não pela primeira vez, desejei ter tido mais tempo com Ben. Ele não apenas poderia ter me ensinado sobre a Força, mas também preenchido muitas lacunas gigantes no meu conhecimento sobre a história das Guerras Clônicas. A versão do Império dos eventos era, sem dúvida, parcial, mas não havia nenhuma versão alternativa à disposição. Minha tia e meu tio nunca falaram comigo sobre isso, não importava o quanto eu implorasse. Senti-me prejudicado por minha ignorância.

– Você me deu muito no que pensar. Isto é, se eu conseguir nos tirar daqui. – Mesmo se Soonta me deixasse aqui para ir buscar ajuda, ela precisaria chegar à sua speeder bike com segurança e não havia garantia de que pudesse fazer isso. Se o ghest ainda estivesse à espreita no pântano,

poderia facilmente atacar antes que ela decolasse. Precisávamos remover a ameaça antes que um de nós tentasse montar a speeder. Tirei meu próprio sabre de luz do cinto, andei rumo à margem da ilha com uma arma em cada mão e ativei as duas. Andei agachado, para me tornar um alvo menor enquanto avançava, segurando os sabres de luz em paralelo ao chão e em um ângulo que protegia meus dois flancos, comigo na base de um triângulo. O ghest teria que ser extremamente rápido e ágil para me levar sem se cortar. O problema era que talvez ele pudesse mesmo ser rápido e ágil o suficiente.

A água escura não dava nenhum sinal do paradeiro do ghest, apenas uma promessa de que escondia uma cadeia alimentar em suas profundezas na qual eu não estava no topo. Apenas pisar perto da água me fez sentir como o almoço de alguma coisa.

Insetos, pássaros e anfíbios continuavam a zumbir, chilrear e coaxar, sem se importar com os meus problemas, mas seu ruído existia em um nível além do auditivo. Quando sondei com minhas sensações e tentei localizar o ghest por meio da Força, tudo que consegui foi uma esmagadora sensação de vida à minha volta; nada tão específico como um único pássaro, peixe ou predador. Sabia que muitas das criaturas estavam famintas e queriam comer outras, mas não havia nenhuma impressão de um ser específico querendo me devorar.

Fiquei ali de pé, mudando de lado e me mexendo um pouco para parecer vivo, com os sabres de luz zunindo, por cinco minutos inteiros.

– Talvez tenha ido embora – disse eu, enfim. – Que tal você tentar pegar a speeder restante? Eu fico de guarda enquanto você passa e volta para me buscar.

– Acho que... – disse Soonta, e então o ghest irrompeu do pântano à minha esquerda, um lampejo de movimento mais rápido do que eu podia acompanhar. Por puro reflexo, movi a lâmina na minha mão esquerda na

direção dele, enquanto, ao mesmo tempo, caí para trás e ataquei uma fração de segundo depois com a minha mão direita também. Os dois ataques o atingiram, mas o ghest também me atingiu. Sua cabeça passou por cima e através das minhas defesas instintivas, e ele afundou os dentes na parte macia entre meu ombro esquerdo e meu pescoço. Mas ele não chegou a morder até o fim e nem tentou alcançar minha garganta. Quando caímos no chão, sua cabeça e seus ombros não estavam mais ligados ao resto do corpo. O golpe que dei com o meu sabre de luz o tinha atravessado completamente, o que fez com que eu continuasse vivo, mas com os dentes de um ghest morto enterrados em minha carne.

Soonta correu para ajudar.

– Você está bem? – perguntou ela.

– Vou viver. Acho.

– A maioria das pessoas não sobrevive a um ataque desses, então você se saiu muito bem.

A cabeça encharcada afixada ao meu corpo não me fazia sentir um vencedor.

– Ugh. Não foi bem habilidade. Foi mais questão de reflexos ativados pelo pânico e armas muito boas. Você estava certa, de forma alguma eu teria conseguido dar um tiro de pistola a tempo. – Desativei os sabres de luz e sacudi o corpo por causa da adrenalina e da noção de como havia estado perto da morte. Dois centímetros a mais e o ghest teria acertado minha garganta, e eu teria morrido.

A mandíbula do Ghest não havia se fechado, então soltá-lo foi mais doloroso do que difícil.

– Precisamos levá-lo para a enfermaria – disse Soonta, jogando a cabeça no pântano antes de me ajudar a ficar de pé. O longo corpo serpentino do ghest sumiu na água, deixando um rastro esverdeado que terminava em uma poça de sangue sobre a rocha. – Quanto mais cedo, melhor. Retornar

à cidade dividindo uma só speeder será uma viagem lenta, mas um pouco mais rápida do que se eu for buscar outra e voltar.

Ela captou holos da speeder danificada e do corpo do ghest com seu datapad antes de partirmos.

– Preciso explicar o que aconteceu se não quiser pagar o prejuízo da minha comissão.

Subimos no veículo restante; passei o braço direito pela cintura de Soonta e fiz o melhor para lidar com sua pungência pessoal. Eu sabia que mais tarde lembraria dessa experiência como positiva de um modo geral, pois não havia como saber o que eu poderia aprender com o sabre de luz de Huulik; mas, no momento, fraco e tonto pela perda de sangue e pelos fedores e umidade em excesso, achei que era o pior passeio de speeder da história.



CAPÍTULO

$$1087\%_{\infty} = 3 \cdot 8^2 + 35Y$$

Já com um curativo e de volta ao meu quarto em Toopil, eu estava muito ligado para dormir e não pude pensar em um melhor uso do meu tempo do que dar uma boa olhada no presente de Soonta.

Fazendo o possível para relaxar e ficar aberto à Força, ativei o sabre de luz de Huulik e de novo fiquei impressionado com a estranheza que o cabo me causava; mesmo depois de tê-lo limpo com um pano úmido e removido todos os indícios de detritos, ele ainda parecia querer escapar do meu punho com uma superfície viscosa e escorregadia que não existia no meu próprio sabre de luz. Seria uma propriedade da fabricação rodiana, diferente da humana? Ou o meu seria mais adequado para mim por ter sido construído pelo meu pai?

A lâmina não era pura luz, é claro: era energia vinda do mesmo tipo de célula de energia que alimentava pistolas de raios, que ganhava aquela forma após passar por um cristal kyber em forma de um plasma superaquecido que arqueava no topo e retornava para o cabo. Não emitia calor, apenas quando tocava em algo sólido; pelo resto do tempo sua energia era contida por um campo de força. Eu sabia desses detalhes, mas não muito mais do que isso. Queria ver como ele funcionava, como era construído. Nunca tinha ousado desmontar meu sabre de luz por medo de não ser capaz de montá-lo de novo, mas Soonta tinha me dado aquele para aprender alguma coisa, se eu pudesse, então decidi me arriscar.

Desativei-o e examinei o cabo. Não havia parafusos, encaixes ou qualquer uma das marcas habituais de fabricação. Com exceção do botão para ligá-lo e do botão de giro que ajustava a sua potência, parecia ser um artefato sólido, como se tivesse sido moldado daquela forma na natureza. Talvez o cilindro fosse uma peça sólida, ainda que oca, que tinha sido encaixada sobre o resto do conjunto. E talvez a chave para abri-lo não fosse visível aos olhos.

Meu quarto tinha uma mesa e uma cadeira básicas. Sentei-me e coloquei o sabre de luz sobre a mesa, com o emissor apontado para longe de mim por segurança. Como antes, mantive-me aberto para a Força, mas agora tentei me concentrar no sabre de luz e sentir a Força inerente a ele. Fechando os olhos, explorei com os dedos a parte superior do cabo, logo abaixo do emissor, em busca de alguma pista tátil. A superfície mantinha a mesma estranha sensação escorregadia, mas não detectei nada de incomum na parte superior, ao redor dos botões ou mesmo no resto do cabo. No entanto, quando corri meu dedo em torno da base, nos sentidos horário e anti-horário, ainda de olhos fechados e tentando sentir a Força, um *snick* anunciou o aparecimento de uma fissura longitudinal na parte de baixo do cabo; após outro clique suave, o cilindro se abriu, revelando outra cobertura de metal, essa mais parecida com o meu sabre e com parafusos visíveis. R2 desatarraxou-os para mim de forma que pude levantar metade da cobertura e revelar as entranhas.

A célula de energia na base estava isolada e não apresentava interesse algum para mim. Acima dela, havia uma plataforma para o cristal focalizador principal que dava ao sabre de luz a sua cor. Dois cristais adicionais flutuavam sobre ele, equilibrados tão precariamente em suas saliências de encaixe que poderiam ser facilmente desarrumados – e o foram. Estavam tortos e eu temi que isso houvesse acontecido durante o processo de desmontagem. O sabre de luz não funcionaria corretamente, mesmo se eu o remontasse; sem o foco apropriado não havia como saber o que aconteceria se eu tentasse ligá-lo. Poderia explodir. E alinhar aqueles cristais à mão seria impossível. Percebi que isso tinha de ser feito com a Força, e apenas por meio da Força eu saberia se estariam alinhados corretamente ou não. Eram lâminas de cristal muito finas também, de uma bela cor ametista clara, e poderiam ficar arranhados ou desgastados com o

manuseio. Movê-los com precisão usando a Força garantiria que permanecessem incólumes.

A construção do sabre de luz confirmou o que eu já suspeitava: mais que apenas uma sensação de interconexão capaz de guiar suas ações ou um método de enganar os de vontade fraca, a Força poderia ser usada para manipular objetos sólidos. No entanto, a habilidade necessária para construir um sabre de luz, ou remontar aquele de volta ao seu estado original, estava um parsec ou cinco além das minhas habilidades atuais.

Pedi a R2 que gravasse holos do sabre de luz enquanto eu desconstruía suas demais partes para estudos futuros, e então pensei que deveria exercitar essas habilidades da Força se em algum momento eu quisesse remontá-lo ou construir o meu próprio.

Obi-Wan nunca falou sobre telecinese comigo. Era provável que eu não fosse forte o suficiente para começar a treinar em uma área de estudos tão avançada. Isso não queria dizer que eu não deveria tentar. Eu poderia começar com algo pequeno e inofensivo. No canto mais distante da mesa, havia alguns tristes vegetais sobre um prato que restara do almoço. Imaginei que a raiz de cranker, em especial, parecia infeliz onde estava e não se importaria se eu a movesse um pouquinho. O mais humilde dos vegetais Rodianos, ela estava largada, cozida e encharcada sobre uma poça de óleo em um prato de cerâmica. Suas perspectivas melhorariam muito se, digamos, escapasse do vale do prato e se mudasse para a crista ao longo da beirada, onde poderia desfrutar da vista fabulosa do tampo da mesa e dos restos espalhados do sabre de luz de Huulik.

Antes de começar, dei-me permissão para falhar. Seria minha primeira tentativa, afinal, e não fazia sentido ficar chateado ou irritado se não obtivesse sucesso imediato. Obi-Wan disse que o homem que matou meu pai, Darth Vader, tinha sido seduzido pelo lado sombrio da Força. Presumi que ele estava se referindo a emoções mais sombrias, como medo, raiva e

culpa, mas sua escolha de palavras me intrigou. Eu nunca teria pensado em emoções sombrias como sedutoras, com um objetivo de conscientemente corromper alguém. Para mim, eram emoções desencadeadas por eventos que se faziam sentir intensamente e depois desapareciam, e não estados naturais do ser. Mas Obi-Wan provavelmente sabia do que estava falando e achei que era melhor não me arriscar a ignorar o aviso do exemplo de Vader. Isso significava que eu deveria ser extremamente cauteloso, pois não tinha ninguém por perto para me treinar. A raiz de cranker não parecia nem um pouco ameaçadora. Eu não tinha lido as histórias daqueles “seduzidos” pelo lado sombrio, mas duvidava que algum deles tivesse sido corrompido por um vegetal de valor nutricional questionável. Isso deveria ser seguro.

Puxei o prato para mais perto de mim, para que tomasse toda a minha visão da mesa. A raiz de cranker jazia inerte, biliosa e fleumática, sob a luz amarela do painel luminoso do quarto. Seu peso era irrisório. Deveria ser simples usar a Força para movê-lo para fora do prato, até porque as condições eram ideais.

O primeiro passo, o único passo que eu realmente sabia, era limpar minha mente e alcançar a Força. Tão fácil falar, mas não tão simples na prática. Às vezes simplesmente acontecia, mas sempre que eu realmente me dizia para limpar a mente, as palavras meio que andavam pela minha consciência, uma imagem de letras brancas sobre uma tela verde: LIMPE SUA MENTE. Isso não ajudava. Pensar ESTOU FALANDO COM VOCÊ também não. Enviar mais pensamentos para limpar os antigos do meu cérebro apenas fazia o mesmo problema ocorrer de novo. Como os Jedi faziam isso de forma confiável e no momento certo?

Meditar e alcançar um lugar calmo quando sozinho era, de alguma forma, bem diferente de sentir a Força em combate, pilotando ou treinando com drones. Quando eu me abria para a Força nessas situações,

era um processo mais instintivo, e me sentia guiado e alertado de uma forma quase sem esforço, talvez devido a um estado preparado para a ação e reação do combate, em que não há tempo para pensar e existe uma profunda sensação de perigo pessoal.

A raiz de cranker representava o oposto do perigo. Talvez fosse este o meu problema: eu precisava de pressão para forçar minhas habilidades, para ativar um modo não racional instintivo. Mas, ainda que isso fosse verdade, eu não poderia me contentar com tal condição. Tinha que ser capaz de fazer isso por vontade própria, por esforço consciente – ou seria um esforço inconsciente se eu conseguisse limpar a minha mente?

LIMPE SUA MENTE, disse a mim mesmo de novo. As palavras teimavam em não se apagar e começaram a piscar com insistência pela minha atenção. Isso não estava funcionando.

Suspirei, o que me deu a ideia de me concentrar na minha respiração. Cada respiração acalmava um pouco mais o tráfego dos meus pensamentos. As três palavras piscantes que me irritavam e zombavam de mim desvaneceram-se gradualmente enquanto meus pulmões enchiam-se e esvaziavam-se, e seu ritmo tomou o controle. A Força espiralava através de mim e ao meu redor, turbilhões de energia que eu podia perceber e sentir, mas ainda teria que direcionar ou controlar. Estendendo-me através da Força, de olhos fechados, localizei o prato, um disco frio de cerâmica. Encontrei a raiz de cranker, agora morta, mas percebida como algo fundamentalmente distinto do prato. Isso era um começo. Mas e agora? Se eu apenas imaginasse a cranker se mover, isso aconteceria? E se eu...

Laneet Chekkoo entrou de repente.

– Desculpe, amigo Skywalker, mas há sérios problemas. O Império emitiu um alerta planetário por uma nave que corresponde à descrição da sua, e se você não partir imediatamente poderá ser descoberto aqui.

– O quê? Não podemos apenas escondê-la no porto de contrabando?

– A chance de ser vista por espões é muito grande. Estamos tentando evitar que os espões que conhecemos investiguem o espaçoporto, mas não podemos segurá-los para sempre e provavelmente há outros dos quais não sabemos. Se você for visto aqui, é melhor que seja visto partindo. Podemos contrabandear bens para a Aliança, mas não podemos desafiar abertamente o grão-protetor ou o Império agora.

– Tudo bem, eu entendo. Só um momento. – Recolhi os pedaços do sabre de luz de Huulik e coloquei-os em uma pequena bolsa. – Vamos, R2. Temos que fugir e nos esconder de novo.



CAPÍTULO

$$216 + t = 4 \cdot 90^5 \cdot C$$

Tomamos um caminho mais longo de volta para a frota, um percurso tortuoso que envolveu traçar uma nova rota de hiperespaço entre Kirdo e Orto Plutonia; mas somente após varrer a nave em busca de rastreadores e spywares. Sem pressão imediata e com o luxo do tempo, R2 minimizou o risco inerente de viajar por rotas desconhecidas do hiperespaço em conjunto com o computador de navegação da *Joia do Deserto*.

O almirante Ackbar e a princesa Leia me surpreenderam ao viajar em uma lançadeira da nave *Redenção* até a *Promessa*, onde a *Joia do Deserto* estava sendo mantida. Eles queriam me ver imediatamente e chegaram aos aposentos do capitão com C-3PO zumbindo atrás deles. O droide protocolar parecia ter recentemente desfrutado de um banho de óleo e de um polimento, e estava quase eufórico em ver R2-D2.

– Foi uma viagem mais ou menos bem-sucedida – disse eu. – R2 tem o catálogo completo de armas Rodianas...

– Excelente – bufou Ackbar, gesticulando que isso não tinha importância. Notei que o Mon Calamari muitas vezes interrompia ou desconsiderava qualquer conversa que não avançasse imediatamente seu objetivo atual. – Mas estamos mais interessados no que aconteceu com você no sistema Llanic.

Como eles tinham ouvido falar disso?

– Não pude fazer a parada em Llanic. Havia uma nave em apuros e eu não podia ficar parado e vê-la ser destruída por caças TIE, por isso a ajudei a escapar. Sei que isso foi estúpido e comprometeu a missão e talvez a segurança da frota, e peço desculpas por isso.

– Enviaremos alguém para Llanic, Luke – disse Leia. Seus longos cabelos escuros estavam presos em uma trança que caía sobre as costas, e ela usava calças, túnica e botas práticas e casuais. – E não se preocupe. Ajudar essa nave da maneira que você fez foi vital. Ela transportava informações que podem mudar as coisas para nós.

– Transportava?

– Havia um espião Kupohano naquela nave que entregou dados vitais de inteligência. Ao que parece, há uma mulher Givin recém-chegada a Denon que, se os relatos forem precisos, poderia slicear quase qualquer coisa. Ela é um gênio de criptografia que toma decisões intuitivas impossíveis para os droides e customiza seu próprio hardware. O Império a está mantendo em uma espécie de prisão de luxo por lá, tentando convencê-la a aplicar suas habilidades para slicear nossos códigos e de outros grupos que estão monitorando. Ela ganhou liberdade para se movimentar pelo planeta, mas é vigiada o tempo todo. Por meio de um contato Kupohano em Denon, ela enviou escondida uma mensagem inteiramente matemática que C-3PO levou mais de um dia para decifrar. Ela diz que trabalhará para nós contra o Império se pudermos levar sua família até Omereth e, em seguida, levá-la para se juntar a eles.

– Onde fica Omereth?

– Além do Espaço Hutt – respondeu Ackbar. – É um planeta à base de água com alguns poucos arquipélagos. Vi algumas holos. Parece apazível, mas tem pouco a oferecer para a maioria das espécies da galáxia além de peixes, por isso é praticamente inabitado.

– Não há espécies aquáticas sencientes por lá?

– Só aventureiros vindos de outros planetas, pelo que me disseram. O problema é que muitos dos peixes nativos são bem grandes e famintos. Torna um mergulho algo perigoso. Não é o tipo de oceano no qual eu gostaria de nadar.

– Luke, o major Derlin e sua tripulação podem cuidar de transportar a família – disse Leia –, mas gostaríamos que você pegasse a criptóloga em Denon e voasse com ela até Omereth.

– Por que eu?

– Você é um dos melhores pilotos que temos e tirá-la de lá exigirá muita habilidade de voo. Quando o Império perceber que ela foi levada, ficará ansioso em reavê-la. Sabemos disso porque a perseguição aos Kupohanos foi implacável. Se não fosse a sua interferência, eles não teriam escapado.

– Vocês têm certeza disso? Havia apenas dois TIEs atrás deles e tirei-os de ação facilmente. Digo, um deles virou-se para atacar e então deliberadamente parou, me dando condições para um tiro fácil. E se isso for uma armadilha?

– Eu não acho que seja – disse Ackbar. – Os escudos da nave kupohana estavam quase esgotados e os TIEs a teriam destruído nos dois minutos seguintes. Eles não tinham como saber que você iria aparecer naquele instante. Estavam realmente fazendo o possível para eliminar os Kupohanos e impedir a quebra de sua segurança.

– Nós ainda não temos a *Millennium Falcon* à nossa disposição – continuou Leia. – Então acho que, levando em conta que você precisará de uma nave muito rápida e com espaço para pelo menos um passageiro e um droide, a *Jóia do Deserto* pode ser a nossa melhor opção.

– Ela é uma nave procurada agora – lembrei-a, mas Leia deu de ombros.

– A *Millennium Falcon* é procurada em toda a parte. Nós alteramos os códigos do transponder e fica tudo bem.

– Mas a *Jóia* praticamente não tem armas – aponte. – Essa é uma séria desvantagem se tivermos que enfrentar interferência imperial significativa. Precisamos ser capazes de nos defender. Essa nave não está pronta para uma missão assim sem passar por atualizações.

Leia trocou um olhar incerto com o almirante Ackbar.

– Atualizar armas em uma nave personalizada como essa pode ser difícil – disse Ackbar, escorregando as consoantes e borbulhando as vogais enquanto sua voz acostumada com a água lutava com o ar seco da nave.

– Por quê?

– A Aliança está com pouco dinheiro. Já estamos com problemas para manter a frota que temos, imagine atualizá-la. No entanto, há algum tempo antes de você partir. Os Kupohanos precisam de cerca de duas semanas para estabelecer a rotina da Givin e procurar os pontos fracos em sua segurança, para que possam dar a você melhores chances de sucesso. Se você puder encontrar recursos para atualizar a nave até então, fique à vontade.

Alguma coisa não batia.

– Vocês acabaram de me enviar em uma viagem para encontrar os Rodianos e falar sobre a compra de armas e agora estão dizendo que não podem pagar por armas?

– Teremos dinheiro em algum momento, Luke – assegurou-me Leia –, mas não temos certeza de quando. Esperar que uma rebelião tenha um fluxo de caixa consistente é como... – Ela fez uma pausa em busca de uma comparação adequada, então concluiu: – ... esperar que Han Solo se comporte de forma racional. – Virou-se para os droides. – 3PO, você gosta de calcular esse tipo de coisa. O que é mais provável, fluxo de caixa contínuo para a Aliança ou Han se comportando racionalmente?

– Ainda que ambos tenham pouquíssimas chances de ocorrer, princesa, fluxo de caixa contínuo é muito mais provável.

Ela franziu a testa.

– Foi o que pensei.

Ocorreu-me que Leia pudesse estar sentindo algum ressentimento pelo fato de Han estar longe, tentando ajudar a si mesmo em vez de ajudar a Aliança. Eu não diria nada sobre isso para ele, claro: ele interpretaria como um sinal de que ela sentia a falta dele. E por falar em pessoas desaparecidas...

– Nakari Kelen está de volta daquela missão de treinamento na superfície? – perguntei.

– Sim – respondeu Ackbar. – Por quê?

– Bem, ela pode ser capaz de resolver o problema do financiamento. Se não me engano, o pai dela é praticamente feito de financiamento.

– Nós sabemos disso, mas, de acordo com ela, o uso de sua nave é tudo o que ele está disposto a considerar no momento.

– Ele pode mudar de ideia se Nakari estiver diretamente envolvida. Posso pedir que ela vá comigo? Seria bom ter alguém para me ajudar com a segurança, afinal, e ela deve ser competente com aquela arma de fogo, já que está treinando o resto das tropas.

– Você está certo, ela é mais do que competente. Não tenho objeções – disse Ackbar.

– Ótimo. – Senti uma onda de algo parecido com uma vitória e então me perguntei por quê. A resposta óbvia era que eu havia sido fisgado após um único encontro breve com ela, mas esperava que não fosse isso. Eu mal a conhecia, afinal. Tudo o que eu sabia era que tinha visto o suficiente para querer saber mais, e, se eu desejasse que ela se mostrasse tão simpática como parecera à primeira vista, quem poderia me culpar? Esperando que minha voz ou expressão não houvessem traído nenhum dos meus sentimentos, eu disse: – 3PO, você se importaria de pedir a Nakari Kelen para que se juntasse a nós? Ela deve estar em algum lugar na nave.

– Certamente, mestre Luke.

Não tenho certeza se minha voz se manteve neutra aí. Os olhos de Leia se estreitaram e ela franziu os lábios como se fosse fazer uma pergunta, mas evitei isso ao mergulhar em uma descrição do porto de contrabando Chekkoo e suas operações de negócios clandestinos sob a Utheel Equipamentos. Quando a Rebelião reabastecesse seus cofres novamente, teria um excelente fornecedor em Rodia.

Nakari tinha um largo sorriso para mim quando se juntou a nós. Ela não estava vestida para a batalha dessa vez: usava sapatos baixos em vez de botas

e não tinha armas.

– Obrigada por trazer minha nave de volta em boa forma – disse ela.

– Sem problema – respondi. Nós a informamos rapidamente sobre o que queríamos fazer. – Você acha que seu pai pode atualizar a nave para participar de uma missão como essa?

Ela balançou a cabeça.

– Ele não gasta dinheiro com coisa alguma, a menos que isso venha a beneficiar o seu negócio de alguma maneira. A única razão pela qual eu fui autorizada a voar a *Jóia do Deserto*, pra começo de conversa, foi para missões de prospecção para novos planetas e para caçar bestas raras com algum tipo de esquisitice biológica que seus laboratórios pudessem explorar. Eu atualizei a maior parte da nave, mas ele me ajudou a conseguir o hiperdrive. Uma nave mais rápida significa um tempo de resposta mais rápido e uma vantagem potencial sobre seus concorrentes.

– Ah. – Isso foi decepcionante, mas compreensível. Não conseguia pensar em como armar a nave para enfrentar o Império ajudaria seus biolaboratórios.

– Poderíamos ser capazes de ganhar a gratidão dele, no entanto – meditou ela. – Você disse que temos duas semanas, certo?

– Sim. Há um hiato na agenda porque estamos à espera de mais inteligência.

– Bem, ele perdeu contato com uma tripulação coletora recentemente e quer desesperadamente uma viagem de salvamento.

– O que é uma tripulação coletora?

– Basicamente, são caçadores. Quatro ou cinco pessoas que vão para vários planetas coletar espécimes para os laboratórios. – Ela tornou a voz mais grave e colocou o queixo junto ao pescoço, supostamente imitando seu pai. – “Partam, meus lacaios, e tragam-me trezentas lesmas ácidas yathik!” – Sua voz e postura voltaram ao normal. – Esse tipo de coisa.

Eu me diverti com sua imitação e esbocei um sorriso, mas não ri porque o almirante Ackbar piscou os olhos gigantes e parecia impaciente.

– Ok, entendi.

– Um dos coletores do meu pai recentemente fez uma descoberta em uma lua que orbita um planeta no Núcleo Profundo, e, quando meu pai recebeu a notícia, enviou uma tripulação completa, a melhor que tinha. Não ouve falar deles há duas semanas e quer saber se sua tripulação coletora ainda está lá, e, em caso afirmativo, se algo pode ser salvo. Especialmente se houver membros da tripulação ou criaturas na nave, vivos ou mortos. Ele pagaria muito bem por qualquer notícia.

– Por que ele simplesmente não manda alguém para dar uma olhada?

– É uma nova descoberta, como eu disse, e ele prefere mantê-la em segredo. A espionagem industrial é enorme em seu ramo de negócios. As tripulações podem fazer um monte de dinheiro à parte se venderem dados para os seus concorrentes. Ele sabe de coisas em primeira mão porque também paga subornos às tripulações dos seus concorrentes. Ele esperava que eu pudesse ir sozinha, porque realmente não confia em mais ninguém, mas disse que estava servindo a Aliança agora e realmente estou. E tem outra coisa: as rotas do hiperespaço até aquele sistema ainda não estão bem estabelecidas e estar no Núcleo Profundo, com todas aquelas sombras gigantes, deixa tudo ainda mais arriscado. Assim, ele precisa de alguém que seja não apenas leal, mas também disposto a se arriscar. Os computadores de navegação da *Joiá* são muito bons, mas não sei se são *tão* bons.

– Adicione um droide astromec e você provavelmente ficará bem – disse eu, pensando em R2-D2.

– Sim. Bem, meu palpite é que meu pai convença alguém a ir até lá em breve, porque o tempo é um fator. Quero dizer, ele vai falar que está preocupado com a tripulação porque eles ainda podem estar vivos e precisam de ajuda, mas posso ser honesta: ele está realmente preocupado

que seus concorrentes venham a descobrir sobre a lua e possam explorá-la antes dele. A questão, Luke, é que, se quisermos fazer isso, será uma viagem rápida. Podemos ir até lá, descobrir o que aconteceu, e trazer de volta algum tipo de notícia, *qualquer tipo de notícia*, para o meu pai. Ele ficaria grato e, então, poderíamos fazer com que a *Joia do Deserto* fosse atualizada a tempo para essa missão em Denon.

Ackbar se meteu na conversa.

– Quais são os nomes desse planeta e da lua, se me permite a pergunta?

– O planeta é chamado Sha Qarot e orbita um sol vermelho. A lua é um lugar estranho e roxo chamado Fex.

– O Império sabe de Sha Qarot e Fex?

– Talvez. Eu não sei ao certo quem os descobriu, há quanto tempo, ou para quem mais venderam a informação além do meu pai. Ele parece ter a impressão de que sua existência não é amplamente conhecida.

– Há alguma espécie senciente?

– Não que eu saiba. Acho que ninguém pôs os pés no planeta ainda; ele tem uma atmosfera venenosa e atividade vulcânica pesada. Nós temos apenas holos e scans da órbita. Mas Fex é muito interessante, apesar de não termos encontrado vida senciente ainda.

– Se a busca por esta tripulação coletora perdida fará você ganhar os créditos para atualizar a sua nave, acho que deve empreendê-la – disse Ackbar. – Mas isso também pode servir a outro propósito. Um mais importante, no que me diz respeito. É possível que a lua sirva como uma base ideal para a Aliança, então quero que você a explore com isso em mente. Fique de olho na Frota Imperial e posicione sinalizadores para referência futura se encontrar locais satisfatórios. Mas não perca a noção do tempo. Retirar a criptóloga de Denon é a sua prioridade.



CAPÍTULO

$314 + \acute{z} = 5 \cdot 126 + G^w$

Nakari me perguntou quando eu queria partir e assentiu quando respondi que assim que possível. Há muito pouca emoção em uma fragata Nebulon-B como a *Paciência*, respirando ar reciclado e bebendo água reciclada, e a chance de conferir uma sensacional lua roxa me parecia imperdível. Ainda lembro dos meus anos de tédio mortal em Tatooine, quando cada pôr do sol sinalizava outra oportunidade perdida de experimentar algo além de dunas de areia e vaporizadores de umidade, então a chance de escapar de um ambiente estéril me propelia para a ação como nunca. Quase virar lanche de um ghest era vastamente preferível a ficar vendo o tempo passar no hangar.

Nakari evidentemente sentia o mesmo e disse que uma partida imediata estava ótima para ela.

– Só preciso tomar um banho e fazer as malas, talvez comer um lanche, e aí encontro você na nave em umas duas horas.

– Tem certeza de que é tempo suficiente? – perguntou Nakari.

– É mais do que preciso, e fazendo tudo com calma.

Ela sorriu e prendeu atrás da orelha uma mecha encaracolada de cabelos.

– Está bem. Vejo você mais tarde.

Eu me despedi de Leia e do almirante Ackbar e passei pelos droides ao sair. Minha partida provocou a saída abrupta de R2-D2 justo quando C-3PO estava reclamando sem parar sobre uma defasagem de um microssegundo em seus relés laterais.

– Espere! Aonde você está indo? – chamou ele. A resposta de R2 não o agradou. – Mas você acabou de chegar aqui e ainda não terminei de contar todas as novidades!

A porta se fechou sobre quaisquer outras reclamações e R2 chilreou uma pergunta para mim.

– Logo estaremos voando na *Jóia do Deserto* novamente. Espero que tenha gostado dela. Vamos depender de vocês dois para entrar e sair do

Núcleo Profundo em segurança.

Não entendi sua resposta, mas como os sinais digitais pareciam positivos não me preocupei.

– Luke? Espere – chamou Leia às minhas costas. Surpreso, parei e me virei, dizendo a R2 que prosseguisse até meus aposentos. Ao ver que eu estava esperando, Leia acalmou o passo e, quando chegou a mim, não falou imediatamente. Em vez disso, me olhou e oscilou para a frente e para trás, com as mãos nos quadris. Verifiquei o corredor atrás de mim para ter certeza de que ela não estava com raiva de alguém, mas não, éramos apenas nós dois, o que significava que ela estava com raiva de mim.

– O quê? – perguntei. – O que eu fiz?

– É o que você está *fazendo*.

– O que eu estou fazendo?

– Você está tomando uma rota de hiperespaço mal mapeada até um planeta onde pessoas desapareceram, só porque ela é bonita.

– Não, não é isso... – O brilho nos olhos de Leia me fez parar e voltar atrás. – Bem, sim, ela *é* bonita, mas não é por isso que vou. Eu vou porque a nave precisa de armas se quisermos executar essa missão em Denon, e você ouviu o almirante Ackbar. Essa lua pode vir a ser um grande esconderijo para nós.

– Podemos enviar outra pessoa para checar a lua, e podemos achar um jeito mais seguro de obter os créditos necessários para atualizar a nave. Você não precisa correr esse risco.

– Isso não é mais arriscado do que outras coisas que eu fiz. Quero dizer, a Batalha de Yavin foi bem arriscada.

– Você estava cercado de pessoas em quem podia confiar.

Pisquei.

– Ah, entendi. Você acha que ela está trabalhando para o Império.

Leia sacudiu a cabeça e bufou de irritação.

– Não, não exatamente. Mas é uma desconhecida e ainda não confio nela.

Isso foi decepcionante; eu precisaria de um motivo melhor que esse para repensar a missão. Por um lado, queria fazer tudo o que pudesse para deixar Leia feliz, mas, por outro, tínhamos agora as ordens do almirante Ackbar. Realmente precisávamos de um lugar melhor para nos esconder do que essa órbita. Sabia que a liderança tinha algumas ideias sobre onde construir uma nova base, mas eles não haviam estabelecido nada ainda.

– Ora, vamos – disse eu –, não posso cancelar toda a viagem só porque ela é desconhecida. Como você pode chegar a confiar em alguém se não lhe der uma chance?

– Essa é uma atitude muito nobre, Luke, mas não muito segura.

– Se a segurança for sempre a prioridade número um, então nunca deveríamos falar com ninguém.

– Não se trata de generalizações moralistas. Quando você é traído, nunca é por alguém parecido com Vader. A traição sempre vem envolta em um manto amigável. Foi uma das primeiras coisas que aprendi no Senado.

– Ok, está certo. Concordo que uma certa dose de suspeita de alguém novo se justifica, mas não quero ser paranoico também. Você parece ter um motivo específico para desconfiar dela. O que você não está me contando? No que devo prestar atenção?

Leia cruzou os braços e olhou para longe, irritada.

– Eu não sei. Algo sob o manto dela.

Bufei, ela riu em resposta, e em seguida nós dois estávamos rindo.

Leia cobriu a boca.

– Desculpe. Eu não quis dizer isso dessa maneira.

– Eu sei. Mas mesmo assim foi engraçado.

– Normalmente sou mais cuidadosa com as frases que formulo. – O sorriso em seu rosto logo fugiu, perseguido por pensamentos mais

sombrios. – Isso só mostra que estou preocupada. – Ela apontou para o fim do corredor, onde havia deixado o almirante Ackbar. – Sei que não podemos descartar isso agora que é uma missão de reconhecimento para a Aliança – disse ela, antes de baixar a mão –, mas por favor, não pense que é rotina. E não seja tão crédulo.

– Não serei.

– Certo. – Ela jogou os braços em volta do meu pescoço em um abraço rápido. – Tenha muito cuidado, Luke. Volte em segurança.

– Obrigado. Voltarei – respondi, embora não estivesse mais tão ansioso para partir. Era bom ver Leia perder sua fachada de puro profissionalismo por alguns momentos e falar comigo de forma pessoal; especialmente sem Han por perto. Mas eu não podia prolongar o momento com uma missão à espera.

Um silêncio constrangedor se estendeu entre nós. Enfim, Leia falou.

– Bem. É melhor eu voltar – disse ela, dando um sorriso apertado. – Vejo você em breve.

– Certo! Sim. Em breve.

Retomei a caminhada até meus aposentos e Leia voltou por onde tinha vindo, deixando-me a imaginar por que minha cabeça pulsava tanto. Devia ser a quantidade infinita de coisas que eu queria dizer e como a maioria delas teria sido a coisa errada. Só me restava esperar que fosse melhor da próxima vez.

Em uma hora, eu estava de banho tomado, arrumado, de malas prontas e estufado de sopa e biscoitos. Sem nada melhor para fazer, fui mais cedo para o hangar, pensando em dar uma olhada em algumas das armas do catálogo Rodiano e ver o que poderia funcionar para a *Joia do Deserto*, mas Nakari já estava lá.

– Acontece que também estou bem ansiosa para partir – disse ela. – Mal posso esperar para fazer outra coisa além de ficar aqui torcendo para que o

Império não me encontre. Ficar escondida não combina comigo. Não é estimulante, mas também não é repousante.

Copiando o gesto que ela fez quando nos conhecemos, gesticulei com a mão, indo e voltando no espaço entre nós, e disse:

– Mesma coisa aqui!

Deixamos R2 subir a bordo primeiro e o seguimos até lá em cima.

– Temos que parar em Pasher no caminho para pegar todos os detalhes com meu pai – disse Nakari. – Acho que temos que pegar armaduras específicas também. As criaturas que a tripulação coletora estava procurando devem ser perigosas.

– O que elas são?

– Não sei ao certo. O protocolo de informações do meu pai faz com que ele nunca dê detalhes como esse nas mensagens, para o caso de serem interceptadas. Vamos descobrir em breve. Além disso, quero enfatizar que estamos fazendo isso como um favor especial e esperamos um favor especial em troca.

Ela me convidou para pilotar, satisfeita em ser uma passageira.

– Já estou familiarizada com a nave e com o que ela pode fazer. Você pode precisar de algum tempo para se acostumar.

Era verdade que eu ainda não estava tão confortável na *Joia do Deserto* quanto no meu X-wing, mas tinha uma opinião favorável pelo que experimentara até então. A *Joia do Deserto* merecia cada olhar de admiração que recebia.

Pasher estava localizado na Orla Interior, em uma espécie de beco sem saída interestelar. Ao entrar no sistema e vê-lo da órbita, lembrei-me de Tatooine, embora Pasher não tivesse luas e, como não contava com as interseções de rotas do hiperespaço de Tatooine, não era um refúgio popular para contrabandistas. Os Biolaboratórios Kelen eram a maior indústria do planeta e Fayet Kelen tinha uma agenda bem apertada, mas

conseguiu encaixar algum tempo para sua filha quando chegamos ao enorme complexo de seu reino industrial. Provavelmente não provoquei nele a melhor das impressões, mas foi culpa de Nakari. A imitação que fizera dele mais cedo revelou-se bizarramente precisa, tanto que eu não conseguia suprimir um meio sorriso desajeitado em sua presença, o que ele pode ter achado irritante. Era difícil dizer. Ele era corpulento, tinha decidido raspar a cabeça em vez de se apegar a um halo de cabelo, e fora presenteado com uma abundante papada. Usava a voz grave para impor ordens imperiosas a seus funcionários, que ele realmente chamava de lacaios, e depois suavizava no final, adicionando um “é um amor” ou “só porque você é brilhante”. Quando entramos em seu escritório, ele virou para uma assistente que estava por perto e latiu: “Lacaia! Busque café!”. E então imediatamente modulou seu tom, dizendo: “Mas só porque você é gentil e merece um longo feriado pago em breve”. Acho que seus funcionários todos entendiam a brincadeira, ou pelo menos eram recompensados o suficiente para ignorar suas idiossincrasias. Ele percebeu a minha expressão, no entanto, e gritou para Nakari:

- Filha! Quem é esse e por que ele está rindo de mim?
- Este é Luke Skywalker, pai. Ele é da Aliança e irá comigo até Fex.
- Prazer em conhecê-lo, senhor – disse, acenando para ele.
- Hmpf! Skywalker. Onde é que já ouvi esse nome?
- Foi ele que destruiu a Estrela da Morte, pai.
- Ah! O piloto! – Ele baixou a voz e disse à sua filha: – Então você decidiu ir para Fex afinal? Boa ideia levá-lo junto.
- Sim, nós iremos, mas esperamos ser recompensados pela viagem.
- Recompensados! Pelo quê?
- Por encontrar a tripulação coletora e trazer de volta o que pudermos.
- Ah! Muito bem! Quanto mais você trazer de volta, mais frouxos os cordões da minha bolsa. Mas vocês devem estar preparados. *Lacaio!* –

gritou ele. Outro assistente, um homem alto, magro e mais velho, passou por um par de portas na parede à nossa esquerda e perguntou a Fayet Kelen como ele poderia servi-lo. – Busque duas peças dos novos protótipos de armadura fexiana imediatamente para minha filha e seu piloto! E uma mala de bastões de atordoamento! Faça com que entreguem tudo na nave dela o mais rápido possível! E – acrescentou em voz mais baixa –, por favor, dê meus cumprimentos à sua família. Espero que seu filho esteja indo bem na universidade.

O homem fez uma reverência e partiu sem dizer uma palavra, aceitando tanto a ordem como os bons votos. Foi bom não ter tentado falar, pois Fayet já tinha voltado sua atenção de novo para nós e apontou para R2-D2, que nos seguira.

– Posso transferir coordenadas e outros dados para o seu droide?

– Claro – respondi.

– Esse droide interage com alguém além de você?

– De vez em quando ele interage com outros membros da Aliança. Mas é, essencialmente, meu astromec pessoal.

– É bom ter um lacaios, não é?

R2 bipou alguma coisa, e seu tom não deixou de comunicar aborrecimento com um rótulo tão humilhante. Fayet Kelen fez uma pausa, observando o droide, e em seguida olhou para mim.

– Você deve certificar-se de cobri-lo de elogios pelo seu serviço.

– Ah, eu faço isso. Ele é o melhor droide da galáxia.

Fayet assentiu, satisfeito, ignorando o balido de desgosto de R2.

– Vocês voltarão para a Aliança depois que saírem daqui ou viajarão direto para Fex?

– Direto para Fex – respondeu Nakari.

– Que bom. Depois que a missão for completada, quero que todos os dados que estou prestes a lhe dar sejam apagados da memória do droide, de

acordo?

– Claro – respondi. Eu poderia simplesmente deixar R2 fazer suas próprias observações e gravá-las para o uso da Aliança, caso quiséssemos usar a lua como base. Apagaríamos tudo que Fayet nos deu, mas teríamos nossos próprios dados para usar depois.

– Excelente. – Ele pegou um datapad de sua mesa e digitou rapidamente com um dedo grosso. – *Droide!* Estou fazendo o upload dos arquivos criptografados da missão para o nosso sistema, para que você os acesse. Eles ficarão acessíveis por quinze minutos e você poderá se conectar a qualquer tomada no caminho de saída. Nome do arquivo: “Fexiano”; faça o download usando a senha “Violeta” e decifre os arquivos usando a chave “Skywalker”. Confirme!

R2 chilreou uma afirmativa quando a primeira assistente de Kelen retornou com xícaras de caf comicamente pequenas, quase da metade de um gole, que descansavam sobre pires de porcelana em uma bandeja redonda. Todos fizemos uma pausa para beber e devolvemos as xícaras aos pires, agradecendo a assistente antes que ela se retirasse.

– E agora, minha filha – disse Fayet, dando um passo à frente e colocando as mãos enormes dos dois lados do rosto de Nakari –, vá e volte para mim em segurança. Você é o meu orgulho e meu mundo, e meu amor por você é tão vasto quanto o mar de dunas que há além das muralhas da nossa cidade. Você sabe disso, não?

– Sim, papai.

Ele assentiu, satisfeito.

– Ótimo. – Deixou cair as mãos, mas, em seguida, balançou o dedo para ela. – Mas essa lua é um lugar extremamente perigoso. Não pise fora de sua nave sem a armadura. No caminho, revise com cuidado os arquivos que lhe dei.

– Farei isso. – Ela pulou à frente e beijou-lhe a bochecha. – Sei que você está ocupado e tem que ir. – Ela abraçou-o brevemente e deu um passo para trás. – Obrigada por nos ver.

– Sempre. – Os olhos dele voltaram-se para mim e, então, ele trovejou: – E você! Piloto!

– Sim?

– Exerça a prudência em sua jornada. Não vá ficar se mostrando. Deixe que suas habilidades se destaquem pelo seu uso criterioso delas.

– Entendido, senhor.

– E pare de sorrir para mim!

Fiz o melhor para dominar minha expressão e disse:

– Sim, senhor.

– Vamos, Luke, ele está atrasado para uma reunião – disse Nakari, puxando minha manga e levando-me até a porta. Seu pai já estava gritando para outro laçao antes mesmo de sairmos.

R2 fez uma pausa na sala de recepção de Fayet Kelen, onde uma porta de dados na parede lhe permitiu baixar os arquivos pertinentes para a missão. O cavalheiro alto e magro que tinha um filho na universidade esperava por nós na nave, com três malas de carga pretas.

– Duas unidades de armadura e alguns bastões de atordoamento, como ordenado – disse ele. – Eu praticaria cambalhotas nas armaduras se fosse vocês.

– Por quê? – perguntou Nakari.

– Suponho que o sr. Kelen tenha compartilhado nossos arquivos de pesquisa com vocês. Assistam ao holo do que estão caçando e verão o que quero dizer. – Com esse comentário enigmático, ele nos desejou uma viagem segura e partiu, mas não antes de eu notar um breve estremelecimento.

– Bem, minha curiosidade foi atiçada – comentei.

– A minha também. Por que precisamos de cambalhotas e bastões de atordoamento? Por que não podemos simplesmente ajustar nossas pistolas para atordoar?

– Meu palpite é que não teremos a oportunidade de lidar com as tais coisas a distância. Isso explicaria a armadura e as armas de combate a curta distância.

Nakari franziu a testa.

– Sim, isso eu percebi, mas não entendo por que não podemos garantir que tenhamos uma boa distância antes de atacar.

– Deverá ser um entretenimento de bordo interessante.

R2 decifrou o arquivo “Fexiano” e usou as coordenadas contidas nele para traçar uma rota enquanto saíamos da atmosfera de Pasher. Pediu para traçar uma viagem segura por algum sistema bem conhecido do Núcleo antes de tentar navegar pelo Núcleo Profundo. Ao dar um salto perigoso como aquele, sempre era melhor fazer uma pausa, confirmar sua posição entre as estrelas e recalcular usando os dados mais recentes possíveis.

– Gostei do seu pai – eu disse, enquanto esperávamos pelo primeiro salto.

Nakari sondou meu rosto para ver se eu estava falando sério ou apenas sendo educado.

– Ele é um pouco excêntrico.

– Sim, mas parece ser de um jeito bom.

– Nem todo mundo vê sua gritaria de um jeito bom.

– Mas ele a tempera com ternura. Ou é apenas uma pose?

– Não, ele é realmente doce. A gritaria está mais perto de ser uma pose.

– Por que ele faz isso?

– Eu não sei ao certo, mas tenho uma coleção de teorias.

– Você testou alguma?

– Não posso testá-las, porque ele não seria sincero ou nem mesmo me responderia se eu perguntasse. Eu perguntei, sabe? “Por que você grita com seus lacaios, papai? E por que você os chama de lacaios? Isso não é meio desrespeitoso?”

– O que ele disse?

Ela imitou a voz dele de novo e fez uma careta.

– “Pense bem, filha!” E assim eu fiz e ainda faço. Eu cultivo minhas teorias e deixo-as germinar um pouco, se me permite uma metáfora agrícola, e vejo quais florescem à luz do dia e quais murcham.

– Qual delas mais floresce neste momento?

– Ah, não, você não vai obter respostas assim tão facilmente. Pense nisso, piloto!

Sorri.

– Ok, está bem.

– A melhor resposta, no entanto, é que há muitas alternativas viáveis distintas. Mais de uma solução para um problema. Como é o *seu* pai?

Dei de ombros de leve.

– Não sei. Não o conheci. Ele foi um cavaleiro Jedi nas Guerras Clônicas e um bom piloto, e isso é tudo que eu sei.

– Seu pai era um Jedi? Como isso aconteceu?

– Como normalmente acontece, imagino.

– Mas ele era um bom piloto, é? Tal pai, tal filho?

Dando de ombros, respondi:

– Acho que sim.

– Desculpe se cutuquei uma ferida.

– Ah! – Percebi que a minha expressão devia ter passado uma ideia errada. – Não, não se preocupe, não é você ou a pergunta em si. É apenas a incerteza que me incomoda. Eu gosto de pensar que ele era um cara bom, mas, como nunca vou encontrar com ele, tudo o que posso fazer é colocá-

lo em um pedestal e pensar positivo. Ele pode ter tido todo o charme de um bantha.

Nakari assentiu e mudou de assunto abruptamente, o que me sugeriu que ela não queria trocar histórias sobre nossas mães.

– Vamos dar uma olhada nesses arquivos, se estiverem prontos.

– Está bem. – Ativei o comunicador da nave e perguntei a R2 se já estava tudo decifrado e preparado para visualização.

SALTO AGORA. HOLO DEPOIS, dizia sua resposta. As estrelas ficaram borradas e passaram como listras pela cabine quando saltamos para o hiperespaço, e, em seguida, uma holoimagem azul de Fayet Kelen surgiu na nossa frente. Nakari não estava brincando sobre seu holoprojetor ser barato.

– Saudações, meus lacaios! – ribombou ele. Tinha, obviamente, gravado aquilo antes de saber que Nakari e eu estaríamos à frente da missão. – Vocês estão viajando para Fex, o que pode ser a mais rica descoberta da biotecnologia em décadas. O sol vermelho do sistema deu origem a uma incomum paisagem roxa, variando de lavandas pálidas para violetas profundos. Uma grande presença de sílica e minério nos solos resultou em algumas estruturas cristalinas fascinantes que outra divisão pode explorar, mas estamos preocupados com a forma como essas condições têm se manifestado na vida selvagem. Muitos dos herbívoros, por exemplo, têm espinhos ou chifres cristalinos e extraordinários crescendo em torno de suas cabeças, ou, como uma tartaruga, têm a capacidade de recolher as suas cabeças em uma cavidade do corpo fortemente blindada.

Uma série de imagens começou a aparecer na holo no lugar de Fayet, embora ele continuasse narrando. Todas as criaturas tinham cabeças pesadas e horripilantes, cheias de espinhos e outras protuberâncias, e longos corpos com caudas para equilibrar o peso.

– Esta tendência para as armaduras naturais geralmente chega até o meio das costas, mas não se aplica aos membros ou à parte inferior do tronco. As barrigas são desprotegidas. Encontramos esta armadura de cabeça e ombro até entre os predadores, o que achamos altamente curioso. Que ameaça ambiental em Fex representava tamanho perigo para as cabeças, a ponto de tanto herbívoros quanto carnívoros evoluírem com essas defesas radicais? Nossa hipótese é que deve existir algum tipo de predador arbóreo ou mesmo aéreo que atacava a cabeça de qualquer coisa que encontrava, e, por isso, nossa primeira tripulação coletora também foi enviada com peças de armadura; mas nada tão forte quanto estas que vocês têm atualmente. Esse primeiro grupo, infelizmente, descobriu por que tal proteção na cabeça é necessária. Três deles estavam explorando e coletando traços evolutivos na lua enquanto sua nave, a *Colheitadeira*, ficava em órbita. Tocarei agora um vídeo de suas mortes, que eles próprios gravaram com os capacetes.

– Hm – disse eu –, veremos uma decapitação?

– Não sei – sussurrou Nakari.

A holo mudou para as imagens de um Bith que vestia uma armadura completa e andava pela floresta fexiana. Tinha um capacete gigante para cobrir sua cabeça carnuda e bulbosa e, quando se virou rapidamente para olhar para seus parceiros, seus olhos negros puderam ser vistos pelo painel frontal. Ele estava guiando a pessoa com a câmera e falando sobre o que via. Sua fala alienígena era sobreposta por uma dublagem em língua básica, com uma tradução monótona que não transmitia o ânimo (e, em seguida, o pânico) que ele obviamente sentia. Nossa visão mudou, presumimos, para a filmagem de seu próprio capacete, já que o Bith desapareceu e nós não víamos nada além da floresta à frente. A qualidade do som mudou de uma estática típica de comunicadores para um abafado eco interno, como muitas vezes se ouve no interior de um capacete.

– As flores cristalinas que temos visto já são valiosas para o comércio de joias em estado natural, antes mesmo de colocá-las sob um microscópio para investigar sua utilidade médica – disse ele. – E... – Um impacto em sua cabeça sacudiu a câmera. – *Augggh!* Pelo botão de Chobb! O que foi isso?

A holo voltou para seu ângulo de visão original, de onde podíamos ver o Bith abaixando-se, balançando a cabeça e batendo no topo dela. Estranho como ele nunca chegou a encostar no capacete, mas suas mãos ficaram salpicadas de sangue.

– *Gaahh!* Tem alguma coisa na minha cabeça! Tira!

– O quê? Onde? – quis saber o proprietário do capacete com a primeira câmera. – Não vejo nada!

– Bem em cima! Acho que ele tá tentando passar! Rápido! *Aghk!*

O Bith de repente parou de se mexer, ou melhor, devo dizer que parou de se debater: seus braços tombaram para o lado, moles, e ele caiu de cara no chão, morto por causas completamente misteriosas. Não havia nada visível preso à sua cabeça.

– O que nos cinco malditos... – começou o primeiro explorador, que então passou a balançar seu capacete também. – Ah, não! Não! O que é isso? Hafner, me dê um tiro, rápido! Atordoe minha cabeça, e a de Priban também! – O ângulo de visão mudou para revelar um terceiro membro do grupo, um Duros de pele verde, com olhos vermelhos arregalados e aterrorizados atrás do visor.

– O quê? Não entendo.

A visão mudou para a câmera do Duros chamado Hafner, que observava o primeiro explorador, um humano, gesticulando loucamente para ele. Além do humano, podíamos ver ainda o corpo de Priban no chão da floresta.

– Atordoe-me agora ou vou morrer como Priban! Vá!

A câmera de Hafner balançou; imaginei que ele estivesse tentando alcançar sua pistola.

– Rápido! Ele tá perfurando! *Uhk!*

Os membros do humano se afrouxaram, seus olhos rolaram para trás e ele caiu para a frente, do mesmo jeito que o Bith. Hafner finalmente se recompôs, e disparou tarde demais uma rajada atordoante na direção do humano sem nome e do Bith. Ouviram-se guinchos baixos e os predadores foram revelados: pequenas criaturas com seis pernas finas que terminavam em dedos com garras projetadas para agarrar e segurar a presa. Suas cabeças eram longos focinhos com um crânio bulboso na parte superior cercado por um círculo de oito olhos uniformemente espaçados. Seus corpos tinham espinhas rígidas afiadas, em quatro fileiras de quatro dispostas radialmente, de modo que qualquer coisa que tentasse golpeá-las para afastar as criaturas seria espetada. Nos dois casos, as criaturas estavam com os focinhos inseridos num orifício dos capacetes. Hafner chegou mais perto do humano para ver melhor.

– Vocês estão vendo isso aí pela transmissão, *Colheitadeira*? O que é isso? Eu não vi antes. Só apareceu depois que foi atordoado. O que sugere um controle consciente de um poderoso sistema de camuflagem natural. Atravessou direto o capacete! Acho que vocês deveriam vir nos pegar agora. Não estamos preparados para esse tipo de coisa.

Estendendo a ponta de sua pistola, Hafner enfiou-a debaixo do pescoço da criatura e levantou, puxando o focinho flexível para fora da cavidade apenas para descobrir que havia um outro focinho dentro daquele, mais fino, como uma mangueira transparente; e, assim que ele se soltou, sangue e pedaços de cérebro saíram e escorreram por cima do capacete.

– Sabia! Essas coisas comem cérebros! É por isso que todos os animais desta lua são tão blindados. – Hafner olhou para cima e viu galhos pendendo bem do alto. – Eles devem cair das árvores. Se ficam lá em cima,

uma criatura perto do chão provavelmente não sente seu cheiro a tempo. E você não pode vê-los, a menos que estejam inconscientes. Ou mortos, imagino. Mas como eles... – A visão da câmera voltou para a criatura. – Este tubo de alimentação não poderia ter perfurado os capacetes, e o focinho exterior parece ser de pele comum sobre cartilagem. Vou dar uma olhada enquanto ele ainda está atordoado e cair fora daqui. Espero que vocês estejam a caminho, *Colheitadeira*.

Ouviu-se uma resposta cheia de estática:

– A caminho.

Só para constar, cientistas me assustam um pouco. Acho que a reação normal da maioria das pessoas ao testemunhar os cérebros de dois colegas serem comidos por alienígenas invisíveis não seria um calmo pedido de resgate, mas, sim, berros ordenando um ataque aéreo capaz de transformar toda a superfície do planeta em vidro. Esse Hafner deveria estar correndo pra longe e borrando a armadura e não dando uma olhada mais de perto em um alienígena sugador de miolos.

Ele pousou a pistola no chão da floresta e Nakari explodiu, gritando para a holo:

– Não! No que você está pensando? Não largue a sua arma, essa coisa pode acordar a qualquer momento!

– Nós já sabemos que isso não vai acabar bem – disse eu. – Seu pai avisou.

Tendo o cuidado de evitar os espinhos, Hafner pegou a flácida forma alienígena com as mãos enluvadas.

– Não é pesado. Ossos finos, mas muito fortes – descreveu. – E vejam a pele. Onde eu toco, aparecem algumas cores. – Não podíamos ver isso na holo, ou pelo menos não de forma clara. Havia sugestões de cor, mas a baixa qualidade do projetor passava tudo por um forte filtro azul e a sutileza se perdia, mas podíamos ver variações de tom perto dos pontos

onde os dedos aplicavam pressão. – Deve haver um sistema cromatóforo altamente avançado em sua pele. – Pegando a criatura por suas extremidades inferiores com a mão esquerda, ele agarrou o focinho com a direita. O tubo de alimentação claro se retraía por reflexo ao contato. Hafner continuou a comentar. – Hmm. O focinho parece completamente flexível, mas não é bem o caso. Há um osso dentro dele ao longo de um dos lados... espere. Ele se moveu para o fundo agora. Que estranho.

– Não é estranho, ele está acordando! – disse Nakari. – Corra, idiota!

Os dedos de Hafner sondavam o osso, e ele se moveu de novo.

– Vejam isso. O osso interior que corre ao longo do focinho na verdade gira em um círculo completo. Deve haver um extraordinário sistema de encaixe e musculatura na base do crânio e esse tubo de alimentação deve se retrair bem para dentro para permitir um movimento tão livre assim.

Seus dedos agarraram a borda da entrada do focinho.

– Aqui embaixo há um anel de osso, perto do orifício. Sim, é mesmo um anel. Eu me pergunto se...

Ele espremeu e puxou para baixo a pele do focinho; e revelou um horror. Era uma lâmina rotativa de dentes, apontada para baixo e isolada em um ângulo que a impedia de cortar o interior do focinho da criatura. Mas poderiam muito bem cortar um capacete e, em seguida, um crânio. Os dentes eram descoloridos, mas sem dano algum.

– Isso é incrível – murmurou Hafner. – Eles usam esses dentes e um movimento de rotação para perfurar os crânios de suas presas, danificando o cérebro. E então, quando suas vítimas caem, eles inserem seus tubos de alimentação e... bem... alimentam-se. Do que devem ser feitos, para penetrar esses capacetes como fizeram? Algum tipo de revestimento cristalino até os dentes, talvez, duro como diamante?

A imagem se balançou quando um peso caiu sobre a cabeça de Hafner.

– Oh! Eu tenho um em cima de mim! *Colheitadeira*, venha depressa! Vou atordoar a mim mesmo e à besta!

Vimos Hafner pegar a pistola do chão, ouvimos o disparo atordoante e então a visão da câmera mudou para baixo e para o lado quando Hafner caiu no chão. A imagem foi substituída por Fayet Kelen.

– Infelizmente, a *Colheitadeira* não chegou a tempo de salvar Hafner. Antes que pudesse chegar, as criaturas todas despertaram, terminaram suas refeições e partiram. A tripulação da *Colheitadeira* não pousou, apenas extraiu os corpos com cabos e garras. Eles deram tiros de atordoamento nos corpos para se certificar de que nenhum dos animais havia pegado carona até a nave, e, em seguida, deixaram aquele sistema para reportar-se para mim. Os cérebros das vítimas tinham sido completamente removidos. O Bith, Priban, também havia sido envenenado. Esses espinhos contêm uma toxina. Fora isso, estavam intocados, mas suas mortes revelaram a descoberta mais impressionante da biotecnologia em um bom tempo. Uma criatura venenosa, adaptável, com um mecanismo natural de broca capaz de penetrar a maioria das armaduras e talvez enganar scanners de armas? O potencial dessa espécie sozinho vale milhões de créditos, não importa quais outras espécies existam em Fex. Por ora, estamos chamando estas criaturas de furacrânios fexianos. Enviei outro grupo, o que vocês estão indo encontrar, com armadura atualizada e óculos infravermelhos para ver as criaturas quando estão camufladas. As armaduras que vocês têm são ainda melhores do que as deles, mas não podem acomodar os óculos. Não deixem a nave sem a armadura. Atordoem qualquer coisa que levarem para a nave para garantir que nenhum furacrânio esteja escondido nelas, camuflado. Se puderem trazer de volta algum furacrânio, vivo ou morto, minha recompensa será grande. Preciso, no mínimo, de uma confirmação de que a tripulação esteja viva ou morta, e de um relatório sobre a condição de sua nave, a *Colheitadeira*. Aquela nave foi equipada com um sinalizador ativado

remotamente. Se não tiver sido obliterado, deve transmitir um sinal em resposta aos códigos que incluo neste arquivo. Também incluo outras imagens e relatórios para sua revisão. Boa sorte e façam uma caçada segura.

A holo piscou e sumiu. Nakari olhou para mim.

– Ei, Luke.

– Sim?

– Eu sei que ainda é bem cedo e nem mesmo entramos no sistema ainda, mas vou gentilmente sugerir que a Aliança não tente estabelecer uma base naquela lua.

– Sim, acho que é uma boa decisão.

– Agora sabemos para que são os bastões de choque. Fazem todo o sentido.

– Será que a segunda equipe coletora tinha estes bastões?

– Talvez esteja no resto das informações que ele incluiu.

– Talvez. Devíamos dar uma olhada em tudo isso. R2, pode nos dar todo o resto das coisas que o pai de Nakari incluiu nesse arquivo?

RECEBENDO, veio a resposta. Vimos um relatório de toxicidade que indicava que o Bith teria caído morto por insuficiência cardíaca se o furacrânio não tivesse penetrado em seu cérebro antes; então estapeá-los não era uma opção. Havia alguns relatos especulativos sobre o esqueleto do furacrânio e a composição dos dentes perfurantes. Os capacetes do primeiro grupo eram mais ou menos oito na escala de dureza, de modo que os dentes eram no mínimo nove e, possivelmente, um dez, levando em conta a rapidez com que perfuraram o material. Nossos capacetes atuais eram 9,5 na escala de dureza, incluindo o visor, enquanto o resto da armadura era padrão, ainda que protegida contra explosões e ondas de choque. Como o uso do choque tinha se mostrado eficaz, as táticas recomendadas sugeriam a aplicação imediata do bastão em caso de um ataque.

– Estou levando duas dessas coisas comigo – disse Nakari. – E se um deles cair sobre mim, você também golpeia minha cabeça com os bastões, entendeu?

– A mesma coisa aqui – disse eu, concordando. – Vamos ver o que podemos recuperar da nave e cair fora. Sem caminhadas debaixo das árvores por aí.

– Definitivamente não.

Ficamos em silêncio, e Nakari abaixou a cabeça, escondendo o rosto atrás de uma cortina de cachos escuros. Era provavelmente um bom momento para fazer uma piada espertinha, mas minha mente ficou em branco, ainda em choque com o que tinha visto. Talvez Nakari sentisse a mesma coisa, e nesse caso não havia nada que eu pudesse fazer para ajudar. Eu me perguntava, porém, sobre seu pai. Que tipo de pessoa enviaria sua filha para enfrentar esses perigos quando poderia mandar outra pessoa? Estaria assim tão confiante nas novas armaduras? Ou confiava bastante em Nakari? A julgar por suas próximas palavras, ela estava pensando algo parecido.

– Não posso acreditar que ele me mandou aqui para fazer isso.

– Bem, você não me disse que já caçou um dragão krayt? Ele deve achar que você está à altura disso.

– Talvez – disse ela, e então riu com medidas iguais de diversão e lástima. – Ou talvez esteja mais confiante nas armaduras e apenas ache que qualquer um pode fazer isso agora. Espero que seja a primeira opção. Às vezes acho que a galáxia inteira é povoada de pessoas complexadas com o pai.

– De um jeito ou outro, provavelmente – concordei.



CAPÍTULO

$$\Sigma = 667 + 6 \cdot \text{D} + \text{E}^5$$

Levaríamos horas para concluir o trajeto até o Núcleo, onde faríamos com calma os cálculos finais antes de dar o último salto para Fex. Tínhamos tempo para matar, e Nakari sacou do freezer da cozinha um par de bifês de nerf congelados.

– Que fino – observei.

– Aproveite. Depois disso, teremos só aquela lama de proteínas para engolir.

Ela me colocou no comando de “tudo o que fosse nerf” e voltou-se para uma coleção de vegetais que havia separado e que ela prepararia. Dava só para uma refeição. Todo o resto, como ela disse, seria composto de proteína e rações nutrientes de um tipo ou de outro.

– Por que você traz tão pouca comida de verdade? – perguntei a ela.

– Trabalhos como este em geral não dão tempo suficiente para prepará-la ou apreciá-la. Vamos trabalhar sem parar e em estado de alerta o tempo todo assim que entrarmos na atmosfera. Comida vira mero combustível, nesse caso.

– Ok, mas por que não trazer alguma coisa para quando o trabalho terminar?

– Isso é como celebrar antes da hora. E meu desejo por comida de verdade apenas me estimula a chegar em casa o mais rápido possível.

No fim das contas, nenhum dos dois era particularmente hábil nas artes culinárias. “Você realmente sabe descongelar um bife de nerf” foi tudo que Nakari pôde dizer como elogio após dar a primeira mordida no que eu havia cozinhado. Ela estava certa: eu tinha descongelado aquele nerf completamente e então continuado até que queimasse e virasse um pedaço seco de couro duro.

Espetei uma raiz com meu garfo e observei, duvidoso, suas duas extremidades penderem, molengas. Ela deveria ter mantido a sua forma.

– Uau. Estes vegetais estão realmente cozidos – disse eu.

Nós nos entreolhamos por um ou dois segundos para ver se o outro ficara ofendido e, então, caímos na gargalhada e nos desculpamos ao mesmo tempo.

Após a refeição, as armaduras imploraram para serem experimentadas. O corpo era feito de uma malha forte, mas bastante leve, acolchoada e reforçada no torso e na coluna vertebral, projetada para suportar projéteis cinéticos e garras, imagino. Os capacetes, em contraste, eram quase absurdamente pesados e desajeitados. Primeiro, tínhamos de colocar uma grossa máscara isolante de borracha que, de acordo com as instruções, nos protegeria do inevitável uso dos bastões de atordoamento em nossas próprias cabeças. Ela descia pelas nossas clavículas e ao longo da extensão dos ombros. Só então o capacete era montado sobre ela, tão pesado que era um problema manter o equilíbrio. Qualquer movimento brusco para a frente ou para trás puxava seu corpo nessa direção, como demonstrei ao tentar olhar para baixo. Nakari jogou a cabeça para trás para rir de mim e caiu, arranhando as paredes em uma tentativa sem sucesso de ficar na posição vertical. Nós dois ativamos os comunicadores e rimos um do outro.

– Lembra daquele cara em Pasher quando subimos a bordo? – disse eu. – Ele aconselhou que treinássemos cambalhotas com estas coisas!

– De jeito nenhum! – exclamou Nakari. – Ele devia estar brincando com a gente.

– Sim, porque agora não sei se consigo levantar.

– O quê? Opa. Isso pode ser um problema.

Era um problema, mas não insuperável. Conseguimos ficar de pé, mas lentamente e com um esforço considerável. Se viéssemos ao chão em Fex, não levantaríamos de um salto. Correr por mais do que alguns poucos passos seria impossível.

– Será que eles testaram isso antes de entregar pra gente? – pensei em voz alta, apoiando-me nas paredes do corredor.

– Nós devíamos testar os bastões de atordoamento – sugeriu Nakari.

– Concordo. Se não pudermos suportar um desses, imagine a confusão que seria na superfície de Fex. Poderíamos acabar como aquela primeira equipe; talvez como a segunda também.

– Quem vai primeiro?

– Vá em frente e experimente em mim – sugeri. – É justo. Eu arruinei os bifes de nerf.

– Muito bem, eles devem ser vingados.

Ela cambaleou até a mala de bastões de atordoamento e pegou dois, ligando-os. O ar ao redor ondulou por um momento com um campo de energia e então voltou ao normal. Cambaleando em minha direção e sorrindo atrás de seu visor, Nakari estendeu a mão direita e acertou a minha cabeça; pude sentir o golpe, mas quase não o ouvi.

Sua voz crepitou pelo comunicador:

– Alguma coisa?

– Não estou inconsciente, o que é bom.

– Entendido. Ataque duplo chegando.

Os dois bastões acertaram o topo do meu capacete, mas senti apenas os indícios de um leve impacto. Ela não bateu com força, e de fato não precisava.

– Sem efeito – disse eu, animado. – Experimente dos lados e no visor também.

O experimento continuou e descobrimos que os visores não eram tão bem blindados. O bastão não me nocauteou, mas senti um choque, dei um pulo involuntário e caí para trás sob o peso do capacete.

– Ok, é bom saber – comentei.

– Bom saber que eles funcionam, com certeza – disse Nakari enquanto me ajudava a levantar. – Na volta, terei uma tonelada de anotações sobre essas armaduras para o meu pai, mas acho que elas devem nos manter vivos

por tempo suficiente para atordoar qualquer coisa que cair em cima da gente.

Tínhamos bastante tempo livre pela frente e algumas horas de descanso eram não só viáveis, mas aconselháveis. Portanto, aproveitamos essa vantagem e pedimos que R2 nos acordasse quando estivesse pronto para saltar para o Núcleo Profundo. Ele fez isso, e, depois de engolirmos um amargo café preto instantâneo que ao mesmo tempo clareou nossa mente e devastou nossas papilas gustativas, eu o irritei pedindo que checasse três vezes suas coordenadas com o computador de navegação da *Joia do Deserto*. Isso exigiu menos de dez segundos, mas ele pareceu afrontado.

– Desculpe, R2, mas nunca saltei para o Núcleo Profundo antes. É abarrotado de coisas que se movem rápido por lá e ainda não é uma rota bem estabelecida, então acho que cautela em excesso se justifica.

Isso pareceu acalmá-lo e deixei que ele preparasse o salto. Demorou apenas quinze minutos para que as linhas brancas das estrelas virassem pontinhos novamente e, então, chegamos no sistema Sha Qarot: um sol vermelho e um planeta negro atravessado por uma insana malha de falhas alaranjadas. Visto da órbita, Fex fazia um sereno contraste com o raivoso planeta, uma suave bola de sorvete. Todo o sistema era bonito visto da órbita, e, como estávamos no Núcleo Profundo, o céu estava cheio de estrelas. Pedi a R2 que tirasse holos para a Aliança, mesmo que não viéssemos a usar Fex como base. Talvez a própria órbita fosse útil. Mas queria me lembrar do local de qualquer modo; estávamos entre os primeiros a ver Sha Qarot e Fex pessoalmente.

Nakari enviou um sinal para ativar o sinalizador da *Colheitadeira*, e traçamos uma rota até ela assim que nossos sensores a captaram. Enquanto a *Joia* nos levava no piloto automático, entramos em nossas armaduras volumosas, mas decidimos deixar os capacetes de lado até o momento de abrir as eclusas de ar.

Seguimos o sinal passando por uma planície de vegetação rasteira cor de lavanda nos limites de uma floresta, um dossel de folhas parecido com algodão roxo preso em palitos de dente. A *Colheitadeira* estava pousada ali, sem danos perceptíveis pelo lado de fora.

– Até agora, tudo bem – disse Nakari, pousando a *Joia do Deserto* do outro lado, colocando a *Colheitadeira* entre nós e a floresta. – Nada pode cair sobre nós quando formos de uma nave para a outra.

Varreduras revelaram formas de vida no interior, mas não o suficiente para contabilizar toda a tripulação da *Colheitadeira*. As tentativas de contatá-los pelo comunicador falharam, portanto, não havia escolha senão investigar pessoalmente. Envolto por nossas armaduras e praticamente oscilando por causa do peso em nossos pescoços e ombros, pisamos com botas blindadas na superfície de Fex e marchamos em direção à nave, com bastões de atordoamento nas duas mãos e pistolas na cintura. R2 balbuciou algo que talvez fosse uma advertência para que tivéssemos cuidado, e a rampa fechou-se às nossas costas. A *Colheitadeira* era um cargueiro leve corelliano XS-800 com entrada a partir do solo por uma eclusa de ar ventral situada atrás da cabine e na frente dos aposentos pessoais, e também por meio de dois elevadores que levavam até os compartimentos de carga situados nas laterais da nave.

– Setores de carga primeiro, certo?

– Sim.

Caminhamos até o compartimento de carga de bombordo, e Nakari enviou códigos remotos para chamar o elevador. Ele desceu sem falhas e sem corpos em seu interior, o que era encorajador. A plataforma tinha um console rudimentar conectado ao resto da nave, e Nakari digitou alguns códigos para iluminar o interior. A parte hidráulica choramingava enquanto subíamos, mas inicialmente não vimos muita coisa além dos painéis brilhantes e dos ganchos de carga que pendiam do teto. Haveria um

furacrânio fexiano empoleirado lá em cima naquele instante, invisível aos nossos olhos?

– Bastões preparados? – perguntou ela.

– Sim.

O tilintar das nossas botas sobre o convés soava abafado e distante, como se outras pessoas estivessem andando em outra parte da nave.

Quando o elevador parou, pudemos ver um palete de caixas coberto por uma lona e, em um canto mais à frente, ao longo da parede à nossa direita, uma série de caixas de amostras, feitas de um vidro bem grosso e transparente e empilhadas até o alto, como em uma loja de animais de estimação. Mas duvidei que esses oferecessem alguma chance de uma relação baseada em carinho.

– Verifique as caixas primeiro, não vamos deixar passar nada – disse Nakari.

As caixas sob a lona continham grandes suprimentos de comida. A maioria eram misturas de lama de proteína.

– Nossa dieta para o futuro próximo – falei –, nada demais.

– Ok, vamos na direção da popa. – Havia uma porta pressurizada por lá que levava a uma oficina de consertos, banheiros e uma cozinha, e de lá para o outro compartimento de carga do lado oposto; ou poderíamos seguir em frente pelas salas e quartos comuns e ver o que nos esperava na ponte. À medida que chegávamos mais perto, víamos que a maioria das caixas de amostras estava vazia e inativa, com exceção das dez mais próximas da porta. Abrimos caminho para ver melhor e vimos que cinco delas na fileira do meio continham furacrânios fexianos caídos de lado. Inconscientes, com certeza, já que podíamos vê-los; mais provavelmente mortos.

– Sabe, isso me faz pensar – disse Nakari. – Como você mantém um furacrânio fexiano vivo em cativeiro? Alguém vende cérebro moído no

mercado?

– Tenho certeza de que os açougueiros poderiam fornecer cérebros de nerf ou algo assim – respondi.

– Eca.

– Os furacrânios devem achar delicioso.

– Oh-oh, Luke, veja só isso.

– O quê?

Nakari apontou para os cinco principais recipientes mais próximos da saída traseira do compartimento de carga. O espesso polímero de vidro deles, muito parecido com os dos nossos visores, tinha sido cortado em arcos estreitos com bordas irregulares. As unidades ainda estavam funcionando, já que os painéis de iluminação nas tampas, calibrados para imitar a luz UV e a radiação da estrela de Sha Qarot, permaneciam ligados e quentes. Mas os recipientes, claramente ocupados por alguma coisa em dado momento, já não continham residentes.

– Aposto que o vidro está espalhado pelo chão, mas não quero olhar para baixo e acabar me juntando a ele – disse Nakari. Imaginei que os detritos fossem mais parecidos com pedaços do que lascas; o vidro era muito grosso e podia na verdade ser um policarbonato transparente.

– Isso significa que temos cinco furacrânios à solta na nave?

– Talvez. Se tivermos sorte, eles simplesmente escaparam passando por nós, bem quietos e invisíveis, quando baixamos o elevador de carga.

– Não tenho certeza se estamos com toda essa sorte.

– Não. Mas me pergunto por que apenas os cinco de cima escaparam e não esses cinco logo abaixo.

– Talvez um deles tenha descoberto que podia perfurar o vidro, os outros viram o que ele fez e o imitaram.

– Ok, isso é plausível. Os de baixo não teriam visto nada, com exceção talvez do vidro caindo.

– Ou os das gaiolas de baixo podiam já estar mortos.

– Verdade. Realmente espero que seja esse o caso. Porque, independentemente de os cinco de cima terem seguido um líder ou agido sozinhos, isso indica um nível de inteligência que prefiro não ter de enfrentar. Vamos prosseguir. Precisamos encontrar a tripulação; havia seis deles. Talvez respondam a um anúncio que seja ouvido por toda a nave. – Ela deu um passo adiante até a porta da popa que levava ao resto do cargueiro, que percebemos estar parcialmente aberta. A porta havia tentado fechar automaticamente e falhado, impedida de fazer isso pela bota do pé direito de... alguém.

– Oh, não – disse Nakari.

– Isso significa que eles alcançaram o resto da nave.

– Significa. Mas talvez alguém esteja trancado em algum lugar. – Usando o teclado do console na parede junto à porta, ela ativou o comunicador. – *Colheitadeira*, aqui é uma equipe de resgate enviada pelos Biolaboratórios Kelen. Estamos no compartimento de carga de bombordo. Se alguém estiver vivo, por favor, responda. – Ela afastou o dedo e esperamos por uma resposta. Nada. Ela repetiu a mensagem e esperamos novamente em vão. – Tudo bem, vamos continuar. – Nakari apertou o botão que abria a porta e, em seguida, apoiou-se contra o beiral para poder olhar para baixo sem perder o equilíbrio. Fiz o mesmo do outro lado do batente.

Um Cereano caído de bruços vestindo um uniforme padrão dos Biolaboratórios Kelen (ou seja, sem capacete) apresentava dois furos na parte traseira do crânio cônico, um para cada um de seus dois cérebros.

– Eles não estavam vestindo armadura – falei. – Achavam que estavam seguros na nave com os furacrânios presos.

– Há quanto tempo será que ele está aqui? – disse Nakari.

– Tanto quanto os outros – respondi.

– O que você quer dizer?

– Esta nave nunca decolou, mas ainda está funcional. Ou os furacrânios mataram todos ou os separaram da ponte. Caso contrário, pode apostar que ela não estaria mais parada aqui deste jeito.

Os lábios de Nakari se comprimiram em uma linha fina através de seu visor.

– Ok. Vamos juntos de sala em sala, checando todas e trancando-as enquanto prosseguimos.

– Será que eles podem perfurar as portas?

– Seria excelente se tivéssemos essa informação agora. Veremos. Vamos verificar todo o caminho até a popa primeiro. Talvez alguém tenha conseguido chegar até uma cápsula de fuga.

Passei por ela e entrei na câmara seguinte, uma área comum com alguns equipamentos científicos instalados. Tinha um banheiro e uma cozinha; os dois estavam desocupados. As armaduras que a tripulação deveria estar vestindo estavam amontoadas em um canto perto do banheiro e os óculos infravermelhos que teriam permitido que a tripulação visse as criaturas (e que não cabiam dentro dos nossos capacetes) estavam dispostos em uma caixa debaixo de uma mesa. No centro da parede traseira, havia duas portas que levavam à área de engenharia e às cápsulas de fuga.

Uma oficina de consertos rudimentar havia sido incorporada à área de engenharia e arruinada por alguém desesperado por encontrar qualquer tipo de arma; e esse alguém estava morto, caído de bruços como o Cereano, mas com uma chave de roda a centímetros de sua mão direita. Nakari engasgou quando viu o corpo.

– Eu o conheço. Conhecia.

– Ele era o piloto?

– Não, cientista. Estive em uma equipe coletora com ele uma vez.

– Não vejo sangue na chave de roda – disse eu. – Mas, claro, eu não sei como é o sangue do furacrânio. Impossível dizer se ele conseguiu acertar

um golpe ou não.

– Se ele não a estava segurando inicialmente e o furacrânio caiu sobre a sua cabeça desprotegida, provavelmente não teria dado tempo, considerando como eles são rápidos em perfurar a armadura.

Estremeci.

– Tem razão.

Andando a um só passo, checamos duas cápsulas de fuga e o restante do compartimento de engenharia. Não havia mais ninguém da tripulação. Nem corpos de furacrânios mortos.

– Nakari.

– O quê?

– É provável que haja um aqui dentro, certo? A porta estava fechada.

– Não necessariamente. Ele poderia ter escapado quando mais alguém entrou ou saiu. E não podemos presumir que sejam burros demais para entender como funcionam as portas. A tripulação pode não ter usado o código de trava e simplesmente deixado que funcionassem com o apertar de um botão. As criaturas foram espertas o bastante para furar suas jaulas de uma forma organizada.

– Pelo menos uma fileira delas foi.

– Sim. Bem, nada pulou em cima da gente e você tem que lembrar que qualquer coisa presa aqui estaria com fome, então vamos considerar essa área limpa e seguir em frente – disse Nakari. – Mas vamos checar o compartimento de carga de estibordo antes de seguir até os aposentos e a ponte.

– Ok.

Saímos do compartimento de engenharia e Nakari caminhou até as portas do compartimento de carga de estibordo, que ela tentou abrir com um único toque. Uma luz vermelha a impediu e exigiu o código completo. Ela cuidadosamente digitou com uma mão enquanto segurava os dois

bastões de choque com a outra. As portas deslizaram para o lado e eu entrei, com os braços abertos tanto por prontidão como para manter o equilíbrio.

O compartimento continha mais paletes de equipamento e duas speeder bikes cobertas de poeira cor de lavanda, mas não havia corpos de espécie alguma ou predadores sugadores de miolos que pudéssemos ver. Considerando suas capacidades naturais de camuflagem, eu me perguntava se tínhamos realmente coberto os cômodos até ali ou se apenas havíamos encontrado um deles enquanto cochilava. Se um furacrânio ficasse quieto, como saberíamos que estava por perto?

– Sabe – falei –, depois que examinarmos toda a nave desta forma, quero checar tudo de novo com apenas um bastão de atordoamento e um scanner portátil para garantir que não deixamos passar algum escondido.

– Boa ideia – concordou Nakari. – Pronto para seguir em frente?

– Sim. Quantas cabines?

– Oito delas, quatro em cada lado do corredor que leva até a ponte. Mas antes deve haver uma sala de estar comum. – Seus dedos pairaram sobre o datapad ao lado da porta. – Tudo pronto?

– Vai – eu disse, levantando meus braços. Ela apertou o botão que liberava a porta. Não estava trancada como as portas do compartimento de carga, de modo que deslizou para o lado rapidamente e permitiu que eu tivesse a primeira visão da carnificina.

Havia três corpos. Um deles, um Sullustano do sexo masculino com papada e lábios grossos, ainda estava sentado em uma poltrona com um datapad no colo, com as grandes órbitas dos olhos abertas e embaçadas com sua morte; morrera antes que pudesse ficar de pé. Uma humana estava caída, sem vida, perto da porta que dava para as cabines, e perto dela um Zabrak com chifres estava tombado de bruços, bloqueando a porta que

dava para a área médica, com a parte de trás de sua cabeça aberta, formando uma sanguinolenta sujeira, embora já seca àquela altura.

– Eles têm que estar aqui – afirmei, avançando para permitir que Nakari me seguisse até lá dentro. – Alguns deles, pelo menos. – O capacete não permitia uma grande variedade de movimentos, mas vi alguns arranhões e manchas de sangue no alto das anteparas. Os furacrânios não eram capazes de camuflar seus rastros.

A porta sibilou e fechou-se às nossas costas, então eu parei, esperando um ataque a qualquer momento, mas o tempo passou e nada aconteceu.

– Vamos verificar a área médica antes de seguir em frente – sugeriu Nakari.

Os Zabrak têm alguns chifres em suas cabeças, mas são curtos e grossos e, obviamente, nenhum obstáculo para um furacrânio, já que não crescem na parte vulnerável. Metade do corpo do Zabrak estava fora do compartimento. Como o Cereano que tínhamos visto antes, ele estava tentando fugir, talvez para procurar ajuda, quando o furacrânio o derrubou. Espiando além de seu corpo, dentro da área vizinha, pude ver uma mesa de exame e os braços metálicos de vários scanners e instrumentos cirúrgicos; áreas desse tipo eram personalizadas para tripulações multiespécie como aquela e abarrotada de instrumentos e medicamentos de que um humano jamais precisaria. Imaginei que o emaranhado de aparelhos suspensos sobre a mesa de exame seria atraente para criaturas que gostam de ficar à espreita em galhos, esperando alguém passar.

– Essa porta deve se abrir totalmente sem um código – disse Nakari –, já que não foi fechada.

– Entendi.

Apertei o console com o cotovelo e a porta deslizou para o lado, permitindo que passasse sobre o corpo do Zabrak. Três passos para dentro, senti algo na minha cabeça.

– Estão aqui! – gritei, enquanto chicoteava os bastões de atordoamento contra a minha cabeça, dos dois lados. O bastão esquerdo não acertou nada além do capacete, mas o da direita fez contato com algo menos rígido, como carne. Nenhum grito ou coisa assim, mas o peso adicional escorregou e se estatelou no meu ombro, o que me assustou. Movi a cabeça rápido demais para dar uma olhada no que estava caindo e o capacete pesado me tirou o equilíbrio. Consegui cambalear para trás e colocar as mãos para baixo para controlar a queda, que foi inevitável. E assim que caí no chão, senti mais dois pesos pousarem sobre mim, em rápida sucessão, *thunk-thunk*, bem no meu visor, embora eu não visse nada. Um círculo branco de polímero desgastado apareceu bem acima do meu olho esquerdo e pude ouvir o material gritar enquanto era despedaçado pela criatura invisível que perfurava na direção da minha cabeça. Seus dentes não teriam problema algum em abrir caminho pelo meu olho e, em seguida, pelo meu cérebro. Bati na área com os dois bastões de choque, mas a perfuração continuou enquanto um corpo ficava visível, e perdi dois segundos preciosos percebendo o que tinha acontecido: um furacrânio havia pousado em cima do outro, estendendo-se sobre ele de forma protetora, e, ainda que eu o tivesse deixado inconsciente, o primeiro ainda estava invisível e faminto por minha massa cinzenta. Eu não podia alcançá-lo com os bastões de choque, e, enquanto isso, a perfuração continuava com palpável progresso. Descartando os bastões, agarrei minha pistola e não me incomodei em checar sua configuração. Deixei o cano em posição paralela ao meu visor e puxei o gatilho, deixando irromper um raio vermelho de plasma que me cegou momentaneamente, mas interrompeu o barulho da perfuração. E também deixou uma marca de queimadura ao longo do meu visor.

– Luke! Você está bem? – perguntou Nakari.

– Sim. Três a menos, certo?

– Diria que sim. Vê-los não foi problema depois que você acertou um raio neles. Tem uma porcaria roxa nojenta por todo o cômodo agora.

– E o primeiro que levou um choque?

Nakari largou um bastão e sacou a pistola. Disparou contra a forma inconsciente fora da minha linha de visão.

– Também não vai acordar. Não tenho o menor interesse em levar essas coisas de volta vivas. Elas mataram meus amigos.

– Amigos?

Ela fez um gesto com a pistola.

– Eu conhecia esse Zabrak também. Ele sabia... cozinhar. – Seus olhos brilharam por trás do visor. – Desculpe. Não quis insinuar nenhuma crítica aos seus bifes de nerf.

Eu nem havia pensado nisso até que ela dissesse. A última coisa na minha mente. Eu estava pensando que sabia muito bem como ela se sentia naquele momento. No choque de ver alguém que você conhece morto, uma das primeiras coisas que você pensa é como vai se lembrar dele. Coisas como “ele sabia cozinhar” ou “ela cantava bem” ou “ele era meu melhor amigo e vou sentir a falta dele para sempre”. O peso da dor ainda corre sob aquilo, mas às vezes você consegue jogá-lo dentro de um armário por algum tempo até conseguir lidar com ele. Sabia que eu ainda tinha muito com o que lidar. Imaginei que naquele momento Nakari também estivesse construindo muralhas ao redor de seus sentimentos.

– Sem problema – disse eu. – Sinto muito pelo seu amigo. Me ajuda a levantar?

– Claro.

Ela guardou a pistola e caminhou para a frente, com a mão direita estendida enquanto a esquerda ainda segurava um bastão. Teve de se equilibrar cuidadosamente para se inclinar, mas, antes que eu pudesse pegar em sua mão, ela recuou, com a mão esquerda batendo com o bastão nas

costas da mão direita. Um furacrânio surgiu e escorregou de sua mão no mesmo instante em que ela deixou cair o bastão de atordoamento e gritou. Ela arrancou a pistola do cinto e atirou nas costas de sua mão esquerda, matando outra das criaturas e arrancando um pouco de seu próprio sangue.

– Ahh! – Soltando a pistola, ela apertou a mão machucada contra o peito. – Por que eles atacaram as minhas mãos?

Rolei e alavanquei-me para ficar de pé.

– Eles são espertos, bem como você pensou. Solucionam problemas. Eles nos viram matar os outros três usando coisas em nossas mãos. Daí atacam as mãos para desarmar e então conseguir o que realmente querem.

– Oh. Oh, você está certo! Essas coisas são, pelo menos, semissencientes. Não podemos dar bobeira perto delas. E essa última está apenas inconsciente. Você se importa?

Considerarei simplesmente jogá-la para fora da nave, mas não dava para deixá-la por perto, de onde poderia nos atacar de novo quando tivéssemos que voltar para a *Joiá*. Atirei nela e com isso eram cinco furacrânios, correspondendo às cinco gaiolas vazias.

– Pelo menos você já está na área médica – disse eu. – Vamos ver se podemos fazer um curativo.

O furacrânio tinha mastigado a luva dela como se fosse de tecido e serrado através da rede de tendões no dorso da mão, embora não houvesse quebrado nenhum osso – Nakari o reduziu a geleia antes que pudesse perfurar até esse ponto. Ficou impossível para ela cerrar o punho. Coloquei uma atadura bacta sobre a ferida, dei-lhe algo para a dor e deixei que o sistema médico automatizado continuasse a partir daí. Ela precisaria de um cirurgião de verdade para reparar os danos, mas o sistema a manteria estável e livre de infecções.

– Vou checar o resto da nave, só para ter certeza – falei para ela. – Ainda falta encontrar um membro da tripulação, certo?

Nakari assentiu, mordendo o lábio inferior. A medicação para a dor provavelmente não tinha começado a fazer efeito ainda e sua adrenalina estava diminuindo.

– Voltarei o mais rápido que puder – assegurei. – Quero ver se consigo ligar a nave também.

– Não sei como você consegue enxergar alguma coisa – disse ela, respirando depressa. – Entre esse ponto mastigado do visor e a parte queimada, me espanta que não esteja cego.

– Terei cuidado. Estou levando dois bastões comigo por garantia.

Nakari pediu que eu lhe entregasse um dos seus bastões, e foi só quando se sentiu suficientemente armada que se deitou sobre a mesa para permitir a execução do programa médico. Ela me fez repetir os códigos para as portas antes de sair.

Embora minhas teorias provavelmente fossem risíveis para qualquer pessoa com um melhor conhecimento de biologia, eu me perguntava se os furacrânios poderiam ficar mais espertos dependendo do que comessem. Será que os príons e neurônios de suas refeições se acumulavam de alguma forma e aprimoravam o pensamento? Se tal coisa fosse possível, talvez comer o cérebro duplo de um Cereano poderia explicar como suas táticas haviam se adaptado e melhorado (porque atacar as mãos de Nakari *foi* uma estratégia tática). E, pensando nisso, quando atacaram o meu rosto, o jeito como um deles caiu sobre o outro também foi inteligente; eu não pude alcançar o que estava embaixo usando os bastões de atordoamento, e eles não tinham visto as pistolas sendo usadas ainda, então não teriam sido capazes de lidar com elas. Mas essa possibilidade levantava outras questões. O que pulou nas costas do outro teria sido necessariamente perfurado pela espinha dele, então, se isso tiver sido planejado, foi um sacrifício planejado. Será que eles podiam ver uns aos outros enquanto camuflados? Talvez aquela sequência tivesse sido um completo acidente. Mas os dois que

atacaram Nakari obviamente tinham coordenado suas ações, o que me fez pensar em como eles se comunicavam. Nós só ouvimos vocalizações deles quando lhes causamos dor.

A explicação mais simples – e muito mais provável do que a ideia de que eles pudessem ficar mais espertos ao comer cérebros – era que os furacrânios fossem, no mínimo, semissencientes, talvez até mesmo sencientes. Mas, como eles mataram as duas primeiras equipes coletoras e Nakari e eu os matamos, não foi possível decifrar sua condição.

Todas as minhas perguntas seriam respondidas mais adequadamente pelos Biolaboratórios Kelen, e eu estava mais do que pronto para deixar cair toda essa bagunça no colo deles. Digitei o código no datapad para destravar a porta para os alojamentos. Nenhum corpo me aguardava no corredor, mas tive que passar por cima da humana caída do lado de fora da porta para entrar. Todos os quartos estavam fechados e digitei o código para cada um, encontrando os dois primeiros de cada lado do corredor vazios, ainda que com sinais de ocupação recente: papéis sobre as mesas, xícaras meio vazias de café, lençóis amassados e, em um dos casos, duas roupas de baixo descuidadamente jogadas no chão. Encontrei o sexto e último membro da tripulação da *Colheitadeira* atrás da terceira porta do lado esquerdo. Era um humano, encolhido em seu beliche, provavelmente morto, com os lábios rachados e secos e a pele pálida. Ainda que seu crânio estivesse intacto, ele não tinha respondido às chamadas que Nakari fez soar em toda a nave, ainda que possuísse, como verifiquei, o equipamento necessário para fazê-lo. O console junto à porta ainda funcionava.

Talvez ele tivesse se trancado ali dentro quando percebeu que os furacrânios estavam soltos na nave e sabia que não poderia se aventurar fora do quarto sem sua armadura. Várias jarras de água vazias estavam espalhadas pelo chão, mas não vi porção de comida alguma. Sabe-se lá quando fora a última vez que ele teve algo para beber ou comer. Ele

preferira morrer de sede a ter seu cérebro sugado por um tubo de alimentação; uma decisão compreensível.

Vi um antiquado diário escrito à mão aberto sobre sua mesa, o que sem dúvida nos iluminaria sobre seus últimos dias. Só para ter certeza, ajoelhei-me ao seu lado e inclinei-me até que meu visor ficasse bem perto de sua boca aberta e seu nariz. Após alguns segundos, o vidro inequivocamente ficou embaçado. Ele ainda respirava! Devia estar perto da morte, no entanto. Eu tinha que levá-lo para a área médica imediatamente.

Desliguei o bastão de choque na minha mão esquerda, coloquei-o sobre a mesa e tentei acordá-lo, cutucando-o com o dedo. Ele não respondeu, então desliguei o outro bastão de choque e larguei-o, joguei o homem desajeitadamente no meu ombro esquerdo, peguei um dos bastões com a mão direita e voltei para a área médica.

– Nakari, encontrei alguém – disse assim que entrei. Um par de braços robóticos suspensos do teto estava embrulhando a mão esquerda dela em uma espessa cobertura protetora de ataduras.

– Ainda vivo? – perguntou.

– Sim, mas muito mal.

– Bem, ele já terminou aqui comigo – disse ela, lânguida e melosa. A medicação devia estar fazendo efeito. Gesticulou para o aparato médico pendurado acima dela com a mão machucada. – Ele não pode fazer a cirurgia necessária para algo desse tipo. Essas coisas são destinadas a manter a pessoa viva, e remendar tendões não está na lista de serviços vitais.

Ela se levantou da cama de exames para abrir caminho e deixei que o homem escorregasse para o seu lugar.

– Conhece-o também? – perguntei, assim que ela pôde ver seu rosto.

– Não. – Ela balançou a cabeça. – Mas estou certa de que meu pai ficará feliz em tê-lo de volta.

– Importa-se de cuidar dele? Eu gostaria de checar o resto da nave.

– Claro, faça isso – respondeu ela, e estatelou-se em uma cadeira encostada na parede. Ela não parecia completamente lúcida, então programei o automed para começar a trabalhar no homem antes de deixá-los.

As cabines restantes estavam vazias e a ponte estava intocada. Não fui atacado em momento algum, então apertei o comunicador da nave e disse:

– Nakari, a nave está limpa, ao menos a olho nu. Vou ligar os motores e executar modo pré-voou, então farei todo o caminho de volta com um scanner para me certificar duplamente.

Ela respondeu, concordando, e o trabalho começou. A *Colheitadeira* estava bem em termos de combustível e todos os sistemas estavam funcionais, com exceção da profunda falta de tripulação naquele momento. Arrastei todas as vítimas para a área de depósito entre a cozinha e o banheiro, onde estavam suas armaduras não utilizadas, e em seguida retornei brevemente para a *Joia do Deserto* para buscar um pequeno scanner de formas de vida e fazer uma varredura de toda a *Colheitadeira*. Estava realmente limpa, então perguntei a Nakari o que ela gostaria de fazer em seguida:

– Como faremos para tirar esta nave daqui?

– Crie um link com o navegador da *Joia do Deserto*, e você a pilota de volta até Pasher. Vou ficar a bordo para o caso de esse cara acordar e tentarei limpar um pouco da bagunça.

– Parece um plano razoável.

– Sim. É melhor que nós sejamos *muito* bem pagos por isso.



CAPÍTULO

$$4,002 \neq 7 \cdot \phi + 3^5$$

Fayet Kelen esperava por nós na plataforma de pouso designada quando chegamos a Pasher – esperava por Nakari e a *Colheitadeira*, pelo menos –, com uma pequena multidão de empregados. R2 e eu nos juntamos a eles depois de pousar a *Joia do Deserto* com segurança.

Nakari evidentemente havia dado ao seu pai um rápido resumo dos acontecimentos, porque, assim que pisei perto deles, explodiu:

– Piloto! Bom trabalho e bem-vindo. Disseram que você foi distinto em Fex.

Isso pode ter sido um certo exagero, já que eu tinha realizado pouco além da minha própria sobrevivência, mas seus olhos desviaram-se para R2 e ele continuou antes que eu pudesse responder.

– Seu droide apagou todos os dados fornecidos antes?

– R2, por favor, apague os arquivos que o sr. Kelen nos deu.

O droide apitou em reconhecimento e Kelen riu.

– Bom. Bom. Mas perdoe-me por preferir alguma garantia mais forte de que meus interesses estão protegidos. – Seus dedos de salsicha pescaram um datachip do bolso de sua túnica, e ele entregou-o para mim. – Mandei prepararem isto para a sua chegada. Vai confirmar que todos os arquivos que lhe dei foram apagados da memória do seu droide e apagar qualquer um que acidentalmente tenha permanecido, nada mais.

Recusar-me a executar o chip apenas incitaria suspeitas, já que eu tinha prometido apagar tudo, então inseri-o e R2 executou o programa, cuspiendo-o de volta em poucos segundos. Nakari piscou para mim, no entanto, o que indica que talvez ela tivesse seu próprio backup das coordenadas fexianas armazenado em algum lugar.

– Excelente – disse Kelen. Sua mão dançou sobre o datapad pessoal e ele prosseguiu: – Estou depositando uma boa soma em uma conta bloqueada, que seu droide poderá acessar e distribuir para vocês dois, e agradeço-lhes

por trazer de volta a minha nave, os membros de minha tripulação, o vivo e os mortos, e uma vida alienígena que vai deliciar meus cientistas.

Sentindo que ele estava prestes a voltar sua atenção para outro lugar e nos dispensar, Nakari disse:

– Papai. Não envie mais ninguém para lá até que você leia meu relatório completo. Essas coisas poderiam ser sencientes. E, mesmo se você ignorar isso, precisa fazer atualizações na mobilidade da armadura.

Ele colocou uma mão sobre o ombro dela.

– Vou analisar tudo que você escreveu antes de tomar qualquer ação futura. A minha principal preocupação agora é que você fale com um cirurgião sobre essa mão. Está vindo de onde meus lacaios estão vindo? Vá com eles.

– O quê?

Uma ambulância encostou em uma parada perto da nave e dois médicos sérios pularam dela, perguntando a Fayet Kelen quem estava ferido.

– Levem a minha filha para o melhor cirurgião o mais rápido possível e mandem a conta para mim. Vão!

– Papai, espere! E quanto a Luke?

– Não tema. Seu piloto será autorizado a descansar com conforto até que você esteja pronta para partir.

– Não vá embora sem mim, Luke! – gritou ela por cima do ombro enquanto os paramédicos a levavam para a ambulância.

– Não irei – falei, ainda que me perguntasse se ela seria capaz de me acompanhar na missão de levar a Givin para fora de Denon. Ela ficaria bem, mais cedo ou mais tarde, mas eu duvidava de que ficaria cem por cento tão logo. O almirante Ackbar tinha-nos dado algum tempo de folga em nossa janela de operação, mas não muito.

Fayet Kelen virou-se para mim, com a boca curvada para cima em um sorriso carinhoso.

– Ela não vai demorar muito, piloto. Você verá. Se ela não estiver enfaixada e pronta para partir pela manhã, ficarei muito surpreso. – Seus dedos massageavam o datapad de novo enquanto ele falava. – Enquanto isso, por favor, passe a noite no melhor hotel de Pasher às minhas custas. Estou convocando uma escolta para levá-lo até lá. Peça que seu droide faça uma busca pelo arquivo “Skywalker”, chave de criptografia “Piloto da *Joia*”, e você encontrará os fundos de que falei, que você então poderá transferir para onde quiser. Obrigado por seu serviço para mim e minha filha. Que as estrelas o mantenham seguro.

Antes que eu pudesse responder, ele deu a volta e caminhou com uma velocidade impressionante até os trabalhadores que descarregavam a *Colheitadeira*, balindo ordens e deixando-me boquiaberto.

R2-D2 cuspiu uma torrente de apitos digitais que eu imaginei serem um comentário irônico.

– Parece que temos uma noite de folga da guerra, R2. Não conte a 3PO, ok? Ele reclamaria sem parar.

O hotel era mesmo bastante luxuoso, mas, assim que experimentei a cama, não me importei muito com as outras comodidades. O colchão era tão confortável e eu estava tão exausto que dormi com as roupas do corpo, e R2 teve que me acordar pela manhã. Não me incomodou perder todo aquele excesso e esplendor; uma boa noite de sono naquele momento era o máximo do luxo para mim.

Uma mensagem de Nakari esperava por mim na recepção: “Apreste-se. Estou esperando na nave”.

– Vamos, R2, temos armas para comprar.

O dinheiro que Fayet Kelen nos tinha pago era uma soma bem impressionante. Gastaríamos tudo em atualizações para a *Joia do Deserto*, mas a perspectiva de surpresas personalizadas já era emocionante o bastante

para mim: a Aliança raramente tinha os fundos ou a vontade de fazer qualquer coisa fora do comum.

A mão esquerda de Nakari, envolta em uma fina capa protetora cheia de bacta, acenou para mim da rampa de carga da nave.

– Devem ter tido uns sonhos bem doces – disse ela com um sorriso.

– Sim, me sinto descansado. E você?

– Meio abalada com os remédios e ainda a dias de distância para voltar à plena utilização da minha mão, mas, fora isso, funcionando e feliz por estar aqui.

– Você ainda pode disparar seu rifle?

– Talvez não tão livremente. Mas devo me sair bem disparando de uma posição fixa onde possa usar meu cotovelo como apoio.

– Ótimo. Alguma ideia de onde você queira ir para os upgrades?

– Eu ia te perguntar isso.

Pensei. Fazia alguns dias desde aquele alerta imperial sobre a *Joia do Deserto*. Eu duvidava de que alguém no Enclave Chekkoo estivesse procurando por ela agora, mas, por garantia, era melhor tomar medidas para afastar qualquer suspeita.

– Algum lugar em Pasher onde possamos mandar pintar a *Joia*? Teríamos que fazer isso, de qualquer forma, antes de irmos para Denon.

Nakari deu de ombros.

– Claro, podemos encontrar um lugar.

– E o que você acha de fazermos as atualizações em Rodia? Acabei de conhecer um contato lá e eles têm tudo de que precisamos.

– Por mim, tudo bem.

Encontramos um homem obscurecido por uma nuvem de fumaça de cigarra que tinha uma equipe de amigos dispostos a fazer um rápido trabalho de pintura na *Joia*, finalizando naquela tarde. Nakari pediu-lhe que alterasse o esquema de cores vermelho e prata para azul e dourado.

Uma vez a caminho e viajando pelo hiperespaço, pedi a R2 que exibisse na cabine o catálogo da Utheel Equipamentos, e escolhemos as armas que achamos que viriam a calhar contra os imperiais. Conferimos os preços em comparação com o crédito em nossas contas e tivemos de reduzir um pouco nossa lista de desejos, mas achei que ainda tínhamos uma nave temível quando as adições estivessem completas.

O problema era que Taneetch Soonta não estava esperando a nossa chegada, e, embora tivéssemos obtido autorização para pousar no espaçoporto do lado de fora do Enclave Chekkoo, não éramos exatamente bem-vindos. Ao contrário da minha primeira visita, quando fui educadamente recebido e acompanhado até a Utheel Equipamentos, fui abordado assim que dei minha primeira lufada do fedorento ar rodiano. Um macho beligerante de pele azul e macacão verde-azulado exigiu saber, já da parte inferior da rampa, qual era o meu negócio ali.

– Estamos aqui para comprar armas da Utheel Equipamentos – falei.

– Para uma nave como essa? Não, não estão.

– É claro que estamos.

– A Utheel Equipamentos não equipa naves interestelares. Eles fornecem para os caçadores e suas pequenas speeders, talvez para alguma embarcação atmosférica. Você escolheu a empresa errada. Experimente o clã Chattza no outro continente; eles podem cuidar de você.

– Não, olha, eu preciso ver Taneetch Soonta. Ela me conhece e sabe o que estou procurando.

– Eu não conheço ninguém com esse nome.

– Bem, alguém conhece.

Ele levantou um datapad.

– Vê isso? Contém uma lista de todo mundo do clã Chekkoo, e não há nenhuma Taneetch Soonta aqui. Você está enganado. É melhor procurar suas armas em outro lugar, porque não as temos aqui.

Nakari deu um passo atrás de mim e sua voz flutuou sobre as minhas costas.

– Qual é o problema, Luke?

– A única coisa que eu sei é que esse camarada quer que a gente parta. Diz que o meu contato não existe e que a empresa com a qual queremos lidar não tem as armas que vimos no catálogo.

– Existe alguma possibilidade de ele estar certo e você ter sido enganado antes?

– Acho que é possível.

Toda aquela coisa poderia ter sido uma armação imperial extremamente elaborada, com um grande número de agentes na operação. Mas não era provável. Era mais provável que esse Rodiano em particular tivesse um objetivo diferente. Tinha que haver uma maneira de passar por ele sem descambar para algo desagradável; e de repente lembrei que talvez houvesse. Respirando fundo e fechando os olhos, imergi na Força e então abri os olhos de novo, me concentrando no Rodiano e desejando que ele aceitasse o que eu dizia.

– Estamos aqui para fazer negócios com a Utheel Equipamentos.

As antenas do Rodiano se cruzaram e ele golpeou o ar com a mão.

– E eu já lhe disse que eles não podem lidar com armamento interestelar. Você terá que visitar os Chattza.

Aquilo claramente não tinha funcionado, mas eu havia me esquecido de uma coisa que talvez fizesse diferença. Quando Ben disse aos stormtroopers em Mos Eisley que R2 e 3PO não eram os droides que estavam procurando, ele usou um leve gesto de mão, como se afastasse as preocupações dos soldados.

– Você não precisa se preocupar conosco – disse eu, movendo a mão em um pequeno arco e ondulando os dedos enquanto me concentrava em exercer minha vontade.

– Um poodoo que eu não preciso – respondeu o Rodiano. – Tenho naves na minha lista que estão para chegar aqui com negócios legítimos e preciso usar o atracadouro. Vão indo, está bem? Vocês estão me fazendo perder tempo.

Eu tinha que tentar de novo.

– Você não precisa se preocupar conosco – disse, repetindo o gesto com a mão.

– Olha, sei que os humanos são lentos às vezes, mas estou começando a achar que você é excepcional – disse o Rodiano.

Atrás de mim, Nakari sussurrou:

– Luke, o que você está fazendo?

– Fazendo todo mundo perder tempo, parece – sussurrei de volta.

O comunicador do Rodiano berrou um tosco sinal de alerta e ele pressionou um botão, recebendo um fluxo gutural em uma língua que eu não entendia. Ele respondeu com uma fala curta e disse, enquanto afastava o comunicador:

– Isso muda as coisas. Bem-vindo de volta a Rodia, mestre Skywalker. Por favor, se puder me seguir, levarei-o até Taneetch Soonta.

– O quê? Você disse que não havia tal pessoa.

– E agora estou dizendo que vou levá-lo até ela. Tente me acompanhar.

– Quem é você?

O Rodiano não respondeu, mas virou e afastou-se, acenando para que o seguissemos. Nakari me deu um leve empurrão e desci a rampa, chamando R2 para que se juntasse a nós. Seguindo o grosseiro Rodiano de verde-azulado, pensei que talvez eu passasse a associar aquela cor com maus modos para sempre. Mas, depois que tive tempo para me acalmar, percebi que estava mais frustrado com o meu fracasso do que realmente irritado com nosso guia. Sabia que Ben tinha feito alguma coisa com a mente daqueles stormtroopers, mas não sabia o que era ou como ele chamava

aquilo. Ele disse que a Força podia influenciar os de vontade fraca ou algo assim, mas eu estava tão mal treinado que não sabia se tinha feito tudo corretamente e o Rodiano era simplesmente forte demais ou se havia realizado aquilo de forma incorreta. Isso só reforçava o quanto eu precisava de alguém para me treinar.

O caminho que tomamos pelo bazar Rodiano era diferente, mas o resultado foi o mesmo: demos em uma passagem escondida mal iluminada, com Taneetch Soonta disposta a falar com franqueza.

– Desculpe pelo mal-entendido no espaçoporto – disse ela. – Por razões de segurança, só circulamos detalhes de nosso comércio ilícito de acordo com a necessidade, e até a sua chegada aquele funcionário não tinha necessidade de saber quem você era.

– Está tudo bem – disse, e apresentei-a a Nakari.

Soonta cumprimentou-a e disse:

– Como posso ser útil hoje?

Fizemos R2 reproduzir as notas do catálogo com as armas que queríamos e exibir a soma total dos preços, explicando que gostaríamos que todas elas fossem instaladas na *Joia do Deserto* o mais rápido possível.

– Haverá encargos trabalhistas, é claro – lembrou-nos Soonta. Ela ocupou-se com seu datapad e me mostrou uma soma.

Eu assenti e disse:

– Pode autorizar.

– Excelente. E como você vai pagar?

Oferecemos pagar metade do total em depósito imediatamente, com o restante a ser pago após a conclusão e inspeção dos sistemas.

– Considere isso uma demonstração para a Aliança dos recursos da Utheel Equipamentos – falei.

Autorizei R2 a fazer o pagamento inicial, e Soonta deu um murmúrio satisfeito quando seu datapad confirmou a transferência de fundos.

– Excelente, mestre Skywalker. Faremos com que esteja armado e voando antes do pôr do sol de amanhã.



CAPÍTULO

$$960 \leq 8 \cdot X^5 + Y$$

Nós não confiávamos totalmente nos Chekkoo, é claro, e levamos a *Joia do Deserto* até um planeta neutro para que a nave fosse escaneada em busca de dispositivos de rastreamento e os computadores fossem varridos em busca de vírus e outros códigos malignos. Fiquei ao mesmo tempo aliviado e feliz quando as varreduras não revelaram nada, pois poderíamos voltar para a Aliança sem nos preocuparmos com um espião do Império infiltrado entre nossos novos aliados – por ora.

A frota ainda estava escondida no sistema de Orto Plutonia e as naves pareciam finos fiapos de pano sobre um cobertor preto quando nos aproximamos. Leia ficou feliz ao ouvir sobre nosso retorno seguro, e, ainda que o almirante Ackbar tenha se decepcionado um pouco ao saber que Fex era totalmente inadequada para uma base, ficou definitivamente contente ao ouvir que tínhamos atualizado a *Joia do Deserto* e testado nossos novos contatos em Rodia de uma vez só.

Ele e Leia se juntaram a Nakari e a mim em uma sala de reuniões da *Promessa*, juntamente com R2-D2 e C-3PO.

– Agora temos um contato para você em Denon – disse Ackbar. – Uma Kupohana que ocasionalmente faz serviços por contrato para a spynet bothana e outros. Ela dirige uma pequena tenda de macarrão como fachada para seus serviços de inteligência. Isso dá a ela um local confiável para reuniões e a oportunidade de conduzir operações em um importante setor de Denon sob o disfarce de entrega de comida. Foi ela que a criptógrafa usou para enviar a mensagem para nós. Você vai visitá-la quando chegar e pedir algo estranho para comer. C-3PO, o que é que eles deverão pedir?

– É o macarrão de trigo corelliano com molho de rancor, senhor – disse o droide.

– Molho de rancor. – Ackbar estremeceu e as dobras ao redor de sua boca bateram audivelmente. – Tão feliz por não ter que comer isso.

Nakari empalideceu.

– Eu nem sabia que isso era uma coisa que alguém já tinha pensado em preparar. Não precisamos comer isso, não é?

– Não, basta pedir – disse Leia com um sorriso. – Isso vai informar seu contato que nós os enviamos.

– O nome dela é Sakheth – continuou Ackbar. – Ela estará com alguns arquivos para vocês e relatórios sobre o alvo. Caberá a vocês formular uma estratégia de extração a partir daí.

– Para onde a levaremos depois que sairmos do planeta? – perguntou Nakari. Ela havia perdido essa parte da reunião prévia sobre a missão.

– Ela quer ser levada para Omereth – disse Ackbar. Ele clicou um botão em um controle remoto e uma holo criou vida em um zunido, uma imagem colorida e de alta resolução de um mundo azul pontilhado por pequenos cordões de contas de terra. – É um planeta de água e esparsamente povoado. Arquipélagos de ilhas florestais e um destino excêntrico para aqueles que desejam fugir da agitação da galáxia.

– Ele quer dizer que é popular entre pescadores suicidas – explicou Leia. – Há enormes coisas famintas nos oceanos de lá.

Nakari sacudiu um dedo para a holo.

– Por que este planeta? Não é nada como a terra natal dos Givins.

– Esse pode ser o seu atrativo – disse Leia. – Estamos organizando as coisas para que sua família a encontre por lá. Ela vai trabalhar para a Aliança, onde o Império não estará procurando.

– Já temos o nome do alvo? – perguntei.

– Sim. Drusil Bephorin. Ela estará fortemente vigiada. – Ackbar fez uma pausa e passou seus olhos gigantes do meu rosto para o de Nakari. – Talvez vocês tenham que cuidar desses vigias.

Eufemismos para assassinato me deixavam desconfortável, mas sempre achei perturbador este em especial, já que matar uma pessoa é o oposto de cuidar dela.

Nakari, no entanto, não tinha tais escrúpulos. Ela assentiu e disse:
– Por mim, tudo bem.



CAPÍTULO

$WY^2 \approx 9 \cdot \frac{3}{4} \psi$

Levamos um pouco mais de tempo nos preparando para a viagem a Denon, já que era quase garantido que teríamos de lidar com as forças imperiais em algum ponto. Separamos algumas mudas de roupa que poderiam servir como disfarces simples, bem como um pouco de cera e maquiagem para uma cobertura mais sofisticada, e demos à *Joia do Deserto* novos códigos de transponder para acompanhar a pintura. As armas instaladas em Rodia haviam alterado o perfil elegante que ela ostentava antes, e isso também ajudara a alterar sua aparência. Qualquer imperial à procura da nave que destruiu dois caças TIE no sistema Llanic teria problemas para identificá-la.

Estávamos quase prontos para partir quando Leia nos saudou, correndo para o convés do hangar com 3PO zumbindo atrás dela o mais rápido que conseguia.

– Luke! Espere! Você precisa saber disso. – Ela parou e recuperou o fôlego quando me alcançou. – Que bom que o alcancei.

– O que foi?

– 3PO me lembrou de um hábito de saudação dos Givins que eu tinha quase esquecido. Você precisa saber alguma coisa de cumprimentos matemáticos.

– Cumprimentos matemáticos?

– Sim, é costume entre os Givin dizer olá com matemática. Se você não puder pelo menos falar a língua da matemática, um Givin terá dificuldade para confiar em você, então é preciso demonstrar de imediato a sua capacidade. Quase tudo serve, mas aconselho a se limitar a coisas simples – disse ela. – E, o mais importante, não peça que eles façam aproximações lineares de equações diferenciais parciais não lineares, porque eles podem tomar isso como um insulto, como se estivesse zombando deles.

Essa já estava virando a conversa mais estranha que eu já tivera com Leia, mas dei continuidade.

– Zombando deles como?

– Eles se opõem a aproximações, essencialmente. Pedir aproximações em vez de precisão indica, na melhor das hipóteses, uma falta de fé em suas habilidades, e, na pior, pode ser interpretado como se você os chamasse de burros.

– Ah. Fico muito feliz que tenha me dito isso. Mas, como você disse, acho que manter as coisas simples seria melhor.

Eu estava esperando que ela definisse *simples* como adição ou subtração.

Um pequeno sorriso de satisfação transpareceu nos cantos da boca de Leia e ela balançou a cabeça.

– Bom.

– Parece que a lista de seus talentos nunca termina. Você é matemática também? Como sabe disso?

–Tive que lidar com Givins quando servi no Senado. Memorizei algumas equações que você pode usar.

– Ok, mas depois que usar o que você me ensinar, Drusil vai responder com uma equação para que eu resolva, certo? O que devo fazer, então?

– Bem, sugiro que você resolva.

– Ora, vamos, eu posso fazer alguma álgebra fácil na minha cabeça, *talvez*, mas não equações diferenciais!

– Tudo bem, mestre Luke – interrompeu 3PO. – A resposta mais provável será três.

– O quê? Como você pode saber disso?

3PO, já reto como uma vareta, pareceu ficar mais alto e mais orgulhoso com a oportunidade de ser pedante.

– Ao longo dos anos, os Givin se acostumaram com a incapacidade dos outros seres de cumprimentá-los adequadamente, então, para ser educada, ela vai usar uma equação cuja resposta é três, seguindo seus costumes tradicionais de cumprimento, mas poupando vocês dois do

constrangimento de você não saber a resposta. No entanto, se você quiser impressioná-la, pode pedir uma saudação *de verdade* e ela lhe dará algo aleatório e muito mais difícil.

– Não, não, três tá bom, eu posso lidar com o três.

– Ótimo. Vamos começar – disse Leia, e ela dolorosamente ensinou a mim e a Nakari duas equações diferentes e suas respectivas respostas, para usarmos quando finalmente encontrássemos Drusil Bephorin. Definitivamente não era simples adição, e isso exigiu de nós várias tentativas de decorar tudo aquilo.

Quando tínhamos terminado e estávamos finalmente prontos para partir, Leia deu uma olhada pelo hangar, um pouco decepcionada com o que via. Se eu tivesse que adivinhar, diria que estava procurando a *Millennium Falcon* e que ficara infeliz em ver que Han e Chewie não haviam chegado sorrateiramente quando ela não estava olhando. Ela provavelmente temia, como eu, que nunca mais os veríamos de novo. Mas sempre se mantinha lutando pelas pessoas que *podia* ver, as pessoas que *podia* salvar: era o seu exemplo que todos seguíamos. Sua despedida foi um breve abraço e um pedido de cautela, e, quando nos separamos, como de costume nessas ocasiões, eu consegui fazer um aceno de cabeça e nada mais, virando para subir a bordo da nave antes que eu dissesse ou fizesse algo de estranho.

Nós saímos de Orto Plutonia navegando por um caminho sorrateiro para evitar a divisão imperial que eu havia enfrentado recentemente, e relaxamos assim que entramos em uma rota traçada ao longo de corredores já bem conhecidos do hiperespaço. Nada além de várias horas entorpecentes de estrelas borradas esticadas diante de nós. Então eu disse:

– Se importa se eu perguntar uma coisa? Espero que não seja rude.

Nakari não virou a cabeça, mas levantou uma sobrancelha, com os olhos deslizando na minha direção.

– Bem, se *for* rude, pode ter certeza que eu vou lhe dizer.

– Espero que me perdoe se for o caso. Mas é o seguinte: pessoas razoavelmente bem de vida, como você e seu pai são, raramente ficam tão incomodadas com o atual estado das coisas a ponto de decidir que a situação precisa mudar. Porque normalmente é o atual estado das coisas que as deixou ricas, então, você sabe...

– Por que eu estou envolvida com a Rebelião? – finalizou Nakari.

– Exatamente.

Ela olhou para baixo, apertou a mandíbula e fechou a mão boa em um punho; em seguida, fez um esforço para relaxar e falar com calma.

– O Império matou minha mãe por causa de uma música.

– O quê?

– Minha mãe era compositora e cantora. Ela cantava harmonias de fundo em uma banda.

– Sério? Qual banda?

– Não ria, ok? O nome não foi ideia dela. Eles eram chamados Hakko Drazlip e os Tootle Froots.

– Os Tootle Froots?

Nakari suspirou com um tom de impaciência.

– Eu sei como soa ridículo dizer às pessoas que sua mãe era uma Tootle Froot. Eu nem mesmo sei o que *é* um Tootle Froot, ok? Mas, enfim, ela escreveu uma canção política para o grupo, eles a gravaram e ela virou o maior sucesso deles. Acontece que isso os mandou todos para as minas de especiarias de Kessel.

– Mas isso significa que ela ainda pode estar viva?

– Não – disse ela, sem rodeios. – Isso foi há dez anos. Não há esperança de que ela ainda esteja viva.

Nós dois sabíamos que a expectativa de vida nas minas não passava de um ou dois anos.

– Oh. Sinto muito. Compreendo totalmente como isso estimularia você a fazer alguma coisa. – Fiz uma pausa, querendo saber mais, mas sem querer me intrometer. A curiosidade, enfim, levou a melhor sobre mim. – Essa foi uma reação bem extrema por parte do Império para uma canção, no entanto. Qual era? Será que eu conheço?

– Depende do seu acesso ao contrabando declarado. O nome era “As muitas partes protéticas de Vader”.

– Ei, eu conheço essa! Canção hilária! Mas não sabia que a banda tinha sido punida por isso.

– Ah, foi bem rápido. – Ela abaixou os olhos e sua voz ficou mais suave. – Poucos dias após seu lançamento. Lorde Vader não tem senso de humor.

– Sim, ele não parece ser desse tipo. – Fiz uma pausa por um instante, ainda com dificuldade em dizer isso. – Ele é responsável pela morte do meu pai.

– Então temos isso em comum.

– Só que você sabe o que sua mãe fez. Eu não tenho ideia de por que meu pai mereceu sua traição.

– Tenho certeza de que ele não mereceu, assim como minha mãe, Luke.

– Obrigado. E, claro, o Império passou a ver seu pai com outros olhos após o negócio com a sua mãe.

– Sim. Os Biolaboratórios Kelen têm alguns contratos imperiais que nós adoraríamos queimar, mas não podemos. Meu pai não pode se dar ao luxo de fazer nada além de sujeitar-se a eles. E é também por isso que ele não pode dar dinheiro para a Aliança: o Império tem espiões em sua organização que ele precisa fingir não perceber, e eles estão acompanhando de perto suas finanças. Eu não tenho essas correntes em torno dos pulsos, no entanto. Sou livre para me opor a eles.

– Livre para se opor a eles; essa é uma boa forma de colocar. Acho que muitas pessoas se opõem ao Império, mas não se sentem capazes de fazer

nada mais do que o desprezar secretamente. O Império, de certa forma, também me libertou, acho. Mas fizeram isso da pior maneira possível. Estavam tentando recuperar os planos roubados da Estrela da Morte e mataram a minha tia e o meu tio. Não restou nada para mim em Tatooine depois disso.

Nakari finalmente se virou para olhar para mim, com uma ruga entre os olhos e a boca voltada para baixo em uma careta preocupada.

– E quanto à sua mãe?

– Morreu quando eu era criança. Minha tia e meu tio me criaram.

– Foram eles que lhe contaram sobre seu pai, o Jedi?

– Eles evitaram o assunto, tanto quanto possível. Se eu perguntava sobre isso, mudavam de assunto. Era assim; e essa conversa aconteceu mesmo, sabe? Eu disse: “Conte algo sobre meu pai, tio”, e ele teve um acesso de tosse antes de responder: “Ele se preocupava com os vaporadores da encosta oeste, como eu. Vá até lá e cheque como eles estão.” É como se eles tivessem aceitado a versão imperial de que os Jedi eram desonrosos.

– E se eles fossem?

– O quê?

– Eu sei que o Império provavelmente está mentindo sobre eles; não me interprete mal. Mas e se houver um grão de verdade no que diz sobre os Jedi?

– Um grão de verdade não vai mudar meu desejo de saber tudo. É difícil encontrar qualquer coisa, já que o Império faz tudo o que pode para acabar com todos os registros dos Jedi. Mas isso, por si só, mostra que a verdade contradiz o que o Império quer nos fazer acreditar: caso contrário, deixariam tudo acessível.

Com uma zombaria de indignação em cada palavra, Nakari disse:

– Você quer dizer que não acha que a supressão de informações seja para o nosso próprio bem? Estou *chocada*, senhor, *chocada*!

Combinando com seu tom, eu disse:

– Não apenas isso, mas eu tinha sérias dúvidas de que a Estrela da Morte teria trazido a paz para a galáxia!

Nakari riu e apontou para mim com a mão direita.

– Sério, Luke, está aí a sua resposta. O Império não pensou em tudo quando construiu a Estrela da Morte. E eles não conseguiram se livrar de todo o conhecimento relativo aos Jedi também. É uma galáxia grande. Tenho certeza de que eles não apagaram tudo. Tem que haver algo, ou alguém, em algum lugar, que pode ajudá-lo a aprender tudo o que você quer aprender.

– Talvez. – Eu deixaria a conversa nesse pé, mas então percebi que tinha um ouvido atencioso à disposição e tempo para conversar sobre isso, para variar, então continuei. – Eu pensei que Ben Kenobi fosse me ensinar por algum tempo. Nunca disse a ninguém, exceto Leia, mas ouvi a voz dele na minha cabeça depois que ele morreu na Estrela da Morte.

Nakari virou-se bruscamente e ficou me olhando para ver que loucura eu vomitaria em seguida. Talvez eu estivesse interpretando mal sua expressão, mas diria que o primeiro caso era mais certo, já que pessoas que dizem ouvir vozes em sua cabeça raramente são consideradas sãs. Eu mesmo estava começando a ter dúvidas a esse respeito.

– Ou pelo menos achei que tivesse ouvido. De certa forma, acho que não importa. Se realmente era ele ou se eu estava apenas imaginando isso em algum tipo de alucinação de estresse durante uma batalha. Seu conselho ajudou. Mas, depois disso, mais nada. Não sei se isso significa que ele não tem nada a dizer, se ele desapareceu ou se estou fazendo algo errado... talvez ele tenha perdido o interesse em mim.

Um tom de brincadeira surgiu na voz de Nakari.

– Então quer dizer que *não foi* uma voz em sua cabeça que lhe disse para fazer aquele gesto com a mão para aquele Rodiano e dizer a ele para levá-lo

até Soonta depois de ele ter acabado de dizer que não o faria? Porque isso explicaria muita coisa.

O calor ruborizou meu rosto quando me lembrei do meu fracasso.

– Não. Mas eu vi Ben fazer isso com um stormtrooper uma vez. Ele usou a Força e, de alguma forma, os convenceu a nos deixar passar.

– E aquela coisa com a mão fazia parte disso?

– Não sei. Só fiz aquilo porque ele fez. Ben nunca explicou exatamente como isso foi feito, e eu estava esperando que alguma coisa saísse da mistura de sorte e boas intenções.

– Eu lhe digo uma coisa: quando terminarmos isso, vou ajudá-lo a encontrar alguém para ensiná-lo a ser um Jedi.

– Sério? Digo, obrigado, mas por que você faria isso?

Seus olhos brilharam na minha direção e sua expressão demonstrou algo que minha imaginação chamaria de flerte. Mas então ela olhou para a frente e deu de ombros.

– Você me ajudou com a minha nave. É o mínimo que posso fazer.



CAPÍTULO

† $\geq 10 \cdot 89\mu$

Denon é uma ecumenópole como Coruscant, uma grande cidade alastrando-se por toda a massa de terra do planeta e dependente de importações de alimentos e matérias-primas. Vindo de um planeta rural com uma população muito dispersa, eu não estava acostumado a ver um horizonte infinito de prédios, todos iluminados à noite, com naves zumbindo ao seu redor como se eles fossem flores que deveriam ser polinizadas. O planeta parecia algo assim, um jardim de rígidas plantas brilhantes cheias de insetos alienígenas. Só que não era tão pacífico quanto um jardim seria. A confusão visual era vertiginosa e, mesmo da órbita, eu imaginei ser capaz de sentir seu pulsar constante vibrando em meus ossos.

Nossas coordenadas nos levaram a um telhado de edifício na orla do distrito de Grammill, beirando o distrito de Lodos, onde estava o nosso alvo. Um conjunto arbitrário de ruas formavam os limites dos distritos de Denon, que, até onde eu podia ver, eram indistinguíveis uns dos outros, mas poderiam guardar diferenças óbvias para os residentes de longa data. Nosso contato, a Kupohana Sakheth, tinha assegurado ao almirante Ackbar que pousar em um distrito adjacente ao alvo ajudaria em nossa fuga, uma vez que cada distrito tinha a sua própria segurança e poderíamos tirar vantagem do pequeno atraso resultante de alguma coordenação departamental.

Nossa chegada logo após o pôr do sol fez da descida uma prova de obstáculos em meio ao tráfego do horário de pico, no qual pessoas em speeders e cápsulas tentavam chegar em casa, iniciar o turno da noite ou jantar alguma coisa que não tivessem que cozinhar por si mesmas. Deixando R2 em nossos alojamentos, pegamos um táxi droide de estilo conservador, programado mais para segurança do que para velocidade, e não me importei com seu progresso cauteloso, pois isso me dava mais tempo para apreciar o distrito de Lodos no nível da rua. Sinais brilhantes de empresas eram frequentemente apresentados em diversos alfabetos além

do padrão galáctico, muitos deles em letras que eu não reconhecia. Uma vez na rua, fomos fustigados por um coquetel de ruídos que variavam de música agradável a uma estridente discussão entre um casal Neimoidiano, ambos trajando vestes douradas. Senti uma dor de cabeça chegando e não sei se era por causa de alguma virose que eu teria pegado mais cedo ou do excesso de estímulos. Eu apostaria meus créditos neste último.

Nakari e eu nos juntamos a uma multidão de seres que desciam por um beco estreito de barracas que vendiam bugigangas, gelo com sabor, bastões estimulantes e todo o tipo de mercadoria desejável e estritamente desnecessária. O beco se abria em um ponto para uma praça em miniatura ancorada por uma fonte bem no meio. Alienígenas estavam sentados ao redor dela com alimentos e bebidas comprados dos vendedores próximos. Um deles, na esquina noroeste da praça, vendia macarrão, e era lá que deveríamos fazer contato com a espiã Kupohana, Sakhet.

– Eu nem quero pensar naquela nojeira que temos que pedir – disse Nakari, enquanto tomamos nossos lugares ao final da longa fila. Claramente, o macarrão de Sakhet era popular entre os locais. – Você pede.

– O que você vai querer?

Ela deu uma olhada no menu no alto da tenda, pintado à mão em padrão galáctico e repetido em outros alfabetos.

– Macarrão de trigo e nuggets de nerf com cebolas.

Quando chegamos à janela, vi duas Kupohanas trabalhando no interior, uma anotando os pedidos e outra em uma pequena cozinha, enchendo algumas engorduradas caixas de flimsicard com macarrão, carne e vegetais para viagem. Eu não tinha certeza se estava falando com Sakhet ou não, mas repeti o pedido de Nakari e então pedi o de trigo corelliano com molho de rancor. A Kupohana não deu sinal de que meu pedido fosse incomum, apenas contraiu de leve as orelhas primárias e basais, rabiscando em um bilhete de papel à moda antiga em vez de um datapad, que seria o

mais usual, e rosnando algo para a cozinheira com os lábios curvados sobre os grandes dentes chatos. Ela pegou meus créditos e comecei a temer que eu fosse, de fato, receber algo com molho de rancor. Ela tirou um recibo da registradora e rabiscou nele.

– Pedido número 89 – rosnou para mim a Kupohana, então fungou de maneira molhada pelas três narinas, o que não ajudou a estimular meu apetite. – Não esqueça seu recibo, amigo. – Ela empurrou-o para mim e acenou com a cabeça para a minha direita. – Pegue a sua comida na janela do outro lado.

– Obrigado – respondi, pegando o papel. Nakari e eu saímos do caminho e olhei para o recibo. Na parte superior havia o número 89, grande e circulado; na parte de baixo, em letra minúscula, dizia: “Volte às 0900 amanhã”.

Mostrei a Nakari.

– Duvido que elas estarão vendendo macarrão tão cedo – disse ela.

– Concordo. Deve nos dar bastante tempo para conversar.

– E o que fazemos agora? Já fiz algumas coisas esquisitas para o meu pai antes, mas nunca algo parecido com isso.

– Seguimos com a coisa toda e pegamos os nossos macarrões. Somos apenas dois humanos famintos que saíram para bater um rango.

– Excelente. Vou tirar uma holo de você provando o molho de rancor.

– Ah, sim. Certo. – Meu estômago revirou-se ligeiramente. – Eu não estou com tanta fome, na verdade.

Ela sorriu.

– Podemos pegar mais alguma coisa para você.

– Talvez seja melhor fazer isso – admiti.

– Pedido 89! – chamou uma voz da janela da tenda. Mostrei meu recibo e a Kupohana que trabalhava ali, uma terceira que eu não tinha visto antes, vestindo uma bandana vermelha que cobria e protegia seus órgãos de filtro

de frequência entre os ouvidos principais e basais, deu uma olhada nele e me agradeceu, empurrando para mim duas caixas quentes e palitos de comer descartáveis.

– Não se preocupe – disse ela em voz baixa, os quatro olhos escuros brilhando, bem-humorados –, nós só preparamos duas porções dos nuggets de nerf.

– Obrigado – disse, realmente grato. – Vejo você por aí.

Bandeja na mão, olhei para a área da praça e vi que não havia lugar para sentar. Nakari avistou um pequeno pavilhão mais ao longe ao longo do caminho, com seis mesas de piquenique. A maioria estava cheia, mas uma delas tinha espaço para mais dois.

Levamos nossas caixas fumegantes para a mesa em questão e perguntamos ao simpático casal Gran que estava nela se eles se importariam de dividir o espaço. Seis olhos sobre hastes viraram para nos encarar e os dois Grans grunhiram amavelmente.

– Podem ficar com a mesa – disse um deles. – Nós já estamos terminando.

Eles juntaram seus restos e nos desejaram boa noite. Descobrimos que a mesa de madeira estava bem-abastecida de sal e pimenta para os nossos macarrões e os bancos possuíam um largo encosto para as nossas costas.

– Então, quanto você já sabe sobre os... – Nakari fez uma pausa, olhou em volta e baixou a voz. – Aquele grupo especial do qual seu pai fazia parte? – Provavelmente não seria sábio usar a palavra *Jedi* em voz alta ali. Achava discutível se alguém estaria interessado em nossa conversa de jantar e improvável que nossas vozes pudessem ser discernidas em meio ao barulho da praça, mas não havia necessidade de descuidos. Nakari salpicou um pouco de pimenta sobre seus nuggets de nerf. – Ou deveria perguntar o que você ainda precisa saber?

– Praticamente tudo. Agora mesmo eu posso meio que sentir a, ahn... – Esperei que os olhos de Nakari se levantassem da comida para mim e então fiz com a boca a palavra “Força”. Quando ela assentiu, retomei a conversa.

– Ela me dá reflexos aguçados nas batalhas, e talvez um pouco de capacidade preditiva. Por exemplo: sou muito bom em adivinhar como o outro cara vai se mover. Mas tenho certeza de que isso é apenas o primeiro passo para um mundo maior. Há aquele poder de sugestão sobre o qual já falamos, por exemplo, e não sei como vou fazer o meu próprio... minha própria arma.

Ela piscou um olho para mim.

– É algo que você absolutamente precisa fazer?

– Acho que não. Eu já tenho um. Mas a capacidade de fazer um significaria que tenho um controle excelente sobre... os poderes.

– Como assim?

– Você não pode construir um sem mover os cristais focalizadores com a mente.

– Você quer dizer telecinese?

– Sim. Eu não consigo pegar o jeito, mas deveria ser capaz de fazer isso. Se esse poder flui através de e em torno de tudo, então manipulá-lo e usá-lo para empurrar e puxar objetos físicos deveria fazer parte do negócio. Por exemplo, quando estou em uma luta, ela guia as minhas ações; ou pelo menos influencia meu cérebro para guiar minhas ações. Ainda assim, essa é uma manifestação concreta de seu poder, não apenas eu dizendo que acredito que ele está presente. Se ele pode me afetar fisicamente, então deve ser capaz de afetar fisicamente outras coisas também. E eu deveria ser capaz de fazer isso acontecer.

– Você tentou?

– Sim. Tentei mover algo pequeno. Escolhi um pequeno vegetal gorduroso em Rodia.

– Teve sucesso?

– Falhei. Mas, em minha defesa, fui interrompido.

Nakari tirou um fio de macarrão de sua tigela e jogou-o sobre a mesa. Ficou ali, parado como uma minhoca anêmica.

– Bem. Mova o macarrão.

– O quê, aqui?

– Sim, aqui. Olhe para ele, Luke. É completamente desprovido de força, foi fervido até a completa submissão. Não vai tentar lutar. Então mova-o.

– Ah, você está brincando.

– Não, você consegue fazer isso. Force esse macarrão a correr para cá. Não vou interromper, vou apenas fazer ruídos de quem está gostando da comida e desfrutar o meu jantar. – Assim dizendo, ela empurrou uma enorme porção para a sua boca e gemeu. – Ah, sim – disse ela de boca cheia, com um pouco de macarrão ainda pendurado nos lábios, tremendo como tentáculos clamando por ajuda. – Hmm. Melhores nuggets de nerf de todos. Não faço ideia do que você está fazendo aí, porque estou aqui apenas comendo. E de uma forma meio grosseira.

Eu abri um sorriso, o que provavelmente era a sua intenção. Não havia pressão, apenas encorajamento amigável. E me senti encorajado, ao contrário de quando estava em Rodia, onde me senti quase sobrecarregado pela enormidade de tudo o que eu não sabia. Mas eu sabia o que todo mundo sabe sobre macarrões: não são muito bons em força de vontade. Talvez esse único macarrão molhado fosse o objeto perfeito para começar. E, se nada acontecesse, não seria grande coisa, era apenas um jantar com uma nova amiga.

Relaxei, fechei os olhos, distendi a mente, senti a Força ao meu redor, e encontrei o macarrão. Imaginei-o afastando-se de mim e voltando para sua base no prato de Nakari, uma animação detalhada em minha mente, por

talvez meio minuto, então visualizei a Força fluindo de forma que isso acontecesse. O grito de Nakari quebrou minha concentração.

– Você conseguiu!

– Consegui? – Abri os olhos e vi uma úmida linha pegajosa onde antes estava pousado o macarrão, enquanto o próprio macarrão estava em uma onda senoidal completamente diferente a alguns centímetros de distância da outra posição. Não tinha percorrido todo o caminho de volta até o prato, mas tinha inegavelmente se movido.

– Sim, mesmo! Olha só você, seu empurradorzinho de macarrão!

– Espere, você está brincando comigo? Você o moveu enquanto eu estava de olhos fechados?

O brilhante sorriso de Nakari desapareceu e ela estendeu a mão enfaixada para cobrir a minha.

– Não, claro que não! Eu não faria isso, Luke. Eu sei que isso significa muito para você, e juro que você fez isso acontecer de verdade. Foi uma ondulação suave, como uma cobra dando um passeio pela vizinhança.

Apesar da minha descrença em meu próprio sucesso, senti que Nakari estava dizendo a verdade; era uma certeza absoluta na minha mente, como se a Força tivesse checado os fatos para mim. Não me sinto assim normalmente quando falo com as pessoas, mas talvez a minha ligação recente com a Força tivesse algo a ver com isso. Teve tudo a ver com mover o macarrão, e a realidade e a importância daquilo finalmente me abalaram.

– Incrível. Eu fiz isso mesmo.

O sorriso de Nakari voltou, um pouco presunçoso, e ela apontou para mim com seus palitos de comer.

– Sabia que você podia.

– Sabia nada.

– Seu macarrão tá ficando frio.

– Acho que nisso você está certa.

Apesar da perda de alguns graus de calor, aqueles eram os melhores macarrões que eu já havia comido. Saber que a telecinese era possível, não apenas para os Jedi, mas para mim, dava mais esperança no futuro do que eu tivera por um bom tempo.



CAPÍTULO

† ≥ 11 · 89μ

Sakhet era, no fim das contas, a Kupohana de bandana vermelha. Ela ainda usava o acessório quando voltamos para a tenda de macarrão pela manhã. Notei alguns detalhes adicionais que antes não tinham sido tão óbvios sob a baixa iluminação de sua tenda. Ela tinha seis torcs em volta da garganta, indicando sua sexta década de vida, e seus ouvidos basais praticamente caíam sob o peso de seus brincos de prata, indicando status. Os Kupohanos usavam joias com um propósito, nunca decorativo, e os brincos de Sakhet indicavam que ela tinha obtido muito mais prestígio entre seu povo do que uma fornecedora de alimentos normalmente ganharia. Ela apontou para um speeder de entrega estacionado nas proximidades e disse:

– Entre.

O speeder tinha um brasão com o nome MACARRÃO DA SAKHET e cheirava a óleo de cozinha. Lá dentro havia vários sacos cheios de caixas de entrega, que obviamente continham alimentos frescos. Não havia lugar para R2 e fiquei feliz por tê-lo convencido a ficar para trás mais uma vez. Tinha a sensação de que ele seria vital durante a extração, mas, no momento, seria uma adição esquisita para o grupo.

– Para que tudo isso? – perguntei, sentando-me ao lado das caixas.

– Esse é o nosso disfarce – respondeu Sakhet. – Estamos fazendo uma entrega para uma reunião. As pessoas comem em todas as horas do dia em Denon.

Ela dirigiu por uma curta distância até uma área verde urbana que servia como local de lazer para o distrito. Juntamos alguns sacos cada um e Sakhet levou-nos a uma passarela elevada que dava para o parque. Passarelas similares em frente à nossa refletiam o sol e nossa vista aérea do parque mostrava caminhos sinuosos por entre as árvores e cercas vivas esculpidas, campos gramados abertos para todos os tipos de brincadeiras e uma

abundância de bancos para sentar e relaxar. Algumas pessoas corriam, atirando bolas ou cordas para que seus animais de estimação fossem buscar.

Comportando-se como se aquela fosse uma entrega padrão e o cenário uma coisa entediante, Sakhet disse:

– Toda manhã, o alvo vai para uma caminhada, e o destino muda dependendo do dia da semana. Hoje, ela vai estar no parque abaixo entre dez e onze. Amanhã, ela estará em um jardim botânico, e, depois de amanhã, em um café que apresenta música ao vivo executada por alguns alienígenas locais sujos. E assim por diante. Vou passar-lhe a agenda dela e um maço de mapas quando voltarmos para o speeder. Deixem seus sacos aqui.

Ela colocou o macarrão diante da porta de um endereço anônimo e depositamos os nossos bem ao lado. Tocou a campainha uma vez e começou a caminhar de volta para o speeder, sem esperar resposta. Imagino se alguém naquele endereço teria realmente pedido macarrão ou se a encomenda de Sakhet seria uma surpresa.

– A vantagem é que o alvo estabeleceu uma rotina e isso a torna vulnerável em público; de propósito, é claro. Ela está esperando pela ação de vocês. A desvantagem é que sua equipe de segurança também estabeleceu uma rotina.

– Quem são eles? Stormtroopers?

– Não. Agentes do DSI. E eles sabem o que estão fazendo. Estarão de olho nessa passarela e naquela outra logo em frente. Também podem convocar stormtroopers e apoio aéreo com uma simples chamada pelo comunicador, e é assim em todos os locais. Vocês não podem lidar com nenhum tipo de ação prolongada; se não forem bem-sucedidos logo de início, devem abortar, a menos que tenham impulsos suicidas. Sugiro que voltem aqui mais tarde para vê-la, porque a equipe de segurança vai me reconhecer. Vocês não devem ser vistos comigo depois disso.

– E quanto ao local onde ela está trabalhando? Podemos chegar até ela lá?

– Esqueça. É uma armadilha imperial mortal ainda pior do que tentar arrancá-la para longe dos agentes. Não podemos nos demorar agora, vocês supostamente são empregados ajudando a velha Sakheth a entregar macarrão.

Voltamos para o veículo de entrega e Sakheth dirigiu de volta para a tenda de macarrão. No caminho, ela enviou o resultado de sua vigília a Drusil Bephorin para o datapad de Nakari. Mapas locais e fotos, anotações sobre medidas de segurança, localização de forças imperiais em cada local, e o tempo previsto da chegada de reforços após um pedido de ajuda.

– Vocês também vão encontrar aí um arquivo criptografado, que poderão desbloquear com a frase-código “Molho de Rancor”, separado. Só o desbloqueiem quando for preciso, e livrem-se dele uma vez que a missão for concluída.

– O que é?

– É uma lista de contatos Kupohanos em diversos mundos, caso estejam fugindo e precisem de ajuda.

– Eu não sabia que os Kupohanos tinham uma rede como essa.

– Oficialmente não temos. Não somos organizados como a spynet bothana. Mas foi você que derrubou aqueles caças TIE em Llanic, estou certa?

– Sim, fui eu.

– Meu filho estava naquela nave. Ele estava cozinhando seus nuggets de nerf ontem à noite e não estaria aqui se você não tivesse decidido agir. Por isso, estou lhes dando um lugar para onde correr, se precisarem. Entrem em contato com qualquer um dessa lista e digam que vocês são amigos de Sakheth, de Denon, e que eu faço os melhores nuggets de nerf que você já provou. Eles ajudarão como puderem.

– Obrigado. Esperamos não precisar fazer isso. Quanto devemos a você?

– Seu almirante já me pagou por esses serviços. Boa sorte – disse ela enquanto saía do speeder, deixando-nos à nossa própria sorte agora que suas responsabilidades haviam sido cumpridas.

Voltamos ao nosso hotel e pegamos R2 antes de zarparmos em uma speeder alugada de volta para o parque. Além de obter uma confirmação da identidade de Drusil Bephorin, precisávamos ver como a equipe de segurança se comportava e se tudo batia com o relatório que Sakhet nos tinha dado. R2 tinha muitas varreduras a fazer, acessando as redes locais de comunicação, buscando canais encriptados e rastreando suas origens; ele não precisava saber os códigos imperiais para identificar como agentes de segurança quem estivesse enviando e recebendo transmissões criptografadas em um parque público, isso os identificava tão claramente como se usassem armaduras de stormtroopers.

Nakari e eu vestíamos uniformes iguais, que sugeriam que éramos colegas de tripulação de algum cruzeiro de passageiros aproveitando algum tempo de folga. Nós dois usávamos bonés puxados sobre os olhos e havíamos aplicado pedaços de sinteticarne sobre nossos rostos para alterar as formas das nossas bochechas, nariz e queixo, e tínhamos mudas de roupa para mais tarde escondidas em pequenas mochilas. Entramos no parque pelo lado sul, com R2 logo atrás. Escolhemos um banco que nos proporcionava uma boa vista para o resto do parque e esperamos.

Um droide de segurança voador, uma esfera negra cheia de canhões de raios e sensores, chegou primeiro e varreu a área, sem dúvida capturando nossas imagens e buscando-as em bancos de dados imperiais. Minha aparência alterada não bateria com nenhum arquivo que tivessem sobre Luke Skywalker. Também estávamos desarmados – tive o cuidado de deixar meu sabre de luz para trás dessa vez – e, assim, não éramos ameaçadores,

por isso o droide voou para longe de nós depois de uma análise superficial para investigar outras pessoas.

Nakari chamou minha atenção e, num movimento dos olhos, fez com que eu checasse as passarelas elevadas acima do parque. Dois homens de roupas largas e volumosas, um de cada lado, haviam assumido posições que lhes davam uma excelente vista da área verde. Poderiam ser simplesmente cidadãos apreciando a vista, mas tinham cortes de cabelo de estilo militar, expressões de alerta fora de sintonia com um simples passeio e provavelmente armaduras escondidas debaixo de suas roupas casuais.

Uma vez sabendo o que procurar, percebi mais alguns andando pelo parque; quatro, para ser mais preciso: indivíduos isolados que ignoravam os encantos do parque e, em vez disso, olhavam para todos com suspeita. Um deles passou perto de nós e olhou em nossa direção, com a boca formando um traço fino de aborrecimento sob o nariz. Imaginei que não nos encaixávamos com seu perfil de cidadãos de Denon em busca de lazer. Se sua expressão já era azeda daquele jeito normalmente, imaginei como ficaria depois que arquitetássemos a fuga de sua incumbência.

Nakari e eu tínhamos o cuidado de não falar nada relacionado com a operação; sabíamos que deveria haver algum áudio de longo alcance apontado para nós. Poderíamos falar sobre tudo depois. Em vez disso, falamos da tripulação e dos passageiros de nossa nave cruzeiro fictícia e seus pecadilhos comportamentais, fingindo desabafar enquanto deixávamos nossos olhos absorverem os hábitos da equipe de segurança.

Finalmente, nosso alvo apareceu, flanqueada por dois óbvios guarda-costas de preto, em contraste com os outros espalhados pelo parque, que tentavam se disfarçar. O drone de segurança que tínhamos visto anteriormente voltou e pairou sobre ela, embora ficasse um pouco para trás, de forma que ela não fosse perturbada pelo seu zumbido operacional.

Drusil Bephorin vestia uma longa e fluida túnica verde que caía abaixo dos joelhos e um cinto marrom. Não dava para saber se ela estava bem de saúde ou não.

Aos olhos humanos, os Givins eram um pouco parecidos com esqueletos tristes, com cabeças lembrando crânios nus e sobrancelhas inclinadas que se uniam no meio, dando-lhes a aparência de luto perpétuo ou talvez consternação por descobrir algo peludo rastejando em sua comida. O ambiente de sua terra natal era tão severo que seus órgãos eram lacrados da atmosfera, e capazes de sobreviver no vácuo por um curto período de tempo. Isso me deixava sem expressão para avaliar; eles não tinham olhos visíveis e sua boca bastante inflexível era pobre em expressões. Eu só saberia como ela estava se sentindo se ela me contasse, e, até onde eu sabia, ela me contaria por meio de cálculos.

Os guarda-costas de preto andavam alguns passos atrás de Drusil; notei que tinham o cuidado de permanecer atrás dela e, portanto, fora de sua vista. Talvez ela quisesse fingir que não estava sendo vigiada e o Império estivesse disposto a permitir essa ilusão. Era uma prisioneira com privilégios, mas ainda uma prisioneira.

Drusil passou pelos bancos e deliberadamente escolheu um lugar na grama para sentar, com as pernas dobradas e as mãos com longos dedos descansando sobre os joelhos, de costas rígidas e retas como se sua missão fosse modelar a postura mais correta. Estava observando um piquenique em família, alguns adultos bebendo ao redor de uma mesa de metal e crianças brincando na grama próxima, jogando bola e rindo. Era impossível dizer se isso lhe dava algum prazer.

Os dois guarda-costas mantiveram a posição e olhavam para os lados, observando qualquer problema que se aproximasse. O droide de segurança pairava sobre o local, girando no modo sentinela, com as luzes coloridas piscando enquanto varriam o terreno em busca de ameaças e banhavam a

área com pings de radar, sem dúvida travando alvos passivos sobre qualquer coisa à vista. A segurança à paisana mantinha-se em um certo perímetro e movia-se no sentido horário, enquanto os dois homens que ocupavam as passarelas elevadas permaneciam estacionários.

Após alguns minutos, com Drusil Bephorin perfeitamente imóvel, ocorreu-me que ela poderia não estar observando as crianças, mas meditando. Seus olhos poderiam estar fechados e eu nunca saberia.

Mas os olhos do droide de segurança estavam vigilantes, e ele era programado para usar força letal, o que foi demonstrado quando a bola afastou-se das crianças e formou um arco no ar, em uma parábola que poderia tê-la levado para dentro do raio de explosão de uma granada em relação à posição de Drusil. O droide girou, disparou para a frente, e desintegrou a bola antes que pudesse tocar o chão. As crianças gritaram, e seus pais, despertados de seu consumo de álcool, também gritaram tardiamente. Fim da diversão.

Drusil sobressaltou-se com o barulho e parou, virando-se para repreender os guarda-costas, como se tivessem sido eles os responsáveis por disparar contra a bola.

– Não é tão relaxante aqui neste parque – disse Nakari, levantando-se do banco. – Acho que é melhor partirmos.

– Sim.

Como quase todo mundo também estava indo embora, ficaria estranho se nós permanecêssemos. Tínhamos todas as informações de que precisávamos, de qualquer maneira: dois guardas óbvios, quatro à paisana, mais dois no alto, e um droide de segurança programado de forma agressiva. Além de outras coisas que poderíamos ter deixado passar e que R2 conseguira pegar; logo perguntaríamos a ele.

Voltar para o hotel levou algum tempo, pois empregamos medidas para garantir que não éramos seguidos. Depois de nos livrarmos de nossa

speeder alugada, removemos a massa de nossos rostos no banheiro de um restaurante público, destruimos nossos uniformes e mochilas em um incinerador, mudamos para as roupas comuns, e, quando saímos, escondemos o rosto de quaisquer câmeras de segurança usando capuzes. A identidade de R2 era um pouco mais difícil de esconder, por isso não tentamos. Tivemos que correr o risco de fazê-lo voltar ao hotel por conta própria e esperar que ninguém o abordasse na pequena distância que teria de percorrer. Nakari argumentou que as pessoas achariam que ele havia saído para realizar alguma tarefa, em vez de estar por aí por conta própria. Felizmente, ele não encontrou problemas e esperava do lado de fora da porta quando chegamos, logo depois. Ele nos seguiu até outro estabelecimento, já que não entramos no hotel; queríamos ter certeza de haver despistado qualquer pessoa que tivesse nos seguido, e, além disso, tínhamos muito o que fazer.

Nos abrigamos em uma cabine isolada para um jantar sofisticado e pedimos bebidas quentes servidas por um droide. Então nos debruçamos sobre as informações que Sakhet tinha baixado para o datapad de Nakari e também comparamos as observações de R2 sobre a segurança com as nossas, usando uma interface.

R2 tinha identificado o mesmo pessoal de segurança que nós, pelos sinais locais de comunicação. Ele seria capaz de localizá-los de novo, caso estivessem em outros pontos e não fôssemos capazes de vê-los; parecia que não desfrutaríamos de novo de uma visão tão irrestrita como a daquela manhã.

– Acho que não poderíamos fazer o jardim botânico amanhã mesmo se quiséssemos.

– Não. Seria muito cedo – concordou Nakari. – E haveria flores, copas e troncos de árvores arruinando minha linha de visão.

– Mas esse café depois de amanhã parece promissor – falei.

Nakari se aproximou e olhou por cima do meu ombro, com alguns cachos soltos de seu cabelo roçando minha orelha. Ela cheirava a laranja e hortelã.

– Depende de onde ela se sentar. Não poderíamos agir do lado de dentro.

– As notas de Sakhet dizem que ela fica em uma das mesas do lado de fora, olhando o mundo passar.

– E então tentamos levá-la em meio a uma rua pública lotada?

– Bem, duvido que fique muito lotada no meio da manhã. O horário de pico já terá passado e só veremos pessoas que dormiram demais ou que tendem a fazer negócios em cafs. Além disso, a presença de inocentes também vai atrapalhar os imperiais. E veja isso – falei, apontando para um detalhe da holo do local que Sakhet tinha fornecido.

– Oh. *Oh!* Isso pode funcionar.

– Que bom que concorda. – Virei para o meu droide. – Ei, R2. O que você acha de fazer um upgrade?



CAPÍTULO

45 = 12 · Ω

Até onde sei, o olfato humano é pouco desenvolvido em comparação com o da maioria das outras espécies. Às vezes, acho isso uma pena; há aromas atraentes que podem ser ainda mais sedutores quando ganham profundidade. Mas quando a fragrância que penetra em minhas narinas é de um tipo detestável, fico contente por só poder senti-la até certo ponto. Minhas viagens para Rodia, por exemplo, me deram motivos para ser grato pelos limitados nervos olfativos da humanidade. Outro momento para tal gratidão foi dois dias após o encontro com Sakheth, quando eu estava debruçado em um esgoto de Denon povoado não só por resíduos, mas também por coisas que se alimentam de resíduos e criam os seus próprios.

Tínhamos passado o dia anterior nos preparando loucamente para a libertação de Drusil Bephorin, começando por deixar uma mensagem em uma caixa postal clandestina da Aliança, dizendo que a equipe do major Derlin precisava mover a família da Givin para Omereth imediatamente. Depois, fizemos o reconhecimento do local e compramos itens necessários, especialmente para o upgrade de R2, mas também algumas camadas adicionais de roupa para mudanças rápidas. Depois de pouco tempo de sono e um rápido café, o início da manhã foi gasto com novas contingências que havíamos pensado no meio da noite, situações em que seria necessário abortar a missão, e, finalmente, nos posicionamos antes da chegada de Drusil.

Repassar mentalmente a “saudação matemática” givin que Leia me ensinou serviu para me distrair um pouco do fato de estar agachado no lodo até os tornozelos e quase poder sentir esporos de mofo e bolor tomando toda a área disponível dentro dos meus pulmões. Estava escuro, exceto pela luz leve que entrava pelas grades de drenagem em um canto, e dava para ouvir criaturas pulando na água ou arranhando a lama em busca de uma refeição – ou talvez uma saída. Algo pequeno guinchou, e parou abruptamente; então, algo grande arrotou. Olhei para minha nova unidade

de comunicação, desejando ouvir logo um chiado e uma voz dizendo que era hora de me mexer. Esperar sem nada para fazer é terrível, mas esperar sem nada para fazer no esgoto é pior.

Fiquei preocupado com a possibilidade de o sinal não atravessar o cimento em cima de mim e que isso me fizesse perder minha deixa e estragasse tudo, apesar de haver testado a conexão no dia anterior. Tecnologia é sempre perfeitamente confiável até o momento em que não é.

Entretanto, logo recebi um silvo, indicando que R2 e Nakari estavam em suas posições, e um segundo sinal sonoro, que informava que nosso alvo tinha sido avistado se aproximando do caf. Estes sinais não eram mais do que pings sem sentido, livres de qualquer conteúdo que o droide de segurança imperial pudesse interpretar razoavelmente como uma ameaça. Mas, para mim, carregavam uma riqueza de informações. O terceiro silvo de R2 foi um sinal de preparado; em menos de um minuto, ele agiria. Peguei minha pistola, chequei pela quinta vez se estava posicionada para a potência máxima e fiquei de pé, apoiando as costas contra a parede do túnel. Se o droide de segurança detectasse meu movimento aqui embaixo agora, tudo bem; seria uma distração para o que R2 estava fazendo: abrindo uma pequena escotilha em sua cúpula para revelar uma minúscula pistola de íons que tínhamos instalado na véspera. Ele dispararia contra o droide de segurança e o desativaria, o que era realmente crucial para o sucesso da operação. Sem sua memória gravada e transmissões do sequestro em andamento, as forças do Departamento de Segurança Imperial teriam que confiar na informação dada a eles em tempo real por agentes humanos, e Nakari deveria cuidar disso.

O silvo final chegou e comecei a agir, dobrando a esquina à minha esquerda e me aproximando de uma grande grade de drenagem localizada ao lado do meio-fio da calçada do caf, junto à sua área externa. R2 deve ter disparado e acertado o alvo, pois um barulho de chiados e guinchos

elétricos chegou até ali embaixo, seguido por um estrondo bem alto, batidas percussivas e então gritos de vários seres em pânico. Fiz ainda mais barulho ao disparar repetidamente nas bordas da grade de drenagem até que ela caísse, abrindo um buraco para baixo onde qualquer um poderia cair ou saltar intencionalmente. Quando acabei, algumas das vozes tinham sumido; as pessoas gritando tinham se afastado da grade aberta e do droide que caiu do céu. Isso me deu a oportunidade de ser ouvido lá de cima.

– Drusil Bephorin! – gritei o mais alto que pude. – Eu sou da Aliança e já estamos com a sua família! Por favor, depressa! Aqui embaixo!

A Givin moveu-se com rapidez surpreendente; escutei-a derrubar a cadeira na calçada na pressa para se juntar a mim. Sua cabeça pálida apareceu na abertura retangular da grade e suas órbitas cavernosas olharam para baixo, com um franzir da testa que sugeria que ela estava chateada comigo. Achei que nunca me sentiria confortável com sua expressão se ela fosse sempre assim.

– Onde está minha família? – gritou ela. Sua voz saiu abafada e pegajosa, como se estivesse falando com a boca cheia de manteiga de amendoim. Talvez fosse o caso; estava em um café, afinal.

– A caminho de Omereth, como você queria! Precisamos agir rápido. Por favor, pule para baixo!

Ela firmou os dedos dos pés em uma borda, abaixou-se, inclinou-se para a frente até suas mãos agarrarem a borda oposta e então desceu, pendurada no ar por um momento até deixar-se pender para baixo o meio metro que faltava. Seus joelhos se dobraram, absorvendo o impacto; ela ficou de pé e virou para me observar com aqueles olhos vazios, ajustando em seu ombro direito a alça de uma sacola que saíra do lugar durante seu salto para baixo. Parecia que ela tinha um datapad ali, e talvez outras coisas.

– Não costumo seguir humanos estranhos por locais escuros – disse ela –, mas, considerando a rápida eliminação da minha equipe de segurança, a

probabilidade de você ser quem diz é bastante alta.

– Saudações da Aliança. É um prazer conhecê-la. Eu sou Luke Skywalker. – Era hora de regurgitar a equação que eu tinha memorizado aquela manhã. – Enquanto escapamos do restante de seus guardas, você se importaria de me dar os valores e vetores próprios da matriz de três por três um, três negativo, três, depois três, cinco negativo, três, e então seis, seis negativo, quatro?

– Estou encantada, Luke Skywalker. Que bom conhecê-lo!

Dobramos a esquina na primeira curva, o que nos tirou da visão imediata do túnel de drenagem da rua e para dentro do esgoto propriamente dito, mas havíamos dado apenas alguns passos quando sua voz soou às minhas costas:

– Respondendo à sua pergunta, os valores próprios dessa matriz seriam quatro, dois negativo, e dois negativo, com os vetores associados raiz quadrada de seis sobre seis vezes o vetor um, um, dois, raiz quadrada de dois sobre duas vezes o vetor um negativo, zero, um, e raiz quadrada de dois sobre duas vezes o vetor um, um, zero; isso seria normalizado e racionalizado, é claro.

– Claro – respondi, embora tivesse apenas uma vaga ideia do que ela estava falando. Mas aquilo ofereceu um vislumbre do impressionante intelecto matemático por trás daquele rosto inexpressivo. Difícil acreditar que ela tivesse calculado aquilo de cabeça tão rapidamente. Leia oferecera me explicar o passo a passo desse problema, mas eu sabia que seriam necessários uma fórmula quadrática e muito ranger de dentes para obter uma resposta em cinco minutos. Drusil tinha resolvido em poucos segundos. Na esperança de distraí-la para que ela não me apresentasse uma pergunta semelhante (eu nem tinha certeza se lembrava o que era um valor próprio, mesmo após meu curso rápido com Leia), acrescentei: – Precisamos prosseguir rapidamente por esse sistema de esgoto até uma saída

onde deixei uma speeder à nossa espera. Ele nos levará a uma plataforma de atracagem no próximo distrito, em que temos uma nave pronta para tirá-la do planeta. Quanto mais rápido nos movermos, melhores as nossas chances de fugir antes de o Império tentar bloquear o tráfego de saída.

A sujeira piorava à medida que penetrávamos mais pelos esgotos, enquanto vários pequenos afluentes gorgolejavam para se juntar à eclusa maior onde estávamos. Patinávamos pelo lodo em um ritmo satisfatório, usando uma lanterna de bolso para iluminar o nosso caminho. Eu estava seguindo o mesmo trajeto que havia tomado para entrar, virando em cada junção na ordem inversa. Gritos e ecos de uma busca ricocheteavam nas paredes em algum lugar atrás de nós, mas Drusil Bephorin ignorava isso. Estava mais determinada em me cumprimentar corretamente.

– Certamente seguirei na minha melhor velocidade, Luke Skywalker. Enquanto seguimos, você poderia matemática algo matemática matemática para mim com algo matemática?

Drusil usou os termos adequados, é claro, e números precisos, mas não lembro exatamente o que ela me pediu e nem mesmo se eu conhecia os termos todos, para começar. Parecia, no entanto, que ela havia feito uma pergunta com uma resposta única, em vez de um conjunto de valores e vetores.

– Ahn, deixe-me ver. Isso seria... três?

A Givin fez um barulho de pigarro com a garganta que poderia ser uma risada.

– Excelente.

Sim, excelente. Graças às estrelas 3PO e Leia tinham experiência com os Givins. Uma pausa na conversa me permitiu ouvir com mais clareza. Pode ter sido minha imaginação, mas parecia que nossos perseguidores estavam chegando mais perto. Eu sabia que Nakari havia derrubado pelo menos os dois guardas mais próximos de Drusil e R2 tinha neutralizado o droide de

segurança (senão a Givin não estaria comigo), mas com isso ainda restavam seis agentes do DSI capazes de nos perseguir e pedir reforços para nos capturar. Ou, o que era mais provável, recapturar Drusil e me executar.

Antes que eu pudesse perguntar a Drusil algo sobre seus seguranças remanescentes, ela mesma fez uma pergunta.

– Ouvi você usar a primeira pessoa do plural em relação ao nosso transporte para fora do planeta? Acredito que disse que “nós” temos uma nave pronta. Isso significa que você tem camaradas?

– Sim, um droide e uma franco-atiradora. Eles nos encontrarão lá.

– Ah! Os dois que perturbaram minha equipe de segurança. Percebo. Eles provavelmente ficarão bem se estiverem vetorizando para algum ponto à nossa frente na superfície, mas sou obrigada a lhe dizer que os meus cálculos sugerem uma alta probabilidade de sermos abordados antes da nossa chegada ao seu ponto de encontro.

– Como pode saber disso? Você nem sabe para onde estamos indo.

– Eu não sei *ao certo*; eu disse probabilidade, não certeza. Mas posso fazer suposições quanto ao nosso destino com base em variáveis existentes, e prevejo que os perseguidores devem nos alcançar antes de nossa saída, a não ser que eles se comportem de maneira idiota.

– Essa não é uma das suas variáveis existentes?

– O pior tipo possível. Como você bem sabe, ao contrário da cinética, do tempo ou da distância, a idiotice humana é incalculável.

– Ei, eu... bem, sim. Acho que não há dúvidas. Vamos ver se podemos aumentar nossas chances e reduzir a probabilidade desse confronto que você prevê.

– Isso seria sábio.

Acelerar o ritmo aumentaria o ruído da nossa passagem e nos deixaria mais propensos a tropeçar e cair de cara em algo indescritível, mas era melhor arriscar isso do que levar um tiro nas costas.

Pensar nos agentes do DSI, no entanto, me fez esquecer que os esgotos eram habitados. Quando chegamos a um cruzamento onde deveríamos virar à esquerda, um grunhido e um brilho de dentes me alertaram a tempo para que eu mantivesse todas as minhas digitais, mas por pouco. Uma criatura atarracada de quatro patas passou pelo ar quando recuei para trás, fechando as mandíbulas sobre a lanterna e provavelmente levando junto as pontas dos meus dedos, a julgar pela pontada de dor que senti. A luz se apagou nas vísceras da coisa e mergulhamos na escuridão. Estávamos bem fundo nos túneis agora, sem grades de drenagem ao nível da rua acima de nós.

– Para trás! – Alertei Drusil quando ouvi a criatura engasgar e cuspir a lanterna. Não estava mais funcionando; talvez estivesse apenas na posição de desligada, em vez de quebrada, mas eu não procuraria por ela no escuro no fundo de um esgoto com algo faminto nas imediações. Precisávamos enxergar, então puxei o sabre de luz do meu cinto, torcendo para que sua luz me permitisse ver a criatura antes que ela atacasse de novo. Segurando-o na minha frente em posição defensiva, liguei-o no instante em que ouvi a criatura rosnar e se debater na imundície. A lâmina de plasma azul surgiu e meus olhos, dilatados na escuridão, viram a coisa abrir a boca e juntar suas poderosas patas traseiras para saltar na minha garganta. Os dentes pareciam pingentes viscosos e esverdeados, embora talvez isso fosse uma ilusão da pouca luz, e o bicho tinha grandes narinas e orelhas de pele pálida, mas apenas duas pequenas manchas oculares. Sua falta de pêlos era, sem dúvida, uma bênção ali embaixo. As narinas se arreganharam e as orelhas apontaram para a minha direção, e então a coisa saltou para mim, boca aberta, certa de que eu seria muito mais comestível do que uma lanterna de bolso. Havia pouco tempo ou espaço para fazer muito mais do que esquivar-me para um lado e golpear para baixo em reflexo contra aquela clara ameaça; estou certo de que meu golpe não teria a aprovação de

nenhuma pessoa treinada em artes marciais. Mas, naquele espaço confinado, foi eficaz o bastante. A lâmina cortou um naco de sua bochecha e talvez alguns dentes; com o impulso, a criatura bateu no meu ombro de raspão, o que provocou apenas uma mancha gordurosa de carne queimada em vez de alguma lesão. Uivando de dor e medo, a criatura virou-se após cair e afundou para bem longe de nós. Acostumada a emboscar suas refeições, não tinha gosto pelo tipo que revidava.

Infelizmente, seu ataque, seguido por um recuo, permitiu que os agentes do DSI não apenas conseguissem a nossa localização, graças ao barulho, mas também diminuíssem a distância entre nós.

– Eles estão lá embaixo! – ouvi um deles gritar, enquanto Drusil disse:

– Notável! É um sabre de luz de verdade? As chances de encontrar um ser com um sabre de luz nesta galáxia atualmente são fantásticas de tão baixas. Ora, a probabilidade é tão pequena quanto...

– Vamos! – cortei. – Siga o sabre de luz. Vamos virar à esquerda aqui.

Em vez de seguir imediatamente, Drusil balançou a cabeça, o que quase não percebi, não fossem as pálidas lâminas de suas bochechas ossudas dançando de um lado para o outro.

– Não há necessidade de se preocupar, Luke Skywalker. Minha visão é um pouco melhor que a de um humano. Posso ver bem o suficiente para evitar os obstáculos.

Um raio zuniu por nós e o som de seu disparo ecoou e foi amplificado pelo túnel. Pontos de luz no fundo do túnel indicavam lanternas de bolso como a que eu tinha perdido há pouco.

– Presumo que tenha visto isso, então. Vamos.

– Sim, agora mesmo.

Viramos a esquina assim que nossos perseguidores dispararam novamente, mas, dessa vez, o som foi diferente: a vibração elétrica distorcida de uma explosão de choque. No pequeno diâmetro do túnel,

aquilo se espalharia até preencher toda a área, tornando-se algo impossível de evitar. Mas já tínhamos dobrado a esquina e a vibração passou às nossas costas, enfraquecida e perto de dissipar-se após cruzar tal distância. Seu brilho iluminou brevemente o meu caminho, e fiquei grato por isso.

Drusil perguntou:

– Estamos chegando perto do seu ponto de escape planejado? A probabilidade de sua morte aumenta a cada segundo que permanecemos no subterrâneo.

– Sim, só precisamos fazer mais uma curva à direita e então deveremos começar a ver algumas luzes de drenagem. Mas encontrar a curva em si pode ser complicado, com apenas um sabre de luz para iluminar. Não sei como vou encontrá-la no escuro.

– É a primeira curva à direita nessa passagem?

– Sim, por quê?

– Você acabou de passar por ela.

Tentei parar rápido demais, escorreguei no limo e me preparei para um pouso pouco gracioso ao mesmo tempo que tentava não fatar a mim mesmo com o sabre de luz. O impacto foi muito mais suave e macio do que previa. Nem quero pensar em que tipos de substâncias poderiam estar servindo de almofada. O ato de ficar de pé envolveu ruídos de coisas esmigalhadas que assombrariam meus sonhos mais tarde, e o odor era quase suficiente para me fazer vomitar. Eu provavelmente não teria deixado isso acontecer se não estivéssemos com tanta pressa.

– Depressa. Eles estão vindo – disse Drusil. – Devo guiá-lo? Não posso ver os maiores detalhes, mas posso enxergar mais do que o suficiente para apontar as direções.

– Sim, vá em frente – falei, estendendo a mão esquerda. Estava coberta de lodo e também era a que tinha sido arranhada e mordida por aquela criatura, mas a Givin agarrou-a e puxou-me por uma passagem que eu

tinha ignorado completamente no escuro. Pouco antes de sairmos do túnel em que caí, vi à minha direita os raios de luz das lanternas de bolso dos DSI e escutei seus passos rápidos. Estavam muito próximos.

– Nós devemos ver alguma luz vinda de cima em breve – disse eu –, e uma escada do lado esquerdo levando até a superfície. Há uma porta de serviço que dá na rua, entre dois edifícios. Subimos e deve haver um speeder lá esperando por nós.

– Sim. Eu vejo a luz. Isso deve ajudar a nós dois. Você pode correr mais rápido?

– Sim, eu consigo.

Essa passagem em particular não fora amaldiçoada pelo muco e acúmulo de sujeira das outras; era usada para a drenagem da chuva e o acesso aos túneis mais profundos, de modo que o piso estava apenas escorregadio com os veios remanescentes das chuvas leves da noite anterior. Lá em cima, vi raios de sol lanceando para baixo pela escuridão da rua; isso me orientou e deu mais confiança para que alongasse os meus passos. Atrás de nós, vozes e passos sobre a água ficavam bem mais altos e olhei para trás para ver os olhos de duas lanternas de bolso passarem pela nossa posição; então uma terceira, mais ao fundo, fez uma pausa, desviou para onde estávamos e a pessoa que a segurava gritou para os outros voltarem. Eu provavelmente deveria ter desligado meu sabre de luz assim que vi a luz do sol; isso poderia tê-los enganado por mais alguns segundos até que percebessem o erro e refizessem o caminho. Mas, já que tínhamos sido vistos, fiquei feliz por tê-lo já pronto. Troquei-o da mão direita para a esquerda, porque isso me permitiria empunhá-lo na defensiva enquanto subia a escada. As pontas dos dedos ainda doíam e minha mão estava coberta de limo, mas funcionou muito bem.

– Você vai primeiro, o mais rápido que puder – falei para Drusil. – Deve haver uma mulher de cabelo escuro encaracolado e um droide astromec à

espera. Vá com eles.

Ela obedeceu e começou a subir, mas falou para baixo:

– E quanto a você?

– Sigo logo atrás de você.

O agente que nos tinha visto esperou pelos outros antes de prosseguir. As luzes de três lanternas se aproximavam, sem dúvida empunhadas pelos agentes que Nakari e eu vimos circulando pelo parque dois dias antes. Perguntei-me se já haveriam encontrado Darth Vader e visto o que ele podia fazer com um sabre de luz. Se assim fosse, poderiam saber mais sobre sabres de luz do que eu. Se disparassem raios contra mim, eu talvez fosse capaz de pegar um ou dois deles com a lâmina, como fiz naquele treinamento já há um bom tempo na *Millennium Falcon*, mas duvidava que minhas débeis habilidades com a Força me permitissem defletir o fogo repetido de três pistolas de uma vez. Porém, se disparassem para atordoar; bem, eu não sabia exatamente o que aconteceria, mas, seguindo meu palpite, ativei o pino para travá-lo na posição *ligado*.

Drusil estava a três quartos do caminho para cima. Comecei a subir atrás dela em um constrangedor processo que usava apenas três membros, segurando o sabre de luz às minhas costas em uma tentativa de desorientação. No escuro, os olhos dos agentes se concentrariam naturalmente sobre a fonte de luz, e, como eles provavelmente estariam atirando em mim em segundos, seria inteligente garantir que meu corpo não ficasse atrás de onde estariam apontando. Percebi que eu ganharia apenas alguns segundos ou frações de segundos com isso, mas poderia ser o suficiente para me tirar dali.

Uma coisa que não considereí foi o quão difícil seria para eles calcular a distância naquelas condições. Pude ouvi-los discutindo sobre o quão perto eu estaria, porque não queriam disparar cedo demais, e isso nos deu mais alguns segundos. Mas, quando Drusil abriu a porta de acesso e um

quadrado de luz natural entrou e iluminou a nós dois, eles perceberam que estávamos muito mais próximos do que pensavam – e prestes a escapar.

– Lá estão eles!

– Estou vendo!

– Atordoar, agora!

Isso poderia ser o fim; torci para que pelo menos Drusil fugisse e desse à Aliança uma vantagem na guerra, independente do que acontecesse comigo. Ela foi puxada de uma vez só pela abertura por Nakari, deixando o caminho livre para que eu subisse. Mas eu não conseguiria fazer isso antes que os agentes do DSI dessem alguns tiros. Eles levantaram suas pistolas e dispararam, expandindo halos azuis de energia que poderiam perturbar meu sistema neural e me fazer tombar inconsciente, ou talvez até mesmo me matar, considerando que eu receberia três disparos quase no mesmo instante. Porém, escolhendo atordoar em vez de atirar raios de plasma, eles indicaram que gostariam de fazer um interrogatório antes da minha execução.

Segurei o sabre de luz na minha frente, com a lâmina alinhada horizontalmente, mas apontando ligeiramente na direção dos agentes, para que a ponta recebesse primeiro a onda que se aproximava. Não havia como desviar ou realizar grandes feitos com a Força – ou o sabre de luz me salvaria, ou não. E salvou, mais ou menos. Houve um crepitar quando os disparos atingiram a lâmina, e uma teia de aranha de energia azul saltou dele quando os disparos se dissiparam, mantendo-me consciente e deixando os agentes do DSI boquiabertos. Mas antes que se dissipasse, uma parte da energia beijou os dedos que eu estava usando para segurar o cabo do sabre de luz; eles ficaram dormentes, e eu deixei cair a arma. Talvez contra um único disparo atordoante isso não tivesse acontecido, mas, contra três, uma parte conseguiu passar. Agora, os agentes poderiam simplesmente disparar de novo e eu seria nocauteado.

– Nakari! Socorro! – gritei, antes de saltar da escada, sacar minha pistola e disparar contra os agentes, que foram lentos em reconhecer que a situação tática mudara abruptamente. Recuperaram-se rápido depois que o primeiro gritou com um buraco carbonizado no peito; o que quer que estivesse usando como armadura não era suficiente para defletir o calor de minha pistola ajustada para o máximo. O segundo, que estava parado no meio, disparou uma rajada de choque uma fração de segundo depois do meu tiro alvejá-lo e sua carga atingiu o teto, sem causar danos. O terceiro, no entanto, teve a chance de dar um tiro certo e a aproveitou, mirando a pistola para baixo para que o centro da explosão batesse em mim.

Uma das características de usar disparos de choque em alguém é que você não precisa ser um atirador preciso graças ao alcance da propagação da explosão. Mas, neste caso, isso trabalhou em meu favor: a borda inferior roçou o chão molhado e correu para a lâmina do meu sabre de luz, ainda brilhando e caído no chão. Assim que o fez, a lâmina dissipou a explosão com o mesmo crepitar de eletricidade de antes.

Nakari atirou no último agente antes que eu pudesse fazer isso, em um raio que veio do alto. Olhei para cima e vi sua cabeça e braço direito pendurados pela porta de acesso; ela tinha disparado com precisão de cabeça para baixo.

– Obrigado – falei.

– Sem problemas. Espere um pouco. – Ela calmamente atirou de novo no corpo de cada agente.

– Por que você fez isso?

– Precisava ter certeza. Você ficará vulnerável por alguns segundos enquanto estiver subindo, e se um deles ainda estivesse vivo poderia tentar dar um tiro em você.

Era um motivo válido, que eu não havia considerado. Mesmo se eu tivesse pensado nisso, não sei se teria seguido em frente e atirado neles de

novo. Alguma coisa nisso me parecia sanguinária, ou simplesmente não muito correta. Teria que pensar mais sobre isso. Guardei todos esses pensamentos para mim enquanto recolocava a pistola no coldre, recuperava meu sabre de luz, e tornava a guardá-lo no cinto depois de desligá-lo. Foi minha primeira oportunidade de dar uma boa olhada na minha mão esquerda; estava faltando pele em torno das juntas e nas pontas dos dedos, que ainda sangravam. Também estava completamente suja e horrível e eu precisava limpá-la e mergulhá-la em uma cuba inteira de líquido higienizador.

Mas ainda não estávamos longe dos problemas; e imaginei que não estaríamos por um bom tempo. Desejei ter algum tempo para me deixar apresentável antes de subir para ambientes públicos, mas tínhamos que chegar até a nave o mais rápido possível. Subi depressa e imediatamente comecei a tirar minha túnica (originalmente) branca exterior. Tínhamos planejado mudar de roupa mais tarde, mesmo. A túnica escura por baixo estava molhada e provavelmente fedia muito, mas pelo menos não estava incrustada de resíduos. Nakari torceu o nariz.

– Ugh, Luke, o que é isso tudo em cima de você? Você escorregou e caiu na...

– Não vamos falar sobre isso, ok? Se não falarmos em voz alta talvez eu consiga esquecer em alguns milhares de anos.

– Ei, todo mundo sofre acidentes. – Ela lutava bravamente para conter um sorriso, mas parecia estar perdendo a batalha. Tive certeza de que eu estava enrubescendo: senti o calor no meu rosto.

Nakari deu um chute para fechar a porta de acesso e nos apertamos em um speeder fechado com a cabine escura. R2 e Drusil já estavam esperando lá dentro e empurrei os repulsores para o máximo de impulso, rumo a uma estrutura que servia de estacionamento nos limites do distrito. Nakari e

Drusil trocaram equações cortesmente e Drusil agradeceu-nos pela tentativa de resgate.

– Espero reiterar meu agradecimento após uma fuga bem-sucedida – acrescentou, enfatizando que ainda tínhamos um longo caminho a percorrer.

Havia outro speeder alugado à nossa espera no estacionamento e aproveitamos o tempo para trocar completamente de roupa antes de sairmos à vista das câmeras de segurança. Havíamos separado uma capa encapuzada para Drusil, de modo que seu rosto ficaria completamente escondido, e R2 tentou bagunçar as transmissões locais durante os poucos minutos que ficamos dentro da garagem, já que pouca coisa podia ser feita para disfarçá-lo. Quando planejamos a operação na véspera, achei essa etapa um mero excesso de cautela, que nos faria abrir mão de rapidez em troca de artimanhas, mas Nakari insistiu; ela estava convencida de que o DSI estaria vasculhando toda a rede de segurança atrás de nós, e, se nos pegassem antes de sairmos do planeta, seria bem difícil combater os reforços que poderiam convocar.

R2 tinha programado uma rota no rudimentar computador de navegação do speeder que o levaria para fora da garagem e o faria voar um padrão aleatório pelo distrito de Lodos. Era um stratagem que não se manteria por muito tempo, mas, como tudo que fizemos, fora planejado para nos dar um pouco mais de tempo. Precisávamos do máximo de tempo para escapar do sistema. Que seguissem em frente e juntassem todas as pistas, disse Nakari, contanto que fizessem isso tarde demais para nos parar.

Enquanto o programa de interferência de R2 rodava, subimos em outro speeder, também com uma cabine opaca, e dirigimos até fora de Lodos, enquanto o nosso chamariz penetrava mais fundo no distrito. Vimos veículos da lei local e imperial zunirem sobre nossas cabeças ao longo de

vetores que os levariam para as redondezas do café, e Nakari parecia ligeiramente presunçosa.

– Alguma previsão sobre a probabilidade de eles nos alcançarem, Drusil?
– perguntei.

– Não tenho dados suficientes para realizar os cálculos – respondeu ela. – Seria uma equação inteiramente composta de variáveis e poucos números reais a essa altura, resultando em pouco mais do que um palpite.

– Oh, desculpe.

– Talvez você possa me dizer se tem uma prova sólida de que minha família está a salvo, ou se estava falando de probabilidades – disse ela.

– Probabilidades – admiti. – Avisamos à Aliança que tentaríamos resgatá-la hoje, de forma que uma equipe diferente deve estar resgatando sua família agora. – Torci para que o major Derlin tivesse conseguido, ou teríamos uma Givin extremamente infeliz em nossas mãos.

– Ou talvez já tenham feito isso – disse Nakari. – Nós não saberemos até chegarmos a Omereth, infelizmente.

– Por que Omereth, se posso perguntar? – perguntei para Drusil.

– É insignificante e de pouco interesse para o Império ou a Aliança. Uma infraestrutura insignificante, sem formas de vida sencientes e pobres perspectivas minerais condenaram o planeta a um destino de férias para aventureiros. Não pode suportar uma grande população ou mesmo muitas das conveniências modernas sem importações significativas de outros mundos. Ninguém suspeitaria que uma criptógrafa viveria em um lugar tão isolado das redes ativas de comércio e das áreas militares. Está entre os lugares menos prováveis para me encontrar. Fiz os cálculos, garanto a vocês.

Sorrindo, eu disse:

– Não duvido. Falaremos mais assim que sairmos do sistema.

Controlei o speeder para um pouso suave na nossa plataforma de atracagem a uma curta distância da *Joia do Deserto*. Como o speeder

anterior, nós o enviamos voando para longe em um curso pré-programado assim que desembarcamos. Havia uma possibilidade de ele não ser encontrado imediatamente, por isso R2 programou-o para que pousasse com segurança antes que ficasse sem combustível.

– Realmente espero que os imperiais não tenham começado a checar as naves de partida – disse Nakari quando a rampa desceu e subimos a bordo da embarcação.

– Como tantos de minha equipe de segurança sobreviveram? – perguntou Drusil. – Dois foram mortos perto de mim. Três no esgoto. Isso deixa mais três, a menos que os tenham matado mais tarde.

– Não, está certa – confirmou Nakari. – Três sobreviveram e estão, sem dúvida, coordenando a tentativa de nos capturar.

R2 deslizou para os aposentos de estibordo para conectar-se ao computador de navegação da *Joiá*. Ele já sabia qual seria o nosso primeiro salto, mas eram necessários ajustes e cálculos de sintonia fina para que aproveitássemos a possibilidade de saída mais próxima. Fui direto à cabine para ligar os motores da *Joiá* enquanto Nakari e Drusil continuaram sua conversa no corredor. A Givin estava listando as lacunas nas informações imperiais (principalmente devido ao fato de termos tirado de ação o droide de segurança) que nos fariam ganhar tempo.

– Eles sabem que você e seu droide astromec estavam envolvidos, mas podem não ter visto Luke até ele emergir do esgoto depois de mim. Suponho que, a essa altura, tenham descoberto aquele local rastreando as unidades de comunicação dos três agentes mortos do DSI. Estarão vasculhando a cidade e com certeza procurando aquele primeiro speeder. A questão não é saber se eles estarão dispostos a ativar seus recursos orbitais e irritar a população civil para tentar impedir a nossa fuga; a questão é quanto tempo vão demorar até dar essa ordem.

Tentar bloquear o tráfego aqui seria uma tarefa difícil, uma vez que Denon situa-se na interseção de duas das rotas de hiperespaço mais viajadas da galáxia.

– Eles podem não saber que somos da Aliança – falei para trás enquanto checava os sistemas e era recompensado por uma fileira de luzes verdes. – Nós poderíamos ser mercenários trabalhando para os Hutts ou algo assim.

– Isso é verdade, mas provavelmente não terá qualquer influência na sua decisão. Eles desejam que eu permaneça sob seu controle e se esforçarão para garantir que isso aconteça.

– Entendido, mas, se eles acham que estamos com os Hutts, podem perder tempo procurando por nós no submundo do crime daqui. – Talvez eu estivesse pensando demais nisso; era visível como ponderar possibilidades podia retardar decisões de comando. Até agora, eu tivera pouca liberdade para planejar e executar as operações do meu jeito. Basicamente voei para onde a Aliança me dizia para voar e atirei no que me disseram para atirar. Há um prazer inegável em arruinar o dia do Império na base da pistola, mas planejar e antecipar as jogadas do inimigo tinha um apelo diferente que eu estava começando a apreciar. Soltei os freios e disse: – Melhor apertarem os cintos aí atrás. Estamos decolando e esta pode ser uma viagem emocionante.

Nakari mostrou a Drusil os aposentos comuns de estibordo e então juntou-se a mim na cabine, ocupando o assento do copiloto e ativando um canal de intercomunicação para os demais aposentos, para que R2 e Drusil pudessem nos ouvir.

A *Jóia do Deserto* levantou suavemente de seu ancoradouro e cortou a atmosfera sem sofrer perseguição imperial. Depois que defini o curso, pedi a R2 para monitorar os canais de segurança como uma sub-rotina, mantendo nosso salto pelo hiperespaço como sua prioridade. Saltaríamos rumo ao Núcleo ao longo da Via Hydiana até Exodeen, e, de lá,

pegaríamos um atalho pelo hiperespaço chamado Rota Comercial Nanth'ri, que ofereceria várias maneiras diferentes de chegar a Omereth.

O céu ficou para trás e foi substituído pelas estrelas quando deixamos sem problemas a atmosfera de Denon. Meu comentário sobre isso provocou uma risada irônica em Drusil.

– Você deve encontrar problemas em breve – disse ela. – A probabilidade é quase certa.

R2 emitiu um alarme e um fluxo de caracteres apareceu na holointerface acima de nossas cabeças, traduzindo suas palavras: IMPÉRIO ORDENOU UM BLOQUEIO EM TODO O SISTEMA PARA CAPTURAR ESPIÕES REBELDES. CRUZADORES CLASSE INTERVENTOR A CAMINHO. TODAS AS NAVES QUE PARTIREM ANTES DA INSPEÇÃO IMPERIAL SERÃO LISTADAS.

A presciência de Drusil me fez querer passar mais tempo estudando matemática.

– Que coloquem a gente nessa lista! Já tem o curso pronto? Salte se quiser.

SALTANDO.

Eu esperava sair do sistema sem ser marcado para uma perseguição, mas esse plano estava arruinado. Restava-nos torcer para que nossa nave fosse mais rápida do que qualquer armadilha que o Império inventasse.



CAPÍTULO

$4 \cdot \frac{1}{2}D = 13 \cdot Z + 559$

A primeira coisa que fiz após entrarmos no hiperespaço foi visitar o banheiro para lavar a minha mão e tomar um banho rápido, a fim de exorcizar a imundície dos túneis de Denon. Ficar limpo era um desejo pessoal e também um serviço público, porque eu ainda fedia mesmo depois de tirar a camada de roupas incrustadas de sujeira do lado de fora do esgoto. Tomei alguns bactericidas fortes como precaução. Meus cortes logo criariam casca e sarariam, mas deveriam doer por algum tempo.

Livre do lodo, enfaixado e finalmente apresentável, juntei-me a Nakari na cabine com alguns minutos de sobra antes de entrarmos no sistema Exodeen. Ela sorriu e tocou nas minhas roupas frescas e cabelo úmido.

– Aposto que se sente melhor assim – disse ela.

– Incrivelmente melhor.

– Farei o mesmo após o próximo salto.

– Intercom ainda ligado? – perguntei enquanto me afivelava ao assento do piloto. – Drusil pode me ouvir?

– Posso ouvir – disse a voz de Drusil.

– Ótimo. Eu queria lhe perguntar por que o Império e a Aliança estão tão interessados em você, especificamente, como criptógrafa. O que a diferencia dos outros?

– O que interessa à Aliança é que eu escrevi alguns programas de sliceamento que cortariam facilmente as rotinas imperiais de criptografia de baixo nível, programas que pretendo entregar assim que estiver ao lado de minha família. Também posso slicear por alguns dos códigos de nível mais alto, desde que tenha tempo suficiente.

– Perdão, mas como podemos ter certeza disso, exatamente?

– Os Kupohanos não lhe asseguraram das minhas capacidades?

– Eles asseguraram os tomadores de decisão da Aliança, que acreditaram nos Kupohanos a ponto de nos enviar para resgatar você. Mas o fato é que a Aliança ainda não viu alguma prova de que você possa fazer tudo isso que

alega. Não é que eu duvide de você, mas prefiro confirmar as suas habilidades.

– O que você sugere?

As estrelas entraram em foco assim que saímos do hiperespaço para o sistema Exodeen. Nossos scanners imediatamente detectaram a presença de várias naves imperiais, incluindo um cruzador pesado e um destróier estelar. Suas imagens datavam de alguns minutos atrás, devido à velocidade da luz, e eles não nos viam por alguns minutos ainda.

– Calcule o salto para Nanth'ri, R2! – eu disse, e, depois que ele sibilou em resposta, falei para Drusil: – Talvez você possa captar alguma comunicação imperial por aqui e decriptá-la para nós enquanto esperamos.

– Se for comunicação de baixo nível, com certeza. Se você puder varrer o sistema em busca de comunicações deles enquanto preparo o meu hardware, veremos o que pode ser feito.

– Seu hardware está naquela sacola que você trouxe com você?

– Sim. Um datapad que eu mesma montei com acopladores associados para se comunicar com a maioria dos dataports alienígenas. É... único. – Uma nota de orgulho inconfundível surgiu na voz da Givin, que ainda soava como se abafada por um punhado de comida pastosa.

A mão direita de Nakari disparou para a frente e desligou o intercomunicador. Suas sobrancelhas arquearam e ela balançou a cabeça, murmurando:

– Ora, como somos especiais.

Dei uma risada.

– Nós realmente precisamos achar algum teste para ela. Seria bom saber que não estamos sendo enganados aqui.

Os dedos de Nakari viraram mais algumas chaves e giraram um botão. Após alguns segundos de ruído branco, um fluxo de sílabas ininteligíveis

preencheu a cabine e ela restabeleceu o link do intercomunicador com os aposentos de estibordo para que Drusil pudesse ouvi-la.

– Ah! Só um momento – disse Drusil. – Calibrando... link estabelecido. Decriptografia rodando. – O ruído parou por uns trinta segundos antes de voltar sob a forma de uma rápida explosão, provavelmente uma resposta padrão à transmissão anterior. A voz de Drusil cortou o silêncio. – Sucesso! O Império transmitiu ordens através de sua HoloNet, com origem em Denon. Perdemos o início da transmissão, então devo começar a ler pelo meio de uma frase: *...pequena nave particular, vinda de Denon, procurem por dois humanos, uma Givin, um droide, são da mais alta prioridade, reportar de imediato ao DSI, recompensa oferecida pela captura, não pela destruição.* E então o que se segue é apenas uma resposta formal de reconhecimento.

– Obrigada, Drusil – disse Nakari. – Por favor, aguarde um momento. – Ela desligou o intercomunicador para que pudesse falar comigo em particular. – Você sabe que ela pode simplesmente ter inventado isso, certo?

– Sim, eu sei. Vai ser difícil testar isso. Teríamos que continuar seguindo em direção ao planeta, deixar que os imperiais nos detectassem e ver se nos perseguiriam.

– Poderíamos fugir facilmente – apontou Nakari –, mas aí eles teriam um avistamento para reportar e uma boa ideia de para onde estamos indo. Na situação atual, precisam transmitir para todos os lugares e não têm a menor ideia de onde concentrar suas forças. Se lhes dermos uma pista, podemos enfrentar um monte de problemas mais à frente. Vale a pena ficar por aqui só para confirmar se ela consegue decriptografar ordens padrão?

– Não, acho que não.

– Eles logo saberão que estivemos aqui, porque não podemos esconder a luz refletida da nossa entrada; mas se partirmos agora poderemos impedi-los de obter uma varredura profunda, confirmando três formas de vida a

bordo. Presumindo que a decifração dela seja real e que estejam à nossa procura. E note que, se *for* real, o Império sabe do seu envolvimento específico depois de você ter saído do esgoto. Ou seja, eles definitivamente viram imagens de segurança de algum lugar.

– Concordo. Não gosto da ideia de ficar por muito tempo no mesmo lugar antes de a deixarmos em Omereth. Estou curioso para saber se ela é para valer, mas realmente não é nosso trabalho determinar se ela está dizendo a verdade ou não. Somos apenas um serviço de táxi levemente armado agora.

Nakari fez uma careta.

– Podemos chamar de um serviço de táxi *fortemente* armado? Acho que soa melhor.

Dei de ombros.

– Certo.

– Sem discussões, é? Isso é bom. – Ela ligou o intercomunicador de novo.

– R2, podemos saltar? – perguntei. – Vamos partir se estiver pronto.

SALTANDO, veio a resposta; e, uma vez que estávamos com segurança no hiperespaço, Nakari abriu o cinto e levantou-se de seu assento, imitando seu pai enquanto seguia para a popa.

– Piloto! Um banho se faz necessário! Voe de forma responsável na minha ausência! – Ela arrastou um dedo ao longo do meu ombro ao passar, e não pude suprimir o sorriso que seu toque inspirou. Eu gostava dela e estava começando a achar que ela talvez gostasse de mim também.

Mas não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso agora. Flertar durante uma missão é uma das melhores formas de garantir o fracasso dela – e, provavelmente, seu fracasso romântico. Vi Han Solo ficar em apuros muitas vezes enquanto tentava jogar um charme para cima de Leia, e ele ainda não havia exatamente caído nas boas graças dela.

Tínhamos que passar por cinco planetas até chegarmos a Nanth'ri e então decidirmos que direção tomar. Poderíamos seguir para o norte galáctico, que tinha a vantagem de ser uma rota mais curta para Omereth, mas a desvantagem de conter mais mundos imperiais, ou zarpar em direção sul por um curto período e então seguir em direção leste de novo, atravessando o Espaço Hutt e evitando o Império, mas correndo o risco de encontrar sabe-se lá o quê naquela área decadente da galáxia. Uma coisa seria mais comum lá pelas bandas do Espaço Hutt: caçadores de recompensas. Se o Império tivesse retransmitido aquela mensagem sobre uma recompensa por nossas cabeças por canais não criptografados, teríamos todos os tipos de seres à nossa procura e sem necessidade de respeitar os protocolos e procedimentos imperiais. Eles também não precisavam fazer todas as outras coisas que as forças do Império tinham que fazer: patrulhar vastas áreas do espaço e guardá-las contra a Aliança, contrabandistas procurados pela polícia e assim por diante. Caçadores de recompensas podiam dedicar cem por cento de sua atenção a nos encontrar. Pensar nisso me deixava nervoso, mas eu preferia enfrentar a nave de um único caçador de recompensas do que o pesado poder de fogo que a Frota Imperial poderia apresentar. Virar para o sul era provavelmente a melhor decisão.

– R2, quando chegarmos a Nanth'ri, comece a calcular um salto capaz de nos levar através do Espaço Hutt. Se puder dar um salto por todo o caminho sem parar, provavelmente será melhor.

A afirmativa do droide apareceu na minha holotela ao mesmo tempo que a voz de Drusil veio pelo intercomunicador.

– Gostaria da minha ajuda no cálculo desses saltos? Não deve ser algo terrivelmente cansativo. Na verdade, eu acharia revigorante.

Procurei uma forma diplomática de dizer não. Se, por algum terrível acaso, Drusil fosse na verdade uma espiã imperial e isso tudo fosse uma

elaborada armação, as coordenadas que ela nos fornecesse poderiam nos levar diretamente a uma posição da Frota Imperial. E eu não tinha certeza se queria confiar a navegação da nave a cálculos feitos de cabeça por alguém, de qualquer forma. E se ela esquecesse de subir o um ou algo assim?

– Obrigado, Drusil, mas R2 já está conectado e familiarizado com as características da nave, então eu prefiro que ele mostre o caminho. Talvez você possa checar o trabalho dele, que tal? – Estremeci, esperando que ela não encarasse minha resposta como uma descrença nas suas habilidades.

– Isso seria ótimo – ela disse, e então um silêncio caiu sobre a cabine. Presumivelmente, R2 e Drusil estavam imersos em pura matemática e não tinham nada mais a dizer. Com Nakari ausente por algum tempo, eu não tinha nada a fazer, exceto permanecer no assento do piloto para o caso de algo dar errado.

Era uma oportunidade ideal para meditar e ver se eu poderia fortalecer meu vínculo com a Força. Na primeira vez que sentira a Força, na *Millennium Falcon*, foi como cócegas leves de uma presença em minha consciência e no ar ao meu redor, algo que não podia ser atribuído aos meus cinco sentidos. Desde então, busquei conexão com a Força em inúmeras ocasiões, e a cada vez ficou ligeiramente mais fácil fazer esse contato e senti-la girar e se aglutinar à minha volta, uma sensação não muito tangível, mas bem real, como quando se faz exercício e se descobre ao longo do tempo que a mesma rotina exige menos esforço, porque sua força e resistência aumentaram.

Eu não tinha outro objetivo em mente que não fosse aumentar a minha percepção da Força; não havia vegetais ou outros objetos para empurrar pela cabine, de qualquer modo, e percebi que uma maior compreensão da Força me ajudaria a executar tais tarefas mais rapidamente no futuro, e

talvez me permitisse mover objetos maiores ou realizar outros exercícios Jedi.

As linhas das estrelas estiradas ao longo do hiperespaço eram excelentes para limpar minha mente. Sem distrações, apenas ruído branco visual. Lembrei-me do treinamento com o robô remoto, usando um capacete com o escudo antirraios abaixado e sentindo a Força como uma energia interior e exterior que atuava comigo, mas não era parte de mim. Aquilo foi uma pontada, um leve despertar de uma nova parte da minha mente, como uma alvorada apenas vislumbrada por olhos incrustados de sono. Eu sabia que não estava completamente acordado ainda; acho que parte de mim queria voltar a dormir. Mas a aurora chega, quer você durma ao longo dela, quer não, e acho que a Força pode ser assim: sempre lá, mas invisível até que você se esforce.

Minha respiração desacelerou e ficou mais profunda. Logo fiquei consciente de que havia outros respirando na nave. Drusil era a mais próxima, sentada em atitude de oração ou talvez meditação, como eu, tentando afastar suas preocupações. Talvez a atividade de sua mente fosse pura matemática. Mais ao fundo e à esquerda, Nakari estava feliz, embora eu não soubesse por quê. Sua respiração era irregular e uma espécie de ronronar; estaria cantarolando sozinha? Eu não podia ouvir para confirmar, é claro, mas senti pela Força que devia ser verdade.

E o que haveria... para além da nave? Não havia mais nada respirando nas proximidades, isso era certo. Mas eu sabia que a Força podia me contar de coisas além dos meus arredores mais imediatos. Ben havia me mostrado isso. Quando a Estrela da Morte destruiu Alderaan, ele sentiu, mesmo no hiperespaço, quando ainda estávamos a anos-luz de distância. Pensei se seria capaz de sentir alguma coisa fora do hiperespaço.

Eu me abri mais – ou talvez devesse dizer que me perdi mais, deixei meus cinco sentidos partirem e me concentrei apenas no que a Força podia

me mostrar. Nanth'ri esperava à frente, e ao redor dele... algum tipo de perigo? Raiva? Não, nada tão pessoal. Mais como um antagonismo. Agressão. Mas eu não conseguia ver quem estava sentindo essas coisas, ou contra quem eram dirigidas.

O blip de R2 foi um forte puxão na minha audição e quebrou meu transe. Pisquei e vi suas palavras correrem pelo holofeed: UM MINUTO PARA A CHEGADA AO SISTEMA NANTH'RI.

Nakari retornou e tomou seu lugar enquanto eu respondia a R2. Lembrei-me de sentir por meio da Força que ela estivera feliz e cantarolando alguma coisa, e tentei confirmar visualmente se ela estava de bom humor. Ela havia prendido o cabelo encaracolado e admirei como isso valorizava seu perfil, o contorno de seu pescoço e – oh-oh, ela me flagrou. Quando meus olhos se voltaram para seu rosto, uma sobrancelha e um canto de sua boca ergueram-se como que para perguntar: “O que você está olhando?” Isso provocou em mim um breve pânico. Admitir que a achava bonita seria flertar, e meio mal, mas se eu não dissesse nada pareceria meio lento.

Limpei a garganta e disse:

– Me pergunto se os Jedi teriam algum truque secreto que os impedia de parecer sem jeito.

Com agrado, ela perguntou:

– Ben Kenobi não tinha nada a dizer sobre o assunto?

– Bem, ele ficava me dizendo para “confiar nos meus sentimentos”, e confio que me sinto sem jeito agora. Desculpe por, você sabe, ficar encarando.

Nakari bufou.

– Relaxe, Luke. Você não é o primeiro homem que eu flagro fazendo isso; e não foi a primeira vez que eu flagrei você também. É apenas a primeira vez que eu o deixo saber que está sendo um pouco óbvio.

Estremeci.

– É possível ser *um pouco* óbvio?

– Não. Eu estava tentando ser legal. Foi óbvio.

Fiquei grato por sairmos no sistema Nanth'ri um momento depois, porque isso desviou nossa atenção. Um alarme apitou no meu cérebro, “*perigo, ali*”, e, sem pensar, virei a nave com firmeza para estibordo e acelerei, no instante em que uma pequena frota de naves claramente não imperiais apareceu em nossos scanners. Não era a Aliança, tampouco; então por que mais de vinte naves estavam voando abaixo de nós, a bombordo, sem uma formação definida? A maioria eram pequenos caças escoltando um grande cruzador capaz de atracar todos eles. Alguns dos caças na ponta da formação estavam perto o bastante para nos atacar se quisessem, e em poucos segundos demonstraram que queriam fazer exatamente isso. Os outros também se voltaram para nos perseguir, mas nunca teriam tempo de nos alcançar a menos que eu voasse até eles. Em uma avaliação rápida, vi que eu só teria que me preocupar com cerca de cinco deles, mas, se eu esperasse aqueles poucos segundos extras até que eles aparecessem na tela, e em seguida avaliasse as informações antes de agir, teria voado mais perto e ficado dentro do alcance de algumas naves a mais.

Ativando os escudos defletores, acelerei ainda mais, para cerca de três quartos da velocidade máxima, e seus primeiros tiros não nos acertaram, mas Nakari viu os raios passarem pela cabine e percebeu tardiamente que estávamos sob ataque.

– Ei, quem está atirando em nós?

– Devem ser piratas – falei. – No momento, devem ter apenas achado a nossa nave luxuosa e com jeito de que leva algo valioso. Mas quando descobrirem que estamos viajando sem carga alguma...

– Vão tomar a nave e nos vender como escravos. Ou pedir um resgate para o meu pai.

– Ou nos dar para o Império, se descobrirem sobre a recompensa por nossa cabeça.

– Eu gostei daquela coisa que você fez alguns segundos atrás, quando a nave voou mais rápido – disse Nakari. – Acho que devia fazer de novo.

– Vou pensar nisso, mas acho que estamos bem por algum tempo.

Seus disparos de canhão estavam ficando mais rápidos e começando a se fechar sobre nós, mas ainda não haviam nos atingido; a *Joia do Deserto* era um alvo pequeno e eu já realizara manobras evasivas antes. Nós tínhamos folga para forçar os motores, entretanto eu não queria me afastar muito rapidamente, pois os piratas poderiam decidir usar mísseis se nos vissem ganhar distância; nossos escudos defletores deveriam ser capazes de resistir a alguns disparos de raios, mas poderiam ficar sobrecarregados com mísseis.

– R2, quanto tempo até poder nos levar pro hiperespaço?

QUARENTA E CINCO SEGUNDOS... TEMPO MÁXIMO, mostrou sua resposta.

– Ok, vá assim que puder, não precisa esperar a minha ordem.

– Quarenta e cinco segundos é muito tempo quando há pessoas atirando em você – apontou Nakari, com clara tensão na voz. Dei um olhar de relance para ela e percebi que ela não estivera em muitos tiroteios como esse. Sua zona de conforto ficava na atmosfera, com uma arma balística no ombro e uma pistola de reserva; pilotar era algo que ela fazia para chegar ao planeta mais próximo e sua clara preocupação me dizia que ela havia voado em poucas situações de combate, talvez nenhuma. Sua experiência trabalhando para o pai lhe ensinara que o tiroteio geralmente só começava depois do pouso.

Não que eu não estivesse um pouco preocupado; cinco contra um é um cenário ruim, especialmente quando os cinco têm mais quinze logo atrás, mas o fato era que tínhamos uma nave melhor e que o inimigo ainda não sabia disso. Eu podia apostar que esses motores subluminais seriam capazes de

atingir a mesma velocidade de um interceptor TIE. Os sensores da *Joia* me disseram que os piratas que disparavam contra nós estavam voando em caças CS e em dois B-wings. Ainda que, sem dúvida, fossem modelos personalizados, era improvável que pudessem alcançar a *Joia do Deserto* em sua velocidade máxima. Mas eu não queria gastar esse combustível se não fosse necessário – tínhamos uma longa viagem pela frente e portos amigáveis seriam escassos quando começássemos a ter problemas. Por isso, se os escudos e nossas atualizações rodianas pudessem lidar com isso, melhor.

– Acho que vamos ficar bem – falei, e, claro, assim que as palavras saíram da minha boca, levamos nosso primeiro tiro na parte inferior da asa de estibordo. Os escudos impediram qualquer dano, mas o impacto nos fez girar e mudou o nosso vetor. Tive que lutar com a nave para que voltasse para o curso certo e fosse um alvo menos exposto.

– Isso *não* está nada bem, Luke! O que você está esperando? Vá mais rápido!

– Os escudos ainda estão bem. A maioria dos tiros está errando.

Fomos alvejados e giramos de novo, e, desta vez, a leitura de energia do escudo caiu visivelmente.

– São os que acertam que me preocupam! – exclamou ela.

– Toda vez que eu tento acalmar você somos alvejados, então vou apenas voar, ok?

Antes que Nakari pudesse retorquir, uma mensagem rosnada de um dos piratas surgiu pelo sistema de comunicação.

– Nave não identificada. Rendam-se para inspeção e nós garantiremos a sua segurança pessoal. Continuem a fugir e vocês serão destruídos.

Nakari grunhiu e descontou sua frustração no alto-falante. Ela apertou o botão de comunicação e disse:

– Buraco não identificado, por favor, cale a boca e vá inspecionar você mesmo. Continue a falar e será ignorado.

Sua repreensão funcionou em um sentido: eles não falaram mais. Mas os três CSs decidiram deixar mísseis guiados por calor falarem por eles, uma mudança para a qual eu estava preparado, mas que ainda assim me surpreendeu. Uma nave feita em pedaços não lhes renderia lucro algum.

Talvez eles tivessem tido um dia duro de pirataria, ou talvez tivessem os dedos leves; não fiquei pensando nisso, porque sobreviver aos seis mísseis era mais importante do que descobrir por que eles haviam sido disparados. Eu preferia sequer ter de lidar com mísseis, mas em Rodia tínhamos instalado alguns sinalizadores que seriam úteis agora.

Sinalizadores de fósforo podem ficar muito mais quentes do que os motores por um breve tempo e atrair os mísseis de calor para longe, mas cronometrar sua liberação é crucial. Se os soltarmos cedo demais, correremos o risco de se apagarem, permitindo que os mísseis de calor voltem a detectar os motores subluz; e, se tarde demais, a explosão danificará nossos propulsores de qualquer jeito. Pensar nisso me fez reavaliar a estratégia dos piratas: eles não estavam tentando nos matar. Estavam apenas tentando danificar nossos motores. Estavam apostando que tínhamos sinalizadores e que iríamos liberá-los de forma desajeitada ou então esgotar o número de sinalizadores à nossa disposição. Se eles nos danificassem, seu objetivo seria alcançado; se não, disparariam outra série e repetiriam isso até que fôssemos danificados. Se a aposta desse errado e nós acabássemos destruídos, não perderiam o sono por causa disso, porque tinham nos dado uma chance de rendição.

Se Drusil estivesse na cabine, seria capaz de checar os vetores e velocidades dos mísseis e calcular o tempo ideal de liberação dos sinalizadores, mas eu precisava confiar no instinto; ou melhor, no instinto ajudado pela Força. Nós não saltaríamos para o hiperespaço antes de os

mísseis chegarem até nós, e tentar ser mais rápido do que eles era o tipo de ideia que faria C-3PO declarar a nossa perdição. Por isso, tinham que ser os sinalizadores.

Quando fechei os olhos e imergi na Força, foi como se eu nunca a tivesse deixado, alguns minutos antes; a consciência ainda estava lá, um jorro dela preenchendo minha cabeça como um sentido adicional que falava dos meus arredores, dentro e fora da nave. Nakari estava preocupada e disposta a me deixar saber disso; Drusil também estava preocupada, mas mantinha silêncio; R2 simplesmente estava lá, e presumi que estivesse ocupado trabalhando com o computador de navegação para preparar nosso salto. Senti os cinco piratas mais próximos e os seis mísseis, ajustei o curso da *Joia* em resposta a suas posições e padrão de fogo e esperei o momento certo para lançar os sinalizadores.

Quando a hora chegou, abri os olhos para verificar se meu dedo realmente estava pairando sobre o botão correto no recém-instalado painel do sistema de armas rodianas – um momento de insegurança, pode-se dizer – e apertei assim que meus olhos confirmaram. Os sinalizadores foram ejetados e atraíram os mísseis de calor; explosões sacudiram o espaço atrás de nós, tiros de canhão continuavam a passar por perto e os piratas lançaram uma nova rodada de mísseis.

– Estamos bem? Pegou todos eles? – perguntou Nakari.

– Peguei os seis primeiros, mas mais seis estão vindo.

– Temos sinalizadores suficientes para isso?

– Acho que temos o suficiente, mas não vamos precisar deles.

– Por que não?

Sorri para ela.

– Porque se passaram quarenta e cinco segundos agora.

As estrelas passaram como pingos de chuva contra uma janela assim que R2 realizou o salto, dentro do prazo.

Nakari fechou os olhos, cravou os dedos nos braços do assento do copiloto e respirou fundo. Quando exalou, relaxou, drenando a tensão dos ombros e dedos, abriu os olhos e olhou para mim.

– Desculpe por ter gritado, Luke. Você obviamente sabia o que estava fazendo e eu não ajudei.

– Não se preocupe com isso – respondi. – As pessoas tendem a gritar em combate. É muito estresse. Essa foi a primeira vez que foi perseguida desse jeito?

Nakari assentiu, com os lábios pressionados um contra o outro.

– Se estivéssemos na *Colheitadeira*, você teria motivos para se preocupar – disse a ela. – Mas foi uma boa decisão gastar todos os seus créditos nesses motores. Um quarto mais confortável não teria nos salvado.

– Obrigada. – Ela respirou fundo e fez um esforço para sorrir. – Sabe, nós nunca chegamos ao fim da nossa conversa anterior.

Oh oh.

– Não?

– Não, fomos interrompidos. – Ela soltou o cinto e aproximou-se de mim. Sua mão direita levantou até a altura da minha bochecha esquerda e vacilei, me perguntando se eu tinha passado dos limites com meus olhares mais cedo e agora pagaria por isso, mas outra coisa aconteceu. Ela pousou a mão levemente ali e deu um beijo suave na minha bochecha direita. Murmurou em meu ouvido: – Eu ia dizer que não me importo se você é óbvio. Mas, como acho que você perdeu todas as minhas dicas sutis, esta sou eu sendo óbvia.

– Oh – foi só o que consegui dizer, dominado pela surpresa. Nakari não tirou a mão do meu rosto, mas recuou para me olhar nos olhos, com uma expressão incrédula.

– Isto é tudo que você tem a dizer? “Oh”?

Fiz um barulho de pigarro completamente desnecessário e disse:

– Gostei dessa coisa que você fez alguns segundos atrás, quando me beijou. Acho que devia fazer de novo.



CAPÍTULO

$$f = 5 \cdot 14t + 559$$

A voz de Drusil veio pelo intercomunicador, interrompendo um beijo que era mais do que um estalinho na bochecha.

– Pensou rápido, Luke Skywalker, e planejou admiravelmente. Mas saiba que agora é provável que o Império descubra onde estamos.

Nós nos afastamos; Nakari deu um beijo no meu ombro e sussurrou:

– Continuamos depois.

Ela voltou para seu assento e colocou o cinto enquanto eu respondia a Drusil.

– Por quê?

– Aquela pequena frota estava patrulhando o setor do espaço que vinha de Exodeen.

– E daí? É isso que os piratas fazem.

– Eles normalmente desperdiçam combustível enviando suas escoltas para um ataque rápido quando poderiam simplesmente ter se espalhado para capturar uma nave de carga desavisada e lenta? A maioria dos seus alvos normais só suspeitaria daquele cruzador quando ele lançasse caças em sua direção, e aí já seria tarde demais. Capturar uma nave rápida pilotada por uma tripulação ansiosa por evitar a captura, no entanto, requer táticas diferentes, estou correta? Daí os caças já em posição. Poucas frotas desperdiçariam seus recursos dessa forma.

– Você quer dizer que eles já tinham ouvido sobre a recompensa por nós e estavam patrulhando para o caso de aparecermos – falei.

– Sim. E agora eles podem lucrar apenas relatando que nos viram e dizendo ao Império para qual direção fugimos.

– Eles tiveram tempo de sobra para fazer uma varredura na nave, Luke – disse Nakari. – Poderiam saber que éramos três formas de vida a bordo. Se os piratas conseguirem enviar depressa uma mensagem, poderemos encontrar os imperiais mais cedo do que pensamos.

Drusil entrou na conversa.

– Não é preciso uma mensagem dos piratas para tornar um encontro imperial provável. Estamos perto de uma área da galáxia frequentemente patrulhada. Por acaso, sei que o Império tem inspecionado (e incomodado) todo o tráfego que entra no Espaço Hutt, em um esforço de prejudicar seu comércio e reduzir a capacidade dos Hutts de permanecerem independentes.

– Isso é recente? Há quanto tempo ouviu essa informação?

– Muito recente. Durante as últimas semanas, o Império fez com que eu trabalhasse em mensagens criptografadas que interceptavam esses setores.

Isso pareceu um mau presságio, mas não havia nada que eu pudesse fazer, então era inútil perder tempo me preocupando.

– Bem, nada está acontecendo agora, exceto a recarga dos escudos defletores. Um caf cairia bem. – Tirei o cinto e me levantei da cadeira do piloto. – Gostaria de um copo? – perguntei a Nakari.

– Não sei – disse ela. – Você faz caf do jeito que prepara bifés de nerf?

– Vou tentar não o queimar, mas não garanto.

– Ok, vou arriscar, então. O risco seria igual se eu o preparasse.

Fiquei quase alegre na cozinha, porque achei que a máquina automática produziria algo consumível. Mas ela fez uma coisa entre mediana e horrenda, o que me lembrou de nossa viagem para Fex. Como era o mesmo tipo de máquina que se via em quase todos os lugares, era provável que o problema fosse eu, e talvez Nakari, não o aparelho. Desisti e decidi mascarar minha incompetência com montes de creme e açúcar.

Um alarme estridente vindo da cabine e uma subsequente explosão de desânimo digital de R2 foram minha primeira dica de que algo tinha dado errado. Uma guinada da nave me fez derramar todo o caf quente em cima de mim, e essa foi a minha segunda dica. Nakari logo gritou:

–Luke, volte aqui! Estamos com problemas!

Batendo em minha túnica e calças para tirar um pouco do café, corri de volta para a cabine e fui recebido por uma bateria de luzes vermelhas piscando e pelo negro infinito do espaço real, obscurecendo a visão.

– Fomos puxados para fora do hiperespaço. Medidas de emergência foram ativadas em resposta a uma sombra gigantesca.

– Quê? Mas R2 planejou um curso que usava rotas estabelecidas... oh.

Fôramos puxados para fora do hiperespaço por um cruzador imperial classe interventor; parecido com um destróier estelar, mas muito menor, com quatro projetores de poços de gravidade. Um desses projetores havia nos tirado do hiperespaço, e sem dúvida os outros estavam bloqueando nossa saída do sistema. Não poderíamos partir sem lidar com o interventor. Que assim fosse.

– Levantar escudos e preparar todas as armas que temos – falei para Nakari enquanto apertava o cinto. – R2, onde estamos?

SISTEMA DAALANG, veio a resposta.

– Ok, preciso de uma rota de fuga para fora daqui. Não podemos voltar por causa dos piratas. Se continuarmos no caminho escolhido, provavelmente vamos trombar com mais resistência imperial. Existe outra rota para fora deste sistema?

SIM. ROTA COMERCIAL PARA KUPOH.

O sistema natal dos Kupohanos. Perfeito; ou, pelo menos, a melhor opção no momento. Uma vez que os Kupohanos eram superficialmente cooperativos com o Império, não teriam uma frota imperial estacionada em sua órbita para forçar bom comportamento.

– Ok, preciso que nos prepare para saltar para Kupoh e me diga agora mesmo qual projetor de gravidade desse interventor que está bloqueando nosso caminho.

– Espere, você tá sugerindo que a gente ataque o interventor? – disse Nakari.

– É isso ou deixar que ele nos capture. Não acho que eles vão responder a um pedido educado para que se afastem. E esse é um dos modelos antigos. Precisamos ir antes que eles tenham tempo para chamar reforços aqui. No momento, está sem escolta e só tem 24 caças TIE.

– “Só” 24? Somos uma nave com dois canhões e alguns poucos mísseis!

– Isso é tudo de que precisamos. E os pilotos dos caças TIE podem estar numa pausa para o almoço ou coisa assim, então podemos ter um minuto ou dois. Temos velocidade e surpresa do nosso lado. – Eu provavelmente parecia mais confiante do que realmente estava, mas essa é a única forma de enfrentar o inimigo; algo que aprendi com Han. Ele me disse: “Nunca vá para a batalha dizendo ‘Bom, *acho* que vou lutar pela minha vida agora, se for realmente necessário’. Uma vez comprometido, garoto, você tem de se comprometer totalmente, ou não vai sobreviver”. Apontei o nariz para baixo na direção do interventor e acelerei pela primeira vez em velocidade total de ataque, e foi impressionante. *A Joia do Deserto* era definitivamente mais rápida do que o meu X-wing.

– Luke, eles já nos viram a essa altura! Você não pode surpreendê-los.

– Estou falando da surpresa que pegamos com o clã Chekkoo em Rodia. E da surpresa de atacá-los com tudo, considerando suas vantagens.

As baterias do interventor viraram para cima e começaram a espalhar raios verdes de seus canhões quádruplos de laser, mas a maioria foi só para impressionar, já que apenas dois deles estavam dentro da área de alcance. O primeiro esquadrão de caças TIE, que deviam estar em alerta ou então almoçando em suas cabines, começou a enxamear lá embaixo.

– Vamos sair daqui! – Insistiu Nakari. – Isso é loucura!

Eu não pensava assim; não estava apenas atacando com a esperança de que as coisas dariam certo a meu favor. Eu tinha um plano, e pessoas loucas raramente tinham um.

– Prefiro pensar nisso como “arriscado” – falei, e dizer isso me lembrou da conversa que tive com Leia na *Paciência*. Certamente isso não era tão perigoso como ir atrás da Estrela da Morte. – R2, em qual projetor de gravidade devo mirar?

O DE BOMBORDO, NOSSO ESTIBORDO.

– Os dois?

SIM.

– Isso complica as coisas.

– Elas não eram complicadas antes? – perguntou Nakari. – Esse cruzador deve ter escudos.

– Tem, mas esse é um dos modelos imobilizadores, que temos estudado desde que o Império começou a usá-los contra nós. Eles têm doze geradores de escudos; alguns deles escudos de raios, outros de partículas. Atacamos primeiro os geradores dos escudos de partículas que protegem o bombordo, aí vamos atrás dos projetores de gravidade com o que nos restar.

– Enquanto desviamos dos caças TIE e do fogo quádruplo do laser. Você está ouvindo o que está dizendo?

Ambos vinham para cima de mim agora e fiz a *Jóia* girar para longe de um piloto TIE agressivo. Nakari não viu, tão focada que estava em me convencer a fugir.

– Eu disse que era complicado.

– Luke, vamos correr para a borda do campo de intervenção! A *Jóia* é rápida o bastante!

Eu já havia pensado nisso, e talvez tivesse funcionado se eu estivesse na cabine em vez de tentando fazer com que a máquina de café produzisse algo bebível, mas tínhamos perdido muito tempo e espaço nesses dez a quinze segundos em que estive incapaz de fazer qualquer coisa.

– Não, eles nos puxaram para muito perto. Os TIE já estão em cima.

Nakari virou a cabeça, viu o vasto sortimento de morte vindo em nossa direção, remexeu-se em seu assento e exclamou:

– Gah!

Ela não insistiu em seu ponto de vista depois disso, percebendo que já era tarde demais. As situações mudam depressa quando caças se aproximam. Desviamos dos primeiros seis TIE, evitando tiros e colisões frontais; consegui acertar a asa de um deles com nossos canhões de laser (agora tínhamos três, não apenas um) e ele voou em diagonal contra outro, destruindo os dois. Nem me incomodei em disparar contra o cruzador, já que de forma alguma nossa nave sozinha seria capaz de enfraquecer seus escudos a ponto de trespassá-los, mas eu ficaria feliz em puxar o gatilho sobre os caças TIE sempre que uma oportunidade se oferecesse.

O Império tinha parado de fazer esses cruzadores classe interventor em particular por causa de suas vulnerabilidades, mas, mesmo que não estivessem fabricando novos modelos, ainda havia muitos deles por aí. A Aliança sempre esbarrava com um desses. Por isso, vínhamos treinando recentemente como eliminá-los antes de os nossos grupos de ataque serem dizimados por suas escoltas de destróieres e cruzadores. O Império agora estava colocando projetores de gravidade nos destróieres estelares, muito mais difíceis de serem derrubados por um grupo e impossíveis de serem danificados por uma nave sozinha. Que eu saiba, nunca ninguém derrubou um imobilizador com uma só nave, mas eu havia teorizado sobre essa possibilidade com Wedge. Não estaria tentando isso se não estivéssemos desesperados. E também tínhamos uma arma bônus que pegamos em Rodia. O Império deveria estar em um frenesi para nos encontrar, se enviou este interventor até o limite do Espaço Hutt sem escolta.

Já em contato com a Força, me abri ainda mais para ela e caí em um estado não pensativo de antecipação e reação, deslizando a *Joia do Deserto*

por um vetor de ataque que minimizava meu perfil para os artilheiros do interventor e nos levava direto para os geradores de escudo de bombordo.

Éramos ligeiramente mais velozes do que os caças TIE convencionais. Depois que a primeira metade do esquadrão passou e começou a dar a volta para um novo ataque, a segunda metade emergiu por baixo da nave, vindo dos dois lados do cruzador e chegando perto com uma formação de pinça – mas por trás de mim, para não ser pega no fogo cruzado. Seus disparos eram negligentes e eles não se preocupavam em evitar atingir a nave maior, confiando que os escudos repelisses os raios perdidos. A *Joia* segurou bem (esse era o seu primeiro teste a velocidade total sob fogo pesado) e havíamos levado uns dois tiros que reduziram nossos escudos a 70 por cento. Fiquei feliz por eles já estarem totalmente recarregados antes de nos encontrarmos nessa situação.

– R2, mostre o gerador de escudos de partículas deles na holo de mira.

Um pequeno retângulo acendeu e piscou para mim no canto pontudo do cruzador, e atribuí dois dos seis mísseis de concussão da *Joia* a ele, enquanto o localizava com a Força. Se eu não derrubasse o escudo, nada mais adiantaria; os mísseis tinham que chegar lá. Os caças TIE não fariam nada em relação a eles, mas os artilheiros do cruzador provavelmente tentariam derrubá-los. Girando e ziguezagueando enquanto descia, senti o momento ideal para atacar e levei mais dois tiros dos caças antes de lançar os mísseis. O fogo do cruzador sobre mim cessou e desviou para os mísseis, o que me deu mais liberdade para me esquivar dos TIE. Puxei o nariz da *Joia* para estibordo, para que pudéssemos mergulhar e passar pelos geradores de escudo logo após o impacto dos mísseis. Os sensores poderiam detectar se seríamos bem-sucedidos ou não.

O cruzador em si representava um ponto cego. O hangar que cuspiu os caças TIE estava abaixo da nave e eu não podia ver o que se escondia ali. Apertei o gatilho do canhão e mantive-o abaixado enquanto nos

aproximávamos da borda. Dois caças TIE emergiram sob a nave, a vanguarda do segundo esquadrão. Os disparos acertaram suas cabines e eles explodiram. Quatro a menos, faltavam vinte; mas o segundo esquadrão ainda estava em processo de preparação.

Um após o outro, os mísseis de concussão atingiram o alvo, o primeiro enfraquecendo o próprio escudo do gerador e o segundo penetrando e destruindo o gerador. Antes de passarmos por perto, outro disparo fez nossos escudos caírem para 50 por cento, e então ficamos brevemente escondidos fora do campo de visão quando puxei a *Joiá* para um rasante sob o cruzador, apenas um metro acima dos escudos, para que os TIE acima do cruzador não pudessem me rastrear. Para seus scanners, eu agora era invisível, perdido na sombra do interventor. Planejava subir pelo lado oposto e dar um disparo contra os projetores de gravidade, agora vulneráveis.

Contudo, não mantive o curso. Os caças TIE acima do nível do cruzador estariam esperando por mim em uma linha direta de onde eu havia desaparecido, enchendo o espaço com disparos, em uma emboscada. Mergulhei de popa, de modo que eu reapareceria no canto estibordo, e de lá subiria e passaria sobre a ponte antes de atacar os projetores. Três TIE me perseguiram, mas não conseguiram travar o alvo e disparar. Suas asas não lhes permitiam chegar tão perto da parte inferior do cruzador quanto a *Joiá*, e eles não conseguiram atingir um ângulo decente no breve tempo que tiveram antes que eu chegasse do outro lado. Realizaram alguns disparos assim mesmo, para mostrar que estavam tentando, e os raios dissiparam-se inofensivamente contra os escudos do cruzador. Os artilheiros do interventor não me viram ou estavam segurando o fogo para evitar acertar os TIE; mais dois foram lançados do hangar e logo estariam atrás de mim.

Assim que passei pela beirada de estibordo e subi, raios verdes zuniram à minha frente, no ponto onde os TIE da parte de cima do cruzador

previram que eu surgiria. Os da ponta dispararam logo depois disso, mirando mais perto para corrigir o alvo assim que me avistaram; teriam que se reagrupar para uma nova investida. Mas alguns dos caças mais atrás me viram e deram meia-volta para atacar. Um deles acertou em cheio um TIE que vinha da parte de baixo da nave; dois a menos. Eu ficava grudado à estrutura do cruzador para tornar mais difíceis os disparos com seus canhões e, assim que passei pela ponte, mirei nas protuberâncias gêmeas que eram os projetores de gravidade de bombordo e despachei dois mísseis de concussão para cada um deles. Isso não necessariamente nos libertaria; com dois de seus projetores ainda funcionando, teríamos que nos afastar bastante da massa simulada do interventor antes de nosso hiperdrive poder ser ligado, e o cruzador teria tempo de sobra para redirecionar os projetores de estibordo na direção de Kupoh se sua tripulação estivesse alerta e fosse operacionalmente eficiente. Precisávamos de um tiro final – e tínhamos um a bordo, comprado caro do catálogo secreto da Utheel Equipamentos. O problema era que ele poderia nos matar também. Não havia tempo para pensar. Para que funcionasse, eu teria que usá-lo agora, antes que os mísseis atingissem o alvo, por uma exigência da física. Eu não podia esperar ser capaz de fazer nova investida com meus escudos a apenas 50 por cento – os TIE estavam entrando em formação e reagindo à surpresa do meu ataque, o outro esquadrão seria totalmente liberado a qualquer segundo e, quando fossem dezoito contra um, eles certamente esgotariam meus escudos antes que pudesse ter outra chance.

Então armei e lancei a Carga Sísmica Compacta Quebrapedra Utheel, deixando-a cair de seu compartimento na parte inferior da *Joia* na direção do projetor de gravidade mais afastado. Ela não tinha sistema de orientação ou qualquer tipo de propulsão, por isso seguiu a trajetória da *Joia* após a liberação e seria detonada por um sensor de proximidade. Ela caiu em um

arco em vez de continuar em linha reta, já que o projetor de gravidade ainda estava funcionando.

Nakari respirou fundo e sussurrou “oh-oh” quando me viu pressionar o botão, mas eu não podia desviar o olhar em sua direção.

Enquanto os gases no interior da carga sísmica se misturavam antes da detonação, eu subi e saí do nível do cruzador, passando pelas baterias de raios. Então, continuei em linha reta o máximo que pude, me afastando do interventor enquanto os mísseis de concussão atingiam seus alvos e acelerando o máximo que a *Joiá* permitia, e meu caminho foi como uma agulha puxando uma linha de caças TIE às minhas costas. Eles assumiram uma formação de cone, de modo que todos poderiam tentar me explodir.

Arrisquei um rápido olhar para Nakari, agora que eu tinha algum tempo para fazer isso, e ela estava respirando pesadamente, com os olhos arregalados e as mãos apertando os braços da poltrona, agarrando-se. Sua mão esquerda parecia tensa. A *Joiá* levou um tiro direto sobre o defletor traseiro, como resultado da minha distração, e nossos escudos caíram para 20 por cento.

Logo em seguida, a carga sísmica caiu na ferida aberta e sem escudos do projetor de gravidade e explodiu, emitindo uma enorme onda de choque que rasgou a estrutura do cruzador de dentro para fora, de modo que a enorme nave inchou e se fez em pedaços em uma confusão de corpos e metal, separando completamente a metade frontal da metade traseira e transformando-as em pedaços sem vida de detritos espaciais, seguindo em sentidos opostos. Nós ganhamos um pouco de velocidade quando toda a gravidade simulada deixou de existir. Estávamos livres para saltar para o hiperespaço e lembrei R2 desse fato.

Mas a onda de choque continuou em nossa direção, alcançando os caças TIE que nos perseguiram e desfazendo-os. Vimos pelo scanner os triângulos vermelhos que representavam o inimigo desaparecerem um por um. Eles

continuavam disparando raios verdes, como que determinados a nos ver mortos antes deles. Quase todos passaram direto pela nossa cabine rumo ao vazio, mas o fogo concentrado era intenso demais para que nos esquivássemos para sempre, e outro raio nos acertou, essencialmente acabando com nossos escudos e deixando como cortesia apenas um véu de energia fino como uma camisola. O fogo cessou quando os TIE foram destruídos, mas o mais próximo, que estava em melhor ângulo, acertou um tiro a estibordo na parte traseira, uma fração de segundo antes de ser obliterado, e apagou nosso motor sublum, o que significava o fim para nós.

Com nada mais que me distraísse da aproximação da morte, senti uma ponta de medo disparar por mim, fria e implacável. Nós nunca escaparíamos da onda de choque agora, e, apesar de eu ter superado desvantagens assustadoras até então, não ganharia pontos por ter quase sobrevivido. Estava prestes a me voltar para Nakari e pedir desculpas por ter nos matado quando R2 bipou em triunfo, ativou o hiperdrive, e disparamos para a frente em um borrão branco, deixando para trás um quebra-cabeça de destroços para os retardatários imperiais.

– Nós... nós conseguimos? Conseguimos! Uôôô! – Nakari bateu nos braços da poltrona e com os pés no chão até ficar sem fôlego. – Por três tipos de cocô de dragão, Luke, nunca mais quero fazer isso! Eu *odeio* batalhas espaciais, você ouviu? Tudo o que posso fazer é ficar aqui sentada apertando e socando coisas e torcer para não morrer.

– Eu sei. Sinto muito.

Ela se virou para mim, seu alívio desaparecendo enquanto se lembrava que fora eu quem havia decidido entrar nessa batalha.

– Atacar aquele cruzador foi idiota, Luke! Podíamos estar mortos!

Dei de ombros. Ela estava certa, mas, saindo da batalha, eu estava começando a sentir algo que era duas partes alívio, uma parte euforia e uma parte presunção.

– Funcionou.

Percebendo que não poderia argumentar com o sucesso, ela disse:

– Sim, mas... sim. – Abriu um sorriso. – Ok, essa foi uma bela pilotagem. Talvez até mesmo lendária.

– Não conte ao seu pai.

Ela riu.

– Não vou.

– Vou ver como Drusil está.

– Ok, eu grito se formos puxados para fora do hiperespaço de novo.

Entrando nos aposentos, passei meus braços ao redor de R2 e disse que ele era o melhor droide da galáxia, mas que ele não poderia dizer a 3PO que eu disse isso ou eu teria que lidar com reclamações passivo-agressivas pelos próximos dez anos.

– Obrigado por nos salvar.

R2-D2 borbulhou alegremente e eu me virei para Drusil e perguntei por sua saúde.

Sua coluna parecia ainda mais rígida do que o normal quando ela se sentou, e sua voz estava mais grossa, mais abafada.

– Estou me recuperando do estímulo glandular, obrigada por perguntar.

– Bem, eu... perdão? Esse é um mau momento?

– Já me contaram que é um fenômeno biológico não muito diferente dos efeitos da adrenalina nos humanos.

– Ah, *esse* tipo de estímulo! Bom. Não, digo... desculpe se a deixei preocupada. É... Estamos a salvo no momento, de qualquer forma, a caminho de Kupoh.

– Nós deveríamos ter perecido. Matematicamente, não tínhamos quase nenhuma chance de sobrevivência quando atacamos. Como você conseguiu isso?

Dei de ombros.

– R2 nos tirou de lá.

– O droide fez o seu trabalho de forma adequada – disse a Givin, em um somatório de desprezo para o qual R2 arrotou uma explosão eletrônica de indignação –, mas falo da pilotagem antes disso. Você é um Jedi no fim das contas, Luke Skywalker?

– Não – bufei. – Nem perto disso.

– Você recusa o título, mas veste o hábito. Você carrega um sabre de luz. E usou a Força para ajudar na pilotagem da nave, correto?

– Sim – admiti, imaginando aonde isso levaria.

– Espantoso. Eu nunca tinha pensado nela, pois não tive a oportunidade, mas a Força deve ser uma variável fulcral. Sim, preciso pensar mais nisso.

– Desculpe, uma variável fulcral?

– Uma variável em torno da qual as improbabilidades podem ser mudadas para probabilidades, ou vice-versa. O impossível torna-se possível, e a partir deste ponto nem vale a pena usar a matemática. Mas é claro que eu não consigo evitar.

Fiquei aliviado por sua linha de questionamento ter apenas retornado para mais uma viagem matemática, mas não pude resistir em perguntar sobre o caminho à frente. Eu ainda tinha minhas dúvidas quanto ao valor de Drusil para a Aliança, e seu questionamento sobre minhas conexões com os Jedi foram desconcertantes, mas ela poderia ser útil para nós a curto prazo, enquanto seus interesses e os nossos coincidissem.

– Escute, já que você parece gostar disto, poderia pensar sobre a probabilidade de nós chegarmos à superfície de Kupoh sem esbarramos em mais interventores, ou qualquer outro contato imperial? Se acha que é improvável, devemos abortar agora e ver se podemos chegar a outro lugar, porque não podemos realizar outra fuga como essa com um motor perdido e sem nada com o que atirar além de canhões de laser.

A boca de Drusil alargou-se com o que deveria ser alegria. Ela pegou seu datapad e acordou-o da hibernação.

– Uma tarefa! Excelente! Você tem o meu agradecimento. Vou relatar em breve.

Seu rosto virou-se para baixo e percebi que eu tinha acabado de ser dispensado.



CAPÍTULO

X = 15 Ω

O sistema Kupoh era lindo em sua ausência de naves da Frota Imperial.

– Isso é bom. Teremos que pousar e fazer reparos – disse eu. – A *Joia* não poderia ir mais rápido do que um bantha agora.

– Você tem algum lugar em particular em mente? – perguntou Nakari.

– Terei em um minuto. Lembra da lista de Kupohanos que Sakhet nos passou em Denon? Ela provavelmente não esperava que nós acabássemos em seu planeta natal, mas talvez haja um nome lá que possamos contatar.

– Ah, certo! O arquivo que devemos decifrar usando “Molho de Rancor”. Espere.

Ela deixou a cabine para buscar seu datapad e eu defini um curso para uma cidade menor do lado oposto do globo em relação à capital. Faria ajustes conforme o necessário e, graças às peculiaridades do planeta, estava ansioso diante dos desafios desses eventuais ajustes.

Kupoh tinha alcançado um status um pouco lendário entre os pilotos. Supostamente, costumava ser fustigado por ventos uivantes – ventos seriamente barulhentos e perigosos, não brisas suaves – que não só tornavam difícil pilotar como também interferiam na audição. Havia tanto ruído branco atingindo a superfície que a maioria dos seres de outros mundos tinha de se comunicar pelo intercom do capacete – era isso ou gritar. Ou usar linguagem de sinais. Os Kupohanos tinham evoluído seus órgãos de filtro de frequência para eliminar todo o ruído e detectar vozes, e é claro que isso os ajudava a caçar também. Havia todo um ecossistema de criaturas que viviam no vento, animais que raramente ou nunca pousavam, passando toda a sua existência no ar. Os pilotos tinham de seguir com os escudos ativados, senão corriam o risco de sofrer danos causados por animais maiores. E ainda precisavam torcer para que os ventos não os jogassem no chão como pipas malfeitas.

Por necessidade, os Kupohanos tinham construído defletores altíssimos para ajudar os pilotos a pousarem na superfície em vez de colidirem com

ela. Havia dezenas de pontos de entrada atmosféricos recomendados, onde os padrões de vento eram apenas irritantes em vez de terríveis, e você tinha que viajar por eles até poder descer atrás de uma cadeia de montanhas ou de um dos seus defletores e pousar. Mesmo assim, você teria que se preocupar com rajadas isoladas e turbilhões, mas eles mantinham a maioria das rotas de aproximação com, pelo menos, um mínimo de segurança.

Nakari voltou, datapad na mão.

– Há um contato listado aqui na cidade de Tonekh, no continente oriental. O nome é Azzur Nessin. Espere um segundo, deixe-me ver se podemos conseguir mais alguma informação.

Após mudar do seu datapad para o computador da nave, que podia acessar a infonet de Kupoh por meio de satélites e plataformas orbitais, ela digitou uma busca e rosnou quando um erro forçou-a a apagar tudo e digitar de novo, batendo nas teclas e mostrando àquela palavra quem mandava ali.

Houve um atraso no processamento devido às distâncias envolvidas, mas a rede funcionou bem e a informação logo surgiu. Nakari resumiu:

– Azzur Nessin é fundador e chefe da Nessin Correspondências & Cargas. Ele tem instalações espalhadas pelo planeta, mas sua sede corresponde ao local que Sakhet forneceu em seus arquivos.

– Ok, vamos direto para lá. Boa área de negócios para um espião, hein?

– Sim. Dá uma razão legítima para ir a qualquer lugar.

– E, se ele tem sua própria frota, significa que pode ter sua própria instalação de reparos.

Mudei o curso de acordo com o ponto de entrada atmosférica recomendado para Tonekh e pedi a R2 que tentasse contatar Nessin pelo comunicador usando o número fornecido por Sakhet. Enquanto isso, várias naves diferentes em órbita e entidades de solo tentando nos contatar, todos pedindo nossos nomes e intenções ali.

– Gente curiosa, não? – comentou Nakari após a terceira vez que ela disse a alguém que éramos “turistas, aqui para desfrutar do windsurf de Kupoh”.

Embora o Império controlasse rigorosamente a HoloNet interestelar, os Kupohanos tinham um sistema local de infonet criado pela necessidade de trocar informações sobre o tempo e ajudar naves a pousar com segurança. Recebemos um chamado de Azzur Nessin poucos minutos após o pedido de comunicação de R2. Ele apareceu em nossa holointerface, um indivíduo atarracado vestindo um colete, com os braços cruzados sobre o peito. Ele havia perdido um naco da orelha basal esquerda e nunca fizera cirurgias para melhorar a situação. A pele pendurada sob sua mandíbula era longa, trançada e frisada, o que me pareceu incomum para um Kupohano, porque fazia ruídos quando ele se movesse. Eu não sabia se isso significava que ele pertencia a uma sociedade secreta ou se era a forma que havia escolhido de ofender a sociedade como um todo.

– Sim? O que foi? – perguntou ele.

– Olá, Azzur – respondi, talvez tomando liberdades ao usar seu primeiro nome enquanto ainda éramos estranhos, mas estranhos estavam quase certamente escutando, portanto, não poderia lhe dizer que éramos agentes da Aliança desesperados por ajuda.

– Nós acabamos de vir de Denon e provamos o macarrão de Sakhet como você sugeriu. Mas você não me disse como os nuggets de nerf eram bons! Eu diria que são os melhores da galáxia.

Azzur Nessin inclinou a cabeça para o lado; o movimento deixou sua orelha mutilada mais perceptível, e imaginei se ele fizera isso de propósito.

– Nuggets de nerf, hein? Por acaso não me trouxe um pouco?

Sakhet não nos disse como responder às perguntas adicionais; se era um teste ou um código de algum tipo para o qual eu não sabia a resposta.

Talvez fosse uma forma indireta de perguntar se nossa missão tinha sido bem-sucedida. Decidido a seguir nessa linha, eu disse:

– Claro! Sakhet fez uma porção especialmente para você.

O Kupohano endireitou a cabeça e mostrou os dentes em um sorriso largo. O movimento fez as tranças de sua barba sacudirem como videiras em uma brisa suave.

– Mal posso esperar. Meu local de residência mudou desde que nos vimos pela última vez. Novas coordenadas ao final da transmissão. Vejo você em breve.

Sua imagem piscou e sumiu, substituída por uma série de números que pedi a R2 que executasse no piloto automático. Eram apenas ligeiramente diferentes do curso que eu já tinha definido.

– Ah, R2, já que vamos seguir mancando para lá com apenas um motor, pode me dar uma estimativa da nossa hora de chegada?

Drusil Bephorin respondeu instantaneamente pelo intercom.

– Três horas, 43 minutos e 12 segundos, alguns minutos a mais ou a menos, dependendo do ponto em que você assumir o controle manual e outras variáveis.

– Obrigado, Drusil – disse, e acrescentei: – Vamos tentar reabastecer enquanto estamos aqui. Existe alguma coisa que você quer ou precisa para adicionar à lista?

– Minhas necessidades básicas estão sendo atendidas. Eu não gostaria de solicitar nada que possa atrasar nossa eventual partida. Meu desejo principal é reunir-me com minha família.

– Ok, vamos fazer o nosso melhor.

Quase quatro horas para o pouso dariam tempo ao Império para recuperar o atraso se soubessem onde procurar. Também permitiria que todos os espões do sistema dessem uma boa olhada em nós, e talvez eles parassem para pensar por que estávamos mergulhando em direção ao

planeta nos parecendo mais com pássaros mortos do que com os ricos turistas windsurfistas em uma nave de luxo que estávamos fingindo ser.

– Vou lhe dizer o que eu quero – disse para Nakari.

– Você quer dizer além de um outro motor?

– Sim, além disso. Antes de o Império interromper, eu estava lá atrás na cozinha tentando fazer caf. Um viria bem a calhar agora.

Os olhos dela desceram para a minha túnica.

– Esse primeiro copo fica bem em você, Luke. Isso é que é ter uma visão do futuro da moda.

– Ah, vá.

– Nem todos sabem fazer suas coisas derramadas parecerem arte. Você usou a Força para obter esse padrão aí?

– Acho que vou aproveitar e me trocar.

Enquanto me punha de pé, Nakari abandonou sua atitude divertida e disse:

– Luke? Nós usamos quase todo o nosso dinheiro conseguindo essas atualizações.

– E foi uma boa coisa. Elas fizeram o trabalho de que precisávamos.

– Eu sei. Mas como é que vamos pagar por um novo motor subbluz? Temos alguns créditos para cuidar da comida e tal, mas não o bastante para financiar esses reparos. E não posso imaginar que a Aliança esteja em melhor situação agora, mesmo se pudéssemos falar com o almirante Ackbar daqui.

– Talvez possamos trocar um favor futuro ou fazer algum trabalho para esse Azzur Nessim. Nem todas as transações precisam ser em dinheiro.

– Eu não sei. Ele parecia ser uma espécie de operador que trabalha por dinheiro.

– O que o faz dizer isso? As contas na barba?

– Achei que elas poderiam ser um indício, sim. Eu sei que não dá para ver bem as cores no meu holoprojetor barato, mas parecia que elas podiam ser de ouro.

– Aposto que elas ficam batendo umas nas outras quando ele está mastigando. Provavelmente fazem a maior balbúrdia.

Ela deu uma curta risada de cortesia e disse:

– É sério.

– Está bem – disse, apoiando-me na porta da cabine e cruzando os braços em uma tentativa inútil de cobrir a minha túnica manchada. Nakari virou-se na cadeira para olhar para mim enquanto eu falava. – Acho que estamos com problemas. Não podemos confiar que esse Azzur Nessin não nos venda no instante que alguém do Império ofereça comprar para ele mais algumas contas para a sua barba. E não é só nele que não podemos confiar: é em todo esse sistema. Informação é a moeda e, neste instante, o Império está oferecendo uma abundância de créditos para obter informações sobre nosso paradeiro. Você pode apostar que todas aquelas pessoas que nos fizeram perguntas notaram que somos três formas de vida a bordo, e isso nos rotula desde já como um contato interessante. Eles vão se aproximar, isso é certo. E não podemos ter cem por cento de certeza de que lado cada um está, independentemente do que disserem. – Neste ponto apontei o polegar para os aposentos e revirei os olhos para indicar Drusil, que ainda podia me ouvir através do intercom aberto. – Mas não temos escolha a não ser tentar completar a missão. Não podemos voltar para a frota até fazermos isso.

– Você tem alguma ideia de como convencê-lo a nos ajudar?

– Estou esperando pensar em algo até lá.

Mas não conseguia pensar em nada. Eu sabia uma abundância de segredos da Aliança, mas eles não estavam à venda. A própria *Joia do Deserto* poderia nos render uma boa quantidade de dinheiro, o bastante

para trocar por outra nave, mas eu não podia imaginar não ter prejuízo em um negócio desse tipo, muito menos sair na vantagem. Nós nunca conseguiríamos uma nave capaz de alcançar a mesma velocidade e eu nem sonharia em sugerir isso em voz alta para Nakari.

Depois que eu havia me limpado e mudado de roupas, visitei Drusil e R2 nos alojamentos. A Givin estava sentada ereta em uma posição de meditação na cama de cima, com sua túnica longa fluindo de seus ombros como cortinas. Seu datapad estava sobre suas pernas cruzadas, mas ela não o estava usando quando entrei. Ela olhava para o teto, por algum motivo, ou talvez seus olhos estivessem fechados, não sei. Seu queixo estava inclinado para cima e tive a impressão de que estava orando ou meditando, não procurando defeitos na construção da nave.

– Drusil? Se importa se eu falar com você?

Sua cabeça caiu e se virou e as órbitas negras me olharam com uma expressão ilegível.

– Se for conveniente – emendei. – Espero não estar interrompendo.

– Você não interrompe. Depois da nossa conversa anterior sobre a Força, tenho me entretido imaginando camadas de probabilidade. Posso voltar a elas depois.

– Ótimo – disse, sem ter ideia do que ela queria dizer. Entrei no cômodo e passei por R2, batendo-lhe na cúpula e dizendo que apreciei seu trabalho antes de sentar no beliche inferior oposto ao de Drusil. Expliquei que precisávamos de um novo motor e combustível para no mínimo deixar o planeta depois que pousássemos, e para isso precisaríamos de dinheiro ou informações valiosas para oferecer em troca. Drusil ofertou compartilhar o pouco que sabia das operações imperiais nos setores vizinhos ao Espaço Hutt, e eu disse que certamente faríamos a oferta, mas os Kupohanos provavelmente já sabiam da maior parte e não dariam muito valor a isso.

– Eu poderia, talvez, absorver algumas informações nesse sistema – ponderou a Givin, apontando para seu hardware personalizado. – Se o nosso anfitrião desejar reunir um determinado cache de dados e examinar seu conteúdo em troca de um motor, estou confiante de que posso abrir caminho para uma conclusão positiva.

– Você estaria disposta a fazer isso?

– Claro. – Pela primeira vez sua voz soou clara, livre do tom abafado que geralmente continha. – Farei o que precisar ser feito.

Eu acreditei nela e fiquei nervoso, pois me ocorreu que ela poderia ter feito a mesma promessa a outra pessoa; alguém do Império. Seu longo convívio sob a “proteção” do DSI poderia muito bem significar que ela estava trabalhando para eles, mesmo agora. Leia e o almirante Ackbar não haviam compartilhado comigo todos os detalhes do passado de Drusil. Como eles sabiam que ela era legitimamente uma inimiga da Nova Ordem? O DSI poderia estar usando Drusil para se infiltrar na Aliança.

Nossa fuga de Daalang também tinha me deixado com suspeitas. O Império havia mesmo se esforçado? Eles certamente pareciam ter a intenção de nos matar naquele momento, mas, estrategicamente, aquele cruzador não deveria estar ali sozinho. O Império sabia das vulnerabilidades dos interventores. Caso contrário, não teriam o costume de cercá-los de escoltas. Então por que enviar apenas um deles dessa vez, para puxar tudo para fora do hiperespaço na esperança de pegar a gente? Eles poderiam ter pegado algo bem mais sinistro do que uma nave fugitiva isolada. Isso me cheirava a desespero – ou um sacrifício.

Mas um sacrifício para que fim? Será que o imperador sacrificaria um cruzador inteiro e toda a sua tripulação para aumentar a credibilidade de um agente? Eu não sabia se ele era cruel o suficiente para jogar fora vidas desse jeito. Vader provavelmente era, mas não tínhamos nem indício de seu envolvimento ainda.

Balancei a cabeça para limpá-la. Talvez fosse tudo uma trama elaborada e alguém tivesse planejado seus movimentos de holo-xadrez com muita antecedência. Mas, nesse caso, eu não podia ver a forma desse ataque ainda. Era muito mais provável que o Império não tivesse achado que uma nave sozinha disporia do material bélico ou da coragem de atacar com sucesso um interventor, e pronto. Mas Drusil poderia estar jogando com os dois lados por outro objetivo próprio, e certamente era inteligente o bastante para fazê-lo.

Qualquer que fosse a situação real, nossa melhor aposta era reequipar a *Joia* e sair do sistema o mais rápido possível. E uma pequena pontada de paranoia provavelmente viria bem a calhar aqui. Os Kupohanos não eram tão famosos por sua espionagem quanto os Bothanos, mas na minha opinião estavam em segundo lugar; ou, de certa forma, eram até melhores, precisamente porque *não eram* famosos por algo que deve ser conduzido secretamente. Sua audição extraordinária fazia deles excelentes bisbilhoteiros, capazes de captar trechos de conversa sussurrada em uma cantina cheia de gente usando seus filtros sonoros para isolar as vozes que queriam. Dizem que Kupohanos treinados pelas agências da lei podiam isolar seu batimento cardíaco e detectar fatores de estresse em sua voz que traíam quando você estava mentindo. E como era quase impossível espreitá-los, eles faziam disso uma brincadeira, ficando naturalmente furtivos enquanto iam crescendo. Dariam excelentes assassinos. Talvez eles *fossem* – tão bons que nunca foram flagrados fazendo isso – mas, de qualquer forma, tínhamos que supor que tudo o que disséssemos na superfície do planeta poderia ser ouvido. Lembrei Drusil disso, porque, em um momento de descuido, poderíamos facilmente revelar quem somos e o que queremos e isso seria uma informação valiosa.

Pedi a R2 que ficasse perto de mim enquanto estivéssemos na superfície.

– Nunca fique sozinho. Alguém poderia tentar mexer em você para chegar à sua memória.

O droide balançou para frente e para trás sobre seus braços de apoio e piou e assobiou de indignação com aquela ideia.

– Obrigado pela atenção, Drusil. Deixarei você voltar às suas camadas prováveis ou, ahn. É.

A Givin assentiu uma vez em resposta e inclinou o queixo para o teto antes de eu deixar o alojamento, mas sua voz me chamou de volta.

– Sim?

– Uma das probabilidades pode lhe interessar. É quase certo que o sistema dessa nave tenha sido sliceado remotamente depois que chegamos neste setor.

– O quê? Como? – R2 acrescentou a isso vários sinais sonoros indignados. – Não acha que meu droide teria notado?

– Imagino que ele encontre algo se procurar agora. – O soquete de R2 zumbiu para dentro do computador e a luz em sua cúpula começou a piscar enquanto ele trabalhava. Drusil continuou: – Não será um código invasivo e agressivo. Deve se comportar mais como um mynock, unindo-se discretamente ao sistema e indo passear com ele. Mas verá o que você vê, saberá para onde vai e com quem você fala. Se fôssemos turistas, isso seria de pouca importância e as informações sem valor de venda. No entanto, não somos turistas, somos?

– Não, com certeza não somos.

R2 cuspiu um longo e beligerante fluxo de silvos irritados e a parte superior de sua cúpula girou em extrema agitação. Eu teria que voltar para a cabine para obter uma tradução daquele ruído; Nakari já estava lendo e sua reação bem alta parecia infeliz.

– Eu já volto – falei.

Nakari fez uma careta quando coloquei a cabeça dentro da cabine.

– Luke, quem poderia ter sliceado a *Jóia*?

– Espere, deixe-me ver o que R2 disse.

A mensagem dizia:

CÓDIGO MALICIOSO ENCONTRADO E NEUTRALIZADO.
PROGRAMA DE VIGILÂNCIA, ORDEM DESCONHECIDA.
INSERIDO RECENTEMENTE.

– Deve ter sido assim que entramos no sistema e acessamos a rede – disse ela. – Quando eu fiz aquela busca por Azzur Nessin. Não posso acreditar que fomos infectados tão rápida e facilmente.

– Bem, já sabemos que alguns deles são pagos para trabalhar para a spynet. Esse é, provavelmente, seu jeito de dizer olá.

– É rude.

– Para eles, é coisa corriqueira. Eles provavelmente acham que, se não podemos nos proteger, merecemos ser espionados.

– Eu, obviamente, preciso atualizar meus firewalls. E logo, pelo jeito – disse ela. – Poderia ter sido o próprio Nessin quem fez isso? Ou um de seus empregados?

– Claro. – Dei de ombros. – Poderia ter sido praticamente qualquer um do sistema, no entanto. – Fiz um movimento com a cabeça para indicar os alojamentos. – Preciso voltar. Fique de olho nos scanners e grite se alguma coisa acontecer.

– Sim, tudo bem.

Estava tentando não cair na armadilha das teorias de conspiração. Uma vez que você começa a procurar por elas, passa a vê-las em toda parte, mas geralmente são apenas miragens, nada mais. E, ainda assim, era uma coincidência peculiar. Voltei para os alojamentos, enfiei as mãos nos bolsos e olhei para a Givin.

– Sabe, Drusil, acho que nós deveríamos conversar.

– Você diz isso como se não tivéssemos conversado no passado bem recente, ou como se não estivéssemos, de fato, já conversando.

– Desculpe, isso é meio que uma expressão humana. Eu disse isso para sugerir que deveríamos conversar sobre assuntos além da superfície.

– Da superfície de quê? Oh! – Ela assentiu. – Entendo. Chegamos ao momento em que você procura a maneira mais educada possível de me acusar de ser uma espiã do Império.

– Como você... Você tem equações que predizem o comportamento humano?

– Se eu tivesse, seria a imperadora. Mas não é preciso. Faces humanas são expressivas e a sua não é difícil de interpretar. E eu mal posso criticá-lo por ter suspeitas. Você não me conhece bem. Apostaria que não conhece nenhum Givin. E eu estive até bem recentemente a serviço do Império por um longo período, ainda que contra a minha vontade. Uma certa dose de desconfiança é justificada. Não fico ofendida.

– Bem, acho que isso é bom. Fico feliz que não esteja ofendida e que esteja disposta a discutir isso com tanta franqueza. Mas isso não me deixa mais tranquilo. O código invasivo que você previu que estaria lá, e *estava*, pode ter sido colocado no sistema da nave por você com muito mais facilidade do que por outra pessoa desse sistema que mal teve tempo de perceber que estávamos aqui.

– Você está supondo que alguém está inserindo manualmente o código em vez de ele existir na rede e ser executado por um disparador automático; mas, como você está falando de meras possibilidades em vez de probabilidades, você está correto, Luke Skywalker. Eu também poderia ter tomado a nave inteira se quisesse, pois a sua segurança é ridiculamente fácil de ser contornada. Você vê a falha no seu raciocínio? Se eu quisesse garantir que fôssemos capturados pelo Império, por que eu não teria andado mais lentamente nos esgotos em Denon? Ou desligado a nave no sistema

Nanth'ri para que fôssemos capturados por piratas, ou então em Daalang, onde seria apenas uma questão de esperar o Império vir nos pegar?

– Eu nunca disse que você queria que fôssemos capturados pelo Império.

– Ah. Então você acredita que eu tenha algum outro objetivo em mente. E qual seria?

– A teoria na qual mais penso no momento é que você quer descobrir a localização da frota rebelde. Esse é o único objetivo de inteligência que justificaria um plano elaborado como esse. Ao rastrear as nossas comunicações você espera descobrir algo útil. Você está esperando que nós façamos contato com o pessoal da Aliança.

Drusil Bephorin assentiu.

– Entendo. Seu raciocínio é sólido; o Império de fato faria quase qualquer coisa para descobrir onde os rebeldes estão se escondendo. E se eu já souber a localização da frota rebelde, isso dissiparia suas suspeitas sobre a minha lealdade?

Minhas entranhas ficaram geladas.

– Você está fazendo uma pergunta hipotética sobre a minha reação, ou está dizendo que realmente sabe o local?

– Eu não sei a sua localização precisa, mas posso dar um palpite baseado no conhecimento interno das atuais implantações das Frotas Imperiais, e então subtrair a maioria dos mundos ocupados e continuar a eliminar outras variáveis do tipo até chegar a um número gerenciável. A frota rebelde está na Orla Exterior.

Uma risada aliviada escapou da minha garganta. Ela não sabia nada de perigoso.

– Claro que está. Todo mundo sabe disso. Todos aqueles sistemas desocupados para se esconder tornam isso óbvio.

– Mas um grande número de sistemas desocupados pode ser eliminado por meio de matrizes modais de raciocínio, teoria de loop logístico e da alta

probabilidade de que a Aliança usaria apenas rotas de hiperespaço conhecidas.

– Uh, fiquei meio perdido ali pelo meio.

– Então não focarei na metodologia. Mas se eu desejasse que a frota rebelde fosse descoberta, já teria dito ao Império para fazer uma busca nos sistemas Zaddja, Kowak, ou Pantora. Minha análise aponta para um deles.

A sensação de frio voltou. Se ela tivesse dito isso ao Império, eles teriam realmente encontrado a Aliança ao redor de Orto Plutonia, no sistema Pantora. Não me incomodei em refutar sua análise. Não tenho talento algum para mentir; minha melhor opção era ficar em silêncio e não confirmar nada.

– Seu silêncio é revelador, Luke Skywalker.

– Todos os Givins são capazes de analisar os movimentos da frota do jeito que faz? – perguntei. Porque, se assim for, o Império poderia pedir ajuda a qualquer um deles. Ou coagi-los, o que seria mais provável.

– A maioria é capaz de realizar as funções básicas, mas espero que você não pense que sou imodesta se eu me proclamar excepcionalmente talentosa na teoria da probabilidade. Ela tem aplicações úteis em criptografia. E não posso imaginar que qualquer outra pessoa estaria a par dos segredos que obtive durante meu emprego forçado com o DSI. Eu tenho conhecimento de onde o Império tem procurado e posso adivinhar onde eles vão procurar em seguida com um alto grau de probabilidade, já que eles não têm imaginação e desconfiam do poder da randomização.

– Isso seria uma informação útil.

– Terei o prazer de compartilhá-la com você quando estiver reunida com a minha família.

– Você pode prever os movimentos da Frota Imperial, mas está mantendo isso para si mesma? Compartilhar agora poderia salvar vidas!

– E se eu não tiver nada com o que negociar, posso perder a minha.

Eu entendia a sua posição, mas era frustrante esbarrar em interesse pessoal quando um esforço de equipe serviria melhor a todos. Ainda assim, eu poderia pressioná-la quanto aos cálculos que ela havia se oferecido a fazer mais cedo.

– Você terminou o seu cálculo das probabilidades de sofrermos mais perseguição imperial antes de chegarmos a Kupoh?

– Terminei. É possível que eles apareçam, mas improvável. Vamos chegar até a superfície. Mas partir novamente sem esforços imperiais para nos encontrar é muito menos provável.

Assenti, pensando reservadamente que ela mesma poderia estimular esses esforços imperiais. Estávamos indo para a residência de um espião Kupohano que, se não trabalha para a Aliança, foi pelo menos indicado a nós por alguém que o fazia. Puxar o fio de Azzur Nessin pode revelar bastante coisa para o Império. Eu tinha que checar se Nakari havia conectado seu datapad ao computador da nave, porque Drusil – ou qualquer outra pessoa do sistema, se agora estávamos expostos – seria capaz de sliceá-lo e acessar a lista completa de contatos que nos foi dada por Sakhet.

Como se ela pudesse me ler novamente, Drusil disse:

– Se me permite uma observação geral: o problema com as teorias de conspiração é que elas têm a sua própria gravidade, são buracos negros do qual nada escapa. Cautela é aconselhável em todos os momentos, é claro, mas reconheça que às vezes os seres que você encontra são verdadeiramente bons.

– Anotado – disse, e fiz um esforço para sorrir. – E concordo. Pense em mim como cauteloso.

– Eu penso, e aprovo.

Balançando a cabeça uma vez e pedindo licença depois de solicitar a R2 que monitorasse continuamente todos os sistemas contra invasões, voltei

para a cabine e alertei Nakari, aconselhando-a que mantivesse seu datapad isolado e em sua posse até que não precisássemos mais da lista de contatos.

Os cálculos de Drusil se mostraram precisos novamente, pois fomos capazes de penetrar na atmosfera e pousar em Kupoh sem sermos perseguidos por nada além do vento.

Os ventos “suaves” do ponto de entrada nos deram o passeio mais angustiante que já experimentei, e fiquei grato por a *Joia do Deserto* ser uma peça única e não termos que nos preocupar com asas arrancadas. A descida foi um passeio de sacudir os ossos, mesmo com o benefício dos compensadores de aceleração, e continuou a ser uma viagem difícil mesmo depois de termos descido pelo primeiro defletor. O golpe do ar não reduziu significativamente até mergulharmos em um segundo e um terceiro defletores e então sermos guiados pelo controle de tráfego de Tonekh por uma descida em zigue-zague em meio a enormes torres de pedra para a captura do vento, que não só servia aos nossos propósitos, mas também fornecia um pouco de abrigo para as pálidas planícies gramadas abaixo, pontilhadas por rebanhos de pahzik.

Usando os sofisticados scanners da *Joia*, tirei um holo em close dos pahzik, porque eu nunca os tinha visto antes. Eles eram mais largos e mais curtos do que os nerfs, cobertos por um denso tapete de pelo preto, e seus chifres eram estranhamente alinhados no topo das suas cabeças, como se alguém tivesse apoiado um pergaminho gigante em cima deles, voltado para a frente. Eles deveriam ser ocos, para permitir a passagem do vento, e, dobrando suas cabeças contra o vento ou ficando de costas para ele, criavam vários sons para chamar uns aos outros em um volume muito maior do que poderiam gerar com suas cordas vocais. Como a maior parte do planeta era uma planície ininterrupta varrida pelo vento, os pahzik tinham muito espaço para percorrer e se multiplicar, e os Kupohanos

pareciam felizes em deixá-los se reproduzir, já que, supostamente, eram deliciosos.

Os bloqueadores de vento cumpriam sua função, melhorando as condições até que tínhamos uma brisa suave em nossa aproximação final de Tonekh, que, como todas as cidades kupohanas, ficava aninhada dentro de um protegido vale de montanhas. Para alcançá-la, tivemos de voar através de um túnel que cortava a grande cadeia de montanhas oriental, e na saída vimos a cidade kupohana estendida diante de nós, repousando entre os picos como se os edifícios tivessem caído ali após um deslizamento de terra.

A Nessin Correspondências & Cargas esparramava-se ao longo de uma das laterais do movimentado espaçoporto de Tonekh, ostentando linhas de armazéns, hangares e atracadores de cargueiros. Nosso contato havia se saído muito bem nos negócios e logo descobrimos que ele não era do tipo que ficava descansando em um escritório ou fazia longas pausas para almoços que consistiam basicamente em álcool. Como Fayet Kelen, ele tinha um papel ativo nos negócios diários de sua companhia.

Funcionários uniformizados e um painel de luzes piscantes nos guiaram até um espaço vago em um enorme hangar. Quando desembarcamos, o ar possuía um misterioso toque animal, como o cheiro de cachorro molhado ou de penas em chamas. Eu não sabia se era o odor natural de Kupoh ou algo específico daquela área, ou se era carregado até ali pelo vento. Mesmo nos confins abrigados da cidade, o vento assobiava, gemia e bagunçava o cabelo, mas suspeito que o gemido fosse causado pela passagem do ar pelos chifres dos pahzik.

Havia um cargueiro leve sob reparos no atracadouro ao lado do nosso e notei que a tripulação não era totalmente Kupohana, mas de espécies variadas. Um deles era um Wookiee, o que me fez sentir saudades de Chewbacca. Azzur Nessin estava esperando por nós na parte inferior da

rampa de carga da *Joia*, vestindo o mesmo uniforme cinza e verde dos outros trabalhadores.

Isso não queria dizer que ele não demonstrava sinais de seu status elevado. Além dos brincos em suas orelhas basais, as contas de sua barba pareciam ser de ouro, como havíamos suspeitado, e seus fios trançavam e batiam como um ábaco quando ele falava. Era uma visão hipnotizante e percebi gradualmente que era proposital. Uma pessoa ficava tão absorta na animada pele de seu queixo que seus outros movimentos passavam despercebidos – como a batida discreta de seu dedo contra um datapad em miniatura preso no interior de seu braço esquerdo, ou a forma como seu olhar perdia momentaneamente o foco quando sua atenção se fixava em algo rolando pela lente-monitor suspensa diante de dois de seus quatro olhos. Ele não estava usando aquilo quando falamos pela holo, mas agora estava obviamente com a atenção dividida.

– Bem-vindos a Kupoh, amigos. Se vocês são apreciadores do macarrão de Sakhet, deverão também gostar de algo que eu possa oferecer a vocês. Como posso agradá-los hoje?

Ele não estava tocando nenhum tipo de restaurante ali, portanto seu fraseado foi peculiar. Gostaria de saber quando ou até mesmo se começaríamos a falar claramente sobre quem éramos e como tínhamos chegado ali. Estaríamos sendo observados por olhos hostis, mesmo agora? Decidi que não tínhamos tempo para discursos oblíquos e declarei sem rodeios por que estávamos ali.

– Precisamos reabastecer a nave, rearmar nossos seis mísseis de concussão e consertar ou substituir um dos nossos motores subluz, dependendo do dano.

– Os dois primeiros itens não deverão ser problema algum – disse ele, já andando para a parte de trás da nave e falando enquanto caminhava e digitava –, mas os danos do motor podem exigir algum tempo para o

conserto. Dias ou até semanas, dependendo dos detalhes. E, é claro, recursos significativos. Vamos ver o que precisa ser feito.

Ele fez um barulho de assobio que chamou a atenção de um mecânico uniformizado que se separou do grupo do cargueiro leve e se aproximou para examinar a nossa nave. Também era Kupohano, mas tinha apenas dois torcs no pescoço, um único brinco na orelha basal e uma barba totalmente comum. Azzur o apresentou como Ruuf Waluuk. Ele nos cumprimentou amigavelmente, mas logo ficou claro que a expertise de Ruuf não seria necessária: o motor era uma perda total e metade havia derretido e virado escória com o ataque do último caça TIE que nos perseguiu em Daalang.

– Inconveniente – foi o comentário de Azzur sobre o assunto. – Que tipo de motor é? – Nakari informou-o; ele digitou uma busca em seu datapad e esperou pelos resultados. Os quatro olhos piscaram diante da informação. – Esse é, ou era, um motor excelente. Infelizmente, não há nenhum desse tipo disponível no planeta. – Ele sacudiu a cabeça e fez as contas baterem umas nas outras. – É a maldição das belas naves personalizadas, não? São superiores a todas as outras naves até que chega a hora de consertar. Poderíamos encomendar esse motor fora do planeta, mas não tenho certeza se vocês podem se dar ao luxo de reservar algum tempo para esperar por ele.

– Não podemos – confirmou Nakari.

– Então temos de escolher um substituto disponível. Sua nave não será tão rápida, é claro, e vocês perderão em eficiência, já que seu sistema terá de compensar as diferenças de impulso.

– Mas ainda será mais rápida do que voando com um só motor – disse Nakari. – Conte-me quais são as nossas opções.

– Certamente. Se puderem me acompanhar, tenho uma holomesa onde posso exibir as características para vocês. – Ele nos levou para além do cargueiro leve até um conjunto de escritórios administrativos. Notei que o

hangar era equipado com vários escritórios de um lado; e do outro, perto da *Joia*, havia uma área com cozinha e sala de jantar para os períodos de pausa da equipe, além de banheiros e armários.

Assim que a porta se fechou atrás de nós, a fachada de profissionalismo educado de Azzur Nessin foi descartada para revelar um irritado Kupohano. Ele se virou para nós e fechou as mãos.

– Eu não sei quem são vocês, mas é melhor que não estejam trazendo o Império atrás si! Digam a verdade: preciso me preocupar com stormtroopers vindo aqui e destruindo tudo o que tenho na vida?

– Talvez – respondeu Nakari –, mas como isso difere de qualquer outro dia na galáxia? O Império estará lá até o destruímos.

– Eu sei que eles poderiam vir atrás de mim a qualquer momento – rosnou Azzur –, mas espíões rebeldes tendem a atraí-los ainda mais cedo. Esse motor não derreteu espontaneamente e presumo que lançaram seus seis mísseis de concussão em alguém.

Nakari elevou o tom igualmente:

– Ei, nós também não queremos estar aqui. Se tivéssemos escolha, não estaríamos, mas Sakheth nos deu o seu nome caso fosse preciso e disse que você nos ajudaria. Então, vai nos ajudar ou a confiança dela em você foi mal calculada?

Azzur bufou de escárnio.

– Ela não tem confiança em mim. Ela sabe que eu odeio o Império e isso é tudo.

– Então não devemos ter confiança em você?

– Definitivamente não. Mas eu odeio o Império e gosto de dinheiro. Vocês podem confiar nisso. Posso presumir que vocês têm dinheiro?

– Não.

O Kupohano não disse nada por alguns segundos, a tensão crescendo enquanto seu rosto se contorcia; suas orelhas se achataram, e ele olhou para

Nakari com descrença. Finalmente, explodiu:

– Então por que estão aqui? Vocês esperam que eu forneça um motor de graça?

– Nós temos informações. Do tipo lucrativo.

Azzur visivelmente se acalmou, suas orelhas primárias retornaram à sua posição habitual.

– Ah, então isso é diferente. Vocês poderiam ter dito isso antes que eu perdesse a calma. Qual é a natureza dessas informações?

Drusil ofereceu primeiro seu conhecimento das manobras imperiais em volta do Espaço Hutt, e, quando Azzur perguntou como ela viera a ter posse desses dados, a resposta renovou sua agitação.

– São vocês, não são? São vocês por quem ofereceram uma recompensa! Metade da galáxia está procurando vocês, e voaram direto para o meu hangar!

– Mas a informação é boa – disse Nakari.

– É do pior tipo! – Ele apontou um dedo rude e grosso para Drusil. – Se eu vender qualquer coisa que essa Givin sabe, o Império vai vir me perguntar como eu soube! Eu não posso arriscar, sinto muito. – Seu dedo voou pelo teclado do datapad em miniatura. – Desse jeito, preciso enviar a minha família para longe, em férias de emergência, para que tenham uma chance de sobrevivência. Se eu vir Sakheth de novo, vou chutar seus joelhos para trás. Porque vocês sabem que toda a minha equipe lá fora viu vocês e sua nave. Se algum deles tiver percebido quem vocês são, sua presença aqui já pode ter sido vendida para o Império.

– Qual é a probabilidade de os mecânicos serem negociantes de informações? – perguntou Drusil.

– Eu não sei. Eu não espiono os meus empregados; isso não dá dinheiro.

– A título de curiosidade – disse Nakari –, quanto dinheiro há em nós? Quero dizer, em nos entregar. Qual é a recompensa?

Azzur teve a graça de parecer desconfortável em falar de nós como mercadoria. Bufou, deu de ombros e evitou entrar em detalhes:

– Há uma soma de respeito por informações que levem à captura da Givin, mas uma muito maior para quem entregá-la diretamente para o Império.

– De respeito, então? – perguntou Nakari, em tom solícito, mas claramente zombeteiro.

– Há outra alternativa – disse Drusil. – Eu sou uma excelente slicer e criptógrafa. Na verdade, é por isso que sou perseguida tão de perto pelo Império. Se você deseja adquirir quaisquer dados disponíveis aqui em Kupoh, tenho quase certeza de que posso obtê-los.

Azzur Nessin começou a sacudir a cabeça antes mesmo de Drusil terminar.

– Não, não, não. Eu sou um empresário honesto.

– Você também é um espião e negocia segredos o tempo todo! – apontou Nakari.

– Eu *negocio* segredos, sim. Há um certo comércio nisso e mútuo consentimento para a troca. Eu não roubo segredos, nem faço extorsão, apenas troco valor por valor, para não desonrar minha família e perder um ou mais desses. – Um dedo afastou-se para apontar para seus brincos de status. – Então, ainda que eu agradeça a oferta, devo declinar. O que mais vocês têm que poderiam compensar a despesa de um motor?

O silêncio se estendeu e tomou todo o espaço da sala, e Nessin esperou. As contas de sua barba permaneceram perfeitamente imóveis, reluzentes e predatórias como um gato antes de saltar.

– Você já ouviu falar dos Biolaboratórios Kelen, com base em Pasher? – perguntou Nakari, com a voz baixa e monótona de quem fora derrotada.

– Sim, claro. Uma empresa muito lucrativa.

– Eu sou Nakari Kelen, filha de Fayet Kelen. Eu posso lhe fornecer conhecimento em primeira mão do que meu pai chamou de “a descoberta biológica mais significativa em décadas” e oferecer as coordenadas para que encontre a fonte.

– Nakari, o que você está fazendo? – falei.

– Conseguindo um motor para nós – respondeu ela.

Azzur Nessin estreitou os olhos, achatou as orelhas contra o crânio e recuou.

– O que é isso? Você espera que eu acredite que a herdeira dos Biolaboratórios Kelen realiza operações de espionagem para a Aliança?

– Imagino que você possa verificar de forma independente a minha identidade com esse datapad preso ao seu braço. E há rumores de que os Kupohanos podem ouvir a vibração da verdade nas vozes humanas. A questão é se tais informações vão nos dar o que precisamos.

– Imagino que sim, se for realmente a melhor descoberta em décadas.

– Meu pai conhece bem a sua área de negócios e gosta de dinheiro tanto quanto você, senhor. Quando ele diz que o potencial de desenvolvimento é muito grande, pode contar com isso.

– Você diz que tem conhecimento em primeira mão dessa descoberta...? Um planeta?

– Uma lua. E, sim, nós estivemos lá. Até agora, menos de dez seres puseram os pés na superfície, quase todos a serviço do meu pai.

Azzur Nessin voltou seu olhar para mim.

– E quem é você?

– Ele é meu piloto – interrompeu Nakari antes que eu pudesse responder. Era a verdade, ainda que não por completo, e Nessin respondeu voltando o olhar para Nakari, com as orelhas se contraindo de agitação. Decidido a abandonar a questão da minha identidade (o que me deixou

aliviado, pois eu duvidava que meu nome fosse acalmar suas preocupações),
Nessin seguiu uma linha diferente de interrogatório:

– Por que você venderia essa informação e trairia o seu pai?

Achei que era uma excelente pergunta. Eu mesmo queria ouvir a resposta.

– Não é uma traição. Ele me deu total permissão para tratar de seus negócios em caso de emergência, e, como não podemos completar a nossa missão sem um motor, acredito que esta situação se qualifique. E não é como se ele fosse o dono daquela lua ou tivesse os direitos exclusivos de explorá-la. Era inevitável que outras pessoas descobrissem mais sobre ela. Pode muito bem ser agora, quando podemos lucrar com isso. – Apontou com um polegar para Drusil, acrescentando: – E quando o Império pode perder um valioso recurso, ainda por cima. Meu pai também odeia o Império, sabe? Ele ficaria feliz em abrir mão de todos os lucros com aquela lua se isso significasse uma vitória para a Aliança. E a minha sobrevivência. – Ela deu um sorriso irônico meio torto depois disso. As orelhas de Azzur Nessin continuaram a se encolher por alguns segundos e eu vi certo movimento das guelras dentro dos seus filtros de frequência. Ele provavelmente estava escutando em busca de batimentos cardíacos irregulares ou respiração estressada, indicadores de desonestidade, e finalmente assentiu uma vez, secamente, o que fez suas contas baterem como que em aprovação daquela barganha.

– Muito bem. Forneça-me os detalhes. Vou vender as informações imediatamente e encomendar um motor de sua escolha, juntamente com os mísseis de concussão e o combustível de que precisam.

Nakari recuou um pouco.

– Vamos contar as coordenadas depois que você tiver um comprador.

Nessin não teve problemas com isso.

– Claro.

– Perdão – disse Drusil –, mas, supondo que um comprador seja encontrado rapidamente, quanto tempo levará para que o motor possa ser instalado? Gostaria de saber o quão cedo poderemos retomar nossa jornada.

– Alguns poucos dias, mesmo que eu encomende um neste instante – respondeu Nessin. – Mas podem ser semanas. Tudo depende de quão rápido eu possa encontrar um comprador.

Os ombros da Givin visivelmente caíram.

– Entendo. Obrigada pela franqueza.

– Asseguro-lhes que vou fazer tudo o mais rápido que puder – disse o Kupohano. – Nesse meio-tempo, vou encontrar algum alojamento discreto. E acho que pode ser um bom momento para começar a espionar meus empregados.

– Pensei que você tinha dito que isso não dava dinheiro – disse eu.

– Não dá. Mas quero ter certeza de que também não dê problemas, pelo menos até vocês partirem.

– Eu posso ser capaz de prestar assistência a esse respeito – disse Drusil, tirando seu hardware personalizado de sua bolsa a tiracolo. – Se me fornecer os nomes de sua equipe, posso efetivamente bloquear o acesso ao Império até partirmos.

– Como? Você vai simplesmente cortá-los da rede?

– Não, nada tão brutal. Vou redirecionar todas as suas mensagens para uma conta temporária onde possa checá-las antes de permitir que prossigam.

– E quanto a holochamadas?

– Uma misteriosa queda no serviço irá atormentá-los por um tempo breve.

Nessin desviou o olhar para Nakari.

– Ela pode realmente fazer isso?

Nakari deu de ombros.

– Pense na soma que o Império está oferecendo para recapturá-la e aí você me diz.

– Muito bem – disse ele –, acho que posso confiar em vocês nisso, já que seus interesses e os meus coincidem. – Depois que deu os nomes a Drusil e recebeu a garantia de que iria receber relatórios regulares dela, ele juntou as mãos e afundou em uma felpuda poltrona de escritório atrás de sua mesa de madeira. – Agora – disse, quase ronronando e apontando para algumas outras cadeiras menos confortáveis diante da dele, que tínhamos ignorado até então –, por favor, sentem-se e contem-me mais sobre essa lua fascinante.



CAPÍTULO

$2^3 = 16 \Omega$

Depois de receber a informação, Azzur Nessin teve certeza de que poderia ganhar algum dinheiro com os dados de Nakari sobre Fex – mesmo com furacrânios sugadores de miolos – e permitiu que escolhêssemos o motor mais rápido disponível no planeta que coubesse na *Joia*.

– O motor não chegará aqui em menos de dois dias, acho, e vocês devem estar exaustos – disse ele. – Vamos encontrar um lugar para se esconderem enquanto isso é resolvido. Entrarei em contato.

Voltamos depressa para a nave para pegar mantos encapuzados antes de partir para um hotel perto do espaçoporto. Fiquei preocupado pensando que R2 talvez fosse reconhecível, mas ele poderia muito bem ser qualquer droide astromec de sua série e não necessariamente o que se envolveu na operação em Denon.

Totalmente exausto depois de um dia que começou em outra parte da galáxia, adormeci assim que caí na cama. Depois de uma noite de sono merecido, pedimos serviço de quarto e comemos por ali. Achamos que isso seria mais inteligente do que mostrar a cara no buffet ou em qualquer lugar do hotel.

Drusil não tinha dormido muito. Passou a maior parte da noite sliceando as contas dos empregados de Azzur Nessin.

– O Wookiee era completamente limpo – relatou ela –, como se poderia esperar. Eles não são uma espécie propensa a simpatizar com um regime que comumente os escraviza. Outro dos mecânicos, um Duros, complementa sua renda vendendo pó de chifre de pahzik como afrodisíaco, mas também não nos interessa. Os outros dois podem representar problemas.

– Quais são os dois? – perguntou Nakari.

– Ruuf Waluuk e Migg Birkhit, dois Kupohanos. – Olhando de relance para o hangar, para o cargueiro leve ao lado da *Joia do Deserto*, notei que nenhum dos Kupohanos estava lá; apenas o Wookiee e o Duros tinham

aparecido para o trabalho hoje. Drusil continuou: – Fui capaz de abafar os esforços iniciais do primeiro, mas infelizmente o outro enviou alguma comunicação ao Império antes que eu pudesse interferir.

– Que tipo de comunicação?

– Uma insistência genérica de que estamos em algum lugar em Kupoh e que ele seria capaz de, por um preço, facilitar a busca e indicar a direção certa. Ele não deu nosso paradeiro exato, mas o Império é capaz de rastrear sua transmissão até essa cidade e, presumivelmente, seu lugar de trabalho. Eu apaguei o arquivo, mas eles podem ter lido e agido antes que eu o fizesse.

– Agido como?

– Eles podem estar a caminho agora mesmo, procurando por Migg Birkhit e detalhes adicionais. Ou podem ter contatado confederados já no planeta. Já podem tê-lo encontrado.

Nakari praguejou.

– Não podemos ficar, então.

– Não temos outro lugar aonde ir – aponte. – E partir agora, antes de obtermos reparos, só vai fazer com que o resto da equipe fique desconfiado. Será melhor e mais simples se Migg Birkhit não estiver por perto para ser interrogado quando o Império chegar procurando por ele.

– Então você está dizendo que devemos fazê-lo desaparecer?

– Temporariamente – falei. – Não permanentemente. Talvez uns dois dias amarrado em um quarto de hotel. Ele vira um problema de Azzur Nessin depois disso.

– E se o Império já o tiver encontrado?

– Podemos ter que recorrer ao desaparecimento permanente se esse for o caso, mas só porque ele provavelmente chegará atirando em nós, junto das tropas imperiais.

A Givin balançou a cabeça.

– Duvido que uma única mensagem não confirmada mobilize tropas. O mais provável é que mobilize um investigador ou um preguiçoso pedido eletrônico por mais informações. Eu vou interceptar todas as mensagens enviadas para Migg e Ruuf, é claro, mas não posso controlar suas interações pessoais.

– Isso nos dá um objetivo para o dia, acho – disse Nakari. – Não é possível fazer nada sem o motor substituto e teríamos que ficar escondidos nos nossos quartos. Na verdade, Drusil, isso é o que você deve fazer, provavelmente. Qualquer Givin visto na rua agora pode despertar mais curiosidade do que queremos.

– Não faço objeções – respondeu ela. – Preciso monitorar as comunicações, mesmo. Mas o que vocês vão fazer?

– Vamos sair à procura de Migg Birkhit – respondi.

Nakari franziu a testa.

– Mas onde?

– Em sua casa primeiro – falei. – Aposto que Drusil já tem o endereço. – Ela assentiu. – Se não der certo, podemos checar as cantinas locais.

– Você quer dizer os lugares onde qualquer um nos venderia por uma bebida?

– Podemos ir disfarçados sob os capuzes. Deve funcionar.

– O investigador pode ser qualquer um – alertou Drusil. – O DSI não vai se anunciar ou usar uniforme.

– Teremos cuidado.

– Vocês também vão tentar descobrir se a Aliança transportou com sucesso a minha família?

– Sim, vamos dar uma olhada nisso. Temos uma caixa postal clandestina no planeta. Não sei se vamos obter uma resposta antes de partir, mas vale a pena tentar.

Drusil nos deu o endereço de Migg Birkhit e a levamos para o quarto dela. Deixamos instruções estritas para que não abrisse a porta para ninguém que não soubesse a senha.

– Oh! Posso escolher uma? – perguntou Drusil, do umbral da porta do quarto, enquanto estávamos de pé no corredor. Sua boca ficou um pouco aberta, e isso pode ter sinalizado um sorriso. Como ela parecia animada com isso, eu disse que sim, mas, antes que ela pudesse falar, fiz com que todos entrássemos em seu quarto e fechei a porta para impedir que fôssemos ouvidos. Não havia ninguém no corredor, mas é necessário ser cuidadoso em Kupoh. Sugeri que ela mantivesse a voz baixa.

– Excelente – disse Drusil em um sussurro. – Bata na porta da maneira que quiser e então diga $(J + e)(d - i) = Jd - Ji + ed - ei$. – Ela deixou a boca se abrir mais dessa vez, em expectativa, mas eu não sabia por quê.

– Ok, é um pouco longo para uma senha, mas vamos fazer isso.

Sua boca fechou-se.

– Espere. Vocês não entenderam?

– Entendemos o quê?

– É uma parábola Jedi! – Diante dos nossos olhares inexpressivos, a cabeça da Givin pendeu para a frente e ela olhou para o chão. – A piada mais velha da galáxia e passa completamente em branco com humanos. Eu sinto falta do meu marido. – Ela apertou um botão na parede e a porta se abriu às nossas costas, em um claro convite para que partíssemos.

No corredor, Nakari bufou.

– Agora eu entendi. É uma coisa básica de matemática. Para entender é preciso imaginá-la escrita em alto galáctico em vez de ouvi-la. Ela deve achar que somos imperdoavelmente lentos.

– Acho que nessa área nós somos. Mas você e eu temos outras qualidades redentoras.

– Oh, você quer dizer nossas habilidades culinárias?

Bufei.

– Não, definitivamente não é isso.

Plugando R2 em um terminal público e usando-o para criptografar a nossa mensagem, pedimos uma atualização operacional sobre a família de Drusil e deixamos a mensagem em uma conta descartável da Aliança, criando outra para a resposta. Se a Aliança estivesse em alerta aqui, teríamos uma resposta. Depois, fizemos o possível para disfarçar nossa aparência e tomamos um táxi droide para nos levar para o endereço de Migg Birkhit.

Foi uma corrida curta pelas ruas de Tonekh até um gueto, onde a casa de Birkhit revelou-se apenas um espaço econômico em formato de caixa no meio de um grande cubo com espaços semelhantes. O bloco de apartamentos provavelmente tinha sido bem-iluminado algum dia, mas isso era passado remoto e ele agora possuía uma aparência gasta e as pessoas ali, obviamente, viviam em meio a doenças, vício e desespero. Não havia crianças brincando do lado de fora, apenas figuras encapuzadas como nós, vadiando, observando, escondendo intenções e identidades. Não era difícil imaginar por que Birkhit agarrara a chance de comprar uma vida melhor.

– Acho que um mecânico de nave não ganha muito por aqui – comentou Nakari.

– Talvez não, mas não deveria ser tão ruim assim – falei. – Ele pode ter dívidas de jogo ou um passado duvidoso.

Sentimos que éramos observados enquanto andamos até a porta de Birkhit e apertamos a campainha. O console educadamente informou que o quarto estava desocupado no momento.

– Isso foi uma perda de tempo – disse Nakari.

– Bem, sabemos que ele não faltou ao trabalho por causa de doença. Tínhamos de eliminar essa possibilidade. – Virando-me, encontrei vários olhares encapuzados sombrios que espelhavam o meu próprio. – E se ele

voltar, vão contar que alguém está à sua procura. – Eu sabia que os Kupohanos podiam me ouvir muito bem, mesmo sem levantar a voz.

Em seguida, visitamos duas cantinas estagnadas e esfumaçadas, onde ninguém tinha ouvido falar de Migg Birkhit; mas, se precisássemos de alguma informação sobre Azzur Nessin, ela poderia ser obtida por um preço. Na terceira cantina, o barman tinha ouvido falar de Migg e estava disposto a nos dizer onde ele passava a maior parte de seu tempo, por “uma pequena importância”. Nós aceitamos, pagamos e ele nos dirigiu a uma quarta cantina que ficava a apenas um quilômetro dali. Decidimos ir a pé, já que o vento era suave e o sol estava escondido, e o mercado ao ar livre do distrito prometia uma viagem rodeada por barracas coloridas e berros de vendedores.

– Sabe, se não estivéssemos em uma missão, eu realmente gostaria disso – gritou Nakari em meio ao vento. – Eu poderia me acostumar com o cheiro, seja lá do que for. Você acha que são os pahzik?

– É um bom palpite.

– É até legal, de certa forma. Digo, a estranheza de um mundo alienígena quando você não está preocupado com nada além da experiência.

Concordei. Viajar pela galáxia seria perfeitamente agradável se não fosse o Império tentando nos matar.

Não havíamos conseguido dar uma boa olhada em Migg Birkhit no hangar, de modo que assim que nos aproximamos de seu suposto local favorito eu me perguntei como iríamos reconhecê-lo.

No fim das contas, ele facilitou as coisas para nós: saiu da cantina vestindo seu uniforme cinza e verde da Nessin C&C quando ainda estávamos a vinte passos de distância. Infelizmente, ele também nos reconheceu. Ainda que estivéssemos meio disfarçados, dois humanos se destacavam um pouco em Tonekh. Capuzes e robes eram ótimos para

disfarçar detalhes, mas não podiam esconder o fato de que nós não tínhamos a constituição física dos Kupohanos e não andávamos como eles. E era difícil nos confundir com outros humanos quando havia tão poucos naquela área. A maioria dos estrangeiros se atinha às proximidades do espaçoporto, e nós estávamos bem no meio da parte nativa da cidade. Com um rosar praguejante, Migg correu e virou a esquina, e nós fomos atrás. R2 soltou uma torrente de ruídos que provavelmente eram pedidos para que esperássemos por ele.

Descobri no espaço de cinco passos que Nakari era uma corredora muito mais rápida: ela era mais alta e tinha uma passada mais longa do que a minha, mas também estava em excepcional forma. Também era mais rápida do que Migg. Antes que ele pudesse escapar do beco e sumir em outra rua do mercado lotado, Nakari tirou a pistola e o atordoou.

Ela virou para mim, lambeu o dedo e fingiu que escrevia uma marca de contagem imaginária no ar.

– Anote menos um dedo-duro do Império para mim. Ele não vai dedurar mais ninguém agora.

– Bom trabalho. Vamos tirá-lo da rua, fingir que é um amigo bêbado saindo da cantina e pegar um táxi droide de volta para o hotel?

– Sim, acho bom.

Apoiamos Birkhit entre nós, com Nakari à sua esquerda, e eu, à direita, com seus braços sobre nossos ombros e os pés se arrastando logo atrás.

Um sinal sonoro soou logo à frente. Quando olhei para o beco para localizar R2, vi que ele estava vindo, mas outra figura caminhava, decidida, à sua frente. Era um Gotal com pele terracota e olhos amarelos, sobancelhas grossas para sustentar os chifres sensíveis que permitiam que sua espécie detectasse campos eletromagnéticos de todos os tipos. Davam excelentes caçadores, eram empáticos até certo ponto com várias espécies e perigosos em confrontos, já que muitas vezes pressentiam o que você estava

planejando fazer. Han tinha me avisado que muitos deles simpatizavam com o Império.

– Desculpem – disse o Gotal. – Esse aí com vocês é o meu amigo. Eu estava prestes a encontrá-lo quando ele correu para este beco.

– Ele é nosso amigo também – disse Nakari, suave e sorrindo. – O pobre Migg bebeu demais e correu até aqui para vomitar. Vamos levá-lo para casa.

– Ele não está inconsciente de beber – disse o Gotal, apontando para seus chifres com um polegar. – Eu posso sentir. Ele está atordoado. E vocês o atordoaram.

Sem se abalar, Nakari falou:

– Tanto faz, amigo. Ele ainda precisa ser levado para casa. Você quer vir junto?

– Não, eu quero que vocês o deixem ir e me digam onde está a Givin.

– Do que você tá falando? – perguntou Nakari, com exasperação em cada palavra. Mas ela levantou o braço de Migg e abaixou a cabeça para obedecer pelo menos à primeira parte, enquanto a mão direita, escondida atrás de Migg, sacava a pistola.

Mas não chegou a disparar. Movendo-se muito mais rápido do que eu esperava, a perna esquerda do Gotal disparou em um chute direto visando a lateral da barriga de Nakari e derrubou a pistola de sua mão justo quando ela a estava espremendo entre seu corpo e o de Migg para acertar o Gotal. Quando ela cambaleou para trás, o peso total de Migg caiu sobre o meu lado esquerdo, e, sem mudar o apoio do pé, nosso atacante levantou a perna para trás na altura do joelho, girou e chutou o meu rosto. Ele acertou, e acho que eu deveria ser grato por ele não ter usado muita força: meu nariz permanecia intacto e eu continuava com os meus dentes, mas o impacto fez com que eu fosse ao chão (levando Migg junto).

Nakari pulou para a frente, desarmada, e eu ouvi mais do que vi golpes sendo trocados, barulho de punhos sobre a carne e grunhidos de dor e

esforço. Rolando e me forçando a ficar de pé, ainda meio sem equilíbrio, consegui me levantar assim que Nakari caiu, após levar uma rasteira do Gotal. Ele não estava perto o bastante para dar chutes desta vez – teria que se recompor e dar alguns passos para me alcançar –, e lembrei que eu tinha uma pistola. Mas não conseguia lembrar se a havia ajustado para atordoar. Ele tinha uma pistola também, e estava se lembrando disso ao mesmo tempo que eu.

R2-D2 tinha um braço capaz de emitir um choque elétrico, e o Gotal nem viu o ataque vindo por trás, tendo se esquecido do droide aleatório pelo qual havia passado no beco e provavelmente sem esperar que tal criatura fosse se meter. Ele gritou e agarrou os chifres, que, graças à sua sensibilidade elétrica, tornavam tais choques duplamente dolorosos, e caiu se contorcendo no chão até ceder, inconsciente.

Dei um suspiro de alívio.

– Obrigado, R2. – Não sabia se eu teria sacado a arma mais rápido do que ele.

– Você tá bem? – perguntou Nakari, ficando de pé e batendo a poeira das calças.

– Estou meio tonto e acho que vou ficar roxo e dolorido, mas, fora isso, ok. E você?

– Algumas contusões, com certeza. Esse – disse ela, apontando para o Gotal – é um indivíduo perigoso. Vindo para cima de nós assim, desarmado, com total confiança? Louco.

– Ele tinha boas razões para estar confiante. Nós não estávamos indo tão bem.

– Temos que levá-lo conosco. Você o ouviu perguntar sobre a Givin.

– Sim, você está certa. A história será a mesma para qualquer transeunte: temos dois amigos bêbados que estamos levando da cantina até o hotel.

Nós carregamos Migg e o Gotal pelo beco até a entrada da cantina, checamos se nossos capuzes estavam de volta no lugar, e R2 chamou um táxi droide para nos levar de volta ao hotel. Algumas pessoas olhavam, mas ninguém queria se meter. Como era uma distância curta até o hotel, fomos capazes de levar nossos cativos para o meu quarto e estendê-los na cama antes que começassem a se mexer. Nakari prontamente atordoou-os de novo.

– Precisamos de algo para amarrá-los... e um guarda.

– Certo. Já volto.

O porteiro do hotel era um droide protocolar prateado no qual alguém hilariantemente tinha colado um bigode falso. Fiz questão de manter o capuz abaixado, a fim de impedi-lo de escanear meu rosto para download posterior, e empostei a voz um tom mais alto do que o normal para pedir sua ajuda.

– Diga, as pessoas por aqui gostam de montanhismo?

O droide zumbiu e clicou antes de responder.

– Certamente, senhor. É um passatempo bem popular em Tonekh. Gostaria de algumas indicações para penhascos nas proximidades?

– Não, eu sei onde quero subir, mas estou com poucos suprimentos. Você sabe onde posso encontrar cordas, martelos, esse tipo de coisa?

– Claro, senhor.

Ele me deu o endereço de um fornecedor especializado e chamei mais um táxi para me levar. A corda que eu comprei não seria perfeita, é claro, mas eu não podia perguntar ao concierge onde comprar algemas de choque sem levantar suspeitas. Comprei quatro bobinas, além de algo para almoçarmos, e voltei para encontrar nossos prisioneiros conscientes, mas imóveis, já que Nakari e R2 tinham armas apontadas para eles.

– O que eu perdi? – perguntei.

– Nada. Eu disse para ficarem quietos até você voltar ou eu os atordoaria de novo.

– Ótimo. Estou aqui agora. Olá – disse para o Gotal –, não fomos formalmente apresentados. Quem é você?

– Vocês cometeram um grande erro. Não sou um mero dedo-duro.

– Não diga.

– Eu sou um agente da Nova Ordem. Se eu não me reportar, o Império virá à minha procura, e, quando vierem, vão encontrar vocês.

– Eu não acho que você seja tão importante – disse Nakari. – Conhecemos todos os agentes imperiais da área e não lembro de ter visto um Gotal na lista. – Foi uma mentira dita tão casualmente que eu mesmo quase acreditei.

O Gotal zombou:

– Eu não sou da segurança da frota. Sou do DSI.

Nakari estreitou os olhos para ele e depois olhou para mim, com a sua fria máscara de controle virando incerteza.

– A lista do DSI que temos não é classificada por espécies. Ele pode estar dizendo a verdade.

Dei de ombros, acompanhando a farsa das listas.

– É possível.

– Qual é o seu nome? – perguntou Nakari.

– Barrisk Favvin.

– Esse é o nome que você usa no DSI?

– Sim. E o DSI está esperando meu relatório. Soltem-me e garanto que vocês serão bem tratados quando forem capturados.

Ignorando-o, Nakari virou para mim e perguntou:

– Pode checar esse nome na nossa lista?

– Claro – respondi, e saí do quarto para visitar Drusil do outro lado do corredor. Em vez de tentar lembrar a equação que ela tinha me dado mais

cedo, apenas bati na porta e disse:

– Parábola Jedi. – E ela me deixou entrar.

– Luke Skywalker. Seu rosto está contundido. Vocês não capturaram Migg Birkhit?

– Capturamos. Temos também um Gotal no meu quarto que afirma ser um agente DSI. Peguei-o tentando encontrar-se com Migg. Seu nome é Barrisk Favvin. Alguma forma de descobrir se ele é um informante?

– Vamos ver. – Indo até seu hardware personalizado, Drusil digitou uma série de comandos e olhou para os resultados. Ela repetiu o processo várias vezes antes de finalmente dizer: – Sim, ele é. Despachado para se encontrar com Migg Birkhit e investigar suas alegações, o que significa que eles viram a mensagem. Suas ordens são para relatar assim que souber de alguma coisa.

– Então ele não precisa apresentar relatórios pré-agendados?

– Eu estou nos seus arquivos pessoais e olhando para as ordens de seu superior. Não fala nada disso aqui.

Então ele mentiu sobre isso.

– Isso é perfeito. Podemos apenas mantê-lo aqui e o Império não vai vir atrás. Mas fique monitorando essa conta. Se você receber alguma pergunta sobre o progresso dele, diga ao Império que Birkhit está indisponível no momento e você, quer dizer, *ele* irá se reportar assim que tiver informações sólidas, positivas ou negativas.

– Não devemos simplesmente dizer que a informação de Birkhit era falsa?

– Não, porque então o DSI enviará Barrisk para outro local e queremos que eles pensem que ele está ocupado por uns dois dias. Estamos apenas provocando um atraso. Por isso, diga a eles que Favvin está seguindo pistas ou confirmando as suspeitas, mas nada específico.

– Entendido.

Voltando ao meu quarto, contei a Nakari que Favvin era de fato do DSI, mas que não precisávamos nos preocupar com relatórios programados.

– Basicamente, podemos segurá-lo aqui.

– Então vocês *são* os fugitivos! – disse ele. – Onde está a Givin?

– Em outro lugar – desconversou Nakari, então atordoou os dois para que pudéssemos prendê-los facilmente. Amarramos seus pulsos e tornozelos e almoçamos juntos enquanto esperávamos que acordassem novamente. Recrutei R2 para fazer o papel de sentinela, já que não queríamos passar tempo algum na mesma sala que um agente do DSI. Eu não desejava matá-lo, mas não parecia prudente deixá-lo ver ou ouvir nada mais sobre nós do que o absolutamente necessário, e tampouco queríamos escutar um fluxo interminável de ameaças e propaganda imperial.

Quartos de hotel não são prisões ideais, mas cordas podem fazer restrições decentes, e um droide incansável capaz de emitir choques elétricos dá um bom guarda.

– Não reclamem alto demais, pessoal – disse Nakari, quando eles acordaram e viram que estavam amarrados. – Cada um tem uma cama macia, vamos trazer comida e vocês podem assistir aos holos de entretenimento que quiserem. Tentem se levantar da cama ou pedir ajuda e o droide vai nocauteá-los. Se precisarem usar o banheiro, peçam ao droide e ele irá nos contatar pelo comunicador. Comportem-se e estarão vivos e livres em poucos dias. E, se quiserem uma surra no final para mostrar aos seus superiores que vocês não estavam na moleza, ficarei feliz em administrar uma. – Ela sorriu, vitoriosa. – Só precisam pedir.



CAPÍTULO

23 ÷ 17 ≠ Δ

Houve um tempo em que eu achava que a guerra era uma perspectiva interessante e talvez até mesmo desejável. Comparada com o tédio incansável da minha infância em Tatooine, quase todo o resto era atraente. Mas descobri desde então que todo conforto é raro e precioso quando se está em guerra. O estresse constante e a perda de amigos são como se perder nas dunas da minha terra natal, com os tecidos de sua vida secando lentamente até que tudo o que resta de uma pessoa é uma casca crocante. Mas, às vezes – eu diria que muito raramente, mas acontece –, você se depara com uma série de rochas na areia, e escondida em algum lugar entre as pedras há uma nascente aninhada em uma fenda, um oásis salvador que fica ainda mais doce graças à sua aparência inesperada.

Nakari era assim.

Após isolar a ameaça representada por Migg Birkhit e Barrisk Favvin, tínhamos a tarde e a noite livres até a chegada do novo motor no dia seguinte, e Nakari me surpreendeu ao me convidar para relaxar em seu quarto, uma suíte com sofá, mesa e holoprojetor. Eu aceitei, e uma tarde trocando histórias sobre o deserto se estendeu para um jantar de carne de pahzik, entregue pelo serviço de quarto e que era, na minha opinião, mais saborosa do que carne de nerf – um significativo ponto a favor de Kupoh. Em algum momento durante a refeição, ela riu de alguma coisa – e seu sorriso era tão charmoso que me esqueci de não ficar olhando – e ela me flagrou de novo. Literalmente teve que chamar minha atenção.

– Ei. – Ela estalou os dedos. – Ei.

– Quê?

– Se está à procura de seu prato, Luke, está bem na sua frente – disse ela, apontando com o garfo.

– Desculpe – disse eu, deixando cair a cabeça e sentindo o calor tomar o meu rosto, tentando pensar em algum momento da minha vida no qual tinha ficado mais envergonhado, sem sucesso.

Ela riu suavemente.

– Você não é o que eu esperava, sabe – ela falou e esperou até que eu olhasse para ela. Vendo minhas sobranceiras levantadas, tranquilizou-me com um aceno de cabeça. – Isso é uma coisa boa. Você não foi como eu imaginava já naquele primeiro momento, quando nos conhecemos na *Paciência*.

– Você tinha uma imagem mental de mim antes de nos conhecermos?

– Ué, claro! Você ouviu falar de alguém que explodiu a Estrela da Morte, alguém pintado como um herói da Aliança, e você pensa “esse menino deve ser tão cheio de si que já deve ter seu próprio campo de gravidade a essa altura”. Ou você acha que alguém assim só pensa em dever e justiça e usa a roupa de baixo apertada demais. Nenhum senso de humor, sabe? Porque quando eles promovem alguém a herói, não estão promovendo a pessoa real: você vira esse ideal de fanatismo político.

Ao mesmo tempo achando divertido e horrorizado, eu disse:

– Então, na sua cabeça, eu era um idealista bitolado sem muita folga na roupa de baixo?

Ela deu uma risada envergonhada.

– Sim, acho que uma coisa do tipo.

– Uau. Nunca fiquei tão feliz em frustrar expectativas.

– Fiquei feliz por estar errada.

Pensando nas consequências da batalha de Yavin, suspirei, esquecendo o jantar.

– Para ser franco, porém, eu acho que deixei tudo subir à cabeça por um tempo.

– Ah, então eu apenas peguei você em um bom momento?

– Meio isso. Quero dizer, você já pensou em quem você era há dois anos ou mesmo há seis meses e balançou a cabeça lembrando como era idiota na época?

Sua expressão demonstrou familiaridade.

– Sim! Conheço essa sensação. E você quer voltar no tempo, armado com o que você sabe agora, e explicar como é.

– Exatamente! Dois anos atrás, eu achava que nunca sairia de Tatooine e reclamava de tudo. – Fiz uma careta ao me lembrar de como me comportava. – Eu realmente teria algumas coisas para dizer àquele garoto agora. E então tudo mudou. Conheci um Jedi, me juntei à Rebelião e quase instantaneamente tive esse tremendo êxito. Salvei uma princesa e explodi uma superarma, consegui uma medalha da mesma princesa, fogos de artifício em minha honra e tudo. Isso poderia transformar sua cabeça em um planeta muito rápido.

– Aham.

Achei que isso era apenas um ruído educado e minha deixa para continuar, mas Nakari tamborilou os dedos sobre a mesa para me fazer parar e perguntou, com a voz afetada:

– Diga, Luke, estou enganada ao achar que você tem sentimentos por essa princesa? Porque eu pensei ter ouvido um tom de saudade aí.

Meus olhos se voltaram para ela, que estava esperando, estudando minha expressão cuidadosamente. Após alguns segundos de terror, lembrei-me de um ditado comum sobre a franqueza e de como ela era provavelmente a melhor opção.

– Não, você não está totalmente equivocada. Mas somos apenas amigos.

– Á-an, piloto, essa não vai voar. Estou falando sobre o que você *quer*, não o que você *é*.

Não podia acreditar que a conversa tinha ficado tão desconfortável em tão pouco tempo. Eu não era um especialista em relacionamentos, mas sabia que já tinha falado demais, e não era sensato falar para uma pessoa de seu desejo por outra. Franqueza, refleti, pode não ser sempre a melhor opção. Às vezes você precisa fazer uma manobra evasiva.

– Acho que não importa o que eu quero. Eu sou um lavrador, ela é uma princesa. Ser seu amigo é só o que eu posso esperar.

Nakari balançou a cabeça lentamente quando falou, sem me deixar escapar.

– Ela não é tão inacessível para você. Você não é mais um lavrador.

– Tá bem, talvez eu não seja, mas ela nunca demonstrou interesse algum por mim além de amizade e do que eu posso fazer para a Aliança. Espero que a gente não brigue por causa dela.

O olhar de Nakari endureceu, seus lábios se apertaram em uma linha fina.

– Esperança é uma coisa frágil, Luke. Especialmente agora. Porque parece que quem você quer e com quem você está são pessoas diferentes.

Por meio segundo fugaz, fiquei exultante por ela achar que eu estava *com* ela, mas esmaguei essa sensação porque ela poderia não achar isso por muito mais tempo.

– Não, não é nada disso. Por que você está brava? Você perguntou se havia um tom de saudade, eu fui honesto e admiti que sim, mas não há nada além disso.

Nakari ergueu a mão boa para acabar com a conversa e depois pousou-a sobre o nariz, fechou os olhos e respirou fundo. Quando exalou, sua mão desceu e seus olhos se abriram.

– Honestidade é geralmente bom, Luke, você está certo. Mas às vezes não é o que as pessoas querem ouvir.

– Oh. Bem, eu gostaria de poder encontrar o Luke de dois minutos atrás e dizer isso a ele.

Para meu grande alívio, ela bufou e sua boca se abriu em um largo sorriso.

– Não seja muito duro com ele. Seu primeiro impulso foi bom.

Permitindo-me um sorriso cauteloso, continuei:

– Tudo bem, vou pegar leve com ele. Mas peço desculpas por incentivar dúvidas com a minha honestidade. A verdade honesta que você deve lembrar é que eu estou muito feliz por termos nos conhecido.

– Bom garoto – disse ela, me incentivando. – Me adoce agora. Vamos.

Levei um momento para perceber que ela estava falando metaforicamente, mas felizmente percebi antes de me mexer para procurar um sachê de açúcar no quarto do hotel.

– Certo. Adoçar. Bem, você é tão...

– Eu sou tão o quê, Luke? Não pare por aí.

– Tão... como é que as pessoas fazem isso? Tudo o que eu penso em dizer soa banal e insincero na minha cabeça.

– Não se preocupe. Você acabou de ganhar todos os pontos de sinceridade com essa coisa da “honestidade em excesso”. Isso não quer dizer que você não deva se esforçar para ser original; só estou dizendo que, se você deixar escapar alguma coisa que já ouvi antes, posso acreditar em você.

– Ah, mas nenhuma pressão, certo?

Ela piscou.

– Certo.

– Bem, na verdade, isso é algo que eu realmente admiro em você. Nenhuma pressão.

Nakari estreitou os olhos.

– Tem certeza de que isso é adoçar?

– Definitivamente. Acho que isso é um elogio dúbio, mas estou tentando a originalidade.

– Tudo bem, me surpreenda.

– Bom, eu não sinto o peso esmagador das suas expectativas. Quero dizer, você tem expectativas. Acabou de compartilhá-las comigo. Mas eu não teria ficado sabendo se você não dissesse. E, acredite em mim, isso é um alívio. Importante.

Nakari me cutucou para que eu esclarecesse.

– Importante como?

Lutei para encontrar as palavras certas.

– Desde a batalha de Yavin, às vezes sinto que as pessoas esperam que eu faça algo ainda maior e se perguntam por que ainda não fiz. O que eu sinto em você é o *encorajamento* para fazer isso, o que é muito diferente. E raro. – A outra pessoa que habitualmente me encorajava era Leia, mas achei melhor não me estender a esse detalhe.

Nakari se recostou na cadeira.

– Uau. Eu não estou encorajando você a fazer algo maior do que aquilo da Estrela da Morte.

– Eu sei, isso provavelmente soou estranho. Deixe-me tentar de novo. O segredo da Batalha de Yavin foi que eu tive êxito por causa da Força. Então, para mim, fazer algo maior do que eu fiz ali não significa uma explosão maior ou matar mais stormtroopers. Significa dar mais um passo no caminho para me tornar um Jedi. E já fiz mais progressos na Força desde que conheci você do que em qualquer outro momento desde que perdi Ben. Na verdade, tenho esperança de que possa aprender a usá-la agora, e é por causa do seu encorajamento... Então, sabe, você... – Eu me agitei em busca de alguma frase original e nada me veio à mente. Com medo de me calar e soltar no mundo outro silêncio constrangedor, terminei com um simples fato: – ... você faz bem para mim.

Nakari esperou alguns segundos para se certificar de que eu tinha acabado.

– Hmm. Esse foi um doce bem complexo – disse ela, com a boca enviesada para a esquerda –, mas você embrulhou pra presente e fez um laço no final. – Ela se inclinou para a frente de novo, tirou o prato da frente e apoiou um cotovelo na mesa, segurando a bochecha com a mão boa. Seu

meio-sorriso floresceu em um grande sorriso. – Nada mal, Luke. Ganhou vários pontos.

Eu me sentia animado e exausto ao mesmo tempo, do jeito que você se sente quando escapa da morte por pouco. Fiquei feliz por ela não demonstrar intenção de atizar o fogo do ciúme. Não tinha dúvidas de que ela ainda pensava em Leia como uma rival, mas, pelo menos por enquanto, estava disposta a deixar isso para lá. E era melhor não forçar a sorte. Tendo saído com sucesso de um campo minado, eu seria um tolo em voltar para ele e dançar.

Peguei seu prato da mesa, coloquei-o em cima do meu e me levantei para tirar o jantar.

– Sabe de uma coisa? – continuei, enquanto ia até a copa. – Se eu pudesse voltar e encontrar o velho Luke, aquele de logo depois da Batalha de Yavin, com uma medalha no pescoço, ainda orgulhoso por ter acertado torpedos de prótons em uma abertura de exaustor que deve ser a maior falha de design da história, não acho que eu ficaria irritado com a forma como ele se sentia na época. Mas diria a ele que nem sempre seria assim tão fácil. Porque o Império, obviamente, ainda está por aí. Uma grande vitória para nós foi apenas um inconveniente para eles. Ainda matam e escravizam as pessoas. Bem, não preciso lembrá-la disso. Nós estamos escondidos na Orla Exterior como os ratos que o Império diz que somos, e executando missões como essa, não sabemos se vão fazer diferença ou não, ou se alguma coisa do que fazemos realmente importa.

– Oh, importa, Luke – disse Nakari. Quando me virei para olhar para ela, vi que tinha um vinco entre os olhos e estava me olhando intensamente. – Nós somos o espinho que espeta o dedo do imperador quando ele enxerga a galáxia como seu jardim pessoal. E sabe quem ele pune toda vez que conseguimos alguma coisa? Vader.

– O quê? Como você sabe disso?

– Porque o poodoo rola ladeira abaixo e Vader não está no topo. E ele passa isso para todo mundo abaixo dele, com certeza, mas é ele quem recebe primeiro, sempre que o imperador está descontente. E o fato de que ainda estamos aqui o deixa muito descontente, aposto.

– Você quer que Vader tenha tudo o que merece, hein?

– Claro. Quero dizer, não é *tudo* que eu quero. Mas não deixaria passar a chance de lidar com ele se a oportunidade aparecesse. Ele tirou minha mãe de mim e traiu o seu pai. Você não quer vê-lo morto?

– Quero vê-lo derrotado.

– Morto conta como derrotado – apontou Nakari.

– Sim, mas acho que eu gostaria de saber como ele virou essa coisa que é, para saber o que *não* fazer. Você não pode obter respostas de um homem morto.

– Espere. Você acha que pode se transformar em algo tão mau assim? Você acha que tem isso dentro de você?

– Não, não, não foi isso que eu quis dizer. Ben disse que Vader foi seduzido pelo lado sombrio da Força, quase como se ele não tivesse escolha. Eu preciso saber mais.

A voz de Nakari aprofundou-se junto com o vinco entre os olhos.

– Ele escolheu enviar a minha mãe para as minas de especiarias e deixá-la morrer lá, Luke. Não foi um lado sombrio metafísico que o obrigou a fazer isso. Ele escolheu fazer, como todo o resto que ele escolheu. Ele não é uma vítima. Ele é o responsável.

Vendo o meu erro, apressei-me em tranquilizá-la:

– Sim, ele é, com certeza. Não estou dizendo que concordo com Ben. Eu apenas não sei o que ele quis dizer. Há mistérios sobre a Força dos quais Vader pode saber as respostas.

– Verdade, mas você não poderia confiar em nada do que ele dissesse de qualquer maneira; então, por que conversar?

– Gostando ou não, ele é uma das poucas pessoas restantes da galáxia que pode discutir sobre isso comigo.

Nakari piscou.

– Então, o que você está dizendo? Você quer que ele ensine você?

– Não, claro que não. Eu só acho que poderia aprender alguma coisa com ele.

Ela fez um barulho de vapor escapando de uma válvula de pressão.

– Eu não acho que você gostaria de qualquer coisa que aprendesse. Ele não vai fazer você feliz.

– Não, acho que não.

– Vader provavelmente nem sabe o que é felicidade. Sabe de uma coisa? Aposto que ele nunca comeu uma fatia de bolo.

A mudança abrupta de assunto me assustou.

– O quê? Bolo é felicidade?

– Com certeza. Já que quer perguntar alguma coisa a ele quando ele for derrotado, pergunte isso. – Sua voz mudou desta vez, não para imitar seu pai, mas para me imitar: – “Lorde Vader! Alguma vez você comeu um bolo? Responda-me!” – Ela soou estranha e meio anasalada.

– Ei, minha voz não é assim, é?

– Não mude de assunto! Estamos discutindo os hábitos de sobremesa de Vader. Se ele disser que sim, ele comeu bolo, então ele foi humano em algum momento e lembra como era ser feliz, e você pode continuar a conversa porque existem pontos em comum. Mas, se ele disser não, é caso perdido. Jogue-o pela escotilha pressurizada e acabe com o sofrimento dele.

Começamos a rir e, mesmo que não fosse tão engraçado, rimos até nossas barrigas doerem e saírem lágrimas dos cantos dos olhos. Quando você ri de alguma coisa que assusta, ela deixa de ser assustadora, o que provavelmente foi a razão pela qual Vader enviou a mãe de Nakari para as

minas de especiarias. Ele queria ser temido e não podia suportar ser ridicularizado.

Eu nunca disse a Nakari, mas achei aqueles breves momentos com ela em um hotel kupohano muito melhores do que bolo.



CAPÍTULO

9 · 18 + 4Y²

Checamos os nossos prisioneiros pela manhã e, afora o fato de estarem irritados conosco, estavam bem. O serviço de quarto havia trazido frutas vermelhas e uma seleção de queijos esquisitos, e, depois de comer, nós deixamos que eles fizessem suas necessidades, um de cada vez, após verificar se o banheiro não tinha rota de fuga e mantendo-os sob a mira da pistola no caminho de ida e volta. Nós os prendemos de novo, amarrados de maneira confortável, e conferimos se R2 estava bem carregado. Nakari conectou uma interface ao seu datapad para que ele pudesse transferir um relatório para nós. Favvin havia tentado se levantar e atacar R2 em dado momento no meio da noite e recebera um choque debilitante como resultado. Estava perfeitamente dócil desde então. Migg Birkhit tinha desfrutado de um dia de descanso e diversão em um quarto de hotel que era, sem dúvida, muito melhor do que seu apartamento.

– Só mais um dia de férias, rapazes – disse eu. – Vamos deixar que voltem ao trabalho amanhã. – Favvin fez cara feia, mas Birkhit deu um aceno de cabeça quando saímos do quarto.

Essa visita foi bem amigável em comparação à recepção que Drusil nos deu, do lado oposto do corredor. A Givin não nos deixou entrar; simplesmente cuspiu matemática em nós pelo comunicador e atirou as palavras “vão embora” em certo ponto, então desistimos e falamos que estaríamos na garagem se ela precisasse de nós. Ela devia estar envolvida em algo complicado para não poder parar para conversar.

Nas instalações da Nessin C&C, passamos o resto da manhã e toda a tarde ajudando Ruuf Waluuk, o Duros, e o Wookiee a remover o motor destruído da *Joia do Deserto*. Quando o Wookiee gorgolejou algo para Ruuf, o Kupohano balançou a cabeça e disse:

– Eu não sei onde Migg está. Pode estar doente, ou pode estar por aí de bobeira com uma das namoradas dele. Ainda bem que essas pessoas estão

dispostas a nos ajudar. Acho que não teríamos como fazer o trabalho se não fosse isso.

Já eu não sabia onde estava Nessin, e isso era levemente preocupante. Assim como o fato de que não tínhamos ouvido nada da Aliança sobre a família de Drusil. Pelo lado positivo, conseguimos tirar o velho motor e deixamos o chassi preparado para o novo motor assim que ele chegasse ao final daquele expediente.

Pouco depois de o motor ter chegado, Drusil finalmente se juntou a nós, usando capuz. Seus braços carregavam várias caixas de alimentos. Ela levou-os para a área de jantar, onde os colocou sobre a mesa e convidou todos nós para comer. Os mecânicos de Nessin pegaram algumas das caixas, por insistência dela, mas pediram para ficar de pé.

– O sr. Nessin tem uma política que pede que a gente não confraternize com os clientes – explicou Ruuf. – Gostaríamos muito de ficar, mas não podemos. Muito obrigado pela gentileza e pelo jantar, mesmo assim. Gostaria que todos os nossos clientes fossem tão atenciosos.

O Wookiee grunhiu, de acordo, acrescentou um aceno de gratidão e, então, eles disseram boa noite, prometendo voltar de manhã bem cedo para começar a instalação do novo motor.

– Ei, Nakari, hora de dar um tempo – chamei, e sua cabeça de cachos encaracolados apareceu pela baia do motor da *Joia* para responder.

– Não para mim. Ainda tenho algumas coisas para fazer. Vão em frente e comecem; estarei lá em poucos minutos. – E desapareceu.

Voltei-me para Drusil.

– Bem, estou com fome suficiente para começar sem ela e, como ela nos deu permissão, vamos ver o que você trouxe.

– Sim, por favor, sacie-se – disse Drusil. As caixas continham uma variedade de carnes, legumes e macarrão que poderiam ser combinados com vários molhos diferentes.

– Ah, além da carne de pahzik, temos nuggets de nerf! Nakari vai ficar contente – comentei. Em voz baixa, perguntei: – Como estão nossos hóspedes?

– Eles continuam bem, embora o Gotal seja uma criatura intratável.

Comecei a colocar um pouco de macarrão e nerf no meu prato com um garfo limpo da gaveta de utensílios.

– Você parece estar com um humor melhor do que quando falei com você pelo comunicador. Resolveu o que a estava incomodando? A matemática, quero dizer.

– A fonte da minha agitação continua: estou separada da minha família e preocupada com o destino dela. Quando você me interrompeu, eu estava envolvida em escadas de probabilidade abordando a ideia de outros encontros imperiais antes de nossa partida, e os resultados foram pouco agradáveis. Ainda assim, tive apenas um pedido de relatório do superior de Barrisk Favvin e acredito que eles estão contentes e livres de suspeitas, por enquanto. E restaurei uma sensação de equilíbrio pessoal após lidar por um período prolongado com geometrias experimentais.

– Como funciona isso? – perguntei. – Quero dizer, não a geometria em si, mas como isso restaura o seu equilíbrio?

– Você já meditou antes, Luke Skywalker?

– Sim – disse, recordando meu exercício na cabine a caminho de Nanth'ri.

– Você acha que isso o centraliza e restaura o seu foco, concede-lhe nova perspectiva em assuntos grandes ou pequenos que lhe perturbam?

– Até certo ponto, sim. Não diria que sou realmente qualificado nisso ainda.

– Provavelmente você se concentrou em algo para tirá-lo dos seus padrões rotineiros de pensamento. Eu uso geometrias experimentais. O que você usa?

– Ruído visual ajuda – disse –, mas, principalmente, foco na minha respiração.

– Excelente. Esse é um método comum empregado por muitos seres. Independentemente de como alcançamos nosso estado alternativo de consciência, ele nos permite mudar nossa perspectiva e reavaliar nossos desafios para que eles pareçam gerenciáveis em vez de insuperáveis.

Eu nunca havia pensado nisso dessa forma; estava simplesmente tentando forjar uma conexão mais intensa com a Força. Mas as ideias dela tinham mérito.

– Não sei bem como interpretar sua expressão facial atual. Você está chateado? – perguntou Drusil.

– Não, apenas pensativo. – Procurei por uma frase que expressasse a minha apreciação. – Suas ideias estão me dando o benefício de uma nova perspectiva, sem a meditação.

– Mesmo? Por que você estava meditando, então, se não para ter uma perspectiva diferente?

Considerarei a possibilidade de lhe confiar a verdade. Ela era minha aliada ou minha inimiga. Se fosse o primeiro caso, confiar nela não machucaria. Se fosse minha inimiga, contar não a faria mais ou menos inimiga – e, como ela já tinha me visto usar um sabre de luz e pilotar em algumas situações desafiadoras, meus talentos não eram exatamente um segredo.

– Eu estava tentando imergir na Força.

– Ah, a Força! A fonte Jedi dos milagres. Para mim, é um assunto totalmente misterioso.

– Também acho sua matemática bem misteriosa.

A Givin se inclinou para a frente e sussurrou:

– Não é maravilhoso que tenhamos encontrado algo em comum em nossa alienação?

Sorri, e a boca de Drusil formou aquele sorriso aberto enquanto ela fazia sons roucos e sibilantes que deveriam ser uma risada. Mas até mesmo sua piada me proporcionou uma nova visão de como as pessoas deveriam me enxergar: a forma rápida e casual como eu e muitos outros desprezavam seu conhecimento como “coisas matemáticas” aplicava-se igualmente à maneira como os outros deveriam ver os Jedi. Imaginei se poderia repetir aqui meu pequeno sucesso com a Força em Denon, sem Nakari por perto.

– Você se importaria muito se eu tentasse uma coisa? – perguntei.

– Tentar o quê?

Peguei um único fio de macarrão com meu garfo e deixei-o cair sobre a mesa com um ruído molhado.

– Quero mover esse macarrão usando a Força.

– Eu acharia muito divertido se você fizesse isso. Contanto que não planeje movê-lo para dentro da minha boca. Tenho dúvidas sobre a condição sanitária dessa mesa.

– Não se preocupe. Eu só quero uma testemunha para o caso de ser bem-sucedido.

Concentrei-me no macarrão e evoquei a Força, mas ela não respondeu. Examinando por que isso acontecia, percebi que eu não estava tão relaxado quanto estive em Denon, com Nakari. Lá, não senti pressão alguma; agora eu sentia, o que era bobagem, já que havia sido eu quem propusera isso. Talvez fosse o rosto pálido e implacável de Drusil, que me dizia que ela já tinha calculado em até quinze dígitos o quanto eu era uma fraude.

Mas reconheci que eram precisamente essas preocupações mesquinhas que me impediam de conectar-me com a Força. Uma série de inseguranças e perturbações que agiam como portas blindadas prevenindo o seu fluxo. Mantendo meus olhos apontados para o macarrão, fingi que Drusil não estava sentada à minha frente, mas, sim, Nakari, com seu encorajamento e confiança em mim substituindo o ceticismo da Givin, seu sorriso e olhos

escuros olhando para mim em vez da fachada de Drusil, parecida com um crânio. E então, quando sondei a Força, não encontrei uma barreira, mas uma calorosa recepção, e eu a abracei e senti uma parte modesta de sua energia correr através de mim. Quando desejei que o macarrão se movesse, ele o fez, deslizando sobre a mesa em um retorcer úmido e irregular até que eu o libertei perto do prato da Givin.

– Notável – disse Drusil, apontando para o macarrão. – Mover isso pode ser uma proeza trivial para você, mas é algo impossível para quase todos os seres da galáxia. Você percebe o quão pequena é a sua proporção demográfica, Luke Skywalker? Estatisticamente inexistente, e ainda assim aqui está você. – Ela reclinou-se para trás, cruzou os braços e inclinou a cabeça para um lado. – A Força nunca foi descrita matematicamente. Há histórias, é claro, mais como lendas, de alguns poucos Givins que se tornaram Jedi no passado, mas se recusaram a compartilhar suas ideias com o resto da espécie. Eles fizeram o melhor que podiam para manter o funcionamento da Força um enigma, e o melhor deles foi suficiente. Portanto, não sei exatamente o que você fez. Só sei o que você não fez.

– O quê?

– Você não mexeu o macarrão com a sua mente. A física impede isso, portanto seria mais correto dizer que você moveu outra coisa, e *isso* moveu o macarrão.

– Oh! – A Givin tinha um talento para proferir frases que alteravam a forma como eu encarava um problema. Sua observação deixou claro que eu tinha movido a Força, não o macarrão, mas eu não tinha percebido isso dessa maneira até que ela me dissesse.

– Você já tentou este exercício em alguma coisa maior?

– Ainda não.

– Vamos experimentar? Tente mover o garfo em seu prato.

– Eu não sei. É um pouco mais pesado do que um macarrão.

– Você está falando da Força ser mais pesada? Ou o garfo?

– Bem, eu... – Suas palavras me surpreenderam novamente. Eu vinha encarando isso do jeito errado, o que apenas ressaltava minha necessidade de ajuda. – Eu quis dizer o garfo, mas acho que não é com ele que eu deveria estar preocupado. Você me fez perceber que estou em um impasse mental e que vou precisar de certo esforço para sair dele. Se estou movendo o garfo, estou manipulando a Força em vez do aço. Ok, vou tentar.

Inconscientemente estendi os dedos em direção ao garfo e parei, forçando-me a perceber isso conscientemente. Por quê? Meus dedos não moveriam a Força. Essa era uma tarefa para a minha mente. Mas talvez esse gesto inconsciente refletisse o foco da minha mente. Como minha atenção estava dirigida para o garfo, minha mão naturalmente a seguia, sendo utilizada para fazer o que eu queria. Talvez fosse isso o que estava por trás do gesto de Obi-Wan em Mos Eisley, quando ele fez alguma coisa com as mentes daqueles stormtroopers. O movimento da mão não era essencial para o processo, mas, sim, um reflexo inconsciente do foco mental de Obi-Wan. Eu me senti tolo novamente, lembrando-me da minha incapacidade de influenciar o Rodiano no espaçoporto dos Chekkoo, acenando com a mão diante dele como um idiota.

Mas mesmo essa pequena noção poderia ser questionada. Se eu algum dia tiver a sorte de ser treinado por um verdadeiro Jedi, ele ou ela talvez venham a me dizer que o movimento da mão é vital, que serve a uma função que nem posso imaginar, e que todo o meu errante progresso foi como um bêbado cambaleando no escuro e tomando o caminho errado para casa.

Retomei o foco, respirei fundo duas vezes e sondei a Força de novo, instando-a a levantar o garfo para fora do prato. Ele não se levantou, mas moveu-se preguiçosamente pela sopa, como um adolescente que, ordenado a se levantar da cama, rola para o lado e agressivamente volta a dormir.

– Eu não quero presumir, mas talvez você deva fechar os olhos – sugeriu Drusil. – A Força é um poder invisível, por isso é plausível que sua visão esteja interferindo de alguma forma, ocupando uma parte de sua mente que deveria estar concentrada em outro lugar.

É claro que ela estava certa. Eu não estava pilotando um X-wing agora e não havia palavras transcritas de R2 rolando por uma tela. Eu não precisava enxergar. E sabia pelas experiências recentes que sentia a Força mais claramente quando minimizava as distrações visuais.

– Ok. Vou tentar de novo dessa forma.

Fechei os olhos e deixei minha consciência se expandir, e a Força assumiu uma presença mais intensa, como se agora me desse toda a sua atenção. Era provavelmente o oposto: minha total atenção recaía sobre a Força. Ela cresceu e eu a persuadei a levantar o garfo do prato, não uma tremida ou um salto, mas uma leve e contínua levitação, cheia de macarrões que pingavam ruidosamente enquanto abandonavam a poça de fluidos na tigela, impregnada de alho e amendoim. Para o crédito de Drusil, ela não fez ruído algum que pudesse me distrair durante o processo. Eu estava prestes a sorrir e saborear a vitória quando uma voz que decididamente não era de Drusil ribombou nas proximidades:

– Isso mesmo, piloto, alimente sua colega com macarrão mágico!

Assustado, abri os olhos, perdi a concentração e o garfo caiu com o macarrão em um alto *plof* que me borrifou com o que deveria ser metade do caldo.

– Ah, de novo, não – falei, olhando para a bagunça.

– Essa é uma habilidade útil, Luke! – exclamou Nakari. Ela puxou uma cadeira ao lado de Drusil, do outro lado da mesa, e a deslizou para sentar-se, com os olhos brilhando por trás de uma mecha de cachos escuros. – Eu vou só ficar sentada aqui e você pode me *forçar* a comer daí, tá? Parabéns pela nova mancha, aliás. Você parece cheirar muito bem.

Seu sorriso era contagiante, mas eu perguntei, em um esforço para cortar sua provocação:

– Terminou?

– Nem comecei. Sabe, você devia exibir suas túnicas em um daqueles extravagantes planetas de arte. O que você acha, Drusil? Será que ele tem alguma chance de dar certo como artista, se a carreira de piloto for pro brejo?

A Givin parecia perturbada enquanto se contorcia procurando uma resposta. Ela deve ter pensado que Nakari estava perguntando a sério em vez de simplesmente aproveitando a oportunidade para implicar comigo.

– Há gosto para tudo – murmurou ela, enfim.

Meu constrangimento deve ter falado mais alto, pois Nakari disse:

– Ei, Luke. Comparativamente falando, um pouco de caldo derramado não é grande coisa. Lembre-se, eu o vi coberto de poodoo e continuo achando você legal.



CAPÍTULO

$80 - 19^x > 3$

Nakari e eu não perdemos tempo pela manhã. Depois de checar nossos prisioneiros, voltamos para o hangar ao raiar do dia, ansiosos para que o novo motor fosse instalado. Isso foi mais demorado do que esperávamos; o modelo era um trabalho excelente da Kuat Drive Yards, tinha bastante potência, mas não fora concebido para uma baía menor, então tivemos que fazer algumas modificações meio feias no elegante perfil da *Joia* para realizar o trabalho, arrancando parte do revestimento e soldando por cima substitutos acinzentados. Nakari não ficou nada feliz e o ajuste tornaria mais difícil pilotar a nave em uma atmosfera – especialmente a de Kupoh –, mas ela conversou com a *Joia* enquanto trabalhava, dizendo à nave que aquilo era apenas temporário e prometendo devolvê-la à sua beleza original.

Quando Drusil entrou no hangar, lá pela metade da manhã, carregando uma enorme bolsa a tiracolo e segurando seu datapad como se fosse uma arma, suspeitei que ela tivesse más notícias para nós, embora não conseguisse imaginar em que ela pareceria diferente se tivesse uma boa notícia. Nakari e eu demos uma pausa no trabalho com a *Joia do Deserto* e nos juntamos a ela em volta da mesa de metal que constituía a área de jantar da equipe.

– Ei, Drusil...

Ela levantou a mão para me interromper e balançou a cabeça uma vez. Então apontou para a bolsa e gesticulou para que chegássemos mais perto. Quando paramos ao seu lado, ela tirou alguns capacetes redondos de vidro grosso, parecidos com aquários, com coisas eletrônicas dentro.

– Coloquem isso – disse ela – e lacrem antes de falar.

Era um pedido estranho e eu não vi um sistema de oxigênio, mas peguei o capacete assim mesmo para agradá-la, imaginando que o tiraria após alguns minutos. Quando estávamos todos sob a camada de vidro e lacrados, a voz metálica de Drusil chegou pelo comunicador embutido:

– Me garantiram que eles são à prova de som. Precisamos falar agora e não posso arriscar ser ouvida pelo sr. Waluuk ali, ou qualquer outra pessoa.

– Onde você conseguiu isso? – perguntou Nakari.

– Isso não é importante – respondeu Drusil, com a voz cortante. – Tenho monitorado as comunicações imperiais enquanto tomo conta das nossas coisas e estamos diante de um impasse.

– O que é? – perguntei.

– O Império bloqueou todo o tráfego de saída de Kupoh. Eles têm quase certeza de que estamos aqui.

Nessin não havia mencionado isso para nós.

– Como é que eles ficaram tão certos disso?

– Eu não calculei a probabilidade de terem deduzido isso por conta própria em comparação com a probabilidade de terem recebido informações de outras fontes, como Migg Birkhit. É vital que eu faça isso?

Achei que não, então balancei a cabeça. A pergunta vital era como escapar.

– Transmissões interceptadas indicam que eles estão inspecionando todas as naves que saem do sistema, verificando apenas passageiros e tripulação, não a carga.

– Isso é decepcionante. Acho que podemos tentar esconder você em alguma carga – arrisquei.

– Isso não vai funcionar. Eles estão usando scanners de formas de vida.

– Não posso acreditar que os Kupohanos estejam colaborando com isso – disse Nakari.

– Eles estão protestando, claro, e exigindo a saída imediata das naves imperiais, mas o Império está protelando por enquanto. Alegam que estão procurando apenas por certos criminosos e não têm outros interesses nos assuntos kupohanos. Até agora, isso parece ser verdade. Eles não estão detendo ninguém, apenas inspecionando e depois fazendo com que seus

interventores desliguem seus projetores de gravidade a alguns intervalos para permitir que as naves liberadas partam. Todas as naves que estão entrando são liberadas. Como o resultado disso tudo é um inconveniente apenas para as naves de saída e eles estão em busca de “criminosos”, os Kupohanos têm poucos motivos para pressionar demais o Império, especialmente porque uma aparente rebelião atrairia uma força ainda maior para este sistema.

– Está bem, obrigado – falei, sem saber o que mais dizer. Isso exigiria alguma reflexão.

– Eu não terminei – respondeu Drusil. – Tenho um curso recomendável de ação.

– Oh, desculpe. Vá em frente.

– Nossas melhores opções para atingir nosso objetivo se resumem a duas etapas: primeiro, abandonar a *Joia do Deserto* e garantir algum transporte alternativo para fora do planeta. A *Joia* é reconhecível demais agora e chamaríamos atenção assim que deixássemos o hangar. No entanto, uma nave recém-consertada pode ser trocada ou vendida. Segundo, traçar uma rota inteiramente nova pelo hiperespaço daqui até Omereth, uma que o Império não possa estar bloqueando.

– Nós temos como fazer isso? – perguntou Nakari. Fiquei surpreso por ela não ter imediatamente vetado a ideia de abandonar sua nave.

– Sim, eu já fiz isso antes – respondi. – Com a *Joia*, aliás. Foi apenas uma viagem curta para despistar qualquer um que estivesse nos seguindo quando voltava para a frota rebelde, mas R2 é assim mesmo, genial. Quanto tempo você propõe que esse salto dure, Drusil?

– Sou a favor da execução de vários saltos curtos até estarmos bem fora do provável perímetro de contenção do Império. E então poderemos usar uma rota mais segura e bem estabelecida para chegar a Omereth.

Alguns dias antes, eu teria questionado se a sugestão de Drusil era genuína, mas, apesar das muitas oportunidades de nos traír – especialmente aqui em Kupoh –, ela nunca havia tirado proveito disso. Sua assistência em manter nossa presença aqui um segredo tinha sido inestimável, na verdade. Eu estava disposto a acreditar agora que ela só queria se reunir com sua família em Omereth. E, além disso, eu *sentia* que ela estava dizendo a verdade. Se isso era atribuível ou não à minha sensibilidade à Força, eu não sabia.

– E quanto aos interventores neste sistema? – pressionou Nakari. – Os projetores de gravidade não vão nos prender aqui?

– Eles nos impedirão de usar qualquer rota estabelecida para fora daqui – respondeu a Givin –, mas é claro que não as usaremos. Vamos sair do sistema em outra direção, onde sua massa simulada não retardará nosso hiperdrive. Posso mostrar a vocês?

– Por favor. – Lancei um olhar de dúvida para a superfície da mesa de jantar. Estava decorada com anéis marrons deixados por copos de café e uma variedade de farelos de sanduíche que não eram percebidos quando colocávamos nossos pratos ali, mas tinham uma aparência horripilante se você apoiasse qualquer coisa valiosa ali em cima. Mas Drusil não se importou; ela se aproximou da mesa e pousou o datapad para que pudéssemos vê-lo facilmente sem espiar por cima do ombro dela. Ele exibia um mapa do sistema que fora marcado com pontos amarelos brilhantes e círculos azuis em torno deles, para identificar as órbitas.

– Os interventores do Império estão bloqueando a saída aqui, aqui e aqui. – Ela apontou com um dedo pálido os três pontos amarelos. – Indiquei as sombras de massa de seus projetores de gravidade com linhas azuis. Assim, para escapar, devemos traçar um curso para fora do sistema que passe entre essas sombras de massa e viaje por uma distância considerável fora do planeta até que o hiperdrive possa ser ativado. E vocês

podem ver que existem várias opções disponíveis para nós; mas o que nos interessa é seguir para o leste galáctico, correto?

– Sim – admiti –, mas não há quase nada mapeado nessa direção.

– Justamente por isso não vão considerar que seja uma possível rota de fuga.

– Você está certa; ninguém iria, inclusive eu. Sou totalmente a favor do elemento surpresa. Não me leve a mal, mas o que você está usando como ponto de navegação? Não é Gamorr, certo? Porque há um setor espacial inteiro entre aqui e lá, e esse setor é vastamente inexplorado. Pode haver anãs marrons desconhecidas ou planetas ou qualquer outra coisa com a qual poderemos dar de cara se simplesmente escolhermos uma direção e seguirmos direto.

– Ah. Um momento. – Drusil dispensou o mapa do sistema e abriu outro, que mostrava um ângulo bem mais aberto de diversos setores, mas tinha símbolos matemáticos escritos sobre ele. – Vamos usar essa estrela aqui. – Ela apontou para uma equação abaixo e à esquerda do centro e eu não consegui ver qualquer indicação de uma estrela. As marcas pareciam indistinguíveis de qualquer outro monte de rabiscos do mapa. Eu não tinha ideia do que ela estava falando.

– Desculpe, mas qual estrela mesmo? Você apontou para uma equação.

– Essa é a estrela.

– Eu... o quê?

– Espaço inexplorado não equivale a espaço não observado. Uma análise dos movimentos de outras estrelas em torno dela prova que ela deve estar ali. Ninguém a viu ainda, exceto através da lente da matemática, mas tal lente é frequentemente melhor do que a de vidro.

Nakari e eu trocamos um olhar surpreso, cada um querendo saber se o outro tinha ouvido a mesma coisa.

– Só que eu posso esticar a mão e verificar se o vidro está ali! – retruquei.

– Seus sentidos podem ser enganados. Matemática e física não mentem.

– Não, não. Eu não estou sugerindo que você tenha feito as contas de forma incorreta. Eu estou me perguntando como você pode ter certeza de que levou absolutamente tudo em consideração e não deixou passar uma variável acidentalmente. Seus sentidos podem ser enganados também, certo? Como você sabe que levou tudo em conta?

– Eu não posso ter cem por cento de certeza, é claro, mas estou confiante de que extrapolei corretamente com base nas estrelas que conhecemos.

– Bem, pelo lado positivo, o Império certamente não estará procurando por lá – disse Nakari. – Pelo lado negativo, se você estiver errada, vamos provavelmente morrer.

– É um risco muito grande, Drusil – falei.

– É muito menos arriscado do que permanecer aqui por um período prolongado. Por quanto tempo podemos continuar escondidos sem que sejamos reportados ao Império e mantendo Migg Birkhit e Barrisk Favvin em cativeiro? As variáveis são numerosas demais para se considerar, sem mencionar a pressão significativa que o Império exercerá sobre os Kupohanos para que nos entreguem. – Os olhos dela passaram pela *Joia*, onde Ruuf Waluuk e o Wookiee continuavam a trabalhar na nossa ausência. Ela baixou a voz, ainda que estivéssemos usando capacetes supostamente à prova de som, e continuou: – Mesmo se Azzur não nos trair, um desses outros membros da equipe vai. Você já viu como eles são pouco confiáveis. Essa astrogação, no entanto, é baseada em dados quantificáveis e verificáveis. Posso mostrar um passo a passo dos cálculos, se quiserem.

– Não, tudo bem, eu acredito em você – disse. – É que parece um salto às cegas.

– Proponha um método alternativo pelo qual possamos escapar desse planeta e chegar a Omereth antes que minha família perca a esperança e

parta.

– Me dê algum tempo para pensar.

– Quantas unidades de tempo?

– Até que os reparos da *Joia do Deserto* sejam concluídos. Eu sei que isso não é muito específico, mas pelo menos é um prazo.

– Não vamos tomar outra nave?

– Eu não gostaria de usar outra nave que não fosse a *Joia*. Mesmo remendada como ela está agora, não vamos encontrar outra parecida, e precisamos de todas as vantagens que podemos obter.

Nakari mostrou um polegar para cima para indicar que estava de acordo.

– Quais vantagens são necessárias? – perguntou Drusil. – Uma vez que passemos ao largo das forças imperiais e chegemos ao sistema de Omereth, não devemos ter problemas. Os imperiais estão ocupados com áreas demais para poder tomar conta de todas elas.

Isso não pareceu típico dela. Ela deveria ter desfiado uma probabilidade estatística precisa de quão ocupada a Frota Imperial estaria em um dado ponto da galáxia. Mas acho que seu desespero para sair do planeta e se reunir com sua família estava nublando seu pensamento claro habitual.

– Levando em conta o que está em jogo, eles podem ter perseguido a sua família – falei. Ainda não havíamos ouvido nada da Aliança em relação a essa parte da missão. – Não há como saber se o major Derlin conseguiu levá-los para lá ou não ou se conseguiu fazer isso sem ser detectado. Se ele foi seguido, poderemos ter alguns caçadores de recompensas observando o planeta, esperando que você apareça, todos com suas próprias naves personalizadas. Até o Império pode estar lá. Nós não queremos estar em um pássaro lento padrão em uma situação como essa.

– Não podemos entrar em contato com a Aliança, então, e solicitar uma ajuda mais robusta?

– Eu já tentei isso também – admiti. – Além de usar a caixa postal clandestina, pedi a Azzur que enviasse uma mensagem à Aliança, pedindo mais ajuda. Eles provavelmente estão escondidos agora com o Império aqui em tão grande número.

O tom da Givin ficou sombrio:

– Sob tais circunstâncias, isso seria um atraso de duração indeterminada sem garantia de ajuda.

– Temo que sim.

Usando movimentos rápidos, Drusil fechou os mapas em seu datapad e fez um esforço consciente para amenizar seu tom:

– Salvo complicações imprevistas, então, traçaremos um novo caminho em meio ao silêncio, mas na *Joia*.

– Sim – concordei. O trabalho tinha avançado bem mais rápido do que o previsto e achei que poderíamos tecnicamente deixar a *Joia do Deserto* pronta para voar naquela noite, mas eu não queria tentar realizar tal viagem sem uma boa noite de descanso primeiro. Já teríamos riscos demais sem incluir um piloto letárgico. – Vamos instalar um novo transponder nos identificando como um dos mensageiros da Nessin e devemos ser capazes de partir amanhã. – Quando eu tentei assentir para enfatizar, bati com o nariz na parte de dentro do capacete e doeu, porque mesmo aquele impacto minúsculo fazia lembrar o golpe que eu tinha levado de Favvin. Nakari pareceu achar minha reação à dor *infinitamente* divertida.



CAPÍTULO

$2^x + 20 \cdot 8$

Drusil quase tremia de ansiedade enquanto nos observava fazendo o nosso desjejum. Ainda não nos sentíamos à vontade para comer no buffet do hotel, onde qualquer um poderia perceber quem éramos, mas estávamos fartos dos nossos quartos, portanto trouxemos a refeição para a relativa privacidade da cozinha da equipe do hangar da Nessin. A comida era insossa e estava meio fria. Havíamos pedido porções para nossos cativos no hotel, imobilizando-os completamente e amordaçando-os depois que terminaram, e então trouxemos nossas próprias refeições para comer na nave. Alegando não ter necessidade de alimento no momento, Drusil nos encarava enquanto comíamos, provavelmente desejando que mastigássemos mais depressa e computando quanto tempo levaríamos para terminar em nossa velocidade de consumo do momento. O que era um interlúdio agradável para mim e Nakari representava um festival de impaciência para ela.

– Por favor, me digam se há algo que eu possa fazer para acelerar nossa jornada – ela disse, e murmurou duas declarações semelhantes enquanto engolíamos nossos ovos e derramávamos café goela abaixo. Ainda que estivéssemos devorando aquilo o mais rápido possível, Drusil parecia disposta a simplesmente injetar uma solução de nutrientes em nós e nos deixar prontos para viajar. Para afastar de sua mente o fato de que ainda não estávamos a caminho de Omereth, fiz uma pergunta:

– Você poderia slicear as comunicações de tráfego imperiais e nos informar se algum deles demonstrar interesse por nós quando deixarmos a atmosfera?

– Certamente. Você está planejando seguir direto para o leste galáctico, como discutimos?

Eu tinha feito planos mais detalhados com Nakari mais cedo, mas Drusil estivera ausente dessa discussão.

– Não, acho que primeiro devemos nos comportar como uma nave de entregas obediente à lei, indo em direção a um dos pontos de paralisação dos interventores, então virar bruscamente para cima e seguir em alta velocidade até podermos realizar nosso salto, antes que possam redirecionar seus projetores de gravidade para nos parar. Levarão alguns minutos para fazer isso e devemos conseguir ser mais rápidos que o processo de tomada de decisão imperial. Depois disso, caberá a você e R2 nos levar com segurança para Omereth.

– Isso deverá transcorrer sem problemas, como equações quadráticas – garantiu Drusil. – Já voltei a checar meus cálculos duas vezes e seu notável droide verificou tudo três vezes. – Sorri por dentro ao perceber que R2 agora era notável, quando antes era apenas “adequado”. – Podemos programar o primeiro salto no computador de navegação assim que deixarmos a superfície, e alguns momentos de recalibração e verificações de garantia ao fim de cada salto nos permitirão realizar os demais após intervalos bem curtos.

– Bom. Faça isso. Assim que você terminar, e antes de escaparmos da atmosfera, quero que você e R2 verifiquem o sistema e a nave em busca de qualquer spyware ou rastreadores que os Kupohanos possam ter colocado na *Joiá*. E não se esqueça de programar uma chamada para o hotel realizando o checkout pouco antes de saltarmos para o hiperespaço. A equipe de limpeza vai encontrar Migg e Barrisk e eles poderão seguir com suas vidas, assim como nós seguiremos com as nossas.

Nakari assentiu.

– Vou preparar o pré-voo e checar o casco também. – Ela deu o último gole em seu café e se levantou da mesa. – É melhor já começar.

– Eu vou ajudar – disse Drusil, e as duas saíram juntas, com Nakari soltando um “Apreste-se, piloto!”, em perfeita imitação de seu pai.

Olhei para R2, cuja câmera ótica girou para me encarar.

– Parece que mastigar a comida é uma coisa superestimada, hein? – Era a coisa errada a dizer a um droide. Seu olho girou de volta para Nakari e Drusil e seu corpo as seguiu, com alguns sinais sonoros me repreendendo pela piada. Com os três rumo à *Joia do Deserto*, e agora sem pressão, terminei com calma o meu desjejum e limpei a mesa.

Azzur Nessin me encontrou na pia enquanto eu estava reciclando meu prato, em parte para nos desejar uma boa viagem, mas principalmente para me dar uma última atualização.

– Depois de pensar um pouco, mudei o sinal do transponder para o código da frota de um concorrente na noite passada – disse ele. – O nome deles é Polser Entregas. A história que você vai contar ao Império quando deixar o planeta continua a mesma: vocês estão levando malotes diplomáticos importantes para Rishi. Mas, como você vai mudar de direção e fugir, os imperiais poderiam vir perguntar depois por que um mensageiro iria se comportar de forma tão estranha e saltar para o nada. Prefiro não responder essas perguntas.

Apertei a mão dele e agradei pela ajuda. Ele balançou a cabeça, dando início a uma última festa de cliques entre as contas de sua barba, e disse que era um prazer conduzir negócios comigo. Suas orelhas primárias se contraíram, sua boca virou para baixo e ele começou a virar para trás, dizendo “alguém...”

E então seu crânio explodiu em um raio de plasma superaquecido, borrifando-me de sangue, fragmentos de osso e tecido cerebral. Outro raio de alta potência passou logo depois do primeiro, mas eu já havia me abaixado por reflexo, e ele passou por cima de mim e do corpo caído de Azzur Nessin. Puxei a pistola do coldre e vi o assassino. Era o mecânico, Ruuf Waluuk, e ele tinha companhia: um Devaroniano chifrudo vestido de preto e cheio de armas. Eles tinham vindo pela entrada do hangar e estavam escondidos perto dos motores da *Joia do Deserto*, posicionados sob

a asa. O caçador de recompensas gritou chamando o Kupohano de idiota por sua má pontaria, o que me disse que eu tinha sido o alvo.

Disparei dois tiros na direção deles para atrapalhar seu foco e mergulhei para a mesa de jantar. Virei-a de lado como um escudo improvisado e fiquei agachado atrás dela enquanto mais raios atingiam o tampo. A mesa não aguentaria muito tempo, e eu sabia que taticamente era uma péssima ideia deixar o inimigo me prender a um só lugar, sem ter para onde correr, mas eles tinham cronometrado bem a emboscada e as opções eram usar a mesa ou deixar que me acertassem sem proteção.

Drusil poderia ter frustrado as tentativas diretas de Ruuf de se comunicar com o Império, mas ela não poderia tê-lo impedido de entrar em uma cantina qualquer e procurar ajuda. Ele poderia ter nos denunciado – e provavelmente o fez – por meio de um intermediário, informando que estávamos no planeta e corroborando a história de Migg Birkhit, mas queria ter certeza de coletar a recompensa completa, daí a pistola e o caçador de recompensas Devaroniano. Ele provavelmente imaginou que até mesmo a metade do preço sobre as nossas cabeças seria um bom lucro, supondo que sobrevivesse à sua parceria com o caçador de recompensas por tempo suficiente para dividir os lucros.

Um pedaço do lado de cima da mesa foi cortado por um raio, voando longe, e duas finas agulhas de metal quente cortaram minha testa e couro cabeludo quando passaram. Tive sorte de eles não perfurarem meu crânio. Senti filetes quentes de sangue tornando-se mais frios enquanto escorriam pela minha cabeça; seu caminho até os olhos foi desviado pela minha sobancelha, pela qual eu nunca havia ficado tão grato.

Eu precisava de algum tipo de contra-ataque. Mantendo o corpo atrás da mesa, estendi a mão direita e apontei a pistola pela beirada, disparando três rápidos tiros sem mirar para desviar sua atenção. Eles voltaram a atirar ali, achando que minha cabeça deveria estar nas proximidades, mas espiei por

cima para localizá-los e dei um tiro mais cuidadoso no alvo fácil, Ruuf Waluuk. Eu já estava me abaixando de volta atrás da mesa quando ouvi seu grunhido de surpresa, um som que foi seguido de perto pelo barulho de sua pistola caindo no chão e pelo baque de seu corpo em seguida.

Eu tinha visto apenas um pedaço do Devaroniano – mais acostumado a lutar do que Ruuf, ele minimizou sua silhueta estirando-se no chão. Era a sua pistola que metodicamente desmontava a mesa agora. Embora o móvel fosse robusto o suficiente para servir de apoio a um almoço leve, não tinha sido construído para suportar o fogo contínuo de alguém determinado a abrir um rombo nele com uma pistola.

Deitei no chão imitando o Devaroniano, planejando rolar para a esquerda e atirar nele enquanto me movesse. Nenhum de nós teria muita chance de atingir o outro naquela situação, mas um segundo depois eu tive que seguir com meus planos, porque a mesa ganhou um buraco e o caçador de recompensas começou a despejar tiros através dele com precisão assustadora. Ele provavelmente estava com os cotovelos apoiados no chão e uma mão sustentando o pulso da outra, que disparava.

Caindo para a minha esquerda e apertando o gatilho da pistola, torci para que alguns dos meus tiros passassem perto o suficiente para que ele repensasse sua posição ou pelo menos retardasse o ataque. Se eu fosse rápido o bastante, colocaria a rampa de desembarque da *Joia* entre nós dois, o que o obrigaria a se mexer se quisesse me acertar – e eu estaria preparado para ele, nesse caso.

Ele viu o que eu pretendia e parou de atirar para se mover primeiro e recuperar sua vantagem. Ele era uma sombra fina, com uma cabeça que parecia um globo vermelho, e moveu-se rápido. Parei de rolar e tentei acertá-lo antes que encontrasse abrigo, mas não fui muito preciso. Ele abaixou-se e sumiu de vista. Agora, eu tinha que saber se ele iria tentar me flanquear ou esperaria que eu tentasse flanqueá-lo.

Um estalo alto soou no hangar e ecoou pelas paredes, quase simultaneamente ao ruído de pancada em arame esticado emitido por sua pistola. Mais um estalo, seguido de silêncio, e então percebi que reconhecia esse padrão.

– Está tudo bem, Luke, ele tombou – gritou Nakari. – Eu só precisava ter certeza de que ele continuaria tombado. – Ela saiu de trás da rampa de desembarque, com a arma de fogo nos braços. – Você está bem? Está sangrando.

– Eu vou ficar bem. Mas Azzur Nessin, não. Ruuf o pegou.

O magnata do setor de cargas claramente devia ter cultivado o hábito de espionar seus empregados.

Nakari notou os restos sangrentos de Nessin no chão de ladrilhos.

– Droga. Não queria que o fato deirmos bater em sua porta fizesse com que ele tivesse um fim desse.

– Nem eu. É melhor a gente sair daqui, se não quiser acabar como ele – falei. – Aqueles dois podiam estar agindo sozinhos, mas também podem ter chamado alguns imperiais para nos entregar a eles.

– Ou para servir de reforços, sim – disse ela. – Acho que estamos quase prontos. Os painéis de status estão verdes.

– Obrigado pelo auxílio, aliás.

Ela deu de ombros.

– Obrigada por distraí-lo. Ele só me viu quando era tarde demais.

Não havia tempo e nem necessidade de examinar o corpo. Nada relativo ao caçador de recompensas nos ajudaria a escapar do sistema, e tínhamos que sumir dali antes que as autoridades locais descobrissem o que acontecera e tentassem nos deter. Subimos a bordo, fechamos a rampa, e eu atualizei Nakari a respeito do que Azzur Nessin tinha dito e a sequência de eventos antes de ela ter chegado. Fiz uma viagem rápida ao banheiro para

jogar um pouco de desinfetante e adesivo no meu couro cabeludo e testa, esperando que aquilo não deixasse uma cicatriz.

R2 relatou a descoberta e eliminação de não apenas um, mas cinco diferentes programas de rastreamento que haviam sido escondidos no código do computador de navegação em algum momento durante os últimos dias. Drusil encontrou outro que ele não havia visto, que ela chamou de Dormente Imperial, vinculado ao relógio da nave. Ele iria se tornar ativo em um horário definido, desencadeado pelo relógio, registraria nosso curso e posição e enviaria um relato codificado para o mundo imperial mais próximo. Não havia como saber se eles tinham sido instalados por uma ou várias pessoas, mas naquele instante tínhamos pouca escolha, a não ser fugir e esperar que tivéssemos encontrado todos eles.

Subir pela atmosfera foi ainda pior do que descer à superfície. Não éramos mais tão aerodinâmicos depois das modificações e, em um certo ponto, um trecho bem ruim de turbulência surpreendeu Nakari, fazendo-a morder a língua.

Saímos para o vácuo apontados para o sul galáctico, onde um interventor e meia dúzia de destróieres estelares tinham engarrafado o tráfego que saía nessa direção. Os destróieres estelares estavam enviando cápsulas de tropas de nave em nave, inspecionando-as, e o interventor desligava seus projetores periodicamente para permitir que as naves liberadas seguissem em frente com seus negócios interestelares.

Viajamos com os motores subluz funcionando em metade da sua capacidade. O impulso desigual do substituto tinha introduzido um pouco de resistência nas curvas e giros para estibordo, mas, fora isso, nos dava uma velocidade respeitável, mesmo que não fosse espetacular.

Uma curta consulta imperial pedindo nosso destino, negócios e número de passageiros e tripulantes provocou uma resposta um pouco impaciente de Nakari, exatamente o tom que qualquer pessoa adotaria. O controlador

de tráfego imperial nos instruiu para mantermos o curso e nos prepararmos para a abordagem. Assim que Nakari concordou, perguntei a R2 e Drusil se estavam prontos para fugir para leste e dar o primeiro salto.

– Pronta – disse Drusil. Um barulho de algo batendo pôde ser ouvido pelo intercom enquanto ela corria os dedos sobre o datapad. – Monitorando frequências imperiais no sistema.

R2 confirmou que também estava pronto, então virei a *Joia do Deserto* para bombordo e abri os motores no máximo.

Não demorou muito para o Império avisar pelo comunicador que nós não parecíamos estar mantendo nosso curso. Nakari ignorou dois pedidos para retomar o curso anterior e encerrou a transmissão. A voz de Drusil soou pelo intercom, informando ter interceptado transmissões que já havia decifrado.

– A ponte do interventor está falando sobre nós para a ponte do destróier principal do grupo de combate sul.

– Falar é ótimo. Podem falar o que quiserem.

– O destróier enviou um esquadrão TIE para nos perseguir – continuou Drusil. – Calculo uma interceptação em cerca de dez minutos. Tarde demais para que nos peguem antes de saltar, mas eles não sabem disso. Uma cápsula está vindo para nos abordar imediatamente.

– Quanto tempo até podermos saltar, R2? – perguntei.

QUATRO MINUTOS, OITO SEGUNDOS.

– O capitão do destróier acredita que nós somos quem eles estão procurando. Ele quer que o interventor redirecione seus projetores de gravidade.

Isso não seria bom. Eles poderiam fazer isso a tempo.

– Mas agora um terceiro capitão interrompeu, de outro destróier – disse Drusil. – Ele argumenta que não podemos seguir para lugar algum sem uma rota de hiperespaço estabelecida nessa direção e que é mais provável

que nós sejamos uma distração. Em outras palavras, eles acreditam que os fugitivos reais já estão esperando na fila e, se moverem os projetores de gravidade, a rota para o sul ficará aberta, permitindo sua fuga. Que deleite.

Nakari riu, concordando.

– O capitão do destróier principal salienta que, se eu estiver a bordo, posso ser capaz de traçar sozinha uma nova rota pelo hiperespaço. Isso é preocupante. Temo que ele seja perturbadoramente competente.

– Oh-oh – falei.

– O interventor acaba de enviar um pedido para que a Polser Entregas em Kupoh confirme nosso código transponder e se estamos realizando negócios legítimos em seu nome.

– Isso não vai acabar bem – disse Nakari.

– Mas eles vão levar algum tempo para responder – lembrei. – Mesmo que seja um minuto, já ajuda.

Drusil continuou seu relato:

– Começa uma discussão. O capitão do destróier principal quer que os projetores de gravidade sejam redirecionados nesse instante; o capitão do outro destróier mantém que somos um ardil; e o capitão do interventor insiste para que esperem uma resposta da Polser antes de agir precipitadamente.

Nakari olhou para mim.

– Por que o capitão do almirante simplesmente não dá a ordem?

– Ele provavelmente o fará em breve. Os outros capitães estão fazendo com que suas objeções sejam ouvidas e gravadas, de modo que, se a operação acabar mal, eles não possam ser responsabilizados pela decisão.

– Ah, entendi – disse Nakari, assentindo. – Procedimento operacional padrão em uma cultura de culpa em que assumir riscos e ter iniciativa sempre resulta em punição. Sempre diga ao Lorde Vader que a culpa é de outra pessoa.

– A Polser Entregas acabou de simplificar a questão – disse Drusil. – Eles relatam que atualmente não possuem carregamentos saindo nessa direção e que não somos uma de suas naves.

– Isso foi rápido.

– O capitão da nave principal ordenou que fôssemos parados agora e o capitão do interventor está cumprindo a ordem. Desligando o projetor gravitacional para realinhá-lo na frente do nosso curso atual.

– Eles podem nos parar? – perguntou Nakari.

– Talvez – respondi. – Depende da tripulação e da sua atual situação energética. Eles têm conduzido essas operações aqui já há algum tempo, ligando e desligando os projetores, e seus geradores podem estar no fim. Ou talvez não. Eu não fiz muito isso em outras missões, muito menos sozinho. Vamos descobrir em dois minutos. Ou menos. R2, pode me dar uma contagem regressiva do tempo que falta para o salto?

Ele apitou e o visor indicou que faltavam 89 segundos.

Reparei na curiosa capacidade do tempo de esticar-se em momentos de estresse ou tédio e ainda assim passar despercebido durante os períodos de descanso e contentamento. Naquele instante, ele era uma monstruosa criatura rastejante que mal se movia enquanto esperávamos os segundos passarem.

Faltando 32 segundos, Drusil fez outro relatório:

– O capitão do interventor anunciou que o projetor está desligado e sendo realinhado para o nosso setor. Girando.

As informações que tínhamos sobre isso não eram consistentes. Trinta segundos só poderiam ser um tempo mínimo para começar a projetar um campo de gravidade – nossas informações indicavam que demorava cerca de dois minutos –, mas ainda não estávamos seguramente fora dos parâmetros operacionais.

– Sabe de uma coisa, Luke? É bonitinho quando você fica nervoso.

Os choques gêmeos de ser chamado de bonito e nervoso arrancaram meus olhos da contagem regressiva. Nakari estava sorrindo para mim.

– Eu também gosto de como você fica completamente calmo quando as pessoas estão atirando em você, mas é facilmente abalado por elogios.

– Não é todo mundo que pode me sacudir – respondi. – Só você. – Ela inclinou a cabeça e acrescentei: – Mas no bom sentido.

Nakari sorriu, mostrando os dentes brilhantes, e disse:

– É claro. Eu sou o tipo bom de intensidade.

E ela era, porque teve sucesso em me distrair da contagem regressiva e o hiperdrive atirou-nos para fora daquele setor, nos levando a uma região do espaço traçada com mais precisão pelas equações de Drusil do que por qualquer mapa estelar existente.

– Ei. Escapamos? – perguntei.

– Sim. Por enquanto, pelo menos. Bom trabalho, piloto.

Suspirei de alívio e sabia que Nakari estava me provocando de novo. Tive muito pouco a ver com isso. Essa parte da viagem foi possibilitada pela matemática, física e por cérebros capazes de processar tudo isso com muito mais rapidez e precisão do que eu jamais poderia. Não foi sem sua parcela de tensão, claro. Sem as rotas estabelecidas, havia uma chance de nunca mais voltarmos para o espaço real de novo. Mas, se o fizéssemos, teríamos visto uma parte da galáxia que ninguém havia visualizado antes.

Ao longo das oito horas seguintes, acabamos gastando mais tempo no espaço real do que no hiperespaço. Os saltos curtos de Drusil nos despejavam em novos sistemas e ela passava um tempo com R2 fazendo leituras, esquadrinhando as estrelas, e, em seguida, ajustando seus cálculos para o próximo salto. Incentivei-a a levar todo o tempo necessário.

A maioria dos sistemas que encontramos era cheia de rochas estéreis e gigantes gasosos, mas um deles tinha um planeta habitável e com vida. Ficamos ali por mais algum tempo, anotamos as coordenadas e o caminho

para chegar lá e fizemos alguns scans preliminares do planeta para analisarmos mais tarde.

– Isso pode render algo útil para o meu pai – disse Nakari. – Um prêmio de consolação por ter perdido sua vantagem em Fex.

– Também pode servir como uma base para a Aliança – comentei, checando se R2 havia registrado os padrões climáticos e feito algumas leituras atmosféricas. – Se a água for boa e não tiver predadores como Fex, pode ser o tipo de lugar que o almirante Ackbar está procurando.

A preocupação de ficarmos perdidos no espaço foi substituída pela preocupação de esbarrar com imperiais novamente assim que Drusil e R2 anunciaram que estávamos de volta em rotas estabelecidas. Contornamos o lado mais distante do Espaço Hutt e viajamos para o norte galáctico, caindo em um sistema deserto, e, em seguida, traçando nosso curso de lá para Omereth.

Nossa eventual chegada ao sistema Omereth foi um anticlímax. Só percebi o quanto meus ombros estavam tensos quando vi que não havia ameaça alguma nos scanners e quase nenhuma nave em órbita ao redor do planeta. Eram pequenos iates pessoais e com poucas armas.

– Oh – disse eu, conscientemente relaxando. – Ninguém está atirando na gente. Que mudança agradável. O tipo de galáxia em que quero viver, honestamente.

– Também aceito – disse Nakari e abriu na holo uma visão real do planeta. – Uau. Tem certeza de que há terra nessa coisa? Parece uma bola de gude azul sólida com algumas nuvens girando acima dela.

– Eu lhes asseguro que existe terra firme – disse Drusil pelo intercom. – Eu forneci as coordenadas do ponto de encontro ao seu excelente droide.

– Obrigado – respondi, sorrindo para o fato de que R2 agora tinha sido atualizado para “excelente” aos olhos de Drusil. Ele subiu tão alto e tão rápido. – R2, vá em frente e use-as para definir o nosso curso. Vou retomar

o controle manual, se necessário. – Seu chilrear provocou em mim um suspiro de felicidade. Olhei para Nakari e sorri. – Quase completa essa missão.

– Eu sei. Parte de mim não consegue acreditar que conseguimos.

Meu sorriso vacilou e fiquei tenso novamente. O destino às vezes acha divertido atacar as pessoas que acreditam que estão seguras. Eu voltei a checar os scanners atrás de ameaças e verifiquei se os escudos ainda estavam ativos e funcionando.

– O quê? – disse Nakari. – Luke?

– Não é nada – assegurei. – Uma parte de mim também não consegue acreditar nisso. A guerra me fez acreditar que nada é fácil. Mas acho que realmente enganamos o Império com esses saltos não mapeados pelo hiperespaço.

No fim, havíamos enganado o Império e Drusil estava certa; eles jamais procurariam por ela em Omereth. Mas não eram eles que estavam esperando por nós quando entramos na atmosfera.



CAPÍTULO

⅜ 21 · K

Quando a *Joia do Deserto* entrou na atmosfera de Omereth, o manche começou a puxar para estibordo com muito mais força do que quando deixamos Kupoh. Ficou claramente pior enquanto descíamos, até que estávamos voando entre azul em cima e azul embaixo. Eu não vi rastros de fumaça atrás de nós, mas quase achei que deveria haver um. Com certeza senti a nave estremecer.

– Isso não é bom – murmurei. Talvez eu tivesse forçado demais o motor na nossa corrida para fugir do Império, ou talvez fosse um problema de aerodinâmica – as modificações que tínhamos feito no chassi poderiam ter degradado na turbulência ao deixar Kupoh e piorado ao entrarmos na atmosfera daqui, introduzindo um puxão preocupante desse lado. Isso reduzia significativamente a capacidade de manobra da nave, e eu duvidava que pudéssemos encontrar instalações de reparo convenientes nesse planeta. Virar para a esquerda era uma tarefa árdua e virar para a direita era agora o padrão da nave com o manche parado. Se eu puxasse o manche para estibordo, provavelmente ficaríamos girando sem controle.

Nakari fez uma careta quando expliquei.

– Bom, acho que o motor serviu ao seu propósito, certo? Era pra ser temporário mesmo. Podemos voltar para a frota com apenas um motor?

– Claro. Vai ser um pouco mais lento, mas vamos conseguir. Não há nada de errado com o hiperdrive. Estou pensando em desligar logo esse motor. Posso conseguir alguma capacidade de manobra de novo se o problema for o motor meio solto daquele lado.

Desliguei o motor de estibordo e parte da tremedeira e do repuxo diminuiu, o que foi um alívio. O manche também ficou mais leve, mas ainda arrastava um pouco para estibordo. Perdemos um pouco de velocidade, é claro, mas eu estava justamente pensando que não precisávamos mais de tanta rapidez quando um alarme disparou.

– Luke – disse Nakari –, tem alguma coisa no scanner. Duas coisas. Naves se aproximando, vindas das coordenadas do nosso encontro.

Drusil ouviu isso pelo comunicador e respondeu com um tom de esperança na voz:

– Talvez a minha família esteja vindo me encontrar.

Eu não respondi de imediato, pois preferi estudar os dados exibidos pelo visor do scanner. Teria que dizer a Drusil que seu palpite era altamente improvável.

– Acho que não. Aquelas não são cápsulas pessoais. São naves personalizadas como a nossa, vindo muito rápido. E, uau, elas acabaram de ligar seus escudos defletores. Definitivamente não são amigáveis.

Ativei os nossos escudos e meu coração pesou enquanto considerava nossas opções. Essas naves eram muito mais rápidas do que nós agora, e continuariam sendo mais rápidas mesmo se eu ligasse o motor de estibordo novamente. E ligá-lo significaria perder o pouco de agilidade que eu tinha no momento para um ganho de velocidade que não seria suficiente. Não havia cânions ou outros aspectos geográficos dos quais pudesse me aproveitar: apenas água por quilômetros.

– Quem são esses caras? – perguntou Nakari.

– Caçadores de recompensas – murmurei. E pacientes. Se estavam nos esperando aqui, é porque seguiram a família de Drusil. A parte do major Derlin na operação, como eu temia, deve ter sido comprometida. Não era surpreendente que nunca tivéssemos conseguido alguma notícia sobre ela. Eu esperava que a família da Givin ainda estivesse a salvo; não havia nenhuma recompensa por eles, até onde eu sabia, e talvez por isso os caçadores tivessem ficado apenas à espreita, esperando nossa chegada. Torci para que estivesse tudo bem com o major, se ele ainda estivesse no planeta.

Drusil não comentou nada pelo comunicador. Ela era brilhante e, agora que tinha novas informações, podia enxergar as probabilidades muito mais

claramente do que eu.

– Nakari – falei, em voz baixa. – Não importa o que eu faça, estamos em grande desvantagem aqui. É melhor se preparar para um pouso de emergência na água.

– Oh. Certo. – Ela assentiu e começou a soltar o cinto. – E o seu droide?

– Seus sistemas elétricos são à prova d'água, então ele pode sobreviver a um banho, mas não é um bom nadador. Vamos ter que ajudá-lo a sair.

– Entendi. – Ela se inclinou para beijar o topo da minha cabeça enquanto saía. – Voe bem, meu piloto.

As naves dos caçadores de recompensas tinham um design estreito como o da *Joia do Deserto*, o que as tornava difíceis de atingir. Uma era escura, achatada e robusta, como uma torrada voadora malévola e armada, e a outra voava como uma agulha vertical, semelhante a um B-wing, com a cabine no topo e uma bateria retangular de lasers na parte de baixo que disparava em sequências repetidas, uma barreira de disparos quase impossível de se esquivar.

Só a nave agulha disparava, e eu consegui evitar vários dos raios e ainda acertar alguns disparos nela, mas fomos atingidos tantas vezes na primeira passagem que nossos escudos foram reduzidos a níveis perigosos. Provavelmente não sobreviveríamos à próxima passagem.

Mas uma situação estranha teve lugar. Uma voz irritada repreendeu a nave agulha em um canal aberto, exigindo que ela parasse de disparar ou seria destruída. Como não havia outras naves por perto, a voz só poderia pertencer ao piloto da torrada voadora. Ele não gostou que o piloto da agulha tivesse tentado nos destruir, pois representávamos uma recompensa considerável e dificilmente poderiam coletá-la se sumíssemos no oceano. Aproveitei para buscar uma saída. Havia uma ilha mais à frente, ligeiramente para bombordo, com talvez apenas vinte ou trinta quilômetros quadrados de tamanho, com colinas arborizadas que davam em uma lagoa

interna com uma praia arenosa. O melhor seria se pudéssemos pousar na praia e correr para nos esconder, mas lembrei das advertências do almirante Ackbar sobre os mares desse planeta, e, caso nos forçassem a descer antes de chegarmos à ilha, eu queria que tivéssemos de atravessar o mínimo de água possível.

Estávamos a postos, deslizando a apenas trinta metros acima da superfície da água e seguindo lentamente. O scanner mostrou mais naves provenientes das coordenadas do encontro, mais lentas e volumosas do que as duas primeiras, mas sem dúvida também pilotadas por caçadores de recompensas. Independentemente de eles quererem nos destruir ou capturar, comecei a me sentir como se estivéssemos sendo seguidos por um bando de aves de rapina.

A nave agulha disparou contra nós de novo com sua densa bateria de canhões e, assim que fez isso, a torrada voadora disparou contra a agulha, e achei ter entendido o porquê. O piloto da agulha não queria nos capturar mais do que desejava negar a nossa captura para todos os outros, especialmente para o piloto da torrada. Havia ali uma rivalidade mortífera e o piloto da agulha não estava jogando para ganhar, mas, sim, para fazer com que todos os outros perdessem.

Nós perderíamos muito mais. Desviei da maioria dos raios, mas alguns acertaram e diminuíram ainda mais nossos escudos; logo depois disso, outro raio nos atingiu e danificou nosso motor de bombordo. A nave balançou e o rastro de fumaça que imaginei mais cedo finalmente apareceu.

Achei que isso seria o nosso fim, mas os escudos da agulha foram dissolvidos sob um bombardeio fulminante do outro caçador de recompensas e em seguida a nave foi abatida, arrastando seus destroços fumegantes para dentro d'água. Foi um alívio bem-vindo, ainda que temporário, pois um destino semelhante nos esperava. Nossa velocidade havia sumido e tudo que eu podia fazer era lutar para manter o nariz da

nave para cima e minimizar o ângulo do nosso mergulho. Pensei em ligar novamente o motor de estibordo, mas não queria que o fogo também se espalhasse por lá.

– Vamos cair – falei.

– Estou indo – disse Nakari.

Eu não sabia por que ela estava vindo para a frente se a rampa de pouso ficava atrás da cabine, mas não havia tempo para discutir. Lutei contra o manche e o motor vacilante o máximo que pude, e demos um último salto sobre a superfície antes de cairmos nas calmas águas verdes da lagoa. Gritos de alarme irromperam de Nakari, R2 e Drusil quando todos foram jogados para a frente pelo impacto e se juntaram a mim na cabine. Nakari estava carregando diante de seu corpo o Sei-lá-o-quê de Emergência Aquática Biolaboratórios Kelen (não consegui ler tudo), o que a salvou de rachar a cabeça contra a cúpula da cabine. Ela grunhiu com a colisão, mas em seguida mandou que eu soltasse o cinto enquanto começávamos a afundar nas águas escuras da lagoa, que agora parecia bem funda, apesar de ser uma enseada fechada.

– Não desça a rampa de pouso! – exclamou ela, jogando para mim um filtro de água para as minhas narinas. Ela estava com o rifle de fogo preso às costas e com a jaqueta bem fechada. – Vamos sair por aqui, mas temos de fazer isso antes que afundemos demais.

– Mas como?

– Liberação manual e ejeção mecânica da janela frontal da cabine. Ela vai deslizar para cima e saltar para longe, a água vai cair aqui dentro, nós agarramos R2 e deixamos a nave, liberamos a balsa embaixo da nave e flutuamos com ela até a superfície. – Ela girou alguns botões pretos e puxou alavancas em sequência em três pontos ao longo da borda externa da cabine do lado do copiloto. – Você precisa virar aqueles ali para a direita e puxar as alavancas para baixo do seu lado também – concluiu.

Eu não tinha notado antes, mas os botões e alavancas estavam lá, disfarçados pela borda da janela. Presumivelmente, eles libertariam o lacre que mantinha o ar lá dentro – e a água lá fora. A atmosfera da nave tinha lhe dado um mínimo de fluatuabilidade, mas nós arruinaríamos isso em segundos e afundaríamos mais rápido. Eu girei e puxei, e um filete de água começou a infiltrar-se pelas beiradas.

– Prontos? Tomaram fôlego? Fiquem abaixados perto de R2 e vamos nessa. Drusil?

– Pronta – assentiu a Givin. Ela não estava com um aparato de respiração preso ao nariz, mas qualquer ser capaz de sobreviver no vácuo por um dia pode sobreviver na água por alguns minutos. Ela estava agarrada ao anteparo, antecipando a torrente de água que entraria na cabine. Seu hardware de slicer estava dentro de sua bolsa a tiracolo (presumivelmente à prova d'água) que estava pendurada em seus ombros. Fiquei agachado ao lado de R2, com os pés separados para me firmar bem, e Nakari puxou para baixo uma alavanca maior, localizada acima da janela frontal, bem no meio. A nave estremeceu, um ruído metálico reverberou à nossa volta, e então um alto silvo e um *fuush* anunciaram a ejeção do transparaço de sua moldura e o concomitante dilúvio de água marinha na nave. R2 bipou alarmado, e eu engasguei com o choque do frio, jogando meus braços ao redor do droide para nos firmar.

O vidro da cabine deslizou para longe como Nakari havia dito, e a *Jóia do Deserto* começou a afundar mais rapidamente na escuridão à medida que se enchia de água. Nakari juntou-se a mim do outro lado de R2, com a mão esquerda machucada sobre a minha; tomamos impulso para fora da cabine e escapamos da nave em uma fonte de bolhas.

Ao contrário das bolhas, nós não subimos. O peso de R2 nos arrastou para baixo, apesar dos meus chutes frenéticos. Nakari colocou a mão direita, que segurava a balsa de emergência, diretamente sob R2 e ativou o

enchimento automático. O tanque comprimido interno liberou seus gases e uma grande balsa cresceu abaixo de nós, fazendo minhas pernas se dobrarem e sustentando R2 e Nakari. Nossa descida foi interrompida, virou uma subida lenta e acelerou a um ritmo alarmante quando a balsa ficou totalmente inflada. A meio caminho da superfície, percebi que Drusil não estava na balsa conosco. E, um momento depois, percebi que irromper na superfície não seria uma coisa delicada. Fomos cuspidos do mar e fui jogado vários metros no ar. R2 ficou onde estava, por ser muito mais pesado e estar bem firmado à balsa, mas Nakari voou ainda mais alto do que eu. Nós dois caímos de novo no mar, deixando R2 temporariamente sozinho na balsa. Uma mão agarrou a minha túnica e a puxou enquanto eu nadava para a superfície. Era Drusil. Emergimos ao lado da balsa e nos apoiamos nela; sorri de alívio ao ver Nakari vir à tona um instante depois. Ela devolveu meu sorriso e içou-se para dentro da balsa.

– Bom voo, piloto.

– Ei, pare com isso.

– É sério. Ainda estamos vivos e perto da costa. – Ela foi até o nosso lado e nos ajudou a subir a bordo.

– Sim, mas nós não temos nenhuma maneira de chegar ao ponto de encontro.

– Uma coisa de cada vez. Chegar à costa é tudo que eu preciso agora, e tenho uma chance de fazer isso, então estou contente. Conseguimos, Luke.

Um lamento pulsante e grave vindo de cima atraiu nossos olhares para o céu, onde vimos a nave torrada voadora descer sobre seus repulsores e pairar a cerca de quatro metros acima do centro da lagoa, fazendo a água ondular sob ela. Estava a uma distância segura de nós: não tínhamos como chegar até ela sem um par de remos e um esforço tremendo, enquanto para o piloto da nave bastaria mirar em nós e puxar o gatilho. A cabine da nave era quase indiscernível, pintada de negro como o resto. Mesmo que Nakari

preparasse seu rifle e o deixasse em posição de tiro, ela não saberia para onde apontar – e o caçador de recompensas deveria estar com os escudos ativados, de qualquer maneira.

– Sempre que você diz “conseguimos”, algo ruim acontece – falei.

– Correlação não é causalidade – respondeu ela. – Mas sim. Droga.

Uma voz mecânica entediante foi transmitida da nave negra.

– Não toquem em suas armas – disse. – Vocês seguirão até a costa, onde a Givin...

Sem aviso, algo verdadeiramente enorme irrompeu da lagoa debaixo da nave, abrindo bem as mandíbulas e tratando a nave precisamente como a torrada que parecia ser, engolindo-a. Ouvimos um grito do caçador de recompensas pelos alto-falantes e vimos sua tentativa tardia de escapar, mas a emboscada foi perfeita e ele desapareceu no bucho de um animal que parecia ser uma enguia de proporções épicas. Deu para ver que ele começou a disparar seus raios antes que a criatura caísse de volta para as profundezas, mas ele nunca seria capaz de escapar daquela carcaça, mesmo que matasse o monstro por dentro.

Os avisos do almirante Ackbar sobre o planeta foram bem fundados. Nosso pouso forçado e subsequente ejeção sem dúvida atraíram a atenção do predador.

Um efeito colateral da aparição do animal foram duas impressionantes ondas: uma quando ele emergiu e outra causada pela sua reentrada. As duas nos levantaram e propeliram em direção à costa. Os olhos de Nakari dançavam e suas sobrancelhas se agitavam para mim quando cruzamos a praia, mas ela manteve os lábios bem apertados em um sorriso mal contido enquanto ajudávamos R2 a andar sobre a areia.

Uma vez que estávamos todos com os pés firmemente plantados na praia, ela falou:

– O que eu disse, Luke?

Estendi o braço em pânico.

– Não, não, não diga de novo...

Nakari levantou o punho e gritou:

– Conseguimos! Urruuu!

Foi quando as naves mais lentas que eu tinha visto no scanner antes de nossa queda surgiram no céu sobre a lagoa, em busca de nós e com as asas tomadas por armas. Havia seis delas.



CAPÍTULO

$$88 = 22 - 2^x$$

Nakari e eu corremos para as árvores mais próximas, tomando a decisão estratégica de ir na frente e deixar que Drusil nos seguisse em seu ritmo. Nós éramos dispensáveis para os caçadores de recompensas, mas ela não. E, daquele ângulo, as naves não podiam atirar em nós sem correr o risco de atingi-la primeiro. Ela efetivamente serviu como escudo e nos permitiu alcançar uma área protegida. Os caçadores de recompensas teriam que pousar e vir atrás de nós a pé, o que não seria tão fácil.

Quando estávamos cobertos pelas copas das árvores, Nakari tirou o rifle das costas e checkou se ainda estava funcionando após o mergulho na lagoa. Satisfeita, ela sacou a pistola e jogou-a para Drusil.

– Acho que você deve ficar com Drusil e ir para aquele terreno elevado ali – disse ela, apontando para um promontório ao sul. – Eu vou pelos flancos paralelamente e atiro em quem seguir vocês.

– Mas e se seguirem *você*? – perguntei.

– Vou levar o droide, e nossos rastros deixarão isso claro. Eles nunca vão achar que nós nos separamos e que você deixou o valioso alvo deles sob a proteção de um astromec, certo? Então irão atrás de vocês e vou pegá-los. Apenas sigam o mais rápido que puderem.

Assenti.

– Certo – falei, e ambos demos dois passos em direções diferentes, pensando apenas na missão. Então paramos, um pensando no outro, nos viramos... e congelamos. Um esperou o outro falar primeiro e ambos fizemos uma ou duas tentativas vacilantes ao mesmo tempo, o que nos fez parar e esperar que o outro continuasse, aumentando o constrangimento a cada fração de segundo, sem falar no medo. Eu estava mortificado pela possibilidade de que o que eu dissesse em seguida fosse precisamente a coisa errada; que fosse demais ou muito pouco, algo totalmente inadequado e não o que ela queria ouvir. Nakari devia estar sentindo algo semelhante, e

eu queria dizer que ela não precisava se preocupar, que podia dizer o que quisesse para mim, mas mesmo isso provavelmente seria errado.

– O que está acontecendo? – perguntou Drusil. – Eu não estou familiarizada com esse tipo de comportamento humano. Vocês perderam o dom da fala?

– Não – disse Nakari, encurtando a distância entre nós com três passos largos. Sua cabeça disparou para a frente, seus lábios beijaram os meus brevemente, e, em seguida, nossos olhares se encontraram. – Fique bem, Luke.

Era uma coisa bem segura de se dizer em comparação com todas as outras frases que eu estava considerando, então assenti com certo alívio e respondi:

– Você também.

– Isso foi espantosamente simples – comentou Drusil, claramente confusa. – Qual era a dificuldade que os impedia de expressar desejos tão comuns?

As palavras da Givin evocaram sorrisos envergonhados em nós dois, mas fiquei grato por Drusil tê-las dito. Os olhos de Nakari falavam infinitas coisas para mim e esperei que os meus também comunicassem a ela tudo isso. Mas o que eu falei foi:

– Não há tempo de explicar. – E quebrei o contato visual com Nakari para presenciar o desembarque do primeiro dos caçadores de recompensas na praia. – Temos que ir. – Pensando no extenso catálogo oferecido pela Utheel Equipamentos em Rodia, assim como tantas outras empresas do tipo por toda a galáxia, dei algumas instruções finais para o meu droide.

– R2, lembre-se de escanear o infravermelho e outros canais além do visual e de avisar Nakari se você enxergar algo que ela não tenha visto. Esses caçadores de recompensas com certeza são cheios de truques.

Ele respondeu com um curto arrote eletrônico e sua cúpula rodou para a direção da lagoa.

Nós nos separamos de verdade depois disso. Drusil seguia atrás de mim enquanto eu escolhia o caminho entre as árvores rumo à colina ao sul. Esperava que não estivéssemos correndo para a beira de um precipício. Com tantas outras coisas exigindo a minha atenção durante o voo, eu não tinha memorizado a topografia da ilha – nem mesmo tinha dado uma boa olhada nela, apenas marquei-a como o local do pouso de emergência.

Enquanto íamos para o sul, Nakari e R2 seguiam em sentido sudeste. No espaço, isso pode rapidamente virar uma enorme distância, mas a pé e em uma pequena ilha era apenas uma diferença de cem metros. Nakari ficou em silêncio na floresta, mas R2 fazia barulho suficiente pelos dois. Astromecs são o oposto de furtivo e inadequados para se mover pelo solo de uma ilha rochosa coberto por uma fina camada de solo relvado. As árvores não tinham como estender raízes profundamente na rocha, por isso essas raízes formavam trilhas como cobras de madeira acima do solo, prontas para nos fazer tropeçar ou retardar o progresso de droides deslizantes. Os troncos brancos eram compreensivelmente finos, mas as copas de folhas largas projetavam uma ampla sombra.

Quando fiz uma breve pausa para checar a trilha, vi que a cabeça de Drusil estava em um movimento constante de pequenas mudanças bruscas, como um pássaro.

– O que você está fazendo? – perguntei.

– Coletando dados.

Um gemido mecânico anunciou a aproximação de uma swoop bike. Um dos caçadores de recompensas devia ter descarregado uma de sua nave na intenção de chegar até nós primeiro. A questão de quando precisamente os recém-chegados se voltariam uns contra os outros era muito boa. Eu esperava que fosse o mais cedo possível. Se eles se concentrassem em nos

capturar primeiro e depois lutassem entre si, seria pior para nós. Muito melhor se eles se canibalizassem logo e reduzissem o próprio número.

– Está chegando um – avisei Drusil, parando por um momento e me voltando. – Use uma árvore como proteção e para minimizar a sua silhueta. Vou me apresentar como alvo. – Dei um passo para a direita e vi a skimmer desviando pelas árvores em nossa direção. Era pilotada por um humano com óculos de proteção amarrados na cabeça e um manto escuro esvoaçante.

– Meu caro, não é necessário – disse Drusil.

– O que você quer dizer?

Ouviu-se um estalo e o caçador de recompensas caiu da skimmer, enviando o veículo para um mergulho descontrolado que resultou em uma colisão com o solo e um barulho forte que misturava metal triturado, ossos quebrados e tecidos arrancados. Uma segunda explosão, de pássaros assustados nas árvores próximas, tomou o ambiente.

– Sua acasalada é excelente franco-atiradora – disse Drusil. – Eram altas as chances de ela eliminar a ameaça antes de precisarmos nos preocupar.

– Minha *acasalada*? – repeti, girando sobre os calcanhares para voltar a correr para a colina.

– Vocês não são acasalados?

– Eu não sei. O que quer que a gente seja, não chame desse jeito, tá? Eu acho que essa pode ser a pior palavra possível para descrever um relacionamento humano. – Apressei o passo, como se pudesse colocar uma distância física da sua escolha de palavras.

– Esta definição tem sido bem clara em língua básica por muitos anos – persistiu Drusil, colada nos meus calcanhares. – Há outra palavra que os humanos usam entre eles?

– Sim, qualquer outra coisa.

– Minhas mais sinceras desculpas – disse Drusil, em tom solícito. – Eu não tinha conhecimento do potencial dessa palavra de causar trauma psicológico à sua espécie.

– Está tudo bem, vamos seguir em frente. Ainda há cinco caçadores de recompensas e temos uma montanha para escalar.

– Há pouca proteção além dos troncos finos das árvores e os ocasionais arbustos de flores – observou Drusil. – Essas plantas nem chegam aos nossos joelhos, por mais belas que sejam.

– Teremos que nos virar com as árvores – falei. – E quero você no chão quando o tiroteio começar. Desapareça nos arbustos.

Ela não respondeu, talvez porque o esforço de correr montanha acima tivesse nos tirado o fôlego. Quando alcançamos o cume, notei com satisfação que não era a borda da ilha; a colina descia para o outro lado até a água.

Havia também um afloramento de rochas nas proximidades que poderiam servir como cobertura caso fosse preciso recuar naquela direção. Mas eu não queria ir até lá agora; tínhamos um bom campo de visão daquele ponto e pouca chance de os caçadores de recompensas virem pelas nossas costas. Essa ilha era terreno desconhecido para eles também.

– Vamos subir mais um pouco e nos esconder atrás daquelas árvores – falei, seguindo para uma árvore vizinha que proporcionava uma boa vista da encosta.

– Seria preferível escolher uma um pouco mais embaixo – disse Drusil.

– Por quê?

– Sua... Nakari Kelen teria um ângulo de visão mais aberto.

– Como você sabe? Você nem sabe onde ela está. – Nakari havia assumido sua posição ao lado de R2 em algum lugar à nossa direita e, presumivelmente, um pouco abaixo de nossa localização.

– Eu não preciso dessa informação para decidir onde devemos nos posicionar. Coloque as árvores e obstruções em uma grade, calcule os vetores levando em conta as variações de altitude e torna-se claro que uma pequena descida da nossa parte maximizará a eficácia dela.

– Tá bom, então. Me diga onde devemos nos proteger.

Em vez de responder verbalmente, Drusil desceu cerca de dez metros pelo declive e ajoelhou-se atrás de uma árvore de casca branca com manchas pretas e antigos galhos caídos, contra a qual sua cabeça pálida ficava perfeitamente camuflada. Ela apontou para outra bem ao lado, indicando que eu deveria plantar-me lá.

Andando agachado, confirmei visualmente que dali poderíamos ver melhor a parte mais baixa à nossa direita, e, presumivelmente, Nakari poderia nos ver melhor também, assim como qualquer um que se aproximasse da nossa posição.

O ambiente ficou silencioso. Os pássaros já haviam fugido, talvez para um trecho mais tranquilo da ilha ou até para outra ilha, e até mesmo o zumbido dos insetos diminuiu. Acho que não havia mamíferos para nos perturbar ou serem perturbados – duvidava que houvesse uma fonte de água doce na ilha além da água da chuva.

A tensão e o silêncio de uma caçada são o tipo errado de emoção quando é você que está sendo caçado. Pelo menos um dos caçadores de recompensas devia estar se aproximando agora, se não mais deles, mas não via movimento algum nas árvores, nem ouvia nada além do zumbido fraco das naves ligadas sobre a lagoa, com os motores prontos para uma decolagem rápida.

Dando uma olhada em Drusil, notei que ela estava familiarizada com a forma de lidar com uma pistola. Estava até mesmo com o dedo do lado de fora do protetor do gatilho, o que era a prática indicada.

Segundos se passaram em silêncio quase total e pensei ter escutado um leve zumbido mecânico, mas fora à minha direita e poderia ter sido R2.

E, de fato, era R2. Ele disparou um raio do seu canhão de íons, o que tínhamos instalado em Denon para desativar o droide de segurança de Drusil. O disparo passou bem à nossa frente, da direita para a esquerda. O raio elétrico branco atingiu e crepitou sobre alguma coisa em forma de ovo, que borbulhou, estourou e dissolveu-se, revelando um caçador de recompensas Rodiano que estava avançando até nós usando um gerador de campo de camuflagem preso ao cinto. Ele foi rápido: sacou a pistola e disparou três tiros seguidos contra a fonte do raio, acertando pelo menos uma vez, a julgar pelo grito estridente de R2.

Ele não deu um quarto tiro. Com seu campo de camuflagem neutralizado, Nakari podia vê-lo e enviou uma bala que atravessou seu olho e explodiu a parte de trás de sua cabeça como uma fruta jogana. Dois a menos, faltavam quatro.

Torci para que R2 não estivesse seriamente danificado. Vi uma fina trilha de fumaça subindo por entre as árvores, revelando sua posição, mas ele também estava tagarelando com raiva, o que era sinal de que estava funcionando bem.

O problema era que isso tudo fazia dele um alvo fácil – e também Nakari, se ela estivesse escondida nas proximidades. Seria inteligente ficar um pouco longe do droide.

Drusil comentou sobre o problema:

– O dano ao seu droide reduz nossa vantagem tática. Vendo o que aconteceu com seus colegas e com um alvo claro para seguir agora, os caçadores de recompensas restantes podem atacar os nossos parceiros em vez de subirem a colina. E podem, então, tentar nos cercar. De qualquer forma, é negada a Nakari a capacidade de surpreender neste momento.

– Talvez *nós* possamos surpreendê-los – disse em voz baixa, e apontei para dois bípedes de pele bronzeada com roupas de deserto. – Está vendo ali? Mais dois deles avançando pelas árvores, trabalhando em equipe. Weequay.

– Nunca encontrei essa espécie.

– Eles têm a pele grossa. Resistência natural a disparos de pistola. Os Hutts gostam de usá-los como guarda-costas e caçadores de recompensas.

Drusil olhou para baixo, avaliando sua arma.

– Se eles são resistentes às nossas pistolas, o que podemos fazer?

– Resistente não significa invulnerável. Nakari terá uma chance melhor de derrubá-los com o seu rifle, é claro, mas nós podemos feri-los. Atirar neles vai chamar a atenção de Nakari, e a deles, então ela poderá pegá-los enquanto nós os mantemos ocupados.

– Se ela tem a melhor chance de prevalecer sobre eles, então deveríamos deixá-la fazer isso. Se me permite uma observação, há seis naves em funcionamento na lagoa que podemos roubar. Nossas chances de sobreviver sem roubar uma delas são bem baixas.

– Caçadores de recompensas são paranoicos – disse, balançando a cabeça. – Eles têm travas de identidade na sua sequência de ignição e talvez até mesmo armadilhas instaladas para que ninguém mais possa pilotar suas naves.

– E daí? Você está com a melhor slicer da galáxia – disse Drusil, que em seguida deu de ombros para a minha reação. – Ou uma das melhores, se exige modéstia. Deixe minha imprudente expressão de confiança tranquilizá-lo, em vez de chocá-lo. Nos leve de volta para a praia vivos, Luke Skywalker, e lhe darei uma nave.

– De quanto tempo você precisaria?

– Se elas forem extraordinariamente equipadas, posso precisar de cerca de meia hora, não mais. Se uma determinada nave parecer muito difícil e

estivermos pressionados pelo tempo, contudo, podemos simplesmente escolher outra. As probabilidades de que todas elas tenham o mesmo nível de segurança são pequenas.

– Tudo bem, vamos voltar para a lagoa. Mas precisamos dar um jeito nesses Weequay primeiro. Talvez aquele Rodiano tenha algumas armas extras que eu possa usar.



CAPÍTULO

$$2X - 23 = Y^{3X}$$

Às vezes, planos simples são os melhores. Ou plano nenhum, que é como Han muitas vezes gosta de lutar. “Se o seu plano nunca sobrevive ao encontrar com o inimigo, garoto, pra que planejar?”, ele me perguntou uma vez. “Perder tempo com algo que vai morrer nos primeiros segundos – quero dizer o plano – é uma perda de tempo.” Quando eu falei que isso era uma lógica circular, ele me disse para parar de fazê-lo perder tempo. “Exploda tudo e use uma nave rápida. E leve um Wookiee. Pra mim, funciona”.

Eu não tinha um Wookiee e nem uma nave rápida, mas poderia explodir tudo. Comecei a atirar nos Weequay para que se protegessem e interrompessem seu avanço em nossos flancos; assim que eles se escondessem e disparassem de volta, Nakari abriria buracos de bala em suas têmporas como pontos ao final de uma frase. Drusil juntou-se a mim e mostrou ter boa mira. Ela deu poucos tiros, mas todos acertaram o alvo. Seu primeiro tiro, logo de cara, acertou um dos Weequay no ombro e o derrubou. Seu parceiro pulou no meio do mato também, mas os dois surgiram de novo atrás das árvores e responderam ao nosso fogo, primeiro com tiros a esmo que não nos ameaçaram. Descobri que as árvores não eram muito boa cobertura quando acertei uma delas com um raio e ela se partiu em duas, com a madeira macia e esponjosa espirrando para trás e a copa caindo para a frente, obstruindo nossa visão por alguns segundos. O caçador de recompensas aproveitou-se disso para mudar de lugar e o crepitar do rifle de Nakari soou duas vezes. Não o vi cair, mas ele não se levantou para atirar de novo.

O tronco da árvore atrás da qual Drusil estava escondida explodiu com um raio do outro caçador de recompensas e tombou para trás. Drusil rolou na minha direção, para fora do caminho, e disparou quatro tiros rápidos contra o Weequay. Podiam ter sido tiros disparados em um momento de raiva; eu ainda não conseguia interpretar suas expressões. Disparei também

e um de nós o atingiu, fazendo-o cair de volta nos arbustos – mas ainda vivo.

– Ele vai mudar de lugar e atirar de uma posição diferente – murmurou Drusil, mais para si mesma do que para mim, e então acrescentou com mais clareza: – Provavelmente à nossa esquerda, dez a quinze metros.

Ela acertou metade. O Weequay surgiu do solo à nossa esquerda, mas não disparou. Ele se levantou e correu colina acima, um movimento que acabaria por colocá-lo atrás de nós e nos deixaria entre ele e Nakari.

Mas Nakari não queria saber de nada disso. Ele não havia andado vinte metros quando o estalo *staccato* de seu rifle balístico ecoou pelo ar e o caçador de recompensas foi arrancado do chão.

– Quatro a menos – falei, permitindo que um tom esperançoso espreitasse a minha voz. Nós havíamos escolhido bem as nossas posições e agora restavam apenas dois.

– O Aqualish será problemático – disse Drusil.

– Que Aqualish? Onde?

– O que está lá embaixo, ao pé da colina, com um lançador de granadas.

Problemático mesmo. Não o vi de início, mas enfim percebi um movimento entre as árvores. Tinha os membros largos, com duas presas frontais e grandes olhos escuros. As árvores já haviam provado ser uma proteção fraca e Nakari e R2 não tinham mais nada – e nós também não. O caçador de recompensas não iria arremessar uma granada na nossa direção por medo de eliminar Drusil, mas ele não estava se aproximando. Nakari estava no topo de sua lista. Ela tinha sido tão eficaz que fora marcada como a principal ameaça.

– Nós temos que derrubá-lo. – Levantei minha pistola e firmei-a, colocando a mão esquerda debaixo dela e travando os cotovelos. Meu primeiro tiro foi claramente em sua direção, mas não chegou muito perto,

pois acertou um tronco de árvore no meio do caminho e sua energia foi dissipada.

– A essa distância e com este número de obstruções, a precisão de uma pistola de mão é difícil de se obter – observou Drusil. – Devemos nos aproximar, mas atentos para o sexto e último caçador de recompensas.

Não hesitei. Fiquei de pé e examinei o terreno à frente, procurando uma linha de tiro e mantendo a pistola apertada entre as duas mãos, pronto para disparar assim que tivesse chance. Mas o Aqualish viu uma chance primeiro. Apontou sua arma e um ruído surdo anunciou o lançamento de sua primeira granada.

– Não – falei, e dei o melhor tiro que pude. Acertei a lateral de um tronco perto do caçador de recompensas, mas ele nem sequer virou a cabeça. Apenas disparou outra granada assim que a primeira caiu, sacudindo a ilha com uma concussão bem nítida. Não foi particularmente perto de Nakari – nenhuma das duas –, mas acho que ele estava apenas calculando seu alcance.

Desistindo de tentar atingi-lo, já que eu só conseguia acertar árvores, apontei diretamente para as árvores. Elas poderiam cair sobre ele e fazê-lo parar de lançar granadas por tempo suficiente para que eu provocasse um dano mais duradouro. Drusil ajudou e várias delas começaram a tombar ao redor do caçador de recompensas; no entanto, ele conseguiu disparar mais duas granadas antes de sair do caminho, finalmente afetado por nossa fuzilaria.

Desesperado, sondei a Força, tentando localizar aquelas granadas e desviar sua trajetória ao menos um pouco, sem conseguir encontrá-las ou senti-las. Mas senti a presença de Nakari, o Aqualish correndo para se esconder e também o último caçador de recompensas, um Trandoshano reptiliano, agachando-se nos arbustos perto da lagoa e estudando o cenário. Assim que pude sentir tudo isso, as granadas explodiram e sacudiram o

chão abaixo de nós, e um grito de dor, logo interrompido, foi acompanhado por um gemido de R2. Então percebi um acentuado espaço vazio na Força onde um instante antes estava Nakari.

Foi um golpe no estômago perceber o que significava aquela ausência repentina. Eu não tinha visto acontecer com meus olhos, mas sentira a vida de Nakari extinguir-se por meio da Força, e para aquele vazio onde ela antes havia brilhado correu a raiva. Raiva e uma sensação fria de energia crua e invencibilidade. Com uma clareza que eu não havia sentido antes, soube exatamente onde estavam o Aqualish e o Trandoshano. Esse último tinha decidido ir atrás do primeiro antes de vir atrás de nós, pensando que seria melhor eliminar o cara com lançador de granadas antes de lidar com as pessoas que portavam pistolas.

Flagrei-me concordando com ele: eliminar o Aqualish. Dei um passo para me juntar à caçada e parei, respirando pesadamente, inexplicavelmente suando, ainda que sentisse muito frio por dentro e o poder da Força turvando-se dentro de mim.

– Não me sinto muito bem – murmurei, e, quando Drusil me pediu para esclarecer, não respondi. Era o sentimento de invencibilidade que me preocupava. Eu tinha acabado de aprender por meio da Força que nós definitivamente não éramos criaturas invencíveis e ainda assim a Força sugeria que eu, de alguma forma, era. Eu tremia de emoção e poder e nada disso se parecia com a forma como eu sentia a Força antes, morna e cheia de apoio e carinho. Eu estava com medo, tanto por desconhecer a sensação como por não saber o que fazer com toda aquela energia.

Então fiquei parado, deixando que os caçadores de recompensas fossem um atrás do outro, conscientemente desacelerando minha respiração, tentando me acalmar e controlar o impulso de atacar sem pensar. Se o Aqualish estivesse diretamente na minha frente, duvido que eu teria sido capaz de conter esse impulso, mas ele ainda estava a uma boa distância e

tinha mudado de tática agora, tentando nos surpreender e usar uma pistola ajustada para atordoar. Senti que ele não tinha conhecimento de que também estava sendo perseguido.

– Luke, você parece doente. Posso ajudá-lo de alguma forma?

– Preciso de um minuto, Drusil – consegui dizer, só então considerando que ela ainda não sabia que Nakari havia partido. Apenas pensar nisso voltou a preencher o espaço vazio na Força com ainda mais raiva e vi que tipo de espaço era aquele, um buraco negro que estaria sempre com fome, não importava o quanto eu o alimentasse. Eu poderia nunca mais sentir o calor de novo se não me controlasse.

Tiros de pistola irromperam colina abaixo: houve uma troca de calor assassino entre os dois caçadores de recompensas, e, quando a presença do Aqualish desapareceu da Força, senti um pequeno senso de justiça, ou talvez até de equilíbrio. Respirei fundo outra vez e abri os olhos, sentindo um simulacro de calma retornar.

– Resta apenas um deles agora – falei.

– Tem certeza?

– Sim. O Trandoshano. Você o viu?

– Mais cedo, sim, mas eu estava preocupada com você e tirei meus olhos dele por cerca de dezenove segundos.

– Bem, não precisamos sentar aqui e esperar. É até melhor que não. Abusamos demais da nossa sorte. Vamos voltar à praia como você sugeriu e roubar uma nave.

– Você está pensando que Nakari vai atirar no...

– Não – disse, cortando-a e balançando a cabeça. – As granadas.

– Oh – disse Drusil, levando a mão à garganta. Pela primeira vez pensei ver emoção em seu rosto. – Isso é devastador. Você viu?

– Não. – Olhei para baixo, tentando me recompor. – Eu senti.

– Eu sinto muito.

– Eu também.

A cabeça da Givin virou-se para olhar para baixo da colina.

– Então teremos de cuidar do Trandoshano pessoalmente.

Sim, mas, em algum momento, a clareza de sentidos que eu tinha possuído desapareceu junto com a minha raiva. Eu não sentia mais a presença do caçador de recompensas na Força. Tudo o que eu sentia era perda.

– Tenho certeza de que ele vai aparecer em algum momento se simplesmente ficarmos aqui – falei.

– Espere – disse a Givin, olhando para a floresta. Ela apontou com um dedo pálido. – Você vê aquele monte de arbustos entre as duas árvores seis graus anti-horários do eixo y de nossa posição? Atire nele.

Olhei por entre os troncos de árvores até encontrar o matagal de que ela falara.

– Por quê? Você viu algo se mover?

– Não. Mas, com base na proteção disponível, geometria espacial e seus movimentos anteriores, a probabilidade estatística de que ele esteja lá é bem alta.

Eu não quis discutir. Mesmo que errássemos, isso provavelmente o faria sair do esconderijo.

– Atiro no meio dele?

– Um pouco à direita do centro. Eu vou atirar ligeiramente à direita disso, mais perto da árvore. Vamos firmar nossas mãos, mirar com cuidado e atirar juntos na minha contagem.

Drusil fez uma contagem regressiva a partir do três e disparamos em conjunto contra a folhagem. Fomos recompensados com um grito doloroso de surpresa e fizemos mais disparos por garantia. Olhei para a Givin, incrédulo por ela ter descoberto a posição dele com tanta precisão, e ela deu de ombros.

– O que posso dizer? Matemática.



CAPÍTULO

$5^{3y} \cdot 24 + 4^x$

Um fato macabro, mas consistente a respeito de naves personalizadas dos caçadores de recompensas é que você sempre pode contar que elas terão sacos de cadáveres escondidos em algum lugar para o transporte fácil de seus alvos. Muitas vezes também têm armazenamento refrigerado e uma pequena câmara que sirva de cela para os alvos que devem ser levados de volta vivos.

Por mais que doesse, procurei e encontrei um saco para Nakari em uma das naves que estavam com a baia aberta; caminhei de volta para a floresta e, finalmente, pus os olhos nela, confirmando visualmente o que eu já havia sentido. Eu não podia simplesmente deixá-la em Omereth. Fayet Kelen já tivera sua esposa arrancada dele sem nem poder dizer adeus. O mínimo que eu poderia fazer era levar sua filha para casa; eu devia muito mais que isso a ela.

Nakari tinha buracos irregulares em seu corpo, provocados por estilhaços, mas fiquei aliviado por ela pelo menos ainda estar inteira e seus olhos já estarem fechados. R2 esperava ali perto, ainda fumegando no ponto onde um raio tinha destruído seu canhão de íons e parte do soquete onde estava afixado. O resto dele estava coberto por uma fina camada de areia negra e fuligem. Ele me saudou com um gemido sombrio em vez de seu chilrear habitual.

– Vamos consertar você, R2 – garanti a ele, e então caí de joelhos ao lado de Nakari, os olhos já se enchendo, e, de uma forma estranha, deixei de bom grado minha visão se turvar e as lágrimas virem. Eu não havia feito isso ainda, porque nunca parecia ser o momento certo para lamentar. Ben estava lá quando eu descobri os corpos queimados de minha tia e meu tio e abafei tudo, em estado de choque, dizendo a mim mesmo que o Império estava nos caçando e que tínhamos que chegar a Alderaan. Quando Vader cortou Ben, não havia tempo para chorar a perda, mas apenas para escapar da Estrela da Morte e em seguida me juntar à Batalha de Yavin. Perdi meu

velho amigo Biggs para um caça TIE durante essa batalha, mas não podia me permitir pensar nisso porque tinha que me preparar para um disparo decisivo enquanto voava ao longo de uma vala. Então, incrivelmente, nós vencemos aquele dia e todo mundo estava feliz, e sempre havia mais trabalho a se fazer depois disso. Nunca era o momento certo para parar e sentir tudo o que eu havia perdido. Mas eu tinha esse tempo agora: o Império não sabia onde eu estava, Drusil iria esperar até que eu voltasse e R2 não me julgaria. Então, finalmente abri esse invólucro dentro de mim e deixei que a dor se derramasse. O sorriso de Nakari, os ensinamentos de Ben, minha tia e meu tio, as brincadeiras com Biggs, e muito mais – tudo isso fora arrancado de mim pela guerra, e eu tinha reprimido tudo porque pensei que era o que tinha que fazer. Mas não mais. Minha garganta se contraiu de emoção, baixei a cabeça sobre o ombro de Nakari e dei permissão a mim mesmo para sentir tudo aquilo: a tragédia completa que era o fato de que nenhum deles jamais falaria comigo novamente. Até a voz de Ben havia sumido agora.

Demorou bastante, mas em dado momento eu me senti esgotado e me sentei, tirei uma mecha de cabelo do rosto de Nakari e prendi atrás de sua orelha.

– Eu sinto muito. Você era mais do que alguém que me fazia bem. Eu deveria ter dito isso. – Era totalmente inadequado, mas eu não conseguia pensar em mais nada para dizer.

Recordando a nossa conversa na noite anterior em Kupoh, desejei poder voltar para o Luke de algumas horas atrás e dizer: *Conte a ela como você se sente agora, Luke, enquanto você ainda tem chance. Porque você se arrependerá para sempre de não ter dito as palavras certas.*

Não sei ao certo por que tenho tanta dificuldade com isso. Não sei se é uma coisa natural ou algo que aprendi com meu tio Owen. Eu sei que ele tinha sentimentos fortes, mas não o hábito de lhes dar voz. Ele fazia

pequenas coisas para a tia Beru, gentilezas surpreendentes, e sempre que ela se deparava com elas seus olhos se iluminavam, sorria e dizia baixinho: “Owen”. Era assim que ela sabia e foi com esse exemplo que eu cresci: não se diz às pessoas que você as ama, demonstra-se. Ou talvez eu só tenha medo de soar como um idiota quando tento dizer a alguma pessoa que ela me deixa feliz por estar vivo. Espero que meus amigos saibam que eu lutaria e morreria por eles. E também espero que isso seja o suficiente, mas temo que talvez não seja.

Eu poderia ficar ali de joelhos olhando para Nakari até o anoitecer se Drusil não estivesse esperando por mim na lagoa. Sem propósito, na verdade. Não era como se eu fosse esquecer aquela visão tão cedo. Mas, de alguma forma, colocá-la no saco significava que eu tinha que deixá-la partir, e eu não queria. Mas precisava. Precisava deixar que todos eles partissem.

Exigiu algum esforço, e uma torrente de lágrimas verteu pelo meu rosto no processo, mas coloquei-a lá dentro e perguntei a R2 se ele poderia voltar para a praia por conta própria enquanto gentilmente fechava o zíper. Ele apitou e seguiu em frente como resposta; então eu disse:

– Vamos.

O fino material de plas estalava enquanto pegava Nakari e, com algum esforço, colocava-a por sobre o meu ombro. Seu peso físico não era tão forte quanto a pressão da minha dor, e eu sabia que teria que carregar a dor por muito mais tempo.

Tínhamos seis naves à nossa escolha na praia, mas Drusil escolheu aquela onde eu havia entrado para encontrar um saco de cadáver. Era a de design mais elegante daquele grupo de naves com blindagem pesada: uma caixa azul-escura em forma de besouro que poderia ter pertencido ao Dresselliano que Nakari derrubara da swoop bike com um tiro. Drusil ignorou a cabine completamente, optando por procurar as entranhas do

computador de navegação e a abertura para reparos no sistema. R2 a acompanhou. Escutava-o tagarelar e a Givin murmurar de volta enquanto eu deitava suavemente o corpo de Nakari sobre o convés.

Vendo o vulto negro sem vida e envolto por plas que agora a representava, uma onda de raiva e o frio que a acompanhava levantaram-se dentro de mim de novo. Mas fechei os olhos, concentrado na minha respiração, e lembrei como eu ria com ela. O frio gradualmente virou calor e me senti muito melhor. Em vez de sentir uma raiva impotente por lembrar de todo o tempo que não tínhamos, determinei-me a ficar grato pelo tempo que tivemos, porque tudo tinha sido bom e nem todo mundo consegue desfrutar de momentos como esses. Cuidadosamente sentei-me ao lado dela no convés, com as pernas dobradas à minha frente, determinado a dominar minhas emoções. Eu ainda tinha uma missão a cumprir e não podia ser governado por elas. Os caçadores de recompensas que tínhamos eliminado aqui talvez não fossem os únicos no planeta – mais deles poderiam estar esperando por nós na ilha.

Não sei quanto tempo se passou, mas, quando Drusil entrou e me disse que a segurança da nave fora sliceada e já era seguro pilotá-la, eu estava pronto e o sol estava baixo no horizonte.

– Você checkou a cabine também? – perguntei. – Pode haver armadilhas adicionais lá.

– Ah, sim. Tudo foi vistoriado.

– Está bem. Vamos ao ponto de encontro.

Drusil tinha programado as coordenadas no computador e, após tomar algum tempo para me orientar com os controles, fez a nave subir na vertical até uma altura segura acima do oceano antes de virar a oeste. Eu não queria virar lanche de coisa alguma sob as ondas.

O equipamento de varredura da nave era funcional, mas nem chegava perto do nível da *Joia do Deserto*. Demos uma olhada na ilha, muito maior

do que a que tínhamos acabado de deixar para trás, e vimos que havia uma abundância de assinaturas de calor e leituras de vida lá, além de uma corveta corelliana no solo que poderia ter a bordo uma dúzia ou centenas de pessoas. Era uma das CR90 preparadas para combate, com seis turbolasers duplos, e me perguntei se o major Derlin ainda estaria por lá.

Se estivesse, provavelmente já tinha visto nossa nave antes, o que significava que ele iria atirar assim que nos avistasse, se pudesse. Girei a nave em manobras evasivas bem a tempo quando uma saraivada de disparos de laser passou zunindo por nós no céu. Liguei os escudos defletores, xingando-me por não o ter feito antes como precaução de rotina, e mudei minha rota de aproximação da ilha. Teríamos que pousar a alguma distância e caminhar, cumprimentando-os para garantir que não seríamos emboscados. Eu não sabia como saudar o major Derlin dessa nave; então pensei que talvez R2 pudesse descobrir isso, já que estava ligado a esse sistema desconhecido. Mas ele não estava na cabine, e eu não sabia qual dos interruptores auxiliares ativaria um link de comunicações com ele. Decidi não ser tecnológico e berrei por cima do ombro, esperando que ele me ouvisse:

– R2, pode alcançar essa nave na ilha e passar a ligação para cá se eles responderem? Marque sua transmissão com códigos da Aliança.

Tivemos que lutar para fora do campo de tiro de outro aparelho por mais um minuto, mas, por fim, uma voz ressoou pela cabine exigindo saber como nós tínhamos vindo a possuir códigos da Aliança.

– Aqui é o tenente Luke Skywalker. Nós destruímos todos os caçadores de recompensas que vieram para nos matar e estou no comando desta nave. Tenho Drusil Bephorin a bordo pronta para se reunir com a família. Por favor, parem de atirar em nós e nos deixem pousar.

Após uma pausa, uma voz diferente respondeu. Havia o inconfundível som de aplausos e gritos de alegria ao fundo.

– Tenente Skywalker, aqui é o major Bren Derlin. Tão bom ouvir a sua voz, senhor. A família de Drusil está viva e bem. Você está autorizado a pousar.

– Entendido. A caminho, até breve.

Um barulho na nave me assustou. Parecia um bantha assoando uma bola de catarro do tamanho de uma pequena lua. Vi que era Drusil reagindo à notícia; ela estava escutando. Os Givins não têm membranas mucosas semelhantes às dos humanos, nem mesmo canais lacrimais, então sua expressão forte de emoção pura era algo que eu nunca tinha observado antes.

O grupo de Bren Derlin – dois esquadrões de tropas experientes – nos esperava do lado de fora da nave, de armas prontas, mas abaixadas, apenas para o caso de que um caçador de recompensas acabasse saindo dali. Entretanto sorriram e colocaram as armas de lado quando apareci. Eles pareciam cansados, e o lendário bigode de Derlin estava meio caído; mas, fora isso, estavam em boa forma. Ele sinalizou para uma integrante de suas tropas e ela gesticulou para alguém dentro de sua nave: a família de Drusil. Seu marido e dois filhos desceram pela rampa de desembarque com passos animados, e Drusil correu para encontrá-los. Abraçaram-se com os braços estendidos e muitos ruídos constrangedores.

– O que aconteceu? – perguntei ao major Derlin. – Os caçadores de recompensas seguiram vocês até aqui?

Decepcionado, ele assentiu.

– Inevitável. A ordem dos eventos foi infeliz. Estávamos no meio da extração da família quando a informação sobre a recompensa por Drusil chegou. De repente, a família foi reconhecida, e nós fomos descobertos. Tivemos um tiroteio saindo de lá, no qual perdi três homens, e quatro caçadores nos seguiram para fora do sistema. Despistamos o Império

quando saltamos, mas encontramos mais caçadores pelo caminho. Acho que alguns deles chamaram os amigos.

– Mas não chamaram o Império?

– A recompensa pela família era muito pequena para valer a pena lutar, mas o dinheiro por Drusil valia o risco de uma emboscada e a divisão dos lucros. Esperávamos que você já estivesse aqui esperando e pudéssemos nos livrar deles de imediato, mas, em vez disso, tivemos que nos fechar e tentar contê-los.

– E claramente vocês conseguiram.

O major deu de ombros e conseguiu fazer o mesmo com o bigode.

– Eles não atacaram. Apenas embaralharam as nossas comunicações, para nos impedir de transmitir qualquer mensagem e esperaram que vocês aparecessem. Nós não podíamos deixar a família aqui por conta própria ou teriam virado reféns e, se tentássemos atacar, ficaríamos em desvantagem numérica.

– Por que eles simplesmente não atacaram? Nós viríamos de qualquer maneira.

– Deixamos claro que, se eles atacassem, levaríamos alguns deles conosco. E eles deixaram claro que não estávamos autorizados a partir ou mudar de local. A escolha mais inteligente para todos era esperar vocês chegarem. E já que eles não estavam deixando o Império saber que estávamos aqui, achei que você teria uma boa chance de vencer, o que você fez.

– Mas não sem custo – disse eu. Indiquei a nave com um gesto de cabeça. – Perdemos a *Joia do Deserto* lá atrás e também perdemos Nakari Kelen.

A expressão de Derlin mudou.

– Nakari estava com você? Eles não me disseram. Sinto muito, Luke. Nós a conhecemos não muito tempo atrás. Era uma atiradora de elite,

ensinou a mim e aos rapazes algumas coisas.

Assenti, mantendo as minhas emoções firmemente refreadas.

– Ela me ensinou muito também. – Apontei para a corveta. – Vocês estão em boa forma? Prontos para voltar para a frota?

– Sim, temos algumas marcas de queimadura, mas só.

– Posso pegar uma carona?

– Claro.

Drusil veio com a família, eufórica, e me apresentou ao marido e aos filhos. Eles estavam vestidos com algo semelhante a longas tapeçarias coloridas, com buraco para a cabeça e um cinto, camisas e calças pretas simples por baixo. Seu filho começou a me fazer uma pergunta de matemática, mas Drusil o interrompeu:

– Isso é muito educado de sua parte, Pentir, mas pode dispensar as amabilidades neste caso.

– Oh. Desculpas – disse ele.

– Não se preocupe. O prazer é meu em conhecer todos vocês – eu disse.

– Eu sou muito grata a você e à Aliança pela engenharia de uma fuga bem-sucedida – disse Drusil. – Estou bem ciente dos sacrifícios que você fez para nos libertar. E prometi a vocês, em troca, uma quantidade significativa de informações relativas aos códigos imperiais e padrões de busca, além de programas de sliceamento para a criptografia imperial de baixo nível e outros. Para onde você gostaria que eu enviasse essas informações?

– Pode compartilhá-la com R2 – falei. – Ele irá distribuí-la conforme necessário para o resto da Aliança.

– Excelente. Começarei logo. Posso pedir-lhe mais um favor?

– Sim.

– Considerando que este local foi comprometido, precisaremos de transporte para fora do planeta. Podemos ficar com a nave do caçador de

recompensas ou você pode nos levar de volta à lagoa para pegarmos outra? Vamos viver em outro lugar, e farei contato com a Aliança para combinar uma colaboração contínua.

– Vocês podem ficar com esta nave – assegurei-lhe.

– E eu posso arranjar uma caixa postal clandestina para que você use quando estiverem seguros – acrescentou Derlin.

Enquanto Drusil se reunia com R2 para transferir os arquivos de seu hardware para a memória do droide, e Derlin ocupava-se em deixar sua corveta pronta para partir, transferei o corpo de Nakari do veículo do caçador de recompensas para a nave da Aliança. Iríamos parar em Pasher no caminho de volta até a frota rebelde e eu sabia que não havia maneira de comunicar adequadamente ao pai dela a minha tristeza pelo seu destino. Mesmo se eu pudesse, não teria importância. Ele ficaria tão inconsolável quanto eu, pois não importava o quão rico e poderoso ele havia se tornado, não importava o quanto ele tentasse, nunca teria o poder de manter todos em segurança. E nem eu.

Depois das despedidas e promessas de contato futuro, saímos de Omereth, deixando que o planeta continuasse a girar, solitário. O major Derlin e sua tripulação me mantiveram ocupado e me fizeram companhia durante a maior parte do nosso retorno à frota, tão cheio de desvios; mas, em dado momento, encontrei-me almoçando uma solitária tigela de macarrão em algum ponto do cavernoso refeitório da nave, com R2 ao meu lado, embora incapaz de compartilhar alimentos ou elaborar grandes conversas. Pensando nas minhas pequenas vitórias anteriores com o macarrão, senti falta de

Nakari novamente e minhas emoções foram mais uma vez abaladas. Contudo também recordei a diversão daqueles tempos e o deleite de Nakari com meu progresso na Força – ou pelo menos seu deleite com macarrões voadores. Ocorreu-me que eu honraria sua memória muito mais

se continuasse a melhorar do que chafurdando em um pântano de arrependimento. E aquele espaço vazio dentro de mim poderia ser preenchido com memórias agradáveis em vez de raiva.

A porta do refeitório estava aberta e olhei de relance na direção dela, escutando por alguns instantes para me certificar de que ninguém estava por perto. Uma vez convencido de que ficaria sozinho por pelo menos mais alguns minutos, fechei os olhos e estendi minha consciência para a Força, lembrando o sentimento de confiança e encorajamento que Nakari havia me dado antes. Concentrei-me no garfo, atualmente submerso por um tapete de macarrão em um caldo de legumes. A sensação era como a de costume, amável e gentil em vez de fria e implacável como naquela única vez. Gentilmente, sentindo a Força sustentar o garfo, fiz uma bola de macarrão flutuar e guiei o garfo até a minha boca, mordi e suguei, prendendo o garfo entre os dentes e abrindo os olhos para me certificar de que aquilo estava mesmo acontecendo. Sorri ao redor do garfo, e um pouco de molho escorreu pelos cantos da minha boca, manchando minha túnica. Claro. Isso me fez começar a rir, e R2 oscilou sobre seus braços de apoio e assobiou a sua alegria. Peguei o garfo com a mão antes que a situação piorasse.

– Essa deve ser a maneira mais estranha de comer – disse para R2. – Mas Nakari teria adorado.

R2 bipou, de acordo, e respirei fundo, soltando o ar lentamente, chegando a um lugar claro e tranquilo em minha mente. Usar a Força dessa maneira era o presente que Nakari havia me dado, e não faria sentido desperdiçá-lo.

Eu iria praticar, pensar nela e ficar melhor nisso. Muito, muito melhor.

Eu ainda gostaria de um professor, é claro, mas Nakari me mostrou que é possível progredir sem um, e devo a ela – e a Ben, e a todos os outros que perdi e posso vir a perder – avançar como puder.

Posso levar muitos anos, mas estou determinado a me tornar um Jedi como meu pai.

AGRADECIMENTOS

Quando *O Império contra-ataca* estreou, em 1980, e eu vi Luke atrair o sabre de luz para a sua mão na caverna do wampa, lembro-me de ter pensado: “Uau! Sensacional!”. Então, após tê-lo visto por talvez mais dez vezes, me perguntei: “Onde será que ele aprendeu a fazer isso?”. Minha versão de nove anos de idade não suspeitava que, um dia, eu teria a chance de proporcionar a resposta, e sou grato à Del Rey e à Lucasfilm por fazerem isso acontecer.

Devo muitos agradecimentos a Alan O’Bryan por discutir comigo as potenciais aplicações no hiperespaço de valores e vetores próprios. Foi uma das conversas mais nerdtásticas que eu já tive.

The image features the iconic Star Wars logo centered on a black background filled with numerous small, white, star-like specks of varying sizes, creating a starry space effect. The logo itself is rendered in a bold, white, sans-serif font. The word "STAR" is positioned above "WARS", and both are horizontally centered. The letters have a slightly distressed or textured appearance, consistent with the original logo design. The overall composition is simple and visually striking due to the high contrast between the white text and the dark, speckled background.

**STAR
WARS**

STAR WARS / HERDEIRO DO JEDI

TÍTULO ORIGINAL: Star Wars / Heir to the Jedi

ILUSTRAÇÃO: The Two Dots

CAPA: Desenho Editorial

COPIDESQUE: Cássio Yamamura

REVISÃO: Balão Editorial | Isabela Talarico | Pausa Dramática

PROJETO E DIAGRAMAÇÃO ORIGINAL: Desenho Editorial

VERSÃO ELETRÔNICA: [S2 books](#)

EDITORIAL: Daniel Lameira | Mateus Duque Erthal | Katharina Cotrim
| Bárbara Prince | Júlia Mendonça | Andréa Bergamaschi

DIREÇÃO EDITORIAL: Adriano Fromer Piazzi

COPYRIGHT © & TM 2015 LUCASFILM LTD.

COPYRIGHT © EDITORA ALEPH, 2016

(EDIÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA PARA O BRASIL)

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

PROIBIDA A REPRODUÇÃO, NO TODO OU EM PARTE, ATRAVÉS DE
QUAISQUER MEIOS.

 EDITORA ALEPH

Rua Henrique Monteiro, 121

05423-020 – São Paulo/SP – Brasil

Tel.: [55 11] 3743-3202

www.editoraaleph.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Vagner Rodolfo CRB-8/9410

H436h Hearne, Kevin

Herdeiro do Jedi [recurso eletrônico] / Kevin Hearne ; traduzido por Alex Mandarino. -
São Paulo : Aleph, 2016.

262 p. : 2,74 MB.

Tradução de: Heir to the Jedi
ISBN: 978-85-7657-354-8 (Ebook)

1. Literatura norte-americana. 2. Ficção. I. Mandarin, Alex. II. Título.

2016-390

CDD 813.0876
CDU 821.111(73)-3

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura : Ficção Norte-Americana 813.0876
2. Literatura norte-americana : Ficção 821.111(73)-3